

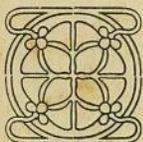
**MAX FLEIUSS**

(DO INSTITUTO HISTÓRICO)

*São José*

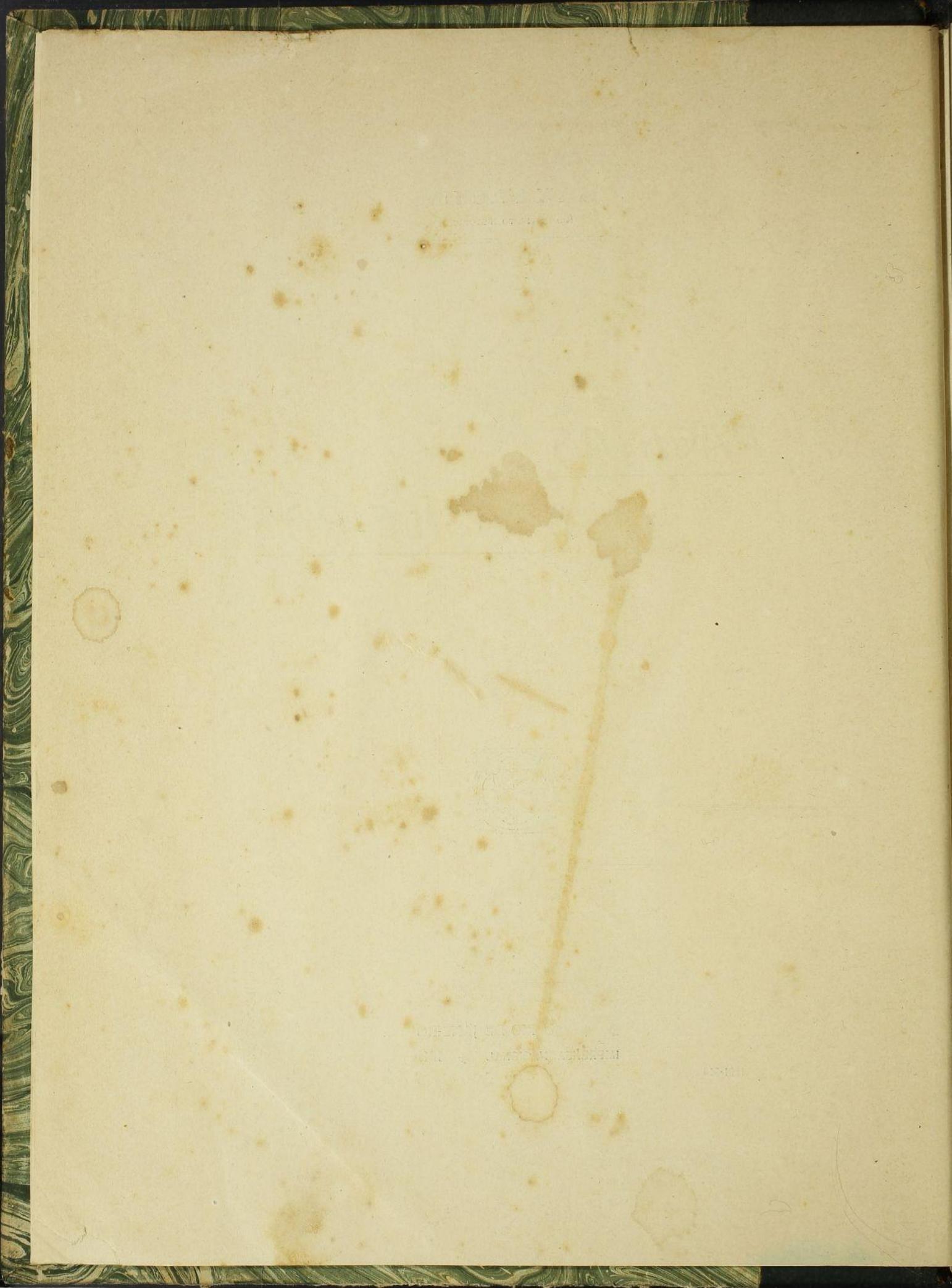
**PAGINAS**

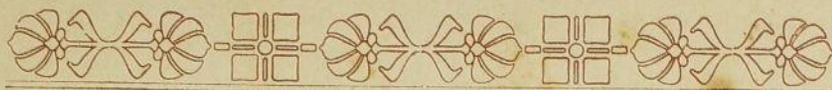
**BRASILEIRAS**



\* \* \* RIO DE JANEIRO  
IMPRESA NACIONAL \* 1919

1591-918





*Encerra este livro alguns trabalhos meus, que assim poderão ser consultados, se houver quem o faça.*

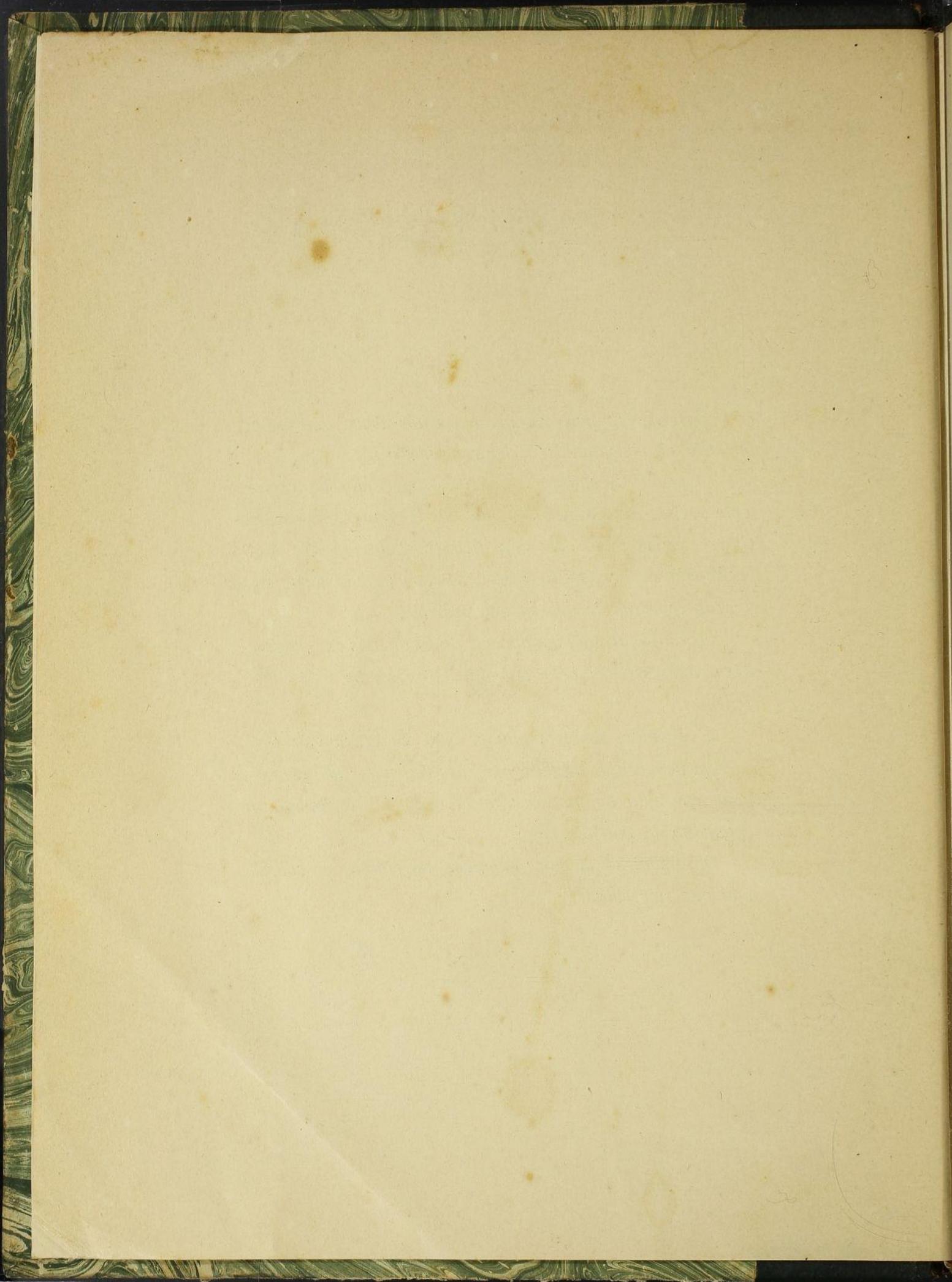
*O primeiro, sobre A SEMANA, publicado na excelente revista SCIENCIAS E LETRAS do meu prezado amigo Clovis Bevilaqua e de sua distinctissima esposa Sra. D. Amelia de Freitas Bevilaqua, e depois em avulso, encontrou repercussão que eu não esperava.*

*Os outros tratam igualmente de assumptos que, talvez, sejam interessantes pela fidelidade dos factos e dos documentos.*

*E' o valor destas paginas. Não ha atavios de linguagem nem originalidades, não raro ridiculas; ha, porém, como em tudo quanto escrevo, o culto da verdade e o sentimento do patriotismo.*

*Outros dirão melhor; ninguém, entretanto, me sobrepujará na sinceridade.*

M. F.



“A SEMANA”

1893-95

---

CHRONICA DE SAUDADES

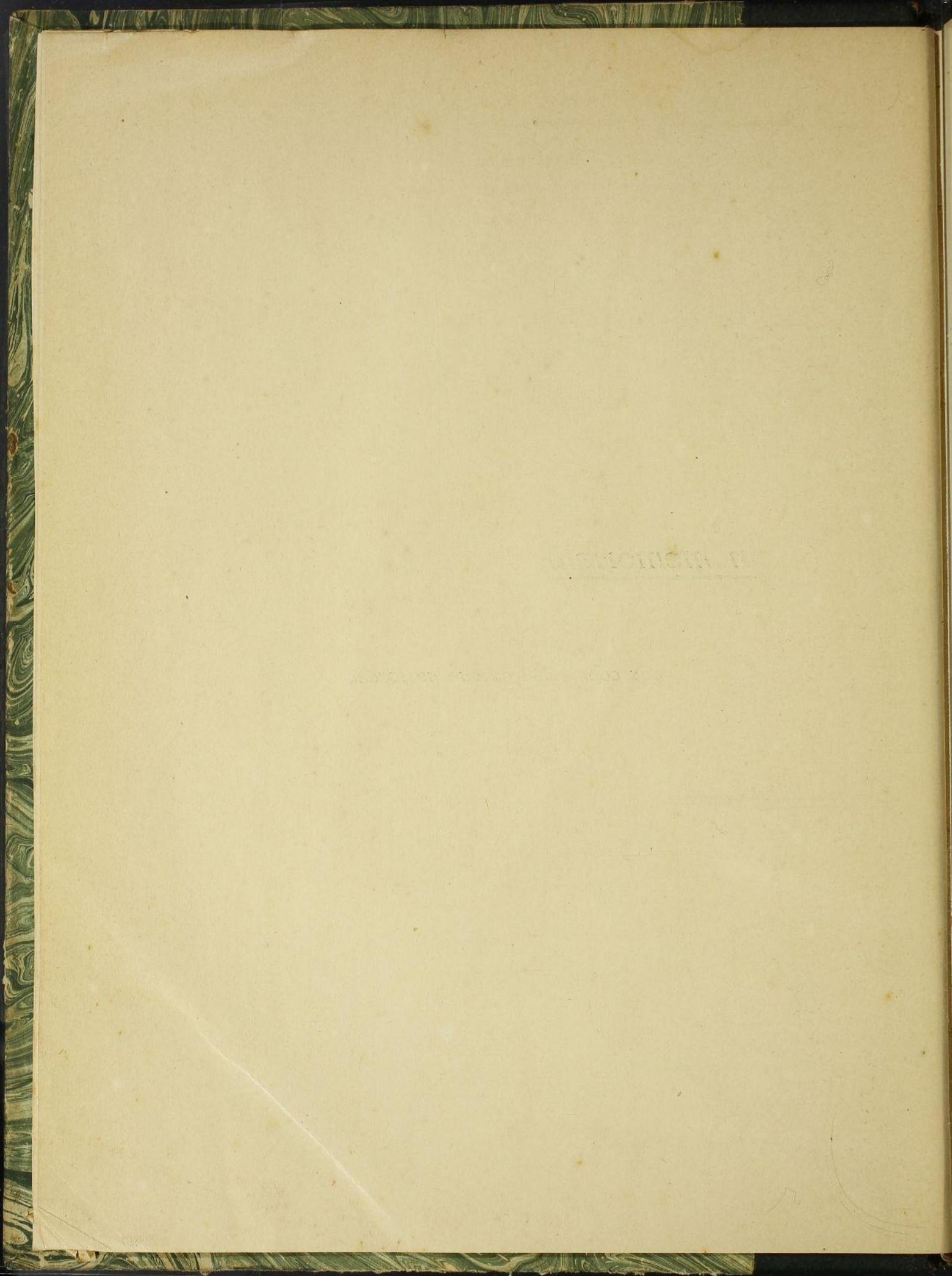
ANNALS

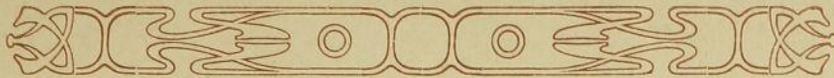
OF

THE

*In memoriam*

*aos companheiros que se foram.*



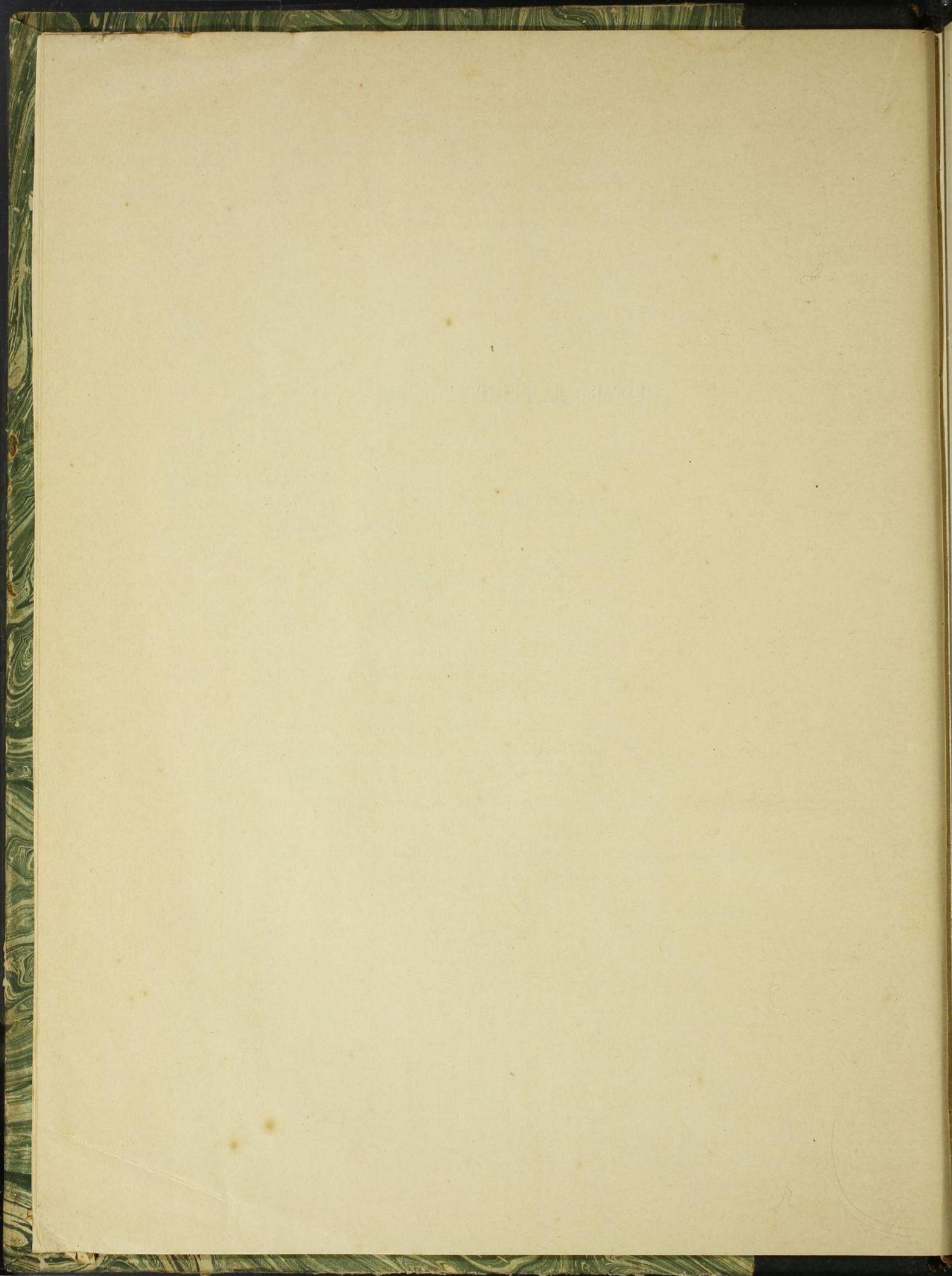


## PREFACIO DA PRIMEIRA EDIÇÃO

*Fixo de modo mais duradouro os artigos que tracei, não ha muito, para a excellente revista SCIENCIAS E LETRAS do meu amigo Clovis Bevilaqua e de sua distincta esposa, a illustre escriptora D. Amelia Bevilaqua.*

*Realizando o commettimento, não cedo a impulsos de vaidades literarias ; cumpro apenas uma homenagem aos que dedicadamente me acompanharam no louvavel tentamen da inolvidavel phase que, em 1893-1895, deveu A SEMANA ao nosso esforço colectivo.*

*A's linhas que vão seguir faltam, por certo, bellezas de estilo ; enaltecem-n'as, porém, dois predicados : a verdade e a justiça. Servirão, ao menos, de elucidario aos que, no futuro, quizerem saber mais pormenorizadamente o que foi o Brasil intellectual e quaes foram alguns dos seus cultores, num dado momento da nossa evolução.*





## I

**E**STAVAMOS em junho de 1893. Alberto de Oliveira, o grande poeta dos *Sonetos e Poemas*, jantava habitualmente commigo, na minha casa á rua do Rezende. A companhia do Alberto nunca deixou de ser estimavel; tinha e tem a arte de agradar, com a palestra sempre variada, plena de interesse. Dizia-me os seus ultimos versos e recitava os de outros poetas predilectos, especialmente os de Luiz Delfino.

De uma vez em que, quasi ás 10 horas da noite, Alberto se retirava para recolher-se a Niteróy, onde morava, encontrou-se na escada com Valentim Magalhães, que me ia procurar. Alberto retrocedeu e com Valentim entrou no meu gabinete de estudo.

— Aqui, o Alberto vae ser o juiz, disse Valentim com vivacidade.

Vae ser o juiz... E' preciso explicar a phrase.

Valentim costumava receber, ás quintas-feiras, em sua residencia, á rua do Lavradio n. 133. Numa das nossas boas palestras, perguntei-lhe porque não fazia reapparecer *A Semana*, a bellissima revista literaria de sua fundação e que tanto exito lograra.

— Fôra loucura, respondeu-me. As letras hoje preferidas são as de cambio.

Por diversas vezes voltei ao assumpto, mostrando-lhe quão facil seria reunir um nucleo de amigos e que com alguma perseverança a folha talvez conseguisse firmar-se.

— Pois bem, está feito, replicou-me Valentim, vamos nós dois restabelecer *A Semana*.

— Está feito, respondi.

No dia immediato, porém, muito cedo, escrevia-me Valentim, dizendo estar arrependido, que não medira bem as palavras da vespera e que cuidassemos de tudo, menos d'*A Semana*.

Sorri. Não era uma desistencia, mas simples vacillação. Deixei a carta sem resposta. A' noite veiu elle proprio busca-la.

— Então, recebeu a minha carta?

— Sim, recebi. Não vale nada.

— Como não vale nada? E' boa!

— Não vale nada. O seu compromisso está firmado. Vamos restabelecer *A Semana*.

— Nunca! Repito: seria uma loucura.

Dahi a pouco, entretanto, citava-me distrahidamente os nomes dos futuros companheiros: Rodrigo Octavio, Silva Ramos, Lucio de Mendonça, Fontoura Xavier, Henrique de Sá...

De subito, porém, despediu-se e saiu.

Dois ou tres dias depois, avistei-o no largo de S. Francisco. Foi elle o primeiro a falar no assumpto, embora ainda vacillando.

— Olhe, disse-lhe, já mandei imprimir talões de recibos. E' necessario que você escreva uma apresentação...

Nesse ponto fomos interrompidos e separámo-nos. A' noite, deu-se o que nas primeiras linhas deixei narrado.

Alberto de Oliveira ia ser o juiz. E o foi de uma imparcialidade de... quem ama as letras. Ouviu-nos. Valentim era o accusador, eu o defensor. O juiz desde logo manifestava-se; a sentença estava de antemão proferida: *A Semana* resurgiria.

E assim succedeu. Dentro de breves dias distribuimos o seguinte manifesto:

«*A Semana* — Accedendo a instantes solicitações de amigos, menos meus que das letras, vou novamente publicar *A Semana*. O que foi este periodico, que, sob minha direcção, existiu nesta capital de janeiro de 1885 a novembro de 1887, sabe-o todo o Brasil, cujo movimento literario representou durante aquelle periodo, curtissimo na vida social, mas dilatado em se tratando de uma folha exclusivamente literaria, como foi aquella. Razões de força maior obrigaram-me naquella occasião a transferir a outrem a propriedade e direcção da folha. Infelizmente poucos mezes mais teve de vida *A Semana*. A sua influencia sobre o movimento literario e artistico do Brasil foi tão patente e as saudades que deixou em todos quantos se interessam por elle são tão vivas ainda e tão geraes, que bem posso despir-me de toda falsa modestia para declarar que acredito que a noticia do resurgimento d'*A Semana* será recebida com vivo jubilo e geral approvação.

«O momento é opportuno. Ha quatro annos que o espirito publico vive absorvido, occupado, opprimido pela politica, como por uma obsessão pesada e funesta. As letras retrahiram-se quasi completamente e o nivel intellectual tem descido de modo inquietante, perceptivel aos olhos menos sagazes. As incertezas e attribulações do actual momento politico vão produzindo sobre a alma na-

cional uma depressão tão funda e penosa, que é tempo de abrir-lhe um respiradouro, de rasgar-lhe uma janella onde ella venha haurir um ar puro, alacre, oxygenado vigorosamente pelas serenas producções da literatura contemporanea. Esse ar ha de fazer-lhe bem, como faz o da madrugada, fresca, limpida, papeada do passaredo, ao enfermo que a febre devora lentamente, fatigando o cerebro e tendendo os nervos. Fóra das alegrias da familia, que são as melhores, não ha outras sinão as que a Arte proporciona.

«Um bom livro, um bello quadro, um inspirado trecho musical, consolam melhor, fazem mais bem aos espiritos dilacerados nos espinhaes da vida moderna, tão dura e tão vertiginosa, que todas as exhortações e carinhos. A Arte é tão necessaria, tão indispensavel como o pão. A literatura, que é uma de suas manifestações mais poderosas, sinão a que mais o é, porque a palavra, manejada pelo genio, tem, simultaneamente, as tintas da palheta, os sons da gamma, as fórmulas do cinzel, a literatura é uma cousa séria, grave, austera, sagrada. Ella é a historia sem data dos povos. Um romance ou uma canção depõe mais cumprida e mais fielmente sobre o character da época em que viveu do que muitos livros historicos. Um povo sem literatura é um povo sem historia. Devemos, pois, animar a nossa, tão auspiciosamente desabrochada e já tão cedo enlanguescida, porque serão os nossos romancistas que hão de historiar ao mundo os nossos costumes, a nossa educação, a nossa indole, as nossas tendencias, a nossa vida social inteira; porque serão os nossos poetas que hão de consagrar na admiração universal as bellezas fantasticas da nossa natureza e o mundo de sentimentos que palpita na alma das mulheres de nossa terra; porque

serão os nossos chronistas, criticos, theatrographos, que hão de photographar a evolução da civilização brasileira, impulsando a vida nacional — na politica, na religião, na industria, nos costumes, na arte, na educação. Todo bom brasileiro deve desejar e auxiliar o apparecimento de um periodico que seja o microcosmo mental da patria, que seja, a um tempo, o tonico poderoso a enriquecer o sangue cerebral do paiz e o thermometro a registrar o grau de calor produzido por elle. Si devo novamente tomar sobre os hombros a responsabilidade pesadissima de reerguer e levar por diante *A Semana*, é porque, fazendo-o, eu, scientificamente fatalista, creio obedecer ao decreto tacito da força imanea a que chamam evolução os sabios, e que outra cousa não é sinão o que os crentes denominam Providencia. *A Semana* appareceu em 1885 pela mesma razão por que vae reapparecer em 1893 : porque o estado cultural dos espiritos determinava esse facto naquelle momento historico. Ella vae surgir pela mesma razão por que uma arvore que parecia morta, dada certa modificação climaterica ou na composição do solo em que se lhe enter-ravam as raizes, reflore, reemerge á luz, numa resurreição gloriosa de renovos tenros, de folhas de oiro e verde. Ella vae reviver, porque a intelligencia nacional exige outro repasto mais que as estereis dissensões politicas, em que temos vindo a entristecer-nos e a fatigar-nos, de desillusão em desillusão, de desesperança em desesperança ; porque ha nos cerebros, ebullindo, pedindo fórma, uma seiva forte e fecunda que ha de, forçosamente, brotar, derramada em luz, affirmar-se em obras, mais ou menos bellas, mais ou menos fortes, mais valiosas, como documentos, como symptomas de um renascimento promissor.

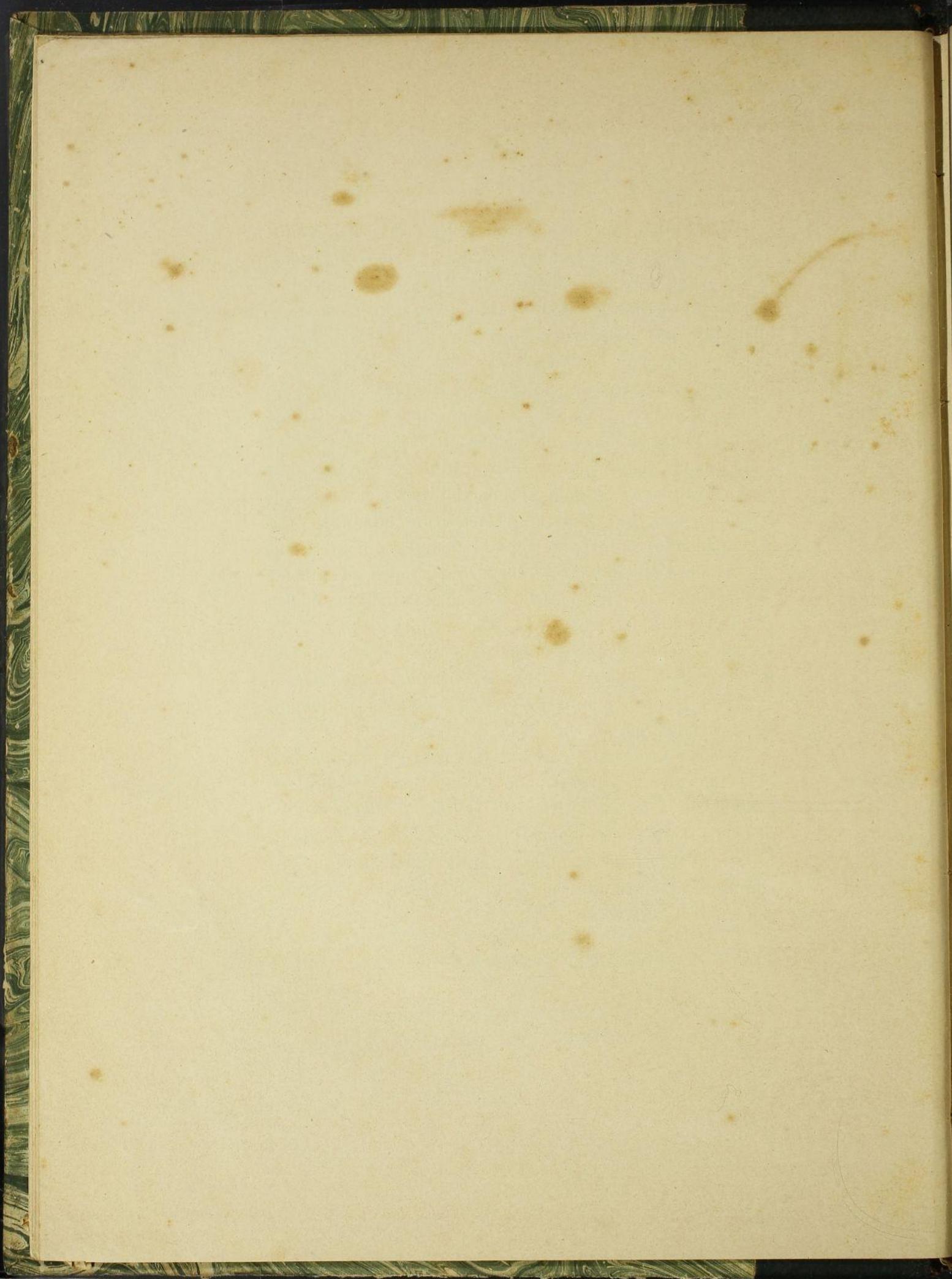
«Enganar-me-ei? E' possível. Mas creio que não, tanta confiança tenho na reacção do espirito nacional neste momento, e tão convencido estou da necessidade de abrir uma valvula para os talentos novos, que estão, indecisos e timidos, á espera de um chamado amigo, de um brado de animação. *A Semana* estará aberta a todos que tiverem talento, sem distincção de escolas, nem de tendencias, nem de *maneiras*. Julgam, seguramente illudidos, que devo ser eu quem venha novamente, sacrificando interesses e as poucas horas que a labuta diaria me deixá disponiveis, fazer esse chamado, dar esse brado animador, oferecer o exemplo de minha fé na literatura patria e da minha tenacidade no trabalho. Pois seja. Sei as difficuldades e desgostos que me aguardam. Serei compensado, si *A Semana* puder honrar as suas tradições e corresponder ás saudades que deixou. Conto não só com o auxilio dos meus amigos, como com o do publico, que tão efficaçmente a amparou em sua primitiva phase. *A Semana* terá os mesmos collaboradores de então, além dos escriptores novos que a queiram honrar com as suas producções. Não terá prevenção, nem *coteries*, nem preconceitos literarios. Procurará ser moderna, sem acompanhar as extravagancias e despropositos nascidos da sêde de ser novo, de ser original por qualquer modo. Procurará abranger em suas columnas todo o movimento intellectual brasileiro e estrangeiro, em suas diversas e variadissimas manifestações — arte, letras, sciencia e industria, de modo a poder ser util a todas as classes de leitores e especialmente agradável a algumas.

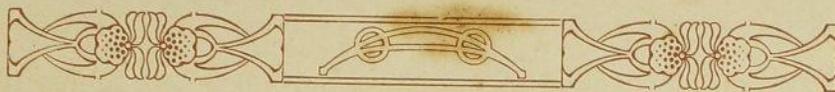
«Si aos desejos meus e do meu distincto amigo Max Fleiuss, redactor-gerente, que commigo vae tentar este

grande esforço, corresponder o publico com a sua sympathia e auxilio, *A Semana* prestará serviços realmente valiosos aos que se dedicam á literatura, pois contribuirá para tornal-a uma profissão real e digna, quer pela edição de obras, quer pela remuneração dos trabalhos literarios insertos em suas columnas. Faço um appello a todos os brasileiros capazes de se desvanecerem com a segurança de que a sua terra tem uma literatura, que a representará melhor do que todos os diplomatas; faço-lhes um appello, para que me coadjuvem na realização dessa empresa, que será, além de alevantada e bella, utilissima a todos nós. Sósinho, não me animaria a metter-lhe hombros, mas acompanhado por amigos, como os de que me honro e que me cercam e apoiam, não só me atrevo a lançar novamente *A Semana*, como tenho prévia e completa confiança no seu exito. A todos hypothecamos, Max Fleiuss e eu, o nosso reconhecimento. E agora, meus amigos e meus senhores, mãos á obra. Julho de 1893. — *Valentim Magalhães.*»

Divulgado o manifesto, grande animação obtivemos nas respostas que nos chegaram.

Os jornaes desta Capital e dos Estados acolheram a idéa com extrema generosidade e sympathia. O *Jornal do Commercio*, o *Jornal do Brasil*, o *O Paiz*, o *Diario de Noticias*, a *Gazeta de Noticias*, o *Estado de S. Paulo*, o *Correio Paulistano* e muitos outros publicaram longos editoraes, annunciando em termos lisongeiros o reaparecimento d'*A Semana*.





## II

**P**UBLICADO o prospecto, tratámos, Valentim e eu, de organizar as bases materiaes da empresa.

Valentim não podia concorrer com a menor quantia ; fôra extremo sacrificio exigir-lhe outro concurso, além do intellectual, que devia ser, e de facto o foi, valioso. Nem por isso, porém, se recusou a falar com amigos, e desta fórma conseguiu do Dr. Bezerra de Menezes 200\$, do Dr. Arthur Getulio das Neves 100\$, do Dr. Joaquim Abilio Borges 200\$, de Fontoura Xavier 200\$, do Sr. L. M. Esteves 600\$, do Dr. Henrique de Sá 200\$, na importancia total de 1:500\$000.

Por minha parte, entrei com 1:000\$. Era um capital ridiculo, que não daria para um trimestre e, por certo, não levariamos adeante o nosso projecto, si Valentim não tivesse obtido a promessa formal, absolutamente formal, de um capitalista, que se compromettera a emprestar-nos 20:000\$000.

Assisti, a convite de Valentim, a uma das conferencias com o argentario. Recebeu-nos superiormente e reiterou a promessa.

— «Devia realizar naquelles dias uma grande operação bancaria, disse-nos, e logo depois abria em seu nome, e a favor d'*A Semana*, o credito de 20:000\$000. Não

esperava lucros dahi, ponderou sorrindo, mas consolava-o o poder auxiliar um jornal literario, não sendo menor o prazer de servir ao Sr. Dr. Valentim Magalhães.»

Quando saimos do escriptorio desse cavalheiro, o desanimado era eu. Valentim, qual nova Perrette, imaginou logo uma officina de trabalhos graphics, encomendas de material typographico dos Estados Unidos, um prélo de reacção, farto deposito de papel. Desbancariamos o Leuzinger, e *A Semana*, em breve, ultrapassaria em importancia ao proprio *Jornal do Commercio*...

Deixei-o falar. Vendo o meu mutismo, Valentim encordoou um pouco e exclamou:

— Que diabo! não dizes nada!

— Não sei o que te diga, mas, com franqueza, confio mais nos teus *Vinte contos* (titulo do livro de contos de Valentim) do que nos desse homem.

Valentim não gostou da pilheria. Pigarreou, quiz retrucar, mas, por fim, só me respondeu com um secco: — *Não tens razão, és de um scepticismo de velho.*

Era, porém, impossivel voltar atrás e, com o capital acima descripto, e a esperança nos 20:000\$, lançamo-nos na aventura.

A locação do escriptorio foi o primeiro trabalho. Custámos a encontrar ponto conveniente. Afinal descobrimos um bello 2º andar á rua dos Ourives n. 71, onde hoje tem, no primeiro pavimento, seu frequentadissimo consultorio o illustre professor Miguel Couto.

O aluguel ia muito além das nossas forças, mas o applaudido artista Rodolfo Amoêdo, que por essa epoca residia em Santa Thereza, desejava transferir-se para o centro da cidade e ficou com a maior parte da casa, ce-

dendo-nos, por preço razoavel, a sala da frente e dois gabinetes.

Foi assim que nos installámos, mandando mobiliario nosso, limitado, aliás, a tres mesas e algumas cadeiras.

Valentim multiplicava-se em providencias. A 17 de julho escrevia-me, depois de ter estado commigo longamente pela manhã: — «Meu caro Fleiuss. Não me lembrava, quando nos despedimos, hoje, que amanhã fiquei de ir almoçar com o Abilio. De modo que só ás 2 e 1/4 nos poderemos encontrar, porque tenho aula tambem. Como me fica em caminho, será bom encontrarmos-nos na casa do Barreiros, onde resolveremos sobre a impressão da folha. V. reveja a prova das circulares, e, si ainda fôr tempo, mande fazer os talões de 50 e não de 100. Mande-me listas para a subscrição do capital. Estou escrevendo cartas e expedindo listas a meio mundo. Teu — *Valentim.*»

Por meu turno, secundava-o com a maior diligencia.

Afinal entregámos os originaes á typographia do Barreiros, uma casa muito mal organizada, á rua de S. José, com o material todo velho, sem prélo. Revoltei-me contra tudo isso, mas Valentim objectou-me que o Barreiros faria preços muito modicos.

Outra cousa hedionda foi o cabeçalho da folha, offerta de um velho gravador, amigo de Valentim. Era simplesmente horrivel, sem gosto, mal gravado, inqualificavel... Por isso mesmo vinguei-me do Valentim e do gravador, deixando sem revisão a noticia em que o meu saudoso companheiro o elogiava. A local saiu encantadora: «*O nosso boniio cabeçalho é trabalho do habil xylographo*

*XXX, que gontilmente nos offereceu o seu valioso concurso artistico».*

Constituimos a redacção. A chefia ficava, como era natural, com Valentim; coube-me a gerencia, de par com a redacção geral; Henrique de Magalhães faria os «Tratos á bola», parte charadistica como até hoje não houve igual, e o «Correio», a terrivel e temivel secção de respostas. Luiz Rosa, o meigo poeta do *Lotus*, alma bonissima, seria o nosso unico auxiliar effectivo.

Luiz Rosa era um companheiro adoravel. Não pode, porém, prestar-nos por muito tempo o concurso de sua tão espontanea intelligencia, pois adoeceu para nunca mais volver á saude.

Appareceu *A Semana* a 5 de agosto. O primeiro numero foi muito fraco. Não havia quasi collaboração; apenas o Henrique de Sá iniciara os seus apreciados «Cavacos Medicos» e Luiz Rosa contribuiara com um bello soneto.

Valentim, ainda confiando nas asseverações do capitalista, escrevera sob o pseudonymo de *Necker* uma chronica financeira, elogiando, com enthusiasmo interesseiro a negociação bancaria decidida, havia dias, em magnificas condições para o nosso protector em expectativa.

No artigo de apresentação, Valentim, referindo-se á primeira phase d'*A Semana* e depois de outras considerações, assim concluiu: — «Continúo essa obra. Porque? Para que? Respondamos primeiro ao *porque*. Porque aquellas duas forças não se extinguiram em mim e porque encontrei (ou antes: elle se fez encontrar) o homem capaz de dar a uma folha como *A Semana* a direcção administrativa de

que precisa: o Sr. Max Fleiuss. Disse que elle *se fez encontrar*, porque foi elle quem me procurou e seduziu — é o termo — para reeditar *A Semana*. Deixei-me por fim convencer. Alguns amigos a quem me dirigi acolheram-me a mim e á minha idéa com bondade e carinho, etc.»

A parte graphica do numero desagradara e com inteira razão. A despeito disto, a imprensa recebera-o com indulgencia e a edição esgotou-se.

O 2º numero foi ainda fraco e horrivelmente impresso.

Falei então ao Valentim; não consentiria na continuação desse estado de cousas. *A Semana* devia apparecer com outro aspecto. Ajustámos, pois, o trabalho com a casa Lamoureux, e o 3º numero, publicado a 19 de agosto, alcançou em todos os sentidos exito completo. Além da feição material de grande nitidez, Rodrigo Octavio, Narcisa Amalia, Alfredo de Souza e Victor Silva illustraram as suas paginas. Partiu dessa data a verdadeira corrente de sympathia dispensada á nossa folha.

O 4º e o 5º numeros tambem brilhantes. Appareciam as primeiras respostas á questão scientifica, provocada por Valentim, sobre a combustão espontanea, descripta por Emilio Zola no ultimo romance da serie dos Rougon-Macquart — *Le Docteur Pascal*. Os abalisados Drs. João Baptista de Lacerda, Agostinho José de Souza Lima, Publio de Mello e Leonel Rocha mostraram-se contrarios á these do escriptor francez.

Notavel attenção despertou essa questão scientifica; eminentes medicos discutiram brilhantemente o assumpto, com especialidade o sabio Dr. Domingos Freire.

A 9 de setembro publicou-se o numero 6º, em plena revolta da esquadra! Era temeridade cuidar de cousas

literarias numa epoca em que todos viviam aterrados com os bombardeios diarios entre as forças de mar e de terra. Não nos arreceámos, porém, e a folha vencia as dificuldades.

Nesses entrementes, Valentim procurara de novo o capitalista, e por fim, abatido, num extremo desanimo, disse-me: — « Tu tinhas razão, aquelle homem nada fará por nós. Agora encontrou na revolta novo pretexto para adiamento. Não volto mais lá. »

Respondi-lhe como amigo, incitando-o a trabalhar, cada vez mais, pel'*A Semana*, que, talvez, pudesse dispensar outros auxilios pecuniarios.

O outro numero devia apparecer a 16 de setembro; tivemos, porém, de adial-o. A revolta tomara proporções formidaveis, e o bombardeio do dia 13 desse mez paralyzara a vida da Capital.

A 14, Valentim escrevia-me, verdadeiramente aterrado, de Jacarépaguá: — « Meu caro Max. Hontem fui á cidade; cheguei ao meio dia, mas voltei trazido na onda dos que fugiam, espavoridos, ao bombardeio. Esta noite tomei um suadouro, razão pela qual não vou hoje. Não podemos dar folha no sabbado. Fôra tolice; além de estar a cidade abandonada, ninguem está para ler cousas literarias nesta horrivel situação. Por isso debes fazer uma declaração. Para compensar a falta deste numero, daremos o de 23 com 16 paginas. Pede aos jornaes para fazerem a declaração na parte editorial; si não quizerem, publica-a na ineditorial. Escreve-me, logo que esta receberes, dando-me noticias. Até aqui nestes confins têm chegado centenas de foragidos. Assisti hontem a scenas pungentes. Em que dará tudo isso? Que se pensa? Que se espera?

Eu estou consternado e indignado contra esse aventureiro que sacrifica aos seus interesses, ou mesmo aos de uma classe, os de toda uma sociedade, de uma cidade como o Rio de Janeiro, de um paiz como o Brasil. E tu não temes as balas? A tua coragem é mesmo verdadeira? Escreve. Teu — *Valentim.*»

Em virtude dessa carta, publiquei em todos os jornaes diarios a seguinte declaração: — «Attendendo á gravidade excepcional do momento que atravessamos, em que a politica, e de modo tão doloroso, absorve todas as atenções, resolvemos não publicar *A Semana* sabbado, 16. Para compensação desta falta, terá o numero de 23 do corrente 16 paginas. Rio, 14 de setembro de 1893. — *Valentim Magalhães, Max Fleiuss.*»

Effectivamente demos a 23 um bello numero, com o dobro de paginas e esplendidamente collaborado, entre outros, por Magalhães de Azeredo, Victor Silva, Adolpho Caminha, além das secções habituaes.

Na «Historia dos Quinze Dias» Valentim tratou, talvez demasiadamente, dos successos politicos. Nessa chronica, o meu saudoso companheiro não sabia ainda que attitude devia tomar em face dos acontecimentos. Pedira-me na vespera uma opinião e eu sem ambages dissera-lhe que *A Semana*, sendo um jornal puramente literario, devia abster-se de cousas politicas.

— Mas isso é um absurdo, meu caro, objectou-me. A revolta interessa a todos e não ha quem, tendo de escrever uma chronica, possa deixar de falar na revolta.

E, naturalmente devido a esse modo de pensar, foi que se intrometteu na ingrata seara.

Nesse numero publicámos o resultado do primeiro plebiscito literario sobre os seis melhores romances escriptos em lingua portugueza.

Apurámos com a maior exactidão as cedulas recebidas, trabalho em que Valentim se extremara, para evitar ludibrios ou phantasias. O resultado foi o seguinte: *Os Maias*, em primeiro logar, com 94 votos; o *Primo Basilio*, em segundo, com 81; as *Memorias Posthumas de Braz Cubas*, em terceiro, com 68; *A Reliquia*, em quarto, com 50; *A Mão e a Luva*, em quinto, com 49; *O Atheneu*, em sexto, com 51, sobre 50 dados ao *Homem*.

Ainda nesse numero inserimos o primeiro trabalho de Carlos Dias, na secção «Os que surgem». A proposito, escreveu Valentim: — «O trecho de prosa, que hoje publicamos sob o titulo *D. Amor*, fórma um dos capitulos de um romance em que está trabalhando ha bastantes mezes Carlos Dias, moço de dezoito annos de idade. Corre a narrativa no reinado de D. Henrique e na suzerania de Philippe de Castella. O joven autor tem ido, com o mais attento cuidado, beber ás fontes historicas os conhecimentos e informes indispensaveis a um trabalho desse genero, de modo a embeber-se, a impregnar-se o mais completamente possivel do caracter geral, do ar da época, quer no attinente aos factos, cristalizados nas chronicas do tempo, como no respeitante aos usos, costumes, crenças, vicios, abusões, ás mais caracteristicas modalidades da alma social e a todo o colorido e córte da linguagem da época. A *Semana* sente-se orgulhosa e contente de abrir a sua secção «Os que surgem» com a apresentação de Carlos Dias, certa de que nesse facto

encontrará elle o encorajamento necessario para proseguir a sua rija e gloriosa tarefa.»

«A sua rija e gloriosa tarefa». Palavras propheticas. O Carlos Dias, de então, é hoje o notavel homem de letras portuguez Carlos Malheiro Dias, autor de varios romances, entre os quaes figura o intitulado — *Telles de Albergaria*. Foi director da *Illustração Portugueza* e seus escriptos trouxeram-lhe renome. A sua reputação literaria é fóra de duvida, nasceu n'A *Semana*.

Ainda me recordo da timidez com que elle se apresentou a Valentim, ao Lucio e ao Araripe, e, quando o levei á casa de Machado de Assis, no Cosme Velho, parecia bisonho collegial. Tempos depois mostrou-se ingrato, atacando-nos num capitulo de romance, aliás mediocre. E isso sem que lhe tivéssemos dado o menor motivo.

Nesse numero, Valentim pôz a premio a traducção do seguinte soneto attribuido a Molière:

#### LA MORT DU CHRIST

Lorsque Jésus souffrait pour tout le genre humain,  
La Mort, en l'abordant au fort de son supplice,  
Parut tout interdite et retira sa main,  
N'osant pas sur son Maître exercer son office.

Mais le Christ, en baissant la tête sur son sein,  
Fit signe à la terrible et sourde exécutrice,  
Que, sans avoir égard au droit du souverain,  
Elle achevât sans peur le sanglant sacrifice.

L'implacable obéit, et ce coup sans pareil  
Fit trembler la nature et pâlir le soleil,  
Comme si de sa fin le mond eut été proche.

Tout gémit, tout frémit sur la terre et dans l'air :  
Et le pêcheur fut seul qui prit un cœur de roche,  
Quand les roches semblaient en avoir un de chair !

Mais adiante veremos como foi discutido esse concurso, cujo resultado soffreu impugnação da propria redacção d'*A Semana*, embora eu e o Valentim tivéssemos obedecido ao julgamento.

O numero 7º-8º teve larga tiragem, proporcionando-nos recursos para proseguir na temeraria empresa. A secção «Correio», a cargo, como já disse, de Henrique de Magalhães, despertava, a um tempo, sympathias e rancores.

A despeito, pois, da crise politico-militar (que na época não era simples figura de rhetorica), eu não receava pela folha, e Valentim era da mesma opinião. Alludindo ao nosso ex-futuro protector, Valentim, numa das suas habituaes *boutades*, exclamou: — «Talvez o convidemos ainda para nosso empregado; daria um bom caixa.»

E cumpre assignalar sem mais demora o notavel concurso que nos prestou, em S. Paulo, o Dr. Manuel Ferreira Garcia Redondo. Foi verdadeiramente incansavel, quer angariando assignaturas, quer collaborando assiduamente.

Egualmente bem feitos os numeros 9º, 10 e 11, de 30 de setembro, 7 e 14 de outubro.

No primeiro destes veio a admiravel resposta do sabio Domingos Freire sobre a questão da combustão espontanea.

Luiz Delfino, o poeta magno, dava um dos seus bellissimos sonetos; Rodrigo Octavio criticava com sympathia os *Broqueis*, de Cruz e Souza.

No ultimo de taes numeros appareciam na secção «Os que surgem» dois novos cultores das letras: José Vicente Sobrinho e Raul Braga. A elles se referiu Valentim

dizendo: « José Vicente Sobrinho revela-se nos *Palhaços* um batedor de caminhos novos, um sedento de fórmulas e idéias inéditas, originaes, bizarramente impressionistas. Fareja a maneira dominante de amanhã, que hoje mal se vislumbra nas nebulosidades das tentativas desorientadas. Raul Braga é, a seu lado, um atrasado. Faz realismo, descreve minuciosamente trivialidades da vida, com atenção excessiva. Tem geito para o genero; mas o genero vae passando de moda. Decididamente o Ideal reclama e retoma o seu lugar nas letras. E é o Zola que dá o exemplo, contrito e ardente de nova Fé. Não ha remedio sinão segui-lo. De ambos os novos collaboradores é licito esperar alguma cousa por estas amostras. »

Nesse numero 11 tive de responder a uma critica que, pelo *Album*, nos fizera Aluizio Azevedo sobre o resultado do plebiscito literario. O saudoso amigo por um voto perdera a collocação em 6º lugar, vencido pelo *Atheneu* de Raul Pompeia. As observações que offereci em replica tiveram a ventura de agradar ao eminente romancista, hoje tão injustamente esquecido.

O numero 12 appareceu com uma chronica devida a quem está redigindo estes periodos, que só exprimem preito de saudade. Garcia Redondo escrevia sobre plagios, Victor Silva dedicava-me esplendido soneto; Luiz Rosa, Raul Braga, Alcindo Coelho contribuíam para o bom effeito geral.

Excellentemente tambem o numero 13, feito por Valentim, Alcides Flavio, Garcia Redondo, Xavier de Carvalho, Rodrigo Octavio, João Andréa, Neves Armond.

Alcides Flavio, pseudonymo de Antonio Fernandes Figueira, hoje insigne clinico e professor preocupado

com a sua especialidade, mas nem por isso desdenhando as puras glórias que conquistou como artista do verso. Antonio Figueira é um dos nossos verdadeiros poetas; ficou celebre o soneto que escreveu no amphitheatro da Faculdade de Medicina, quando allí depositaram, para estudos, o corpo de uma virgem.

Não resisto ao desejo de transcrever os seus versos, publicados em o numero 14. Foram então a nota predominante :

#### CONSELHO DE MEDICO

*(Introdução a um livro)*

— « E' quando o branco inverno aos poucos assoberba  
Montes, valles, e céus, que tristemente brancos  
Ficam, enquanto a noite ostenta os negros flancos,  
Que eu sinto renascer esta nevrose acerba.

Tal como a nostalgia original do Kant :  
— Areia ao norte e sul, a éste e oeste — areia ;  
Haja treva, haja sol, o olhar desça ou levante,  
Encontro de pesar a natureza cheia.

E esse desgosto frio isola num circuito  
A alma, aperta-a, deprime e para o goso scinde-a,  
De geito que da vida eu elimino o intuito  
E aspiro á negação do pensador da India.

Sei que existe o prazer. São palmas ao talento,  
Para os uivos da carne um corpo nú que a cinge,  
E que ha luz pela terra e pelo firmamento.  
E no emtanto o torpor o craneo me constringe.

De um irisado olhar uma illusão emigre  
E paire sobre mim, — doirada mariposa —  
Que logo meu descrer, um rancoroso tigre,  
Toma-a, esphacela-a, mata. . . (e apenas ella pouosa !)

E que tenho, senhor? Que devo mais dizer-vos?  
 Não amo, não odeio, e vivo sem ter vida...  
 Que molestia fatal se incrusta nos meus nervos?  
 Ou acaso da insania abriu-se-me a ferida?»

Eu disse; e o bom doutor, lançando em vôo os olhos  
 Ao meu rosto e depois á extensa bibliotheca,  
 Sorriu de um doce riso e da alma nos refolhos  
 Penetrou numa phrase: — «E' o coração quem pecca.

«Analysae com calma o que trazeis occulto  
 A vós mesmo, no falso egoismo de homem forte:  
 Saturastes de mais em amoroso culto  
 O cerebro, e o veneno ahí procreado é morte.

«Tomae o succo então ao toxico papaver.  
 E assim, bebendo mais, bebendo menos, o opio  
 Dar-vos-á de illusões ideal kaleidoscopio  
 Ou vos fará tombar examine cadaver.

«O amor vos envenena. E, então, por mais que lerdés,  
 Remedio não tereis; segui o que vos digo,  
 E a illusão findará: vereis os prados verdes,  
 O sol vermelho de ouro, o firmamento indigo.

«Para tanto Henri Heine é medico. Das dôres  
 Tristes canções fazei, dos prantos fazei versos,  
 E virá outra vez a aurora dos amores,  
 E tereis outra vez os pesares dispersos.

«Deixae rolar o mundo. Emanações hediondas  
 Hão de ficar lá em baixo, o vosso canto acima;  
 Que a magua se dilue dos versos entre as ondas,  
 E a lagrima disseca ao transformar-se em rima.»

Ouvi, e, ao salutar conselho me amparando,  
 Estas paginas fiz... Sinto-me bem agora,  
 E dizem que ha desgosto e noite, quando em quando,  
 E eu só vejo o prazer e o rutilar da aurora!

Em o numero 15 iniciou Garcia Redondo a sua  
 apreciadissima «Botanica Amorosa», — que trouxe á  
*Semana* grande cópia de leitores. E na secção «Tratos

á bola » collaborava, com frequencia e muito agrado dos especialistas, um escriptor que se assignava *Lilazia*. Das charadas passou depois para o alto jornalismo, occupando com brilho a primeira columna num dos nossos vespertinos.

Mas... era verdadeira temeridade cuidar de letras num periodo como aquelle, em que diariamente ribombava o canhão... A cada passo o toque de cornetas; em cada esquina os boateiros; surgiam os secretas, em cujo corpo se alistavam até mulheres e velhos figurões, sequiosos de maldade e de lucros...

Póde-se dizer que naquelles tempos nefarios um dos raros pontos a salvo das agitações era o modesto escriptorio da rua dos Ourives n. 71, onde alegremente trabalhava um grupo de intellectuaes.

O numero 16, publicado a 18 de novembro, insistia nos assumptos politicos, a despeito das minhas constantes observações.

Valentim inclinava-se agora á facção revoltada. A « Historia dos sete dias », de sua lavra, e sempre lida com tanto interesse, referia-se á suspensão dos jornaes, e dizia, entre outras cousas: — « Alguns collegas que tiveram a pouca vergonha de não dobrar os joelhos ante o altar da Santa Rolha e não entoar loas em acção de graças por lhes haverem conservado magnanimamente a referida caixa, só lhes retirando o conteúdo, foram delicadamente suspensos com dois dedos e estão a esta hora a bambolear-se elegantemente, no alto, como esses bonecos que os meninos fazem no collegio e conseguem prégar no tecto por meio de um fio pendente de uma bola de papel mascado, que se adapta e gruda ás tabuas. Olhem, daqui estou a ver as meias roxas das pernas d'*O Apostolo*. Lá se

balança ao sabor do vento. Porque o elevaram tão alto, ignoro. Não li o artigo peccaminoso; mas muito o devia ser elle, para que tão cruelmente fosse punido o tonsurado collega. Imaginem *A Semana* suspensa... Uma senhora! Que indecencia! Evitemos esse naufragio do pudor. Sacrifiquemos contrita e humildemente á Santa Rolha e digamos *amen* a tudo. *Amen.* »

Essas allusões á politica, ou, antes, aos processos politicos então em voga, trariam necessariamente dissabores á nossa folha; pessoalmente, ao autor desta singella narrativa, ellas já haviam prejudicado. Naquelles tempos de delações e explorações só se podia pensar de accôrdo com os thuriferarios do poder; thuriferarios, sim, porque o Marechal Floriano acarretou maiores culpas devido aos seus innominaveis bajuladores.

E, falando no Marechal, não será descabido referir um caso então occorrido entre o dictador e quem escreve estas linhas. Residiamos ambos no Cosme Velho: o Marechal na casa denominada do *Engenheiro*, á ladeira do Ascurra, eu — na propria rua do Cosme Velho. Certa noite tomei o derradeiro bonde que passava pelo largo do Machado ás 2 e 45 da madrugada, e reconheci que no ultimo banco, perto do conductor, se achava o Marechal Floriano. Viajava sósinho, vestido á paisana, e apoiando as mãos num guarda-chuva, de cabo de prata. Tinhamos relações pessoaes, embora ligeiras, por isso cumprimentei-o. O Marechal cortezmente respondeu. Na Bica da Rainha havia á sua espera quatro soldados de cavallaria, armados de clavinotes. A precaução não era desarrazoada; estavamos em plena revolta, e o Marechal era alvo de tremendos odios. Chegado o bonde áquelle

logar, o Marechal montava a cavallo, seguido de perto pelas ordenanças.

Na noite immediata, ás mesmas horas, viajámos juntos, e na seguinte igualmente. . .

Esses encontros tão repetidos podiam parecer propositados e, portanto, como justa salvaguarda em tempo de guerra, quando o bonde, pelo Jardim das Laranjeiras, ficou vazio, deixei o meu logar, no banco da frente, e fui sentar-me perto de Floriano. Foi elle o primeiro a dirigir-me a palavra: — «Então, vem da sua *Semana*? Tem alguma agencia no largo do Machado?» perguntou, sorrindo maliciosamente. — «Não, Marechal, respondi, venho da casa de um amigo. . .» — «Estou quasi acreditando. . . replicou-me no mesmo tom, e depois continuou: — «Tenha cuidado com esses amigos. . .» Passámos depois a conversar e o Marechal queixou-se de seus incommodos, que o privavam de dormir tranquillo; não se referiu, porém, nem indirectamente, á revolta. Nessa palestra chegámos á Bica da Rainha. Tentei despedir-me. O Marechal disse-me: — «O senhor vae a pé até a sua casa? Eu o acompanho; talvez me faça bem andar um pouco.»

E caminhámos. . . Ao longe ribombavam os canhões, feria-se sem intervallo a lucta entre irmãos e numa rua solitaria de arrabalde, alta hora da noite, o indomavel Chefe do Estado, despreoccupadamente, indifferentemente, como si fôra o menos conhecido dos populares, andava ao lado de humilde jornalista. Quantos não ambicionariam tal companhia!

Quando, no dia seguinte, contei o factó aos meus companheiros, perguntou-me o Valentim porque eu, pelo menos, não estrangulára o Marechal. . .

Ainda nesse numero 16, Silva Ramos, que já naquella época fazia jús a todas as considerações, devidas ao seu merito literario, escrevia-me a seguinte carta, remettedo-me a traducção do soneto de Molière: — «Meu caro Max Fleiuss. Respondo lisongeadado á amabilidade de sua carta. Como a Fortuna me bafejou no pleito aberto pelo *Album* sobre a traducção de um soneto de Souvary, persuadiu-se V. de que o meu amor proprio não deixaria de me fazer acreditar que eu seria o eterno vencedor de quantas pugnas desta natureza viessem a pelejar-se na arena literaria, e que, por esse motivo, me apressaria a concorrer á traducção do bellissimo soneto proposto pel'*A Semana*. Quando traduzi, por desenfado, o soneto posto a concurso pela sympathica folha do Arthur Azevedo, estava tão proximo de suppôr que a minha traducção seria a preferida, como quando compro um bilhete de loteria me acaricia a esperança de que tirarei o premio grande. Si em alguma cousa me fiei, foi em que os bons poetas, repugnando-lhes constringer o estro indomavel nos limites angustos de uma traducção, abandonariam o terreno estreito á esgrima desordenada dos *dilettanti*. Dá-se o caso que, quando traduzi o soneto *Rêves ambitieux*, eu estava, como sempre estive, inteiramente convencido de que uma boa traducção de um bom soneto é cousa simplesmente impossivel. Não ha phrase que possa ajustar-se rigorosamente em duas fórmegas eguaes. Si acerta numa parte pela propriedade da elocução, descondiz na outra pelo descompassado do *numerus*; si frisa de um lado no cadenciado do rythmo, desconcerta de outro na magnitude do pensamento. E, si assim é na prosa, que corre á vontade, o que não será no verso, obrigado a numero egual de syllabas e á symetrica

disposição de accentos, sem falar na distribuição regular dos graves e agudos, de partilha tão desproporcionada de lingua para lingua... E acima de tudo no soneto, a mais difficil das fôrmas do verso... Além de que é muito contestavel a gloria que possa advir de uma traducção ainda soffrivel, visto como em muito pouco depende ella do talento. E' um trabalho de paciencia, relativamente facil para quem, áparte o gosto pelas bellas-letas, é obrigado pela profissão de ensinar linguas a exercitar-se diariamente em justapôr e contrapôr os respectivos vocabularios. Já vê que, assim pensando das traducções, sómente por diversão de espirito posso entregar-me a taes lucubrações, não me havendo passado absolutamente pela idéa concorrer á traducção do soneto *La Mort du Christ*. E dahi, quem sabe? Estou eu aqui a dar-me ares de modesto e, afinal, bem pôde ser que o não pensar eu em concorrer fosse receio, muito natural, de que, sendo vencido desta feita, viesse a perder, por este feitio, a doce illusão que me trazia embalado de que sou o primeiro traductor desta Capital, incluindo os arrabaldes... Pois, para me castigar de tamanha vaidade e para corresponder á gentileza d'*A Semana*, apesar de quanto lhe disse, ahi vae a traducção. Seu affectuoso — *Silva Ramos*. — Rio, 9-11-93. »

E', sem duvida, ocioso exaltar quanto essa carta encerra de verdadeiro, relativamente ao valor das traducções.

O numero 17, de 25 de novembro, trazia a collaboração do scintillante homem de letras, que se chama Carlos Magalhães de Azeredo. *Crepusculo Final* era o titulo do seu bellissimo conto que illustrou as paginas d'*A Semana*. José Vicente Sobrinho publicava tambem um bom trabalho :

*Recordações*. Isidoro Martins Junior, um soneto, *Jonglerie*; e, devido á obsequiosidade do Dr. Sá Vianna, que colleciona autographos, podiamos dar uma poesia inédita de Gonçalves Crespo — *O Primeiro Beijo*, escripta em 1868. Além dessas joias, Luiz Delfino brindava os leitores com um dos seus magnificos sonetos.

A « Historia dos sete dias », do numero 18, publicado a 2 de dezembro de 1893, foi escripta por Silva Ramos, que desde então passou a formar inteiramente a nosso lado, numa solidariedade que nos honrava, prestando-nos o bello concurso de seu talento. A chronica de Julio Valmor, pseudonymo do nosso novo companheiro, agradara inteiramente; encantadora, de facto, pela vernaculidade e pela graça dos conceitos.

Por favor do Dr. Sá Vianna, publicámos uma poesia inédita de Gonçalves Dias — *A Violeta*, digna em tudo do famoso cantor dos *Tymbiras*.

Valentim escrevia a Garcia Redondo uma « Carta aberta », genero que sempre lhe foi agradavel para expender certas opiniões pessoaes, que, achava elle, não ficariam bem externadas por outra fórma.

Foi nesse numero 18 que appareceram uns versos de Faria Neves Sobrinho — *Lyrice*, precursores seguros do renome justissimo que em breve havia de coroar o poeta pernambucano.

Dava tambem tal numero o juizo da commissão composta dos Srs. Augusto de Lima, Olavo Bilac e Raymundo Corrêa, incumbida, por Valentim, de apreciar as traducções do soneto de Molière — *La Mort du Christ*.

As traducções foram em numero de dez; entre os concorrentes, Arthur Azevedo, Silva Ramos, Brito Mendes,

Silvio de Almeida, Henrique de Magalhães, Domingos de Castro Lopes.

Precedendo o laudo, Valentim escreveu as seguintes linhas :

«O SONETO DE MOLIÈRE. — Do soneto *La Mort du Christ*, attribuido a Molière, e por nós publicado em o numero 7º-8º, recebemos dez traducções. Para julgal-as, decidindo qual a melhor e que devia receber o premio, escolheu o nosso director os illustres poetas Raymundo Corrêa, Olavo Bilac e Augusto de Lima, que, por feliz acaso, se encontram reunidos em Ouro Preto. Publicamos em seguida a especie de acta ou auto de julgamento humoristico firmado pelos nossos amigos, e no qual é considerada a traducção marcada com a letra — C — como sendo a *menos má* das dez. Respeitando absolutamente, como nos cumpre, a decisão do jury por nós eleito, é ao autor dessa traducção, o Sr. Silvestre Mineiro, que daremos o modesto premio — uma obra illustrada de Molière; com tal fazer não queremos, todavia, significar approvação absoluta do modo por que foi julgado o concurso. Para que os leitores possam avaliar da maior ou menor justiça da decisão, publicamos hoje, com o soneto em francez, as dez traducções que delle nos foram remetidas, certos de que entre ellas hão de achar algumas a que se não podem applicar as expressões fulminatorias do auto de julgamento, sem excessivo e descabido rigor. Ha, entre ellas, algumas pessimas, outras más, mas tambem ha duas ou tres... soffríveis, pelo menos. Os leitores, porém, que julguem. Só nos resta agradecer aos illustres poetas, que outr'ora nos honravam com a sua preciosa collaboraçã, — favor de que *A Semana* acaba de mostrar não se haver esquecido,

— a gentileza com que se dignaram de acceitar a nossa incumbencia e a solitudine com que della se desempenharam.»

Agora o laudo :

«Ouro Preto, 24 de novembro de 1893. — Concurso poetico d'A *Semana*. Traducção do soneto *La Mort du Christ*, de Molière.

«Nós, abaixo assignados, membros do tribunal nomeado pel'A *Semana* para julgar as traducções que do bello soneto de Molière nos foram enviadas em numero de dez, e designadas por letras de A até J, vimos por esta apresentar ao illustre redactor daquella folha o nosso julgamento. Começamos por dizer que nenhuma das traducções póde ser justamente classificada pelo seu merito, pois nenhuma dellas é boa, ou, melhor dizendo, todas ellas são más. Como, entretanto, o distincto amigo redactor d'A *Semana* nos pediu que classificassemos tres das traducções, pelo menos, si possivel fosse, cumpre-nos confessar-lhe que, apesar de toda a nossa boa vontade, só nos foi possivel dar menção honrosa á traducção designada sob a letra C, unica e simplesmente, entre as demais. Tenham paciencia os outros traductores; si não damos aqui as razões por que repellimos os trabalhos com que concorreram, é só porque para isso teriamos de transcrever os seus versos, com o que offenderiamos, atormentariamos, horrorizariamos, etc., os ouvidos dos leitores da boa A *Semana*. Não sabemos si com os versos de C produziremos o mesmo effeito. Em todo caso, lá vão elles, com o respectivo grypho em duas expressões só de arrepiar defuntos :

.....  
 .....  
 ..... a lei do triste officio  
 .....  
 ..... de Deus a regalia  
 ..... etc., etc., etc. — *Augusto de Lima.* — *Olavo Bilac.* — *Raymundo Corrêa.* »

O soneto premiado foi, pois, o seguinte :

Chegando-se a Jesus, quando este padecia,  
 Em bem da humanidade, as ancias do supplicio,  
 Attonita ficou a Morte, que temia  
 Applicar ao Senhor a lei do triste officio.

Mas Jesus, com a fronte a descair, fazia  
 A' cruel segadora um gesto que era indicio  
 De que, não tendo já de Deus a regalia,  
 Almejava apressar aquelle sacrificio.

A Morte obedeceu então, e, de surpresa,  
 Logo o sol desmaiou, tremeu a natureza,  
 Qual si tudo do fim se fosse approximando.

Tudo na terra e céu gemia e vacillava :  
 Como que a pedra tinha um coração chorando ;  
 Só, coração de pedra, o homem não chorava !

E assim se realizou o primeiro concurso literario d'A *Semana*, no qual tomavam parte alguns homens de letras, e julgado por tres poetas de incontestavel valor.

Na « Historia dos sete dias » do numero 19, Silva Ramos, um dos concorrentes, assim se exprimia sobre o certamen :

« A' chronica não póde deixar de ser em extremo sensível a formidavel tarefa que apanharam os traductores

do soneto *La Mort du Christ*. E' que o chronista não ignora que o amor proprio mais irritavel, tirante os das mulheres, é sem contestação o dos poetas. Sempre me ha de lembrar o que me succedeu com Fernando Leal, um escriptor portuguez de subido merecimento e que, supposto menos conhecido como poeta, bastaria a conquistar-lhe tal nome a superioridade de alguns dos seus trabalhos em verso. Em uma quinta-feira santa, em que juntos andavamos os dois percorrendo as egrejas de Lisboa, Leal, quiçá por aligeirar a via-sacra, fez-me ouvir a sua ultima poesia, uma ode ao sol, si bem me lembro, pedindo-me que lhe revelasse com toda a sinceridade a minha impressão. E' claro que tomei como simples cumprimento o interesse que me manifestava por um juizo que, por obscuro, em nada podia influir na reputação gradualmente crescente do já então estimado poeta. Entretanto, satisfiz sem tergiversar, applaudindo incondicionalmente o seu trabalho. Insiste Leal, rogando-me que me não deixe levar por considerações de delicadeza ou de amizade e que examine detidamente a poesia, afim de decidir si produzirá bom effeito. Escuto-lh'a de novo, com todo o prazer, e tenho a satisfacção de confirmar o meu juizo. Passam-se tempos e uma bella noite, entrando na cervejaria do Leão, por aquelle tempo ponto de reunião de artistas e poetas, avisto abancados Fernando Leal e o mal-aventurado Cesario Verde. Como quer que naquelle mesmo dia tivesse apparecido publicada a poesia que eu escutara a Fernando, apressei-me a felicital-o mais uma vez pela sua bem trabalhada producção. Ainda agora não explico a mim mesmo o que levou o autor da ode ao sol, que áquella hora já havia recebido do publico a consagração da sua obra, a instar mais uma vez pelo meu parecer.

— « Com franqueza, observei-lhe, é uma bella poesia. Apenas algum grammatico em demasia escrupuloso poderá fazer reparo em que, tratando o autor por *tu* o sol, logo adiante passa a tratá-lo por *voce*, obrigando os versos a uma evolução da segunda para a terceira pessoa ; mas isto, afinal de contas, até imprime aos versos um certo sabor de naturalismo, visto como são frequentes taes saltos na conversação familiar » .

« Palavras não eram ditas, eil-o que cresce para mim, numa invectiva por tal fórma insultuosa, acompanhada de gestos por tanta maneira decisivos de me atirar qualquer cousa, que, si Cesario não se mette de permeio, com certeza teriamos offerecido á galeria o espectáculo gratuito de um esmurramento olympico. Não satisfeito com este movimento de uma irritabilidade atrabiliaria, retirou-me a amizade. Com Cesario Verde, que tão nobremente conseguiu libertar-me da ira enfurecida do poeta allucinado, aconteceu um caso um tanto semelhante, que, comquanto menos violento, não deixa de patentear igualmente como é facil de azedar-se o fermento de que é feita a inspiração dos poetas.

« Uma manhã subiamos nós o Chiado de braço dado, e Cesario ia-me repetindo uma bellissima poesia, de cujo nome não me recordo, em que comparava a fructos as diversas partes do corpo humano, fazendo avultar, com aquella originalidade que só elle possuia, a estreita ligação que prende o homem á restante natureza. Ouvi-lhe os versos com o sorriso nos labios, como quem encontra no sorriso a mais suave expressão das alegrias interiores, quando a alma sente expandir-se na contemplação maravilhada de qualquer quadro encantador. Ao terminar a poesia, o meu jubilo havia attingido a maxima intensidade,

que se traduziu na mais irreprimida jovialidade que dar-se pôde: Qual não é, porém, o meu espanto, ao ver Cesario retrahir-se-me, corar até ás orelhas e observar-me encordado: — «E' preciso que V. saiba que nunca me passou pela idéa que os meus versos fariam rir quem quer que fosse. Si o tivesse adivinhado, teria poupado a mim mesmo essa desillusão e a V. o esforço supremo de escancarar as mandibulas». E nunca mais me disse versos. E esta? Aproveitaram-me as lições. Dahi em deante jámais deixei de oppor a mais inexpressiva das physionomias sempre que um poeta me concede a suprema ventura de desenrolar diante dos meus olhos ou dos meus ouvidos as maravilhas do seu éstro. Por isso avalio bem quanto aquella sentença, firmada por tres poetas de primeira grandeza, deve ter bulido profundamente com o amor proprio de cada um dos concorrentes. No entretanto, ousou affirmar, não ha motivo para isso. Os distinctos poetas julgadores não podiam melindrar com o seu parecer nem os traductores nem as traducções. Não podiam melindrar os traductores, pela razão de que ignoravam absolutamente quem estes fossem; não podiam melindrar as traducções, porque, não tendo elles jamais recebido de nenhuma dellas a mais ligeira offensa, não se pôde razoavelmente acreditar que hajam tido o minimo interesse em lhes serem desagradaveis. Si as receberam com quatro pedras na mão, é que ellas se lhes não apresentaram com aquelle requintado esmero que convem a filhas que pretendem honrar o nome de seus paes. Foi, portanto, por consideração com esses mesmos progenitores que elles lhes negaram a caricia affectuosa com que poetas daquella elevação têm o poder de transmittir num beijo a immortalidade.»

Essas palavras de Silva Ramos foram a melhor e mais completa resposta que podíamos offerecer ás cartas irritadissimas que Valentim recebera sobre o caso. Houve mesmo um traductor que foi á redacção saber onde moravam os julgadores, para... desancal-os.

Felizmente as razões de Silva Ramos conseguiram serenar os animos, tanto mais quanto elle fôra um dos traductores.

Ainda nesse numero 19 inseriamos um capitulo do livro inédito de Garcia Redondo, *Caricias*, e, na secção «Os que surgem», davamos o *Viatico* de Themistocles Machado, joven poeta cearense, de quem nunca mais tivemos noticias.

Pedro Rabello, depois membro da Academia Brasileira de Letras, contribuiu com um conto — *Mana Minduca*. Nos «Factos e Noticias», Valentim, sempre contra o meu voto, transcreveu a entrevista d'*A Platêa*, de S. Paulo, com o Dr. Eduardo Prado, a proposito da apprehensão, feita pela policia paulista, de toda a edição da *Illusão Americana*.

As respostas de Eduardo Prado, como tudo, aliás, quanto elle escrevia, eram interessantissimas. O momento, porém, não comportava allusões politicas, desfavoraveis á situação.

Mas vejamos a entrevista, antes de narrar o que ella nos occasionou. Dizia *A Platêa*: — «O Dr. Eduardo Prado recebeu muito graciosamente o nosso companheiro e não pareceu dar muita importancia nem ao livro, nem á sua prohibição. Eis mais ou menos o que elle nos disse: — Na minha infancia, havia na rua S. Bento um sapateiro que tinha uma taboleta onde tinha pintado um leão que, raivoso, mettia o dente numa bota. Por baixo lia-se: Rasgar

póde, descoser não —. Dê-me licença para plagiar o sapa-teiro e para dizer: — prohibir podem, responder não. Quanto ao honrado chefe de policia, penso que S. Ex. me lisongeu por extremo, julgando a minha prosa capaz de derrocar instituições tão fortes e consolidadas, como são as instituições republicanas no Brasil. Demais, S. Ex. póde dizer-me que, só por palpite, prohibiu o livro. Saiu o volume ás 4 horas e ás 5 foi prohibido, antes da autoridade ter tempo de o ler. Confesso que a publicação foi um acto de ingenuidade da minha parte. Não quero dizer que confiei — por isso digo antes que me estribei no art. 1º do decreto n. 1.565, de 13 de outubro, regulando o estado de sitio. O vice-presidente da Republica e o honrado Sr. seu ministro do Interior disseram nesse artigo — « Art. 1º. E' livre a manifestação do pensamento pela imprensa, sendo garantida a propaganda de qualquer doutrina politica » —. E com suas assignaturas completaram a sua palavra nessa garantia. Escrevo um livro sustentando a doutrina politica de que o Brasil deve ser livre e autonomo perante o estrangeiro e o aphorismo de Montesquieu de que as republicas devem ter como fundamento a virtude. O governo é contrario a essas opiniões e está no seu direito. Manda, porém, prohibir o livro! Onde está a palavra do governo, dada solennemente num decreto, em que diz garantir a propaganda de qualquer doutrina politica? A sabedoria popular diz: — palavra de *rei* não volta atrás. O povo terá de inventar outro proverbio para a palavra do vice-presidente da Republica. »

Quando vi, em prova de pagina, essa entrevista, adverti a Valentim do perigo que corriamos todos: — No minimo, ponderei, *A Semana* será suspensa.

Não me attendeu o saudoso companheiro, replicando-me que se tratava apenas de uma publicação literaria. Dias passados, surgiu em nosso escriptorio um atrevidissimo agente de policia, que me foi logo dizendo, de chapéu na cabeça, sem mais preambulos: — «O Sr. coronel chefe de policia não quer que esse jornal sáia mais!»

Valentim, numa saleta proxima, ficou estarecido; Luiz Rosa, suave, a pensar sempre nos seus versos, sorriu, talvez por ter achado uma rima difficil. Eu, respondi com ares importantes ao policia: — «Vou falar ao Marechal». Riu-se o homem da minha improvisada superioridade, e retirou-se.

Valentim veiu a mim: — «E agora?!» — «Agora, disse-lhe eu, é cumprir a ordem. Estamos suspensos; aliás, eu o previra».

Valentim esteve algum tempo irresoluto, e exclamou: — «Aqui não se póde mais viver! Isto não é mais paiz!»

Pouco depois saiu.

Encarei friamente a questão, e achei que ainda se poderia tentar algum cousa, pois, afinal de contas, o nosso crime não era dos maiores.

Tratei de agir, antes que a intriga tecesse a sua rêde de calumnias, avultando o caso.

Escrevi ao Marechal Floriano e procurei, á tarde, o 1º delegado auxiliar Dr. Cesario de Mello, meu vizinho, no Cosme Velho, e que me conhecera creança. O Dr. Cesario era um bom velho; muito timido, muito obediente ás circumstancias... mas sempre inclinado ao bem, desde que sem prejuizo o pudesse praticar...

Para, naquella época, se falar com um delegado auxiliar na Repartição Central de Policia, era preciso ter

verdadeira sorte. Esbirros malcreadissimos, fumando insupportaveis cigarros e escarrando com estrondo, guardavam insolentemente todas as portas. Cumpria armar-se uma pessoa de excepcional paciencia.

Ao chegar ao segundo andar do edificio, onde, nos fundos, tinha seu gabinete o Dr. Cesario, fui logo recebido por um tremendo — «Aqui não se passa!» — sentença definitiva, que me ia fazendo retroceder; mas boa estrella me acompanhava. Bem em frente ao corredor abriu-se uma porta e vi o Dr. Cesario, como de costume, todo vestido de preto. Não tive duvidas: gritei-lhe o nome. Reconheceu-me; entrei, não sem evitar uns olhares ferozes do porteiro.

Expuz o que alli me levava.

Ouviu-me bondoso e disse-me: — «Já ha muito que vocês deviam estar suspensos». Era animador... Apresentei novos argumentos, elogiei-o: gabei o tino policial do chefe, e afinal consegui as seguintes consoladoras palavras: — «Olhe, eu não asseguro nada, mas vou falar ao coronel Valladão. Acho que você deve procural-o. Venha logo mais, depois das oito da noite».

Saí desconcertado. Suspensa *A Semana*, difficilmente poderia voltar á vida da sua nova phase. Era a quédia! Todos os esforços perdidos! Esperei ansioso que chegasse a hora indicada. Emfim, ás oito, penetrei de novo no casarão da rua do Lavradio, onde reinava silencio quasi absoluto, indicando uma especie de abandono pela fadiga... No alto da escada, sentado num simples banco de madeira, solicitante como eu, encontrei o general Francisco Glycerio. Estava visivelmente contrariado; conversámos. Lembrou a sua situação no regimen, os cargos elevados que

occupava, e falou, com sincera tristeza, da sua situação no momento. Sempre reconheci no general Glycerio o typo do homem que por seus proprios esforços rompe a obscuridade. Affligiu-me vel-o alli, á espera de uma audiencia subalterna...

Dahi a momentos, surgiu um continuo e perguntou-me nestes termos: — « O que quer você? » — Respeitosamente, respondi-lhe que o 1º delegado auxiliar me mandara comparecer áquella hora.

— « Dê-me o cartão » — replicou-me, muito do alto. E sumiu-se. Só meia hora depois reapareceu, e bruscamente, sem olhar para o general Glycerio, disse-me imperativamente: — « Entre! » — Fui attendido pelo coronel Valladão, que, na verdade, muito amavel, depois de algumas observações, relevou a suspensão d'A *Semana*, assegurando-lhe eu que evitaríamos as questões politicas.

Saí satisfeito; á porta estava ainda o Sr. Glycerio... Procurei logo o Valentim, a quem dei conta da boa nova, nos termos em que a conseguira.

Foi um successo. — « E' de assombrar, menino! » exclamou o meu companheiro — e desandou a assobiar a toda a força a marcha da *Aida*...

O numero 20 teve, além de Silva Ramos, Urbano Duarte, Luiz Rosa, Gervasio Fioravanti e o Dr. Castro Lopes, cuja collaboração trouxe grande realce á nossa folha.

Egualmente apreciavel o numero 21, com um artigo de Fontoura Xavier sobre o — *Poeta laureado da Inglaterra*.

Nesse numero publicavamos as condições geraes para os primeiros concursos literarios, que tanta animação despertaram, servindo para affirmar o talento de alguns jovens, até então quasi desconhecidos.

Desses concursos, pôde-se com segurança dizer, partiu o renome que em breve conquistaram, pois os processos de julgamento adoptados pel' *A Semana* não permittiam o menor favoritismo. Nem Valentim, nem eu, sabiamos dos nomes dos concorrentes, e um, que por simples inadvertencia nos disse haver tomado parte, e isto quando os trabalhos estavam quasi concluidos pela commissão, foi convidado, embora delicadamente, a desistir. E tratava-se apenas de Arthur Azevedo!

O numero 22 appareceu a 30 de dezembro, na minha ausencia, pois havia partido para S. Paulo, em viagem de propaganda da folha.

Valentim escreveu um bom artigo contra o *Anno terrivel de 1893*, que expirava em plena guerra civil. A saudosa e intelligente poetisa D. Maria Clara da Cunha Santos dava-nos mimoso *Conto do Natal*; José Vicente Sobrinho, Placido Junior, Moraes e Silva, Luiz Rosa completavam a collaboração, á cuja frente se encontrava o querido Julio Valmor.

Ao terminar o anno de 93, *A Semana*, após cinco mezes de ingentes esforços, podia considerar mais ou menos estavel a sua carreira. A despeito do terrivel contra tempo da *revolta da armada*, que começara quando a nossa folha tinha apenas um mez, o publico favorecera a tentativa. Tudo nos assegurava um anno mais ou menos folgado. Para maior segurança, partira eu em busca de novas assignaturas. Em S. Paulo aguardava-me generoso acolhimento do governo do Estado, da imprensa e, mais especialmente, do nosso distincto collaborador e dedicado amigo Garcia Redondo, sempre amigo dos empreendimentos generosos.

O numero 23, de 6 de janeiro de 1894, publicou-se ainda em minha ausencia.

Nesse numero, iniciou Araripe Junior a sua collaboração, que jamais nos faltaria. Era um companheiro digno, em tudo, do acendrado respeito e carinho com que o tratavamos. Mais adeante, quando terminar estas simples analyses dos numeros e descrever a nossa vida intima na redacção d'*A Semana*, se me deparará ensejo de dedicar ao inesquecivel amigo algumas palavras, que ao menos terão o valor da sinceridade.

«O romance brasileiro» — tal o titulo da serie de brilhantes artigos por elle escriptos sobre *A Normalista*, de Adolfo Caminha.

Ainda nesse numero apparecia uma das *Cartas a minha irmã*, devidas a José Vicente Sobrinho e tão justamente apreciadas, no duplo aspecto do estilo e das idéas. Wenceslau de Queiroz dava um bom soneto — *Azas de marmore* — e de Julio Cesar da Silva, um grande poeta, um verdadeiro poeta, de quem hoje tão pouco se fala, saíam versos admiraveis.

No numero 24, Francisca Julia da Silva, outra estreatante, irmã de Julio Cesar, offerencia um *lied* — *D. Alda* — que transcrevo, precedendo-o da carta primorosissima que a proposito me enviou.

E' preciso dizer que quando, na redacção, recebiamos os trabalhos de D. Francisca Julia, suppunhamos todos tratar-se de um pseudonymo. Nunca tivemos a menor referencia ao seu nome e, assim, era, até certo ponto, justificavel a nossa reserva. Eis a carta :

«Sr. director d'*A Semana*. — Ahi vae um *lied*. — Sei de mais que nestes tempos em que o espirito já se não

compraz com o perfume campezino, com o ingenuo lyrismo da poesia antiga, tão singella e tocante na sua simplicidade, mormente no Brasil, onde a poesia allemã nunca exerceu uma influencia apreciavel, os *lieds* que tenho composto, á imitação dos de Gœthe, vão passar despercebidos. O *lied* é a poesia popular da Allemanha. Inspirado no amor, ora expansivo e alegre, ora terno e intimo, tocado dessa melancolia morbida, desse vago e ineffavel languor a que os allemães deram o nome suave de *Sehnsucht*, o *lied* é o espelho onde se reflectem todas as tradições, todos os sonhos, toda a alma, emfim, essencialmente romantica, daquelle povo. Henri Blaze, o eximio traductor de Gœthe, tentou debalde acclimal-o na França. Fialho de Almeida já escreveu com muito criterio: « Como generalizar uma tal poesia, quando o espirito não tem mais o perfume da adolescencia e a frescura das edades primaveris? O lyrismo profundo morre, pois, falto de condições sociaes, que o impulsionem e fecundem ». E acclimar o *lied* no Brasil, principalmente nesta época, é uma utopia. Mas, para que se não diga que eu nunca *tentei* alguma cousa, ahi vae um. Mais tarde lhe hei de mandar outros da minguada collecção que tenho. — *Francisca Julia da Silva.* »

Agora os bellissimos versos desse *lied*:

D. ALDA

Hoje D. Alda madrugou. A's costas  
 Sôlta a opulenta cabelleira de ouro,  
 Nos labios um sorriso de alegria,  
 Vae passear ao jardim : as flores, postas  
 Em longa fila, alegremente, em côro,  
 Saudam-n-a : — « Bom dia ! »

D. Alda segue. . . Segue-a uma andorinha ;  
 Com seus raios de luz o sol a banha ;  
     E D. Alda caminha. . .  
 Uma porção de folhas a acompanha. . .  
 Caminha. . . Como um fulgido brilhante,  
     O seu olhar fulgura.  
 Mas — que cruel ! — ao dar um passo adeante,  
 Enquanto a barra do roupão sofralda,  
 Pisa um cravo gentil de lactea alvura !  
 E este, sob os seus pés, inda murmura :  
     — « Obrigado, D. Alda ! »

D. Francisca Julia da Silva encontrou n' *A Semana* o campo apropriado para a expansão do seu brilhante talento.

Os formosos sonetos por ella publicados em nossa revista foram, como disse o illustrado e competente João Ribeiro, ao paronymphar os *Marmores*, « consagrados definitivamente pelo applauso de Araripe Junior, Lucio de Mendonça, Valentim Magalhães, Xavier da Silveira, Silva Ramos, Fontoura Xavier, Max Fleiuss, Escragnolle Doria, Luiz Rosa, Americo Moreira e o prefaciador ».

Foi effectivamente n' *A Semana* que a illustre poetisa paulista alcançou, muito merecidamente é certo, a fama que para logo a corôou.

Ella mesma assim se exprimiu numa carta que me endereçou de S. Paulo, a 9 de abril de 94 e que, como documentação, transcrevo :

« Sr. Max Fleiuss. Devo a *A Semana* (e creio que especialmente a V.) algum nome que tenho. Até ha pouco tempo eu não tinha provado, a não ser muito de leve, o sabor delicado de um elogio. A's vezes, muito raramente, um chronista cá da terra se lembrava de arriscar, com timidez, algumas palavras de encomios. Quasi sempre não passavam de « poetisa esperançosa, si bem que pouco

inspirada, mas sem pretensões artisticas » . . . E eu devorava essas palavras com avidez, saboreando-as longamente. Quando publiquei a minha primeira poesia, uma ballada á antiga, um dos nossos poetas, Severiano de Rezende, que, falemos a verdade, nunca fez bons versos, me dedicou algumas linhas pela imprensa, em que me aconselhava a que não escrevesse mais versos, e terminava assim, si me não falha a memoria: « Minha senhora, ha occupações mais uteis: dedique-se aos trabalhos de agulha ». E' inutil dizer que não acceitei o gentilissimo conselho. . . Depois tive occasião de ler um artigo do Sr. Dr. Valentim Magalhães, em que se citavam, com profusão, nomes femininos. O meu passou em branco. Fiquei triste. Foi essa a razão por que, acostuada a não me julgar nada, mesmo entre os versejadores da ultima plana, sempre me conservei arredia de todos os certamens.

« E, entretanto, nestes ultimos tempos, o meu nome já é citado nas rodas literarias com certo respeito e deferencia. A quem o devo? Quero crer que a *A Semana* e particularmente a V. Quanto aos *lieds* que devo a *A Semana*, mais tarde mandarei. Temo, porém, que se torne desagradavel a assiduidade da minha collaboração.

« Brevemente lhe mandarei duas poesias, ao gosto nephelibata, assassinadas ha tempo pela má revisão do *Correio*. Correctas como estão, retocadas com algum rigor de fórma, quero vel-as publicadas n' *A Semana*. Ser-me-á permittido? — *Francisca Julia da Silva*. »

Para provar, já naquelle tempo, o valor de D. Francisca Julia, basta transcrever o seu magnifico soneto *Os Argonautas*, publicado em primeira mão n' *A Semana* e que constitue a mais pura joia dos *Marmores*:

Mar fóra, eil-os que vão, cheios de ardor insano.  
Os astros e o luar, — amigas sentinellas,  
Lançam bençams de cima ás largas caravelas  
Que rasgam fortemente a vastidão do oceano.

Eil-os que vão buscar noutras paragens bellas  
Infindos cabedaes de algum thesouro arcano. . .  
E o vento austral que passa em coleras, ufano,  
Faz palpitar o bojo ás retesadas velas.

Novos céus querem ver, mirificas bellezas ;  
Querem tambem possuir thesouros e riquezas,  
Como essas náus que têm galhardetes e mastros. . .

Ateiam-lhes a febre essas minas suppostas. . .  
E, olhos fitos no vacuo, imploram, de mãos postas,  
A aurea bençam dos céus e a protecção dos astros. . .

Ainda nesse numero 24 o meigo Luiz Rosa publicava um dos seus encantadores poemetos em prosa — *No Inverno*, que retratavam toda a melancolia da sua alma presciente de um fim proximo. Tinhamos ainda Moraes Silva e José Vicente Sobrinho.

No numero 25, de 20 de janeiro, reassumia Valentim o seu posto de chronista, apreciado a todos os respeitos, mimoseando-me com uma referencia amavel e alludindo com verdadeiro chiste ao seu periodo de descanso.

Araripe Junior estudava agora, no *Romance brasileiro*, o *Missionario* do illustrado Dr. Inglez de Sousa ; Leopoldo Brigido, que parece ter abandonado as letras, publicou vibrante quadro intitulado — *Lucta*. Luiz Delfino, o maior sonetista destes ultimos tempos, rapidamente esquecido, e Magalhães de Azeredo contribuiam com esplendidos versos.

Que o éstro sumptuoso de Luiz Delfino illumine por momentos esta chronica de saudades !

## STRUGGLE FOR LIFE

Fui-me viver nas sombras da floresta,  
 Viver ahi só, ahi só buscar repouso,  
 E a serena alegria, e o intimo goso  
 Do céu cheio de luz, da terra em festa.

Pois olhem, nada disto achei, e ousou  
 Crer que ninguem a paz haurira nesta  
 Mentida calma : um véu delicioso  
 Cobre o odio, e a traição, que o campo infesta.

Fura o bysso da tunica impolluta  
 Do lirio a larva immunda, o insecto, — e ouço  
 O rumor surdo de aspera disputa

Do berço á flôr, do pranto em grito ao fosso :  
 E dão o amor da vida e o horror da lucta  
 Armas ao verme, espantos ao colosso. . .

Alcides Flavio (Fernandes Figueira) concorria nesse numero com uns versos, tambem primorosos, aos quaes accrescentou a seguinte observação : — « A fórma desta composição, que ainda não foi, ao que me consta, usada em portuguez, não é arbitraria. Vide: *D. Quijote de la Mancha*, part. I, cap. XIV, « Canción de Crisóstomo ».

## ETERNO ASSUMPTO

Si eu espalhasse pelo mundo a fria  
 E insuperavel dôr que me devora,  
 E o meu orgulho por tal fim calcasse,

Talvez da multidão frivola um dia,  
 Um segundo, um minuto, acaso uma hora,  
 Tivesse chascos a gilvar-me a face.

Fôra-me então bem triste o desenlace  
 Desta paixão. . . tristissima. Annos tantos  
 Tudo encobrir, mostrar-se venturoso,  
 E após tanto martyrio silencioso  
 Manchar de risos os sagrados prantos.

Menos cruel, emtanto, o torpe insulto  
 Do que o cancro esconder, soffrel-o occulto. . .  
 Mas soffrerei, que o amor o determina :  
 Nem um momento assim terá censuras  
 A immaculada mão que me assassina.

Silva Tavares e Garcia Redondo, o nosso incansavel amigo, tambem competiam nesse, sem duvida alguma, esplendido numero.

Em fins de janeiro de 1894 transferiamos o nosso escriptorio da rua dos Ourives para a de Gonçalves Dias n. 67, 1º andar, por cima da charutaria do Alcantara, mais tarde cognominado por Lucio de Mendonça — « Alcantarão » — e depois — « Alcatrão ».

Muito accessivel o novo ponto, a dois passos da rua do Ouvidor, o contacto tornou-se mais directo e, dentro em breve, a redacção d'*A Semana* constituiu-se o centro predilecto de uma companhia illustre, que se denominou — o *bonde*.

Adeante, occupar-me-ei desse capitulo: merece o *bonde* uma referencia menos summaria. As viagens que nelle faziamos, pelos caminhos das letras e arrabaldes da vida alheia, foram sempre interessantes, embora, raro, um ou outro passageiro tivesse momentos de rebeldia, rapidamente suffocada pelo calmante de uma boa chicara de café. . .

Foi em o novo escriptorio que appareceu o numero 26, muito bem feito por Valentim, Silva Ramos, Araripe Junior, Gastão Bousquet, Luiz Rosa, José Vicente Sobrinho e M. B. Cepellos. *Enrico* (Henrique de Magalhães) mantinha o seu temivel «Correio» e os «Tratos á bola».

A 3 de fevereiro publicava-se o numero 27, no qual prestámos justa homenagem ao conselheiro Dantas, que dias antes fallecera.

Valentim, tratando, na «Historia dos sete dias», do triste acontecimento, dizia: — «A obra da Justiça começou, entretanto, apenas. E é indispensavel concluil-a: o Brasil deve uma estatua a Manuel Pinto de Sousa Dantas. Quando lhe pagará essa divida de bronze?» Excelente idéa, que merecia já ter fructificado.

Francisca Julia concorria com um de seus magistraes sonetos; Araripe Junior proseguia na analyse do *Missionario*, do Dr. Inglez de Sousa; Maria Clara da Cunha Santos dava alguns bonitos versos. Garcia Redondo, com a sua *Botanica amorosa*. Wenceslau de Queiroz e Lafayette de Toledo contribuiam galhardamente.

Na secção «Os que surgem», Valentim apresentava da seguinte fórma os estreantes: — «Hoje, na secção — «Os que surgem», temos a honra de apresentar ao publico literario um novo prosador e um novo poeta — Valdomiro Silveira e José de Freitas Guimarães. O primeiro tem vinte annos, é paulista, e estuda o ultimo anno do curso juridico em S. Paulo; o segundo, muito moço tambem, cursa a terceira serie juridica da mesma faculdade, e, como é pobre, trabalhou no commercio de Santos. Um e outro parecem-nos cheios de talento e ricos de promessas».

De Valdomiro publicavamos — *Vinó*, bellissimo conto; de Freitas — uma poesia denominada — *Si eu fosse ave!*, que lhe patenteava o éstro. As palavras de Valentim foram mais uma vez propheticas: Valdomiro Silveira é hoje um artista da palavra, Freitas Guimarães outros lauréis conquistou como poeta.

A este sou especialmente agradecido pelo mimo com que me distinguiu: um exemplar do «*I quattro poeti italiani*» (In Firenze, G. C. Sansoni, editore, 1886), em

cuja folha de rosto teve a bondade de escrever captivante dedicatoria. Dentro do volume, em simples borrão, havia uns versos de Freitas, algumas estrophes magnificas, que eu reproduziria com prazer, si ainda as possuísse.

O numero 28 publicava-se com a pontualidade de sempre, no sabbado, 10 de fevereiro, com a collaboraçãõ apreciavel de Magalhães de Azeredo, Redondo, Gervasio, Fioravanti, Bento Ernesto Junior, Damasceno Vieira e Leopoldo Brigido. Surgiam nesse numero Agostinho Vianna e Demosthenes de Olinda.

A 18 desse mesmo mez apparecia o numero 29, abrindo com a « Historia dos sete dias », escripta por N. N., pseudonymo de João Ribeiro, novo companheiro que se alistara, trazendo-nos o enorme fulgor do seu talento e de illustraçãõ. Essa sua chronica foi considerada novo triumpho para a nossa folha.

Alberto de Oliveira dava um soneto digno do seu renome. Araripe continuava no *Missionario*, do Dr. Inglez de Sousa. Luiz Rosa publicava bellos versos, Themistocles Machado — um conto de sua terra. Ainda João Ribeiro, acudindo ao appello de Francisca Julia, offerecia a seguinte traducçãõ de um *lied* de Geibel :

— \* Eis-te afinal nos meus braços, querida !  
E a palavra em silencio desfallece,  
Pois minha bocca á tua bocca unida  
Queima em sêde e os vocabulos esquece. . .

Nada mais pôde dar-nos a ventura,  
Todas as beatitudes eu desdenho,  
Pois eu possuo essa alma amada e pura. . .  
E, tendo-te, afinal eu tudo tenho.

Venha o destino semeando abrolhos,  
Entenebreça a terra e a gloria della. . .  
Hão de bastar-me apenas os teus olhos,  
Abrindo (novos céus !) a doce umbella ! »

Tambem o venerando conselheiro Joaquim Monteiro Caminhoá, a meu pedido, escrevia uma apreciação sobre a *Botanica de Hooker*, traduzida pelo Sr. Villalobos. Faria Neves Sobrinho dava-nos — *O Coração*, excellentes versos, affirmando o valor do, então, novel poeta.

Nesse numero iniciámos a traducção de um trabalho de Augusto Strindberg, o grande literato sueco, com o expressivo titulo — *Torturas de consciencia*, paginas vibrantes, recordando scenas do anno de 1870 na guerra entre a Prussia e a França.

O numero 30 trazia nova chronica de João Ribeiro e, além disso, a contribuição opima de Araripe Junior, Julio Cesar da Silva, Urbano Duarte (o nosso muito querido Urbano), Themistocles Machado, Fernandes Figueira (Balthazar Cherbonneau), Gervasio Fioravanti, Cepellos, Valdomiro Silveira com o admiravel conto — *Allucinação*, e Freitas Guimarães.

O soneto de Julio Cesar da Silva despertou em nosso circulo unanimes applausos. De facto, merecia-os. Que o julguem os actuaes leitores:

#### MORTO

Quando estiver bem só no meu pobre reducto  
De morto, sob a paz do Nada e dos Arcanos,  
Surdo á mofa boçal que, á laia de tributo,  
Me renderem o riso e a bocca dos profanos,

Com que prazer verei, do meu caixão de lucto,  
Os costumes de agora, esses nadas humanos,  
Que apenas têm no Tempo o espaço de um minuto,  
Coarem-se na clepsydra infindavel dos annos!

E si alguém se lembrar de, interrompendo a fome  
Das traças e do pó, reler, com a voz sentida,  
O meu livro modesto e as letras do meu nome,

A minha branca ossada, em seu fosso profundo,  
Palpitará talvez com essa pouca de vida  
Que deixei, por acaso, espalhada no mundo !

Na «Gazetilha literaria» transcreviamos as referencias feitas a *A Semana* pelo grande poeta Olavo Bilac, das columnas da *Gazeta de Noticias*.

Assim se exprimia o maior dos nossos poetas vivos : — «Quem vive, longe dos partidos que se degladiam, apartado da agitação em que se debatem hoje as opiniões politicas, observa um facto raro, um phenomeno singular, digno de occupar o estudo e a reflexão de um Silvio Roméro ou de um Araripe Junior. Refiro-me á florescencia inesperada e rica que se manifesta nas letras brasileiras, justamente agora no cyclo de sangue da revolta, quando era mais natural que todas as attenções dos moços estivessem voltadas exclusivamente para a politica — sereia maldita cuja voz sabe, em nossa terra, com tanta seducção, tentar e matar as vocações literarias. Ha poucos mezes ainda, os jornaes em plena liberdade, em pleno uso de garantia, dedicavam todas as suas columnas a artigos de combate e a noticiario sem côr, de que a literatura parecia ser propositalmente afastada. Um ou outro conto apparecia de quando em quando, assignado por nome já conhecido. Dos poetas, si nenhum dos velhos apparecia mais em publico, mostrando não haver ainda desaprendido o rythmo divino, tambem nenhum novo de talento se impunha, conseguindo reunir em torno de si essas referencias vagas, essas reclamações raras, essas censuras

acrimoniosas e frequentes, que desperta logo o apparecimento de um escriptor de merito.

«Mas, de repente, um sangue vivo se injectou nas letras.

«A *Semana*, a bella revista a que Valentim Magalhães e Max Fleiuss consagram todos os seus esforços, ahi está, cheia de revelações. E' raro o numero do excellente hebdomadario em que não appareça um nome novo de escriptor, firmando versos e prosa, que, si ainda não esplendem na plena luz de obras acabadas, já trazem dentro de si uma palpitação grande de promessas. Isso dá a cada numero da formosa *Semana* um aspecto de campo que, passado o rigor do inverno, amanhece ao bafo calido da primavera com as galhadas das arvores não ainda arreiadas de folhas e flores, mas já cobertas de gommos verdes, em que canta e fulgura a esperança da floração vindoura.

«Um dos seus redactores, creio que o proprio Valentim, queixava-se ha pouco de que a folha não tivesse na segunda phase a collaboração daquelles que, na primeira, lhe deram as primicias do seu trabalho. Que importa? Si ha desilludidos, si ha cansados, si ha mortos, — não está ahi um novo exercito, de armas luzindo ao sol da mocidade e da fé, apanhando no chão com coragem os destroços de que o juncaram os fugitivos e os desesperados? Porque, enfim, o que mais me entusiasma nessa geração que surge, não é o seu talento, mas o seu trabalho, a abnegação com que ella se atira a esta profissão rude em que, si a cabeça ganha louros, as calças ganham remendos e os paletots, por falta de reforma, perdem a côr».

Ainda nesse numero annunciavamos o proximo apparecimento do *Retrospecto literario de 1893*, de que se incumbira Araripe Junior.

O numero 31, apparecido a 3 de março, despertou attenção notavel. E' que estampava o resultado do primeiro concurso de poesia; em breve se devia seguir o do concurso de prosa. Escolheramos para juizes desses certamens — quanto á poesia: Arthur Azevedo, Fontoura Xavier e Silva Ramos; quanto á prosa: Araripe Junior, Lucio de Mendonça e Aluizio Azevedo.

Publicavamos o premio unico de poesia conquistado pelo Sr. Victor Silva:

#### FOGO-FATUO

A' primeira poetisa brasileira, D. Francisca Julia da Silva

No funesto pavor das noites taciturnas  
Que chama accende, ó morte, o teu gelido ossario,  
Quando envolto no pó, pelas covas soturnas,  
Corre um fogo subtil de pallor funerario. . .

Corre leve na sombra. . . e na sombra tão vario,  
Ora valsa veloz sobre o bojo das urnas,  
Ora exangue na nevoa, a tremer solitario,  
Foge ondeando no véo das bafagens nocturnas.

Assim, numa outra plaga, a mesma noite calma;  
Plange um velho chorão, de um sarcophago junto. . .  
E na treva, onde pesa o silencio tristonho,

De repente agitando o cemiterio da alma,  
Passa a sombra fugaz do phantasma de um sonho  
— Agoureiro clarão de um coração defunto.

Na «Gazetilha litteraria», tratando dos concursos, escrevi a noticia que se segue:

#### CONCURSOS LITERARIOS

Foram premiados nos concursos literarios ultimamente encerrados por esta folha os seguintes concurrentes:

## CONCURSO DE POESIA

Premio unico: alcançado por Victor Silva, com o soneto *Fogo Fatuo*, que trazia a divisa de Ed. Pöe: — «Teu coração é o teu tumulo».

Os outros trabalhos que recebemos traziam as seguintes legendas: «Querer é poder», «Hermengarda», «Poetry has a natural alliance with our best affections», «Ainda e sempre», «Sem legenda», «Sem pretensão», «Ora vejam a audacia», «Aut Cesar aut nihil», «Trabalha e espera», «Audaces fortuna juvat», «Luz, luz, mais luz», «Talvez»... «Odio ao vulgo profano», «Alea jacta est», «E por que não?», «Todos cantam sua terra», «Quem espera sempre alcança» e «Lauro de Simas», ao todo 19.

## CONCURSO DE PROSA

Primeiro premio: Garcia Redondo, autor do conto *O Caso do Abbade*, com a divisa: Je ne réclame que le mien»; segundo premio: Escragnolle Doria, autor do conto *Dor*, com a legenda «Alea jacta est»; terceiro premio: Carlos Dias, autor do estudo descriptivo *Scena Romana*, com a legenda «Qualquer pensamento é bom ou máo, etc.»

Apresentaram-se mais alguns concurrentes com as seguintes legendas: «Sua alma sua palma», «Querer é poder», «Póde ser que sim», «Alcança que não cansa», «Trabalha e espera», «Honni soit qui mal y pense», «Spera», «Teus olhos me guiam», «O anel do infortunio» e «Ab».

Fôra nos ultimos dias de fevereiro que Lucio de Mendonça remettera o resultado definitivo do concurso de prosa, acompanhando-o deste cartão :

« Ao caro e distincto confrade Max Fleiuss — Lucio de Mendonça — cumprimenta e remette os contos do concurso, com o seu juizo ».

Constituiria isso para Lucio enorme sacrificio, pois que a 26 de fevereiro passara elle pelo transe angustioso de perder a dilecta esposa — D. Marieta de Mendonça.

Valentim fôra tambem attingido pela crueldade da sorte, vendo arrebatada pela morte, a 24 daquelle mez, a unica filha — Valentina, gentil creança de cinco annos.

A 25 escrevia-me o saudoso companheiro :

« Fleiuss : Devemos partir para Juiz de Fôra na quarta feira, 28. Mas não tenciono ir ao escriptorio antes disso. Preciso estar constantemente ao lado de minha mulher, que está quasi louca de dôr. Além de que não tenho desejo de ver ninguem. Por isso, manda-me amanhã aqui, até 4 horas da tarde, as cartas que ahi houver para mim. Manda-me tambem alguns exemplares do ultimo numero d'*A Semana* e tambem do penultimo. Vi que todos os jornaes publicaram a triste noticia da morte do meu anjinho. A mais amistosa e sentida é a do *Paiz*. A todos agradecerei depois. Si puderes vir até cá, vem, para conversarmos e distrahir-me. Preciso muito disso. Teu *Valentim* ».

O triste acontecimento forçou-me a assumir a direcção da folha; do querido companheiro não se podia exigir esforço intellectual em crise tão acerba.

Mas voltemos ao numero 31, em que Araripe Junior começara o magnifico « Retrospecto literario de 1893 ».

Nas magistraes linhas de prefacio, escrevia Araripe, entre outras cousas :

« Por infelicidade nossa, porém, as revistas não puderam acclimar-se no Brasil; e ainda ha bem pouco tempo vimos uma publicação destas, a mallograda *Revista Brasileira*, fenecer no fim de dois annos, apesar de ter exhibido durante esse tempo a maior vitalidade sob o ponto de vista da collaboração. Difficilmente vehiculados pelo lado financeiro, os directores da empresa não tardaram a desanimar, e, no momento em que ella começava a accentuar os seus principaes effeitos, sentiram a necessidade de cortar a vida de relação já então estabelecida por seu intermedio entre os cultores das letras do Rio de Janeiro e os das provincias mais remotas.

Foi a *Revista Brasileira* (entre outras citarei este exemplo) que trouxe ao conhecimento dos espiritos cultos desta capital que em 1880 havia no Pará um movimento literario bem notavel iniciado por um escriptor, hoje muito reputado na imprensa fluminense, porque aqui reside e já fez parte brilhantemente do jornalismo, mas que entretanto naquelle tempo alli vivia obscuro, ignorado, embora tivesse dado á estampa, nos jornaes da terra, os seus *Estudos Amazonicos* e outros trabalhos de critica, que poderiam ser collocados a par dos trabalhos dos mais audaciosos pensadores brasileiros. Ora, é bem possivel que, si a *Revista* não puzesse José Verissimo em contacto com o grande publico, estivesse elle ainda a vegetar lá pelo Pará, e que por fim, perdidos os estimulos, acabasse por onde acabam todos os talentos provincianos, arruinando o espirito nas sordidas polemicas de campanario. »

Essa referencia, aliás justissima, ao Sr. José Verissimo não conseguiu entretanto, que o illustrado critico, ao tratar da imprensa brasileira no *Livro do Quarto Centenario* (1900), citasse, nem mesmo sem outro commentario, *A Semana*, que, é indiscutivel, em ambas as phases, tanto contribuiu para o desenvolvimento das nossas letras. Simples inadvertencia, talvez, mas nem por isso menos lamentavel.

Ainda nesse mesmo numero publicavamos, além do retrato do Dr. Prudente de Moraes, eleito presidente da Republica, trabalhos de Demosthenes de Olinda, Garcia Redondo, Themistocles Machado, Leopoldo Brigido, Ramos Arantes, J. de Moraes e Silva e uma esplendida traducção da poesia *O Amen das pedras*, de Ludw. Kosegarten, devida a João Ribeiro.

Entre esse e o numero subsequente recebia a redacção a seguinte carta, endereçada a Luiz Rosa, nosso secretario :

« Petropolis, 4 de março de 1894, rua D. Izabel n. 2. Amigo e senhor. — Penhorou-me sobre-maneira a carta de V. S., de 1 do andante, portadora de gratas novas para mim. Dou-me pressa em lh'a agradecer cordialmente. Como pessoa de minha inteira confiança, indico o Sr. Dr. Azevedo Junior, que tem consultorio medico á rua dos Ourives 35. Rogo-lhe a fineza de acceital-o como meu bastante procurador. Renovando agradecimentos, subscrevo-me de V. S. confrade e admirador. — *Escragnolle Doria.* »

Apparecia-nos este nome como revelação muito sympathica. Não o conheciamos, nunca ouvimos pronuncial-o e da vez primeira que isso occurria era como o de um victorioso. Mais tarde justificaria elle o carinho com que o acolhêmos. Dentro de poucos mezes, de simples collabo-

rador, passou a secretario d'*A Semana*, buscando auxiliar-nos com a efficacia de sua culta intelligencia e boa vontade.

A 10 de março publicava-se o numero 32, com uma chronica de João Ribeiro (*N. N.*), inserindo tambem o primeiro premio de prosa — *O Caso do Abbade*, de Garcia Redondo; o « Retrospecto litterario », de Araripe Junior; um conto — *A imagem della* — de Valdomiro Silveira, versos de Francisca Julia, Victor Silva, Jayme Sertorio (Fernandes Figueira), Faria Neves, João Andréa; a secção — « Os que surgem » — apresentava Arminio de Mello Franco, o illustre diplomata de hoje.

A 17 de março publicava-se o numero 33, que reclamou especial cuidado, pois a 13 terminara a revolta da esquadra na bahia do Rio de Janeiro, recolhendo-se os revoltosos aos navios de guerra portuguezes — *Mindello e Affonso de Albuquerque*, sob a cavalheirosa protecção do bravo Augusto de Castilho, credor, desde essa data, de uma pagina de honra em a nossa historia patria. A opinião publica achava-se dividida e, no momento, fortemente abalada. *A Semana* não era um jornal politico: fôra preferivel evitar o assumpto. Assim pratiquei com applauso de todos os collegas. Valentim, ao contrario, queria que se entoassem hymnos aos vencedores e fez, por isso, questão absoluta de que no numero subsequente apparecesse violento artigo que enviou de Juiz de Fôra. Não agradou, nem mesmo aos triumphadores...

Nesse numero iniciava-se a publicação do conto — *Dor*, de Escragnolle Doria, segundo premio de prosa. Araripe Junior com o « Retrospecto », Valentim, Freitas Guimarães, Paulo de Lacerda (que tivera a gentileza de me

dedicar um bello soneto), Isaias de Oliveira e outros completavam a excellente collaboração.

O numero 34 appareceu a 24 de março, com uma admiravel chronica de João Ribeiro, eivada de politica, mas espirituosa a valer, o que lhe attenuava os effeitos. Fontoura Xavier dava as — *Estrophes a Baby Mee*. Escragnolle Doria continuava o seu premiado trabalho. Araripe Junior no « Retrospecto » Luiz Rosa, Julio Cesar da Silva, Abel Gama, Freitas Guimarães competiam com habitual talento. Nos versos surgiam, com brilhantismo, Armando de Mendonça e Maria de Azevedo.

Maria de Azevedo era uma fantasia de João Ribeiro. Annunciavamos tambem a resolução de publicar a traducção integral do *Intermezzo* de Heine, aproveitadas as versões, já feitas, de Raymundo Corrêa e Gonçalves Crespo.

O numero 35 trouxe maior fulgor a *A Semana*. E' que Lucio de Mendonça vinha definitivamente collaborar con-nosco e estreava com uma chronica, em que se reflectia toda a pujança de seu espirito, nimamente combativo. *Z. Marcas* o pseudonymo que adoptara.

Concluimos em tal numero a — *Dor*, de Escragnolle Doria, que grangeara geraes applausos. Além desses, Francisca Julia, Garcia Redondo, com as chistosas *Tamaras de Salomão*, e Araripe Junior.

Publicavamos ainda a primeira « Carta de Joaquim Alves ».

Extremamente curiosas estas cartas, em que Valentim (*Joaquim Alves*) e Lucio de Mendonça (*Pedro Alves*) tratavam, com verdadeiro humorismo e causticidade, de varios assumptos que na época provocaram acirrados debates.

A primeira «Carta de Joaquim Alves» analysava o concurso d'*A Semana* e o da *Gazeta de Noticias*.

Nesse mesmo numero começou a traducção brasileira do *Intermezzo*, de Heine, publicando as versões de Lucio de Mendonça, Luiz Rosa, João Ribeiro, Fontoura Xavier, Valentim Magalhães, Pedro Rabello, Raul Pompéa, Rodrigo Octavio, Silva Ramos, aproveitando as já conhecidas de Gonçalves Crespo.

A traducção brasileira do *Intermezzo* constitue um dos mais legitimos triumphos obtidos pel'*A Semana*. Mais tarde reunida em volume, de que foram tiradas duas edições, prefaciou-a Escragnolle Doria. Destacaremos apenas os primeiros periodos desse apreciado proemio, no qual o prefaciador explica a origem do commettimento :

«As traducções são titulos á immortalidade. Concede a lingua vernacula um delles a Henrique Heine, graças á iniciativa de João Ribeiro e Max Fleiuss, que ao mesmo tempo pensaram em naciolinazar o *Intermezzo*, idéa corporificada no presente volume, para o qual foram aproveitadas selectas versões, na maior parte ineditas, dos melhores poetas brasileiros, antigas e modernas, inclusive Gonçalves Crespo, nosso pelo nascimento. Depois de estampadas nas columnas d'*A Semana*, as versões dos numeros do *Intermezzo* aspiraram á construcção mais solida que a do jornalismo ephemero, e formam hoje este livro, onde os sons da lyra de Heine soam eolizados por outras lyras afinadas pela delle.»

Em carta que a 29 de março escrevera de Juiz de Fóra, dizia-me Valentim :

«Incluo a poesia *Valentina*, fragmento de um poema de dôr, que hei de escrever aos poucos, porque cada verso

me vale uma punhalada. Não desejo publicar esse fragmento, por enquanto. Mas lembrou-me tiral-o em avulso, bem impresso, com uma tarja ou symbolo funebre, em edição muito limitada, para offerecer um exemplar com dedicatoria manuscripta a cada uma das pessoas que *a* amaram e *lhe* choraram o passamento ou me acompanharam no meu infortunio. Si approvas a idéa, manda já compôr os versos, combinando antes o typo, impressão, formato, etc. Deve haver uma pagina em branco para a dedicatoria e o papel quasi cartão. . . Ainda bem que a minha traducção do Heine te agradou! Esplendida a idéa da publicação de todo o *Intermezzo* ».

Tendo convidado o eminente Sr. Coelho Netto a tomar parte nessa traducção, respondeu elle com as seguintes linhas, que me penhoraram pela delicadeza, embora encerrando uma recusa: — «Meu caro Max. Si lyra houvesse, grato me seria rapsodiar o mestre sentimental. . . Mas onde viste, jamais, versos da minha lavra?

Queres que eu profane o Parnaso? Não sei lidar com o plectro e para desafinar na symphonia lyrica, isso nunca! Sou gralha e como tal me conheço, sem invejar plumagens mais garridas. Commette a poetas o exercicio e conta com a minha amizade. Boa Esperança, 31-2-94. — Teu *Coelho Netto*. »

Simple demonstração de modestia, pois que ao seu talento tudo era possível.

Vimos depois que bellos versos soube fazer o autor de *Guanabara*.

Na «Gazetilha literaria» davamos tambem brilhante carta desse illustre escriptor, na qual nos remettia os originaes do seu poema em prosa *Guanabara*, e annuncia-

vamos a publicação da *Missão de Purna*, de Olavo Bilac, régio mimo que o grande poeta entregara, em Juiz de Fóra, a Valentim.

Abriamos também o segundo concurso de poesia e prosa, devendo ser julgadores quanto á poesia — Luiz Delfino, Alberto de Oliveira e Rodrigo Octavio; quanto á prosa — Coelho Netto, Urbano Duarte e Raymundo Capella.

A 7 de abril publicavamos o numero 36, sem duvida um dos mais brilhantes e bem feitos, do qual foram tiradas tres edições successivas e, mezes adiante, mais uma.

A «Historia dos sete dias», deliciosamente feita por João Ribeiro, o «Restrospecto», de Araripe Junior, *Guana-  
bara* de Coelho Netto, a *Missão de Purna*, de Olavo Bilac, «Cartas ingenuas de Pedro Alves» (Lucio de Mendonça), um artigo de Rodrigo Octavio sobre a eleição de Heredia para a Academia Franceza, a continuação do *Intermezzo*, uma pagina de Raymundo Capella sobre Santos Valente, carta de «Joaquim Alves» (Valentim Magalhães). Um primor, ou antes uma serie de primores.

Raramente, com effeito, tem apparecido numa revista tão apreciavel conjuncto, attestando a pujança dos nossos verdadeiros homens de letras. Por isso mesmo o numero teve extraordinaria aceitação.

Dias antes, a 3, de Juiz de Fóra, Olavo Bilac, a quem todos nós haviamos enviado um telegramma de felicitações pelos magistraes versos da *Missão de Purna*, escrevia-me a seguinte carta, que traduz o zelo justissimo de quem possui a consciencia de ter produzido uma obra de arte:

«Meu caro Max — Abraço-te. Agradeço-te e aos mais signatarios do telegramma a generosa e immerecida glori-

ficação do meu nome. Peço-te uma revisão escrupulosíssima. Não traduzi ainda o numero do *Intermezzo*, porque estou, além de doente, atarefadíssimo; traduzil-o-ei hoje, talvez. Perdôa o laconismo desta carta, attendendo a que tenho o figado retalhado de dores. Ainda uma vez, peço-te para a *Missão de Purna* uma revisão attenta. Abraço-te. Abraça tambem o teu velho amigo — *Olavo Bilac.*»

Valentim Magalhães, tambem de Juiz de Fôra, dizia-me desse numero: — «Um numerão, *seu* compadre! Aperte estes ossos e... continúe! A chronica é soberba, um primor de estylo e malicia velada! Cumprimento com ardor o João, João o bravo, João o forte, João o puro. Cumprimento tambem o Rodrigo Octavio pelo bonito artiguinho sobre o Heredia. *Guanabara* é bonito. A *Missão de Purna* deve fazer enorme successo. Relendo-a, ainda mais gostei della. «Retrospecto» sempre excellente. «Pedro Alves» é o Lucio, não é? Penso que foi um pouco prematura a apparição do terceiro mano de *Joaquim Alves*. Mas promete não desmerecer dos irmãos. Saúdo prazeroso a brilhante estréa do Capella. Bravos! Bravos! Bravos!»

Ainda nessa carta dizia Valentim: — «Sciende quanto ao que me informas sobre *Joaquim Alves*. Com que então têm feito barulho as cartas? E attribuem-nas a varios; mas o Lucio e o João a mim? E o João jura agora que é o Fontoura! E' boa! O Redondo tambem me escreveu affirmando-me que «Joaquim» sou eu e pedindo-me a confirmação. Vou responder-lhe que não sei quem é; que tu mesmo a mim não o disseste, por compromisso tomado com o mysterioso autor. O Magalhães de Azeredo, tendo lido a primeira, attribuiu-a, sabes a quem? ao Redondo! E' boa! Vou tomar as precauções que aconselhas. E' preciso guardar

todo o segredo sobre o pseudonymo, para poder aproveitá-lo. O Olavo sabe quem é o *Joaquim Alves*, porque m'o declarou em face com tal convicção que a minha negativa sahiu muito frouxa. Mas exigi delle o maior segredo.»

A estréa, nesse numero, de Raymundo Capella foi realmente magnifica. Talvez hoje poucos se lembrem desse fino espirito, que nos honrava com a sua estima.

Natural da India Portugueza, Capella formara-se em Coimbra, notabilizando-se desde cedo pela estupenda erudição e pela graça com que a demonstrava nas palestras. Baixo, gordo, as feições empapuçadas, a fumar eternamente um cigarro horrivel, que se desmanchava a cada momento, Capella levava horas a conversar, de todos admirado pela segurança da observação, talvez caustica em excesso, mas servida por uma cultura que abrangia quasi todos os ramos intellectuaes. Transfigurava-se então, absorvido pelo assumpto. Lucio disse certa vez que, ao ouvil-o, chegava a acreditar na metamorphose, pois via um hippopotamo transformar-se em aguiá; achava-o nesses momentos até bonito.

Insubmisso ás leis da hypocrisia que regem o mundo, Capella passou rapidamente pela carreira consular portugueza e preferiu ser professor.

Tratando, nesse numero, de Santos Valente, eis como se exprimiu Capella:

— «Extremamente modesto, talvez por preguiça ou preguiçoso talvez por modestia, tem dado raras obras:— um volume de poesias em portuguez e latim (em latim! notem bem!), ainda quando estudante, ha trinta e tantos annos: varias traducções esmeradas de prosa, por exemplo a do delicioso romance italiano de Barrili, *Como um sonho*, e

outros da mesma serie romantica, que me não lembram agora ; collaborou com Thomaz Ribeiro e Xavier Cordeiro nas traducções em verso da *Anthologia Grega* e de meias commigo inventou e compôz o *Diccionario Contemporaneo* de Caldas Aulete, do qual está preparando uma nova edição, correcta e augmentada com mais de 14 ou 15.000 vocabulos. Que contribuição para a confusão das linguas ! »

Merece transcrição o bello soneto de Santos Valente, que serviu de motivo ao artigo de Capella :

A ti, meu Deus, consolador de afflictos,  
A ti recorro afflicto e descontente :  
Contra tamanha angustia, em ti sómente,  
Em ti, Senhor, eu tenho os olhos fitos !

Si enches de graça os corações constrictos,  
Si és justo e bom, si és pae e si és clemente,  
Estende-me o teu braço omnipotente,  
Acolhe a minha prece, ouve os meus gritos !

Senhor ! ás minhas lagrimas responde !  
Sem ti, neste deserto em vão eu brado.  
Não sei onde ache allivio ao meu tormento !

E responde-me Deus, não sei lá dondê :  
— « Si o não sabes, nem eu, ó desgraçado !  
Que nasci do teu proprio pensamento. »

Não menos interessante o numero 37, que se publicou em 14 de abril de 94. Além da « Chronica » de Silva Ramos, do « Retrospecto » de Araripe, de *Guanabara* de Coelho Netto, do *Intermezzo*, do estudo descriptivo de Carlos Dias, terceiro premio de prosa, inseria o prologo do *Intermezzo*, especialmente traduzido por Machado de Assis, e o « Museu da Semana », no qual Lucio de Mendonça mettia á bulha Machado de Assis, Aluizio e Arthur Azevedo,

Rodrigo Octavio e a si proprio. Valentim occupava-se da *Opera Lyrica*, livro de versos de Pedro Rabello.

Por essa época o meigo Luiz Rosa, nosso secretario, viu-se forçado a deixar-nos: a terrivel molestia que o dominara já não lhe permittia trabalhar. Dizia-me elle em uma carta sentidissima: — «Meu caro Fleiuss. Escrevo esta aborrecido e doente; diz o meu medico, de certo para illudir-me, que a minha molestia não é perigosa. Por isso aconselha a ir para fóra. Talvez vá hoje, mas peço-lhe, que me auxilie e sinto que não poderei recompensal-o... *A minha molestia não é perigosa*, diz o medico... Mas o seu bom coração me valerá. Como vae a impressão do *Lotus*? Do grato — *Luiz Rosa.*»

Sabiamos que o dedicado companheiro estava condemnado pela tuberculose, e, pois, a sua ausencia causou-nos intensissimo pezar. Pobre Luiz Rosa!

A 21 de abril apparecia o numero 38, com a «Historia dos sete dias», escripta por Araripe Junior, sob o pseudonymo de «Padre Antonio Pereira Filho.» Deliciosa chronica, revelando mais uma face do grande talento de Araripe, que continuava no seu excellente «Retrospecto» (*Retroz preto*, como dizia, chasqueando, Urbano Duarte). Competiam tambem nesse numero Coelho Netto, Lucio, com uma das cartas de «Pedro Alves» e com o «Museu da Semana», Garcia Redondo, iniciando um estudo sobre Macedo Papança, Valentim e Henrique de Magalhães com uns versos chistosos, subordinados á epigraphe — *Nova Esthetica*. Proseguia, sempre com unanimes applausos, a traducção do *Intermezzo*.

Lucio de Mendonça abria o numero 39, a 28 de abril, defendendo Machado de Assis de uma intriga da baixa

politica. Araripe escrevia não só o «Retrospecto», mas também um artigo sobre o novo livro de Sylvio Romero — *Doutrina contra Doutrina*. Coelho Netto continuava com a formosa *Guanabara*, Magalhães de Azeredo dava um bello soneto — *Semper vincit*, Francisca Julia contribuía com uma delicada traducção de um *lied* de Goethe, e Lucio, nas «Cartas ingenuas de Pedro Alves», criticava, aliás sem razão, a bellissima novella de Affonso Celso — *Lupe*, discordando do applauso com que Urbano Duarte acolhera o livrinho do illustre autor dos *Vultos e Factos*.

Concluía-se também a traducção do *Intermezzo*, dando versões de Pedro Rabello, de Magalhães Azeredo, Lucindo Filho, Francisca Julia, Rodrigo Octavio e Fontoura Xavier.

Valentim Magalhães escrevia uma das «Cartas de Joaquim Alves» e Escragnolle Doria dava-nos emocionante juízo sobre Gemma Luziani, a genial pianista que a febre amarella victimara dias antes. Valentim, que notava em Escragnolle Doria demasiada preocupação dos estudos psychologicos, apreciou immensamente esse, de facto, magistral artigo.

Mais ou menos por esse tempo Araripe Junior, numa das *viagens* do nosso *bonde*, propunha a seguinte designação para os dias da semana: — Kalendario da Semana — domingo, «Valentidi»; segunda, «Lucidi»; terça, «Ribeiridi»; quarta, «Fontouride»; quinta, «Araripide»; sexta, «Octavidi»; Sabbado, «Maxidi». Conservo o autographo.

O numero 40 appareceu regularmente a 5 de maio. Araripe, com o pseudonymo de *Padre Pereira Filho*, escrevia a chronica, exuberante de malicia, e o «Retrospecto».

Lucio de Mendonça concorria com um esplendido conto — *O Hospede*, que me dedicara, Francisca Julia e Luiz Delfino com admiraveis sonetos, Redondo proseguia no seu apreciado estudo sobre Papança, João Ribeiro tratava do artista Sr. Belmiro de Almeida; do nosso querido Luiz Rosa publicavamos um conto — *Filha do Deserto*, e Carlos Dias respondia á critica feita por « Joaquim Alves ».

A 12 de maio publicava-se o numero 41. Valentim, que viera ao Rio para resolver a sua viagem á Europa, escrevia a « Historia dos sete dias », imprimindo á sua prosa um tom de alegria, por se ver restituído, embora por momentos, ao convívio dos excellentes companheiros. — « O bonde, escreveu elle, produziu-me a sensação do oasis para um beduino esfalfado da travessia dos interminos areiaes do deserto e dos respectivos camellos ».

Machado de Assis, o maior de todos nós, o *conductor honorario do bonde*, dava-nos a — *Missa do gallo*, soberbo conto que a meu pedido especialmente escrevera para a *A Semana*. Machado distinguia o autor destas linhas com amizade muito antiga, nascida no tempo da *Semana Illustrada*, quando meu pae, Henrique Fleiuss, director e proprietario daquella revista que tanto renome conquistou, o convidara para a redacção, ao lado de Felix Martins, Pedro Luiz, Victorino de Barros, Bruno Seabra, Ernesto Cybrão, Quintino Bocayuva, que constituíam o corpo de redactores do apreciadissimo hebdomadario. Foi propriamente na *Semana Illustrada* (1860-1876) que Machado conquistou, com a maior galhardia, os fóros de chronista, escrevendo as « Badaladas da Semana », e assignando-as *Dr. Semana*.

Hoje, folheando as collecções daquella revista, póde-se apreciar-o nas primeiras manifestações que asseguravam desde logo o grande mestre em futuro proximo.

Além desse trabalho, o numero 41 trazia um soneto de Magalhães de Azeredo, um artigo de Araripe, *Guanabara*, de Coelho Netto; biographavamos o nosso estimado Garcia Redondo; Urbano Duarte defendia com felicidade e brilhantismo a *Lupe*, de Affonso Celso; Lucio arrasava certo grammatico da época, que vivia a dar lições ao povo pelas columnas da *Gazeta de Noticias*; Faria Neves Sobrinho concorria com um soneto, e Redondo terminava o seu estudo critico sobre Papança.

Andavamos, então, atarefados com o novo concurso litterario, para o qual Rodolpho Amoêdo, o notavel artista de todos querido, pintára um quadro destinado ao primeiro premio. Lucio de Mendonça era um dos juizes da parte de prosa, e, com meticoloso rigor, estudava os originaes. A 14 de maio escrevia-me:

«Max. Tenho lido e relido. Uma trabalhadeira! Só tu e o Valentim (quando volta esse animal?) me obrigariam a esta inferneira! Ahi vão o documento e a carta, perfeitamente regulares, tanto que já foram avaliados no meu inventario, de cujos autos foram desentranhados, mediante requerimento. Arranja-me, para hoje, sem falta, um bom desconto, que te pago um jantarinho no melhor *frege* da capital. Daqui vou-me a Capua, e depois a esse antro infecto de Harpagon, onde espero sorver o moka do estylo, mas em chicara nova. Até logo, pois. Teu — *Lucio de Mendonça*.»

A 17 de maio escrevia de novo:

«Max. Continúo a ler! Ahi vão as provas. Vê se mandas entrelinhar o artigo, que assim ficará muito mais

cousa. Chegou hontem o Valentim? Estive a ir á estação esperar esse cacete, mas deram-me o jantar muito tarde; hoje, se chegou, terei o desprazer de o aturar. Não vae elle comnosco ao ágape do Amoêdo? Teu — *Lucio de Mendonça.* »

O numero 42 — 19 de maio — trazia a chronica de Araripe que continuava o «Retrospecto», versos de João Ribeiro, Julia Cortines, Emilio de Menezes; Lucio replicava a Urbano Duarte numa das «Cartas ingenuas de Pedro Alves»; Escragnolle Doria offerecia apreciavel poemeto em prosa; Redondo escrevia sobre Silva Ramos; Henrique de Sá, o nosso estimado *Dr. Sahen*, voltava aos «Cavacos Medicos» occupando-se de um livro de Chapot Prévost e F. Fajardo; Coelho Netto dava a *Guanabara* e Magalhães de Azeredo um bello trecho das *Paizagens e Balladilhas*.

Com esse esplendido numero terminava a minha direcção interina. A *A Semana* prosperava francamente.

Regressando de Minas, Valentim Magalhães reassumiu a direcção principal d'*A Semana*, a 22 de maio de 94. Em o numero 43, publicado a 26, logo depois da chronica de Lucio de Mendonça, escreveu elle:

«Reassumindo hoje a direcção d'*A Semana*, agradeço ao meu estimado companheiro Max Fleiuss o modo notavel por que me substituiu durante tres mezes com a sua actividade infatigavel e o seu tacto jornalístico. A João Ribeiro, Lucio de Mendonça, Araripe Junior, Rodrigo Octavio, Fontoura Xavier e Silva Ramos, agradeço igualmente numa effusão de cordiaes abraços o grande lustre e a fulgurante vida que com os seus trabalhos têm dado á nossa modesta revista. Rio, 22 de maio de 1894. — *Valentim Magalhães.* »

Ainda nesse numero Araripe escrevia a continuação do «Retrospecto» e tratava de um livro, então apparecido, sobre historia constitucional. Escragnolle Doria occupava-se das *Rimas de outr'ora*, de Affonso Celso.

Versos, publicavam-se os de Antonio Salles e Alphonsus de Guylmar. Valentim iniciava uma série de cartas a um de seus filhos, que ficára num collegio em Juiz de Fóra.

Cumpre registrar nestas recordações a visita que por essa occasião nos fez o honrado Dr. Prudente de Moraes, eleito presidente da Republica, mas de cuja posse muitos duvidavam, pois que parecia certissimo um golpe de Estado. O Dr. Prudente de Moraes era um homem aparentemente retrahido, antithese de seu digno irmão Manuel, que á primeira vista deixava transparecer suas opiniões, dizendo á queima roupa, sem receios de especie alguma, o que pensava. O Dr. Prudente, porém, passados os primeiros momentos de hesitação, sabia conversar attrahentemente, imprimindo verdadeiro interesse aos casos. Delle, que me honrava com a sua estima pessoal, ouvi curiosas narrativas dos tempos academicos e dos primeiros mezes do novo regimen.

Nesse numero 43, Valentim annunciava a entrada definitiva de Escragnolle Doria para a redacção, como secretario da revista. Henrique de Magalhães, que, ora por motivo de enfermidade, ora pelas occupações que o prendiam á companhia — Educadora —, raramente apparecia, deixava o lugar de secretario que, de facto, só fôra exercido por Luiz Rosa. Suggesti a Valentim a escolha de Escragnolle Doria, que foi aceita.

No numero 44, já apparecia no cabeçalho da folha o nome do novo secretario. Esplendido esse numero! A chro-

nica de João Ribeiro, carta de Valentim, inédito de Guilherme Braga, artigo de Lucio de Mendonça sobre a «Revolução no Brasil», *Guanabara* de Coelho Netto, versos de Henrique de Magalhães e Bellarmino Carneiro (*C. Bruneto*), poemêtos em prosa de Escragnolle Doria e uma admiravel poesia de Olavo Bilac — *A Alvorada da Carne*.

Remettendo-nos essa poesia, Bilac dizia de Juiz de Fóra, a 29 de maio :

« Max amigo. — Abraço-te. Ahi vão os versos promettidos. Peço-te uma revisão escrupulosissima. Que, sobretudo, seja em absoluto respeitada a pontuação do original. Por toda a semana que vem, mandar-te-ei *O Caçador de Esmeraldas*, poemêto de ha muito promettido á bella *Semana*. Adeus. Até quando? Sabem-no os Soromenhos. Saudades a todo o *bonde* e a ti o coração do — *Olavo Bilac*. »

Encantadores os versos de Bilac, como aliás todas as suas producções. Transcrevel-os constitúe sincero deleite :

#### A ALVORADA DA CARNE

(Fragmento)

Um horror grande e mudo, um silencio profundo  
 No dia do Peccado amortalhava o mundo.  
 E Adão, vendo fechar-se a porta do Eden, vendo  
 Que Eva olhava o deserto e hesitava tremendo,  
 Disse : « — Chega-te a mim ! entra no meu amor !  
 E á minha carne entrega a tua carne em flôr !  
 Abenção o teu crime, acolho o teu desgosto,  
 Bebo-te, beijo a beijo, as lagrimas do teu rosto !  
 Preme contra o meu peito o teu seio agitado  
 E aprende a amar o Amor, renovando o Peccado !

Vê, tudo nos repelle. . . A toda a criação  
 Sacóde o mesmo horrór e a mesma indignação!  
 A colera de Deus tórta as arvores, crésta  
 Como um tufão de fogo o seio da floresta,  
 Abre a terra em vulcões, retorce a agua dos rios. . .  
 As estrellas estão cheias de calefrios. . .  
 Ruge soturno o mar. . . Turva-se hediondo o céo. . .  
 Vamos! Que importa Deus? Desata, como um véo,  
 Sobre a tua nudez a cabelleira! Vamos!  
 Mordam-te embóra a pelle os insectos; os ramos  
 Te ensanguentem o corpo; injuriem-te os ninhos;  
 Surjam fêras a uivar de todos os caminhos;  
 E, vendo-te a tremer, das urzes através,  
 Se emmanharem no chão as sêrpes, a teus pés!  
 Que importa? O Amor, botão apenas entreaberto,  
 Illumina o degredo e perfuma o deserto.  
 Amo-te! Sou feliz, porque do Eden perdido  
 Lévo tudo, levando o teu corpo querido!  
 Póde, em redor de nós, tudo se aniquillar!  
 Tudo renascerá, cantando, ao teu olhar.  
 Tudo: mares e céos, arvores e montanhas,  
 Porque a vida perpétua arde em tuas entranhas. . .  
 Rios te correrão dos olhos, si chorares!  
 Flores te brotarão dos labios, si cantares!  
 E si, em torno ao teu corpo encantador e nú,  
 Tudo morrer — que importa? a Natureza és tu,  
 Agora que és mulher, agora que peccaste!  
 Ah! bemvindo o momento em que me revelaste  
 O Amôr com teu peccado, a vida com teu crime!  
 Porque, livre de Deus, redimido e sublime,  
 Homem fico, na terra, á luz dos olhos teus:  
 — Terra, melhor que o céo. . . Homem maior que Deus!

Juiz de Fóra, Maio 94.

O numero 45, de 9 de junho, trouxe a chronica de Araripe Junior (*Padre Antonio Pereira Filho*), um artigo de critica ainda de Araripe, novos versos de Olavo Bilac, um soneto de Francisca Julia, *Guanabara* de Coelho Netto, uma apreciação de Silva Ramos sobre Paul Bourget, então

eleito para a Academia Franceza, uma critica de Lucio e o prefacio do — *Lotus* — por Fontoura Xavier. Escragnolle Doria escrevia tambem sobre o livro do nosso querido Luiz Rosa, dizendo, com graça e verdade, o que lhe parecia. Henrique de Sá mantinha os «Cavacos Medicos».

A nota, porém, sensacional desse numero foi o julgamento do concurso de prosa.

Lucio de Mendonça, Coelho Netto e Urbano Duarte, que foram os juizes, propuzeram para o primeiro premio o conto, «São Bohemundo,» de João Ribeiro; para o segundo, «Serafim Tristonho», de João Luzo (*Armando Erse*), pelos votos de Coelho Netto e Urbano Duarte; para terceiro, «In Extremis», de Julia Lopes de Almeida, pelos votos de Coelho Netto e Lucio de Mendonça.

Assim se exprimiram os illustres julgadores sobre esses tres contos:

«S. Bohemundo» Bellissimo original e magnificamente escripto. — *Lucio de Mendonça*.

— Um lavor. Como que senti, entretanto, evolar-se de todo este admiravel trabalho o pó de diamante com que Eça de Queiroz lapidou o seu solitario «Frei Genebro». Lembrou-me extranhamente esse conto; mas, por muito que pesquisasse, não encontrei affinidades sensiveis, donde conclui que a sensação literaria que experimentei lendo este trabalho foi igual á que gosei quando tive em mãos o conto magistral do romancista portuguez. «S. Bohemundo» vale bem «Frei Genebro». E' um lavor, repito. — *Coelho Netto*.

— Esplendido: um primor. Todavia, convem fazer uma restricção, aliás indicada pelo proprio autor: a substancia do conto foi bebida algures, o que evidentemente

diminue o merito da *invenção*. Sem embargo, tem alto valor literario. — *Urbano Duarte*.

«Serafim Tristonho» — Admiravelmente feito; assumpto, estylo, paizagem, dialogo, inteiramente portuguezes. Si o autor não é portuguez ou não esteve em Portugal (o que duvido), é um *tour de force* magnificamente succedido: em qualquer caso, um bello conto, com muita côr local, simples e forte. Um primor. — *Lucio de Mendonça*.

— Excellente. Feito á maneira de Maupassant, com a simplicidade rebuscada que dá a mais completa illusão do real. Reune ao admiravel colorido da paizagem a sobriedade da acção, ora meiga, ora violenta, narrada com espontaneidade pelo protagonista, apresentado em traços breves, firmes e admiraveis. Bom vernaculo. — *Coelho Netto*.

— Muito bom. Assumpto repisado, mas que o autor soube rejuvenescer com muita arte, graças á admiravel côr local. Dialogo excellent. — *Urbano Duarte*.

«In Extremis» — Magnifico; original na concepção; sóbrio e magistral na execução. — *Lucio de Mendonça*.

— Muito bom. — *Coelho Netto*.

— Assim, assim. — *Urbano Duarte*.

Grande foi a alegria que todos experimentámos com a victoria de João Ribeiro, nosso prezadissimo companheiro. Concorrêra elle, sem deixar que mesmo de leve disso o suspeitassemos. Instado a tomar parte, sempre se esquivou com uma tal obstinação, que a surpresa não teve limites quando, depois do julgamento proferido, aberto o envelope que trazia a divisa «Kneipp» verificámos ser de João Ribeiro o admiravel trabalho.

Araripe Junior, tomando a serio seu papel de *Padre Pereira Filho*, deitou sermão apologetico, que todos ou-

vimos com unccção, pondo, entretanto, uma restricção na entrega do premio. Pois o bello quadro do Amoedo — *A Faceirinha*, — seria entregue assim, sem mais nem menos?! O agraciado devia recebê-lo com as honras de um jantar que... nos devia offerecer, e foi por isto que no domingo seguinte nos dirigimos todos á casa de João Ribeiro, que nos cumulou de gentilezas, fazendo-nos tambem ouvir, á guisa de aperitivo, a sua aptidão como pianista.

Lucio, de certo entendendo pouco de musica, exclamou depois de algum tempo: — «Evidentemente o João, no piano, não está ainda nem nos primeiros... passos».

A 16 de junho apparecia o numero 46, escrevendo Valentim a chronica e trazendo o «S. Bohemundo», de João Ribeiro, incontestavelmente uma das paginas mais bellas e fortes da nossa literatura.

Além desse soberbo trabalho, calorosamente apreciado, inseriamos a continuação do «Retrospecto literario» e da *Guanabara*, um soneto de Henrique de Magalhães, a «Botanica Amorosa» de Garcia Redondo e as opiniões da commissão julgadora do concurso de prosa.

Vinte e cinco foram os contos submittidos a julgamento. Além dos tres premiados, obtiveram menção honrosa: «Caminho de Thebas», de Escragnolle Doria; «Cousas de outro tempo», de Rodrigo Octavio; «Um escandalo, de Arthur Lobo; «Transfiguração», de Abilio Alvaro Miller; «Um homem venturoso», de Xisto Calisto, e «A Turca», de Demetrio de Toledo.

A 19 de junho, Olavo Bilac escrevia-me de Juiz de Fóra a seguinte chistosa carta, que teve immediato cumprimento:

— « Max amigo, abraço-te. Saberás que ainda não te mandei o artigo sobre o Richepin, porque estou cheio de trabalho até os cabellos. Mas irá sem falta para *A Semana* da semana que vem. Quanto á chronica de « Lotus » já a escrevi: deve sair por estes dias. Agora prepara-te. Vou prégar-te uma furiosissima castrolopada. Has de ter paciencia. E' um sacrificio grande que exijo de ti, bem o sei. Mas és o unico homem que me póde valer neste apuro. Trata-se disto: — Na *Gazeta de Noticias*, do 1º semestre de 1890, vem publicado na penultima e ultima columna da primeira pagina um conto meu intitulado — « O crime de Octavio ». Preciso deste conto já, já, já, já, como quem precisa de agua para beber e de ar para respirar. Vê bem que o apuro em que estou é serio, é horrivel, é formidavel: — esse conto entra no meio do meu livro de — « Chronicas e Novellas », que se está imprimindo aqui, e perdi-o. De modo que estou com a composição parada, á espera delle. Pois bem, peço, supplico, exijo da tua boa amizade, nunca desmentida, este sacrificio: — assim que receberes esta carta, sem a minima demora, vae ou manda alguém por ti á *Gazeta*; corre ou faze correr a collecção do primeiro semestre de 1890; e, si não puderes arranjar o numero do jornal, copia ou faze copiar o conto. Hoje são 19: esta carta seguirá amanhã 20 e te será entregue a 21. Mesmo no dia 21 farás isso, de modo que no dia 22 tenha eu aqui a carta. Has de saber que eu não amo incomodar meus amigos. Mas, meu querido Max! minha salvação! meu anjo da guarda! o momento é serio: faze esse sacrificio, despacha-te, avia-te, salva-me! Conto com a tua resposta immediata. Abraça-te o todo teu — *Olavo Bilac.* »

Diminutissimo favor! Bilac, porém, retido em Juiz de Fóra, porque o estado de sitio, que vigorava no Rio, não lhe permittia vir aqui, precisava realmente do conto. Mandei-o logo copiar e a 22 de junho, ainda de Juiz de Fóra, dirigia-me elle nova carta :

— « Querido Max, aqui vão os abraços. Acabo de receber a cópia do conto. Como te agradecer? — amando-te sempre, como te amo. Que achas tu, ó Max amigo? Acaba ou não acaba no dia 30 o estado de sitio? Dá-me *là dessus* a tua opinião. Que te consta? Que prevês? Que suppões? Que conjecturas? Si em julho não houver estado de sitio, abraçar-nos-emos no dia 4. Aqui fico, escravo da tua amizade, e quasi morto de tedio. Saudades a todo o *bonde*. Todo teu — *Olavo*. »

O numero 47 apparecia a 23 de junho, trazendo a mais da chronica de Valentim, o segundo premio de prosa « Serafim Tristonho », de João Luso (*Armando Erse*), excellente conto que foi recebido com grandes e merecidos applausos; versos de Julia Cortines, Francisca Julia, Garcia Redondo e Henrique de Magalhães; « Retrospecto » de Araripe e uma das cartas de Valentim a seu filho.

Coelho Netto escrevia a « Historia dos sete dias » do numero 48, que saiu a 30 de junho. A sua brilhante collaboração juntava mais esse serviço para maior lustre d'*A Semana*. Elle mesmo a trouxera á redacção, deixando-a com o seguinte delicado bilhete :

— « Max incomparavel! tens ahi a « Historia » ; *Guanabara*... logo mais, depois do regalo da refeição das onze. — Teu *C. Netto*. »

O assassinio de Sadi Carnot offereceu-nos ensejo para que manifestassemos juizos sobre esse facto. Valentim, Araripe Junior, Lucio, Silva Ramos, Rodrigo Octa-

vio, Escragnolle Doria e o autor destas linhas tomaram parte nessa apreciação.

Publicava também o numero 48 — o terceiro premio de prosa, alcançado por Julia Lopes de Almeida com o conto «In Extremis», «Retrospecto literario» *Guanabara* versos de Freitas Guimarães, poemêto em prosa de Escragnolle Doria, completavam o numero.

O numero 49, de 7 de julho, trazia a chronica de Valentim, um bom artigo de Araripe, um conto — um dos melhores contos — de Escragnolle Doria — *Negro sobre azul* —, que me fôra dedicado; um soneto de Demosthenes de Olinda e «Um Escandalo», de Arthur Lobo, que com elle obtivera no ultimo concurso uma das menções honrosas. Além disso, a «Chronica dos Livros», devida a Escragnolle Doria.

No dia 9 dava-me Lucio de Mendonça affectuosa prova de estima, captivando o meu coração de filho extremoso.

A 14 de julho reaparecia Lucio na Chronica, enviada na vespera com este bilhete:

— «Max. Ahi vae a bella Chronica; mas com esta não te lamberás de graça; arranja-me em troca o que hontem te pedi. Si o não fizeres, desanco-te. Até logo. — Teu Lucio.»

O numero 50 trazia mais: algumas traducções de Uhland deliciosamente feitas por João Ribeiro, o conto de Escragnolle Doria — *Caminho de Thebas*, que alcançara tres menções honrosas, e «Botanica Amorosa», de Garcia Redondo.

Inseria ainda o resultado do concurso de poesia, em que foram vencedores: Julio Cesar da Silva, em primeiro lugar; Francisca Julia, em segundo; Luiz Rosa, em terceiro.

A chronica do numero 51, publicada a 21 de julho, foi escripta por Escragnolle Doria, que, com o pseudonymo de *D. Demetrio*, revelou mais essa aptidão literaria.

Araripe Junior escrevia um artigo de critica; João Ribeiro publicava uma fabula em verso. Inseriamos tambem o conto de Rodrigo Octavio, — «Cousas do outro tempo», premiado com tres menções honrosas; Carlos Seidl, o illustre professional que hoje occupa dignamente o cargo de Director Geral de Saúde Publica, trazia-nos a sua apreciada collaboração com as — «Cousas Medicas».

A 28 de julho reassumia eu a direcção principal d'*A Semana*. Valentim devia partir para a Europa

A 23, numa justa expansão de cordialidade, offerecemos-lhe um banquete no Londres: esplendida festa, presidida por Machado de Assis. Sentaram-se á mesa, além de Machado e Valentim: Olavo Bilac, Coelho Netto, Martins Junior, Silva Ramos, Urbano Duarte, Lucio de Mendonça, Fontoura Xavier, Arthur Azevedo, Henrique de Sá, Magalhães de Azeredo, Xavier da Silveira, Pardal Mallet, Rodolpho Amoedo, Neves Armond, Carlos Malheiro Dias, Bellarmino Carneiro, Augusto Neiva, Gustavo Mossow e o autor destas linhas.

Durante horas de palestra trouxe-nos a todos encantados. Coube-me abrir os brindes para offerecer a Valentim aquelle jantar, expressão do muito que lhe queriamos e do bem que desejavamos ao seu coração e ao seu espirito. Depois falaram Martins Junior, Coelho Netto, Mallet, Bilac, Silva Ramos. Pormenor curioso: — quem organizou a lista das contribuições para este banquete foi Carlos Malheiro Dias. Tenho o autographo, enriquecido de observações, que seria indiscreção publicar...

A chronica do numero 52, — 28 de julho — foi a despedida de Valentim. Lucio escrevia tambem bellissimo artigo sobre Leconte de Lisle, fallecido dias antes. Ao artigo seguiam-se traducções de versos do grande poeta francez, feitas por Bilac, Valentim, Raymundo Corrêa. Publicavamos egualmente o conto de Rodrigo Octavio — *Cousas do outro tempo*, — que conquistára tres menções honrosas.

Em o numero 53, de 4 de agosto, reaparecia na chronica o nosso querido *Julio Valmor* (Silva Ramos). Araripe Junior proseguia no seu applaudido «Retrospecto litterario»; Escragnolle Doria dava um poemêto em prosa, *Alcides Flavio* (Fernandes Figueira) um soneto; Alfredo de Souza (companheiro da primeira phase d'*A Semana*), dois bellos sonetos; Carlos Dias, um trecho dos — *Scenarios*; Henrique de Magalhães e Neves Armond concorriam com dois sonetos. De Raymundo Corrêa inseriamos estes deliciosos versos:

AMOR QUE PASSA. . .

Maria, amar-te, pensando  
Do meu amor ver-te escrava;  
Pensar que te possui;  
E depois perder-te, quando  
Pensei, como já pensava,  
Que era bem senhor de ti;

Perder, Maria, os teus beijos  
Desejados, não lograr  
Satisfazer mil desejos  
E o que ha mais a desejar,  
Deixar de ver o teu rosto,  
Deixar de ouvir o teu carme,  
De voz cheia de paixão. . .

Foi tudo um cruel desgosto ;  
 Mas afogar-me, enforcar-me,  
 Matar-me por isso, não !

Termo não puz aos meus dias,  
 Causasse-te embora dó ;  
 No mundo ha muitas Marias,  
 E eu tenho uma vida só. . .

Na secção «Correio» Henrique de Magalhães continuava sempre nas suas respostas felizes aos versejadores infelizes.

O numero 54 apparecia a 11 de agosto, com a «Chronica», de *D. Demetrio* (Escragnolle Doria, que tambem dava apreciado conto — *O Pardal de Lesbia*). De *João Luso* (Armando Erse) inseriamos um magnifico trabalho — *Dona Angelica*; Francisca Julia concorria com a traducção de um *lied* de Goethe. A «Chronica dos Livros» era de Escragnolle Doria. Themistocles Machado e Henrique de Magalhães publicavam sonetos. Além disso, a *Transfiguração*, de Abilio Miller, que obtivera de Urbano Duarte um voto de louvor no concurso.

A 18 de agosto publicava-se o numero 55: — «Chronica» de Silva Ramos, «Retrospecto», de Araripe, versos de Julia Cortines, Antonio Salles, Henrique de Magalhães e Ulisses Sarmiento; um extracto, primorosamente feito por Escragnolle Doria, da *Lourdes*, de Zola, que na vespera fora exposta á venda nas livrarias do Rio. Eis o bello sumario do excellente numero.

Lucio de Mendonça volvia á «Chronica» em o numero 56 de 25 de agosto. Deliberado o crear-se uma secção com o titulo de «Paginas escolhidas», para reproduzir o que de mais bello houvesse apparecido em outros tempos, iniciiei-a com verdadeira felicidade, dando a — *Mosca Azul*.

Dias antes recebera eu de Machado de Assis a seguinte cartinha :

« Meu caro Max. Vae só a *Mosca Azul*, unica de que tenho cópia. A outra irá depois, por minha mão. Estimo as melhoras e mando um abraço. Velho amigo — *Machado de Assis.* »

A *Mosca Azul* é, sem duvida um dos melhores trabalhos poeticos do grande mestre. A reproducção desses versos magnificos constituiu legitimo successo para a nossa folha e nova mèsse de applausos trouxe ao glorioso autor. Ainda nesse numero Escragnolle Doria offerecia um conto — *Paraiso Prohibido*, dedicado a Silva Ramos; Fontoura Xavier publicava o bello poema — *D. Anna*; Valdomiro Silveira um esplendido conto — *Segredos*; Faria Neves Sobrinho um soneto — *O Palhaço*.

Por essa época o conhecido advogado Dr. Joaquim José de Sequeira, que havia ganho importante pleito, e muito apreciava *A Semana*, conhecendo as difficuldades com que luctávamos no começo, offereceu-me o seu concurso material, assumindo a responsabilidade plena de todo o passivo activo da folha. Foi por esse motivo que em os numeros 57 a 62 o seu nome figurou, no cabeçalho como proprietario. Infelizmente aquelle cavalheiro soffreu, logo depois, serios revéses, que o obrigaram a desistir do seu primeiro intento. Com a maior lealdade passou o seguinte documento :

— « Declaro que me retirei d'*A Semana*, cuja compra quiz realizar e em cujo cabeçalho figurou o meu nome como proprietario desde o numero 57 até o 62 (de 1º de setembro a 6 de outubro), no melhor accordo com os antigos proprietarios, completamente satisfeito e quite. Faço esta declaração para que jámais se levantem duvidas. Rio de

Janeiro, 13 de outubro de 1894. — *Joaquim José de Sequeira.*»

No numero 57, de 1º de setembro, surgia Urbano Duarte na «Chronica», escripta com o chiste que lhe era tão peculiar. Araripe sempre no «Retrospecto». De Rezende dava-nos um soneto dos — *Mysterios*. Publicava ainda trabalhos de J. de Moraes Silva, Henrique Magalhães, Henrique de Sá, Carlos Coelho, Carlos Dias, Gervasio Fioravanti, Carlos Seidl, Themistocles Machado.

Desde então Urbano Duarte, nunca deixou de nos frequentar, tornou-se companheiro diario. Sempre jovial, sempre disposto ao bem, a todos agradava e a todos procurava agradar, proporcionando, para isso, varios ensejos. A sua predilecção era peios passeios a cavallo. Guardo algumas de suas muitas cartas. Registo a seguinte :

«Amigo Max. No domingo ha um *pic-nic* á floresta da Tijuca e ao pico do Papagaio. A cavallo. Si quizeres tomar parte, avisa-me em tempo para a rua General Argollo 29. Custará de 20\$ a 30\$ por cabeça. Os tombos serão inteiramente gratuitos. Do teu — *Urbano.*»

Lucio, que recebera um convite igual, respondeu em versos... liberrimos, que Urbano foi obrigado a ler perante o *bonde*, mas aos quaes replicou com bastante graça.

Araripe andava por esse tempo muito enfastiado, como se patentêa desta carta :

«Meu caro Max. Vou ver si escrevo até amanhã o «Retrospecto». Não imagina com que preguiça estou agora. Em todo caso, *noblesse oblige*... Do amigo affectuoso — *Araripe Junior.*»

Cumpriu a promessa, pois o numero 58, que viu a publicidade em 7 de setembro, com uma chronica de Escra-

gnolle Doria, trouxe o «Retrospecto», e, além deste, um artigo de Valentim, datado de bórdo do *Nile*, versos de Wenceslau de Queiroz, Francisca Julia e Castro Rabello Junior, um conto de Escragnolle Doria e, nas «Paginas escolhidas», o poemeto de Coelho Netto — *O Baptismo*.

Por minha parte, tratei nesse numero, do facto culminante daquelles dias — o suicidio do maestro Marino Mancinelli, que nobremente preferira morrer a transigir com os preceitos da honra e do character.

O artigo proporcionou-me as seguintes linhas de Escragnolle Doria :

«Petropolis, 11 de setembro de 1894. Meu querido Max. Antes de tudo, almejo para ti saúde de ferro. Inclusos te remetto quatro poemêtos em prosa, como combinámos, para o proximo numero. Accedendo ao teu pedido, traduzi especialmente dois lindos capitulos de *Charles Demailly* para as «Paginas esquecidas». Envio-te tambem algumas linhas que incluirás, si entenderes, nos — «Factos e Noticias». — Emfim mais do que nunca é meu proposito coadjuvar-te no proposito de fazer semanas *pour épater le bourgeois*. Reli o teu artigo sobre Mancinelli e achei-o muito bom. Varias pessoas me falaram delle e eu dei logo a Max o que é de Max. Na verdade o artigo tem conceitos felicissimos. Adeus, meu caro amigo, até breve. Abraço-te com estreita effusão de sympathia. — *Escragnolle Doria.* »

Importantissima a seguinte carta do honrado Dr. Prudente de Moraes, que, como já ficou dito, nos agraciava, a mim e á *Semana*, com a sua consideração pessoal. Cumpre transcrever o documento, factor seguro para o estudo daquella época :

« Piracicaba, 10 de setembro de 1894. Amigo Sr. Max Fleiuss. Recebi e agradeço-lhe cordialmente a sua amistosa carta de 2 do corrente. Felizmente tenho passado regularmente com a minha vida de vadiação que aqui tenho levado e com a qual me dou bem, lamentando, por isso, não poder prolongal-a por bastante tempo. — Por mais saúde e forças que conseguisse accumular, tudo seria muito pouco para supportar o posto de sacrificio que me está destinado: — esse sacrificio agrava-se — porque já me sinto envelhecido e dispondo de saúde precaria; mas ficarei satisfeito, si do sacrificio, que me é imposto, resultarem beneficios para a Republica, em cuja propaganda gastei a minha mocidade. — Acabou-se o estado de sitio, — mas a attitude da imprensa permanece a mesma, não se nota a menor alteração: — provavelmente terá razões para crêr que aquelle estado anormal — só cessou de direito, mas não de facto. . . Quando escrever ao Valentim Magalhães, metta dentro da carta o cartão junto, que é portador de um abraço meu, em agradecimento pelo artigo do *Correio da Europa*. Por ignorar o logar em que elle está, cause-lhe este incommodo.

Saúde e felicidades deseja-lhe o amigo muito grato  
— *Prudente de Moraes*. »

Esta carta constitúe um exemplo do rijo character do inolvidavel paulista; outras, porém, possúo, que mais accentuadamente lhe patenteiam os nobres predicados. Fôra imperdoavel indescrição inseril-as, pois algumas encerram gravissimos conceitos sobre personagens hoje desapparecidos da vida. Uma dessas missivas póde, entretanto, em certos trechos, figurar nestas paginas.

E' a seguinte :

« Piracicaba, 13 de agosto de 1901.

Amigo Sr. Max Fleiuss.

As nossas cousas publicas e politicas vão de mal a peor, e na situação desanimadora em que nos achamos muitos republicanos estão appellando para o parlamentarismo, como taboa de salvação. Não creio que o regimen parlamentar possa curar os males de que sofremos; ao contrario, penso que os aggravaria muito. O *Commercio de S. Paulo*, onde é sensível a falta das excellentes cartas de *Frederico Martins*, affirmou que eu havia adoptado a bandeira parlamentarista; fui forçado a romper o silencio proposital que mantenho desde 15 de novembro de 1898, e escrevi a carta que junto em um retalho de jornal. As instituições que temos são boas, carecendo apenas de algumas modificações que as adaptassem melhor ás condições do paiz. O que nos falta é competencia nos executores e — civismo — nos nossos politicos, e essas cousas não se adquirem com a substituição do regimen que temos pelo parlamentar

.....  
 .....  
 Seu amigo affectuoso e obrigado. — *Prudente de Moraes.* »

Supprimi alguns topicos em que as opiniões do venerando ex-chefe do Estado tinham a candencia do ferro em braza.

Devo ainda dizer que as cartas de *Frederico Martins* a que alludiu o Dr. Prudente de Moraes, com tanta bondade eram minhas. Com esse pseudonymo collaborei no *Commercio de S. Paulo*, nas direcções de Eduardo Prado,

Affonso Arinos, Couto de Magalhães Sobrinho, Laerte de Assumpção e Armando Prado.

Novo e valioso companheiro, nosso collaborador, havia muito, apresentava-se como chronista do numero 59, apparecido a 15 de setembro, — *Daniel Franklin*, — isto é, Carlos Magalhães de Azerêdo, nome então grandemente applaudido pelos triumphos literarios que lhe corôaram a estréa. Difficilmente se encontraria figura tão attrahente pelo fulgôr do talento, pela verdadeira illustração e pelo trato, inexcedível de amabilidade. Hoje, transformado num eminente diplomata, com uma carreira distinctissima, recordará elle o bom tempo do alegre convivio d'*A Semana* e terá, por certo, perdoado ao Lucio as heresias com que este acolhêra a sua bellissima traducção dos versos de Leão XIII. Sinto immensamente que de meu archivo tivessem desaparecido esses versos de Magalhães de Azerêdo, dignos em tudo da sua privilegiada intelligencia.

A chronica de — *Daniel Franklin* — despertou legitimos applausos.

Além dessa pagina, outras, não menos bellas, encerrava o numero 59: — *O berço*, conto de Coelho Netto; *Triolets*, de Fontoura Xavier, poemets em prosa de Escragnolle Doria, de quem tambem inseriamos a traducção de *Charles Demailly*, um soneto de Henrique de Magalhães e nas «Paginas escolhidas», *A Caôlha*, de Julia Lopes de Almeida.

As linhas de Magalhães de Azerêdo, — primôr de graça e de malicia —, renderam-me a desaffeição de conhecido advogado, que por muitos annos m'as attribuiu...

A 23 de setembro publicava-se o numero 60, com a collaboração opima de Coelho Netto, Escragnolle Doria,

Magalhães de Azerêdo, Americo Moreira, cabendo-me a «Historia dos sete dias». Poucos dias adiante, recebia eu do nosso querido Luiz Rosa a seguinte carta, que a todos nos encheu de tristeza:

«Fleiuss — Estou muito doente. Os meus medicos, depois de uma conferencia, exigiram a minha retirada da cidade. Mas, como attendel-os, si me faltam os recursos? Peço a V., peço a *A Semana* o auxilio de que necessito. Escrevo da cama, onde me acho ha quinze dias. Abraços do — *Luiz Rosa.*»

Cumpri, como me foi possivel, o angustioso dever, e *A Semana* não deixou de acudir ao excellente companheiro...

Raymundo Corrêa, o grande cantor das *Symphonias* e das *Alleluias*, fazia a chronica do numero 61, que appareceu a 29 de setembro, chronica que patenteava a sua alma bonissima. Assignou-a — *Errecê*. Além dessa contribuição, a de Araripe Junior, com o seu — «Retrospecto literario», Fontoura Xavier, Escragnolle Doria, Freitas Guimarães e mais um poemeto em prosa, escripto no album da filhinha de João Ribeiro, deliciosas linhas de Raymundo Corrêa.

Em o numero 62 — 6 de outubro — voltava á «Chronica» Magalhães de Azerêdo. Araripe com o «Retrospecto» Fontoura Xavier com a *Guitarrilha*, e João Ribeiro davam a esse numero o maior realce.

Por esse tempo, escrevia-me Valentim:

«Meu caro Fleiuss. Lourdes, 27 de setembro de 94. *Hotel de la Chapelle, tenu par le frère de Bernadette.*— Sim, meu amigo, é de Lourdes que te escrevo. Cheguei hontem com minha mulher e minha cunhada. Em caminho

de Paris, resolvi visitar Burgos por causa de sua celebre cathedral — sonho de pedra — maravilha artistica, e da Cartucha, e Lourdes tambem, para satisfazer aos desejos de minhas companheiras de viagem e tambem ao meu, muito aguçado pela leitura do livro de Zola. O que temos visto hontem e hoje é extraordinario. O Zola nada exaggerou, — é aquillo mesmo. Já encontrei Lourdes muito menos concorrida. Mesmo assim, havia aqui duas peregrinações — de Rodes e de Agen — umas sete mil pessoas, das quaes algumas centenas de doentes. Não se imagina o *élan* de fé com que essa gente óra e canta. São canticos realmente celestiaes e ininterrompidos. A procissão *aux flambeaux* é um spectaculo surprehendente. Fui tão feliz que assisti hoje a dois milagres, da fé pelo menos. Um padre que, com uma enfermidade de rins, uma tuberculose da bexiga, creio, não andava havia tres annos, nem se sentava, e que eu vira, de manhã, num estado miserando, commovedor, que me fez chorar, ás tres horas da tarde, quando acompanhava, levado no seu carro-cama, a procissão do Santissimo, ergueu-se e andou. Sim, vi-o andar; assisti á constatação do caso, feita pelo medico disso incumbido (graça especial que consegui com o auxilio de um daquelles cartões que mandaste imprimir para mim), e, si a cura não fôr completa, já o resultado obtido é espantoso. O outro caso, menos interessante por ser mais frequente, foi o de uma mulher paralytica do lado esquerdo (que eu tambem vira passar levada no carro) e que andou tambem sem muletas nem nada, ella que, havia mais de um anno, não se erguia da cama. Confesso-te que fiquei profundamente impressionado e commovidissimo. Decididamente a Fé é uma das grandes forças ignotas do mundo. Imagina que

bello capitulo para o meu livro de viagens. Emfim, não posso descrever-te o que é Lourdes, escrevendo. Tenciono *interviewar* o Zola sobre o seu livro, que é de primeira ordem e foi lançado ao *Index*, o que é uma nova *réclame* para elle. Depois de amanhã chegaremos a Paris. Vou tarde, mas não pôde ser antes, por ter gasto muito tempo em Portugal, retido na velha casa de meus avós pelas minhas tias e cunhada. Logo que chegar, responderei ás cartas tuas que lá encontrar. Anceio por noticias tuas, dos amigos e d'*A Semana*. Já mandei quatro correspondencias para o *Estado* e uma para o *Jornal*. Mandei-te um *Correio da Europa*, para o entregares ao Prudente. Fizeste-o? Preciso muito de noticias acerca do que se crê que elle fará. Como vae o Raymundo? Abraços ao João, ao Rosa, ao Carlos Dias, ao Urbano, ao Coelho Netto, ao Fontoura, ao Araripe, ao Lucio, ao Rodrigo, a todos os amigos. — Teu — *Valentim.*»

Nessa mesma occasião chegava-me ás mãos o seguinte cartão autographo :

«Á illustrada e patriotica redacção d' *A Semana* cumprimenta affectuosamente Prudente de Moraes e agradece penhorado as felicitações pelo seu anniversario natalicio. Piracicaba. Outubro de 1894.»

Si reproduzo o amavel cartão, é tão sómente para registrar o modo expressivo por que um homem da austeridade do Dr. Prudente de Moraes, insubmisso ás condescendencias mesmo vulgares, distinguia uma folha literaria como *A Semana* com a sua estima pessoal. Estimava-a mesmo. Dou testemunho obscuro, mas sincero, do interesse com que lia certos artigos, referindo-se, em palestras intimas com o autor destas linhas, aos trabalhos

de João Ribeiro, Lucio, Araripe, Valentim, Fontoura, Machado de Assis, sendo este o que maior admiração lhe causava.

Numa bella tarde, levei Fontoura Xavier á casa de pensão da rua das Laranjeiras n. 38, onde residia o Dr. Prudente, já eleito Presidente da Republica, e ahi lh'o apresentei. Recebeu-o o venerando paulista de modo lhano e captivante.

O Dr. Prudente sabia, por meu intermedio, da injustiça soffrida por Fontoura, demittido, sem o menor motivo, de consul geral do Brasil em Buenos-Aires, e promettêra estudar esse caso em momento opportuno. Não deixou de cumprir a palavra, pois, assumindo o governo, reintegrou-o, despachando-o para Nova-York.

E — ainda mais — sobre o assumpto teve a extrema bondade de me escrever, dando tão grata nova.

Guardo, com religioso carinho, as muitas cartas a que já me referi que me dirigiu, até fins de 1902, vespêras de sua morte, o honrado ex-chefe da Nação, exemplar completo da mais genuina honradez e de esclarecido patriotismo.

Mas, cumpre obedecer á ordem chronologica destas reminiscencias e, especialmente, tratar d'*A Semana*.

A 13 de outubro apparecia o numero 63. Ante a impossibilidade em que se vira o Dr. J. J. de Sequeira de realizar a compra da folha, tive que assumir sósinho a sua completa responsabilidade. As difficuldades financeiras da época e o terrôr, cada vez mais crescente, em que se vivia, sob a ameaça de não consentirem os partidarios do marechal Floriano na posse do Dr. Prudente, tiveram a sua natural repercussão na vida economica de todos, e *A Se-*

*mana* não podia ser excepção. Folha exclusivamente literaria, sem ambições, sem outros anhelos, além dos que dimanavam dos nobres desejos intellectuaes, via-se em contingencias desfavoraveis e, para removel-as em parte, tive necessidade de gravar modestissima propriedade.

O numero 63 bem exprime esse estado de cousas, não obstante a collaboração apreciavel de Escragnolle Doria, Francisca Julia, Garcia Redondo, Carlos Seidl e Henrique de Sá.

Mais animador o numero 64 — 20 de outubro — com esplendida chronica de João Ribeiro, que tambem dava uma poesia; um artigo de Araripe Junior sobre o opusculo de Pardal Mallet — *Pelo Divorcio*, e um conto de Escragnolle Doria.

Nesse numero estampavamos o resultado do terceiro concurso literario, publicando o primeiro premio de poesia, alcançado por Sylvio de Almeida.

O numero 65 — 27 de outubro — trazia a chronica de João Ribeiro, poemetos em prosa de Escragnolle Doria, versos de Sabino Baptista, Themistocles Machado, Americo Moreira. Davamos tambem o segundo e terceiro premios de poesia, obtidos por Francisca Julia e João Andréa.

Novo companheiro — velho na estima — surgia com o numero 66, de 3 de novembro, Xavier da Silveira Junior. que traçava a «Historia dos sete dias». Araripe continuava no magistral «Retrospecto». Doria dava um conto, Francisca Julia um soneto. Além disso, as secções habituaes, sempre interessantes. Annunciavamos igualmente as melhoras de Lucio de Mendonça, que, havia algum tempo, padecia de grave enfermidade.

Delle, com effeito, partiam, de Christina, Minas, as seguintes linhas, datadas de 27 de outubro :

«Meu caro Max. Recebe, de uma vez, um grande cordial — obrigado — feito de muitos outros, pelas reiteradas visitas, pelo cuidado e interesse que manifestas por mim, pela amabilidade da remessa de livros e jornaes. Tenho tido aqui muitas melhoras, que me dão certeza do proximo restabelecimento: ainda não sei, porém, o tempo certo em que possa voltar á casa, ao trabalho e á bella convivencia d'A *Semana*. Dá saudades ao João, ao Dr. Doria (a quem muito agradeço o cartão que me enviou), a todos os companheiros, e aceita-as de teu *ex-corde* — *Lucio*.»

Passados dias, vinham-me estas outras :

«Christina, 5 de novembro de 1894.

Meu caro Max. Saúde e paz, a V. e aos alegres companheiros d'A *Semana*. Continuam-me as melhoras: já espero não precisar exgottar a licença, que vai até ao fim do anno. Dize, porém, ao *baccarat* que não conte mais commigo: si me apanho outra vez com saúde, entro numa vidinha de hygiene e de virtude austera, que ha de ser cousa edificante. Espero, com certa anciedade, ver passado o dia 15; não creio, a despeito dos boatos, que haja qualquer perturbação de ordem; mas, em todo caso, e por todas as razões, lamento não poder ahi estar nesse dia. Adeus. Saudades aos companheiros. Abraça-te o amigo — *Lucio de Mendonça*.»

Valentim escrevia-me de Paris, a 16 de outubro, ancioso por saber do que occorrera com A *Semana*, de cuja situação precaria lealmente o havia eu scientificado. Em tal carta, depois de se occupar de nossa folha, dizia :

— « Muito amavel o cartão do Prudente. Vou responder-lhe em carta longa e importante, de que te darei amplo conhecimento. Attenção: — Estou organizando uma campanha na imprensa parisiense (a menos ruim) em favor do Prudente, para preparar-lhe o advento do seu governo. Dará principio um *interview* politico a seu respeito, que terá logar entre mim e um redactor de jornal grave (talvez o *Temps*), ao qual se seguirá um artigo meu na *Nouvelle Revue* e outros editoriaes, de varias folhas. Essa campanha, dirigida por mim e a mim devida, auxiliada ainda pela influencia do Assis Brasil (que está aqui e está ainda mais meu amigo do que dantes, que não quer separar-se de mim um momento) e com a tua habil e assidua intervenção junto do homem, deve dar como resultado a minha nomeação para uma commissão especial na Europa. Conta-me minuciosamente as occorrencias politicas, o estado das cousas; o que se diz, o que se espera, o que se prepara. . . Que te direi de Paris? Faltam espaço e tempo. E' a minha cidade. Até hoje o que mais me deslumbrou foram a *Venus de Milo* e o passeio ao *Bois*. E' uma delicia viver aqui. O diabo é o frio, que vae ficando terrivel. Apanhei um defluxo *onça*. Devo estar brevemente com o Sardou e com o Zola. Estive hontem com o Eça: — encantador. Breve visitarei Mme. Adam. Já conheço varios jornalistas: todos *blagueurs*. Vi o *Severo Torelli* na Comédie. Que bella cousa! Adeus. Teu — *Valentim*. »

Em carta subsequente observava:

« Fizeste muito bem em vender a folha ao Sequeira; approvo plenamente esse acto, porque era a melhor solução possivel, nas condições em que te encontraste ».

Não havia tido tempo o amado companheiro de saber que o negocio se desfizera e que eu fôra obrigado a grande sacrificio, prologo de outros maiores.

A 10 de novembro apparecia o numero 67 com a chronica de EscragnoUe Doria, de quem egualmente publicava o bello conto — *Sangue Iscariota*. Dava mais: — versos de Themistocles Machado, Thaumaturgo Vaz e duas esplendidas traducções, feitas por João Ribeiro, de versos de Garcia Merou e Garcia Mansilla.

Foi por esse tempo que Garcia Merou, então ministro da Republica Argentina, começou a frequentar diariamente o *bonde*, requintando em delicadezas e tornando-se amigo inseparavel do autor destas linhas, cuja companhia reclamava incessantemente.

Typo digno de analyse o Sr. Merou, a respeito de quem Araripe, a meu pedido, escrevera magistral estudo de critica literaria. Cheios de altos e baixos, unctuosos ás vezes, rebarbativo outras, Merou se me affigurava um enjaulado moral. De uma feita, em Petropolis, após longa palestra e na maior expansão de amigos, disse-lhe isto mesmo: — «Você parece que quer a cada momento fazer uma confissão, mas ao inicial-a detem-se». Riu-se e observou que não me achava longe da verdade. Depois cahiu em meditação, para, dentro em pouco, alegremente, convidar-me a um passeio a pé — muito devagar — pelas ruas lindissimas da cidade serrana.

Dei conta a Araripe do meu modo de julgal-o e o eminente critico achou justissimo o conceito. «Elle tem de facto alguma coisa, que a todo momento o apoquenta, em todo caso é o mais cordial dos nossos inimigos», ponderou o saudoso companheiro.

Possuo de Merou muitas cartas curiosissimas, extravasando protestos de estima. Tenho ainda a riquissima edição dos *Chants du soldat*, de Paul Déroulède, illustrações de A. de Neuville, na qual escreveu o seguinte: « *A mi querido y distinguido amigo — Max Fleuiss — en prueba de viva simpatia y de confraternidad intelectual — M. Garcia Merou* ».

Demonstrações que se accentuaram para, de subito, sem ter havido a menor causa, cessarem e tornal-o até clamorosamente injusto para com *A Semana*, que o acolhera carinhosamente...

Chegavamos, porém, a 15 de novembro. As apprehensões eram cada vez maiores. Na vespera, no Hotel dos Estrangeiros, onde se hospedára o Dr. Prudente de Moraes, tinha-se a impressão de que havia qualquer cousa de muito grave a temer-se. Falava-se baixo, a medo; só o velho paulista conservava a mesma serenidade de sempre.

Ao retirar-me para casa, no Cosme Velho, passei pela de Xavier da Silveira, que se mostrava tambem muito impressionado. O boato corrente — a certeza — direi melhor, era a de um golpe de Estado na manhã seguinte: — dissolvidas as camaras, presos os politicos amigos do Presidente eleito e este, preso e deportado. Isso mesmo, em plena rua do Ouvidor, asseverava, em fragil estado de lucidez, um capitão de cujas demonstraões accesas e espirituosas ainda ha bastantes testemunhas... Todos presenciáramos a maneira descortez do Marechal Floriano para com o Dr. Prudente, por occasião da sua chegada ao Rio, a 2 daquelle mez. Não comparecera á Estação um só ajudante de ordens do Vice-Presidente da Republica, um só dos seus ministros. Não parecia tratar-se do estadista a

quem dentro de alguns dias devia ser entregue o governo do paiz.

Nos quartéis havia movimentos anormaes. A mocidade militar não occultava a sua aversão ao futuro Chefe do Estado e o populacho açulado crivava-o de alcunhas... Tudo isso emprestava aos boatos a apparencia de proxima realidade.

A ascensão do Dr. Prudente era, ainda na vespera, considerada uma hypothese... E diz-se que só á ultima hora se mallograram os planos tenebrosos.

No palacio Itamaraty, no proprio dia 15, depois da posse, o almirante Elysiario Barbosa, novo ministro da Marinha, conversando com o autor destas reminiscencias, mostrava-se apprehensivo e « não sabia si o palacio dentro em pouco se não converteria numa prisão! ».

Felizmente tudo passou.

A 17 de novembro publicava-se o numero 68, com uma esplendida chronica de Xavier da Silveira, escripta, sente-se bem, sob a influencia do momento politico. Inseria tambem o numero o trabalho do Sr. Armando Erse (João Luso): a *Cartola do regedor*, premiado em segundo logar, no terceiro concurso. Hesitára o brilhante literato em apresentar esse tão justamente laureado conto ao certamen e só o fez devido a insistencia minha.

Mas a situação economica da folha de novo se aggravara. A typographia onde era impressa passára ás mãos de um gerente intoleravel, que augmentou todos os preços e intempestivamente entrou a fazer mil exigencias, sem ter para isso razão de ordem alguma. A sua alma de judeu era do tamanho do seu corpo de anão. Em breves annos teve o premio merecido, dando com o estabelecimento em pantanas.

Representou, pois, ingente esforço o apparecimento do numero 69 — 25 de novembro, numero evidentemente fraco, a despeito da collaboração de Escragnolle Doria, Henrique e Valentim Magalhães e Gervasio Fioravanti.

Suspendi logo depois a publicação com a esperança de podel-a restabelecer sem demora. Tentaria novos esforços, procurando ampliar a esphera de acção d'*A Semana*; contava com escolhido corpo de redactores — amigos dedicadissimos — entre os quaes cumpre incluir Raul Pompéa — o magno artista da prosa — hoje só lembrado de poucos, digno, entretanto, da consagração de uma herma, em marmore ou bronze, num dos nossos jardins publicos.

Suppunha conseguir a impressão, não gratuita, mas em condições favoraveis, na Imprensa Nacional. E de certo alcançaria, si não fosse a incuravel myopia mental ao serviço da formalistica de dois burocratas, de cuja opinião não quiz dissentir o novo Ministro da Fazenda, não obstante meu amigo e admirador d'*A Semana*. Trabalharia eu, porém, e neste empenho não desfiz o escriptorio, continuando diariamente as *viagens do bonde*, todo confiante na proxima resurreição da folha.

Lucio de Mendonça escrevia de Christina, a 25 de dezembro:

«Meu caro Max. Boas e alegres festas, a V. e mais companheiros d'*A Semana*. Livre do *beriberi*, estou á espera de que se regularizem as condições da viagem, para voltar; como está agora, com as exigencias sanitarias, é impossivel para quem, como eu, leva a companhia de tres crianças. Quanto a *A Semana*, não desanime; mas si obti-

veres a publicação na Imprensa Nacional, é indispensavel eliminar o meu nome da lista dos redactores, para evitarmos a malevolencia dos commentarios. Adeus. Teu — *Lucio.*»

O unico desanimado era o Valentim, que me dizia de Paris:

«Avalio os teus nobres esforços e sacrificios, meu velho. Sou delles a melhor testemunha. Não podias de certo continuar a fazel-os. Foste um heroe. Lamento e sinto — bem podes imaginal-o — essa catastrophe. Não tenho infelizmente, como tu tens, esperança nenhuma de ver resurgir *A Semana*; não confio nessa tentativa da empresa, por muito que trabalhes. Esqueceste já as decepções e canalhadas de que fomos victimas, quando fundámos a folha? Não quero desanimar-te, no emtanto.»

Lembrei-me, a principio, de constituir uma sociedade e neste proposito fiz distribuir os seguintes prospectos:—  
«*A Semana* — Á vista da geral acceitação que tem merecido esta revista literaria, que, havendo tentado a sua nova phase em agosto de 1893, cumpriu até hoje com o maior escrupulo todos os pontos de seu programma, resolveu a sua directoria propôr a formação de uma empreza para que, com o auxilio de maiores capitaes, possa ser augmentado o numero de paginas, dar sempre illustrações, estabelecer secções que tratem de assumptos da politica mundial e outros até aqui não incluídos na folha, tornando-se deste modo *A Semana* um periodico mais interessante ainda e tanto quanto possivel semelhante aos *Annaes Politicos e Literarios*, de Paris. Para levar a effeito esse commettimento *A Semana* passa a ser constituida por uma empresa com o capital nominal de 60:000\$, dividido em 1.200

acções de 50\$ cada uma. Os accionistas realizarão immediatamente 50% de cada acção ».

Dirigi-me a diversos capitalistas, que me encheram de futuras promessas e... mais nada!

Foi, então, que o Sr. Edgard Gambaro, um dos directores da companhia de seguros de vida — A Educadora, — de que Valentim era presidente, resolveu entrar para *A Semana*, uma vez que a elle me associasse.

Effectivamente, a 1 de fevereiro de 1895 firmavamos um contracto assim resumido :

« Max Fleiuss e Edgard Gambaro, á vista da dissolução da antiga razão social da revista *A Semana*, por desistencia de Max Fleiuss, maior quinhonista e maior credor da antiga *A Semana*, do Dr. Valentim Magalhães, tambem quinhonista e director effectivo da revista, e por cessão completa e documentada de outros quinhonistas, formam, por este meio, contracto de sociedade sob a firma social — E. Gambaro & Comp. — para a manutenção da revista *A Semana*, sob as seguintes condições : 1ª ... 2ª. O capital social será de dez contos de réis, que E. Gambaro e Max Fleiuss se obrigam a fornecer em partes iguaes, — por prestações proporcionadas ás necessidades da manutenção da folha e aos compromissos para com os credores da sociedade; 3ª ...; 4ª ...; 5ª. A direcção da redacção pertencerá exclusivamente ao director socio Max Fleiuss, a quem competirá manter, dispensar e admittir redactores, collaboradores, correspondentes e todos os auxiliares; 6ª A administração pertencerá exclusivamente ao socio gerente Edgard Gambaro, a quem competirá nomear empregados, agentes, banqueiros e fornecedores da empresa e dirigir toda a parte economica da folha ».

As outras condições dispensam transcrição.

Salientarei desde logo as declarações escriptas da desistencia dos quinhonistas Valentim Magalhães, Henrique de Sá, A. Bezerra de Menezes, Arthur Getulio das Neves, Joaquim Abilio Borges, Fontoura Xavier e Lucio Martins Esteves, que só desejavam o reaparecimento da folha, abrindo generosamente mão de qualquer interesse pecuniario.

Constituida de novo, *A Semana* resurgiu brilhantemente a 2 de fevereiro de 1895 — numero 70, — com uma hilariante chronica de Urbano Duarte, o «Retrospecto literario» de Araripe Junior, um soneto de Antonio Salles, um artigo de Valentim sobre a Academia Franceza, poemtos em prosa de Escragnolle Doria e outros escriptos interessantes.

Devo consignar ter de prompto satisfeito a minha contribuição social, entregando ao Sr. Gambaro a quantia de cinco contos, do que guardo documento, obtida com a alienação de um pequeno predio que possuía.

Cumpre dizer alguma cousa sobre o Sr. Gambaro. Era, sem duvida, um homem activissimo e intelligente. Na gerencia da — Educadora — trouxera áquella companhia valioso concurso material. A par disso, porém, como tive ensejo de verificar, era anarchico em suas deliberações e prodigo nas despesas.

O serviço economico e administrativo d'*A Semana* exigia diminuto pessoal, mas o Sr. Gambaro nomeou logo um guarda-livros, um chefe de contabilidade, um ajudante, dois continuos, sem prejuizo do pessoal anterior.

A isto accrescente-se outra serie de despesas superfluas, que não esmiuçarei.

Sem tardança, observei delicadamente o que me parecia, retorquindo-me que ahi residia o seu plano, pois a perfeita organização commercial da folha seria o seu successo, ainda mais com o amparo decisivo da — Educadora.

A alguns amigos, que me felicitaram pelo reaparecimento, respondi que o mal não havia cessado de todo, sendo opinião minha que o futuro da revista não estava assegurado. Houvera, quando muito, uma dilação do perigo.

Não obstante, continuei a cuidar d'*A Semana* com o maior carinho.

A chronica do numero 71 — 9 de fevereiro — abriu com um bellissimo preito de Silva Ramos á memoria de Luiz Rosa, de quem Escragnolle Doria tambem tratava em linhas sentidissimas.

Araripe Junior continuava o «Retrospecto»; apparecia de Valentim uma correspondencia; de Escragnolle Doria, um conto — *Flôr de Antanho*; versos de Themistocles Machado e Sabino Baptista.

Já por esse tempo Lucio de Mendonça regressára de Minas; não nos tinha, porém, apparecido. Dizia-se prêtes a sua nomeação para ministro do Supremo Tribunal Federal; por esse motivo enviei-lhe um tinteiro com que me brindára Fernandes Figueira e cubiçado por Lucio, que, entretanto, só o desejava possuir quando realizada a grande aspiração de sua vida publica: a investidura no Supremo Tribunal.

Em resposta, recebi esta carta:

«Meu caro Max. Muito cedo mandaste o tinteiro! e vae ficar guardado até que se realize (si algum dia se rea-

lizar) a condição da dadiva. Antecipo-te, entretanto, os meus agradecimentos. Não tenho apparecido, por não ter ainda em ordem a casa e a vida. Teu — *Lucio de Mendonça.*»

As apprehensões de Lucio não procediam: dentro em pouco tempo foi nomeado para o alto posto judiciario e prezo-me da contribuição, minima embora, que nisso tive.

De Valentim chegava-me ás mãos uma carta de Paris, em que insistia no justo desejo de obter uma collocação qualquer na Europa.

Nesse sentido pedia-me a intervenção junto ao Dr. Prudente de Moraes, dizendo-me, entre outras cousas: — «Com esta receberás tres cartas para o Antonio Olyntho, Carlos de Carvalho e Gonçalves Ferreira. Lê e entrega-as pessoalmente, conversando com os destinatarios sobre o seu contexto. Só ao Gonçalves Ferreira é que ataco directamente a questão. Vae tambem uma para o Rodrigo Octavio. Entrega-lhe e pede-lhe a cousa *carrément*: elle pôde conseguir muitissimo. E, principalmente, em todas as palestras com o Prudente, falla em mim, dize o que tenho feito na Europa. Mostra-lhe os meus artigos d'*O Seculo* e da *Justice*. Sinceramente e sem vaidade, aqui entre nós, penso que o Governo será muito idiota, si não me aproveitar para alguma cousa, uma vez que aqui estou».

Ocioso será dizer quanto me empenhei, alcançando por fim, no ministerio do Dr. Antonio Olyntho, uma commissão que o dilecto companheiro, porém, não quiz acceitar.

A 16 de fevereiro apparecia o numero 72, com o final do «Retrospecto Literario» de Araripe Junior, versos de Francisca Julia, Henrique de Magalhães, Dias da Rocha,

poemeto em prosa de Escragnolle Doria, um artigo de Valentim sobre Pardal Mallet.

Nesse numero iniciava effectivamente Raul Pompéa a sua collaboração, publicando o primeiro canto do *Spectro Sentimental*.

Concluindo o «Retrospecto de 93», disse Araripe: — «Findo aqui a minha fastidiosa viagem através do anno de 1893, com os mais ardentes votos pelo futuro d'A *Semana* que, renovando o meio literario no qual cahira a mais negra das apathias, conseguiu, quando todos só cuidavam em defender-se de granadas, ou atirar granadas, attrahir a attenção dos homens de letras e de um limitado publico, dando movimento e excitando a cobiça esthetica pela abertura dos concursos».

Bellas palavras, recompensa de esforços desinteressados, de verdadeiros sacrificios, premio de quem, por sua alta comprehensão intellectual, o podia plenamente conferir!

Por esse tempo, o Sr. Garcia Merou — sempre gentil — offerencia um banquete a *A Semana* e ao seu director interino, seu joven amigo, disse, e a quem queria como a um irmão.

João Ribeiro reaparecia na chronica do numero 73 — 23 de fevereiro —; Araripe Junior tratava do livro de Viveiros de Castro — *A Nova Escola Penal*; Pompéa inseria o segundo *Spectro Sentimental*; Escragnolle Doria um conto — *Um simples*, dedicado ao seu glorioso tio Visconde de Taunay; Julia Cortines dava versos admiraveis; Henrique de Sá mantinha os seus «Cavacos Medicos», sempre apreciados; D. Maria Clara da Cunha Santos collaborava com inspirada poesia.

Tres dias depois, a 26, recebia do muito prezado amigo Alberto de Oliveira um cartão autographo, assim concebido :

«Max, olha o que me prometteste: o artigo no proximo numero d'A *Semana* sobre a infamia irrogada contra o meu nome e ultimamente trazida ao conhecimento do publico por uma publicação inserta nos «A pedidos» do *Jornal do Brasil* e firmada por um dos calumniadores, demittido a bem do serviço publico. Quero ver teu protesto.»

Effectivamente, em o numero 74, de 2 de março escrevi extensa nota, tratando do caso e terminando do seguinte modo: — «Alberto de Oliveira jámais deixará de ser o homem digno da estima e da admiração de todos os que professam os sentimentos da honra e que, em vez de terem a alma cheia de indignidades, a têm completa de qualidades nobilissimas, como a do grande poeta».

Muito interessante esse numero 74, com apreciáveis trabalhos de Escragnolle Doria, a continuação da analyse da *Nova Escola Penal*, de Viveiros de Castro, devida a Araripe Junior, versos de Themistocles Machado, um admiravel conto de José Vicente sobrinho — *O invalido* —, que legitimos applausos conquistou. Reproduzia tambem um conto de Franklin Tavora, o insigne homem de letras cearense, de quem hoje ninguem fala.

Entrou em tal occasião para *A Semana*, como subsecretario, o Sr. Eduardo Saboya. Era um nome que apparecia firmando apenas alguns contos, mas cheios de côr local e denunciando um espirito que se desdobraria.

Moreno, agreste, a fumar um charuto que lhe tomava a boca inteira, pouco sociavel, Saboya surgiu, todavia, em

nosso meio, muito sympathicamente, pelas demonstrações de uma intelligencia superior. Não lhe tardaram as victorias na vida. D'A *Semana* passou para outros jornaes, depois foi, com Felix Pacheco — outro bellissimo talento — redactor d'O *Debate*, partindo dahi para a carreira politica, que o empolgou, retirando-lhe os triumphos literarios, mas dando-lhe em troca uma cadeira na representação nacional. Possuo de Eduardo Saboya uma infinidade de cartas, todas de character intimo, que bem lhe revelam as qualidades d'alma e de intelligencia; conservo-as todas em lembrança dos bellos tempos do nosso convivio. Como muitos outros, Saboya encontrou n'A *Semana* o meio que mais concorreu para a formação do seu espirito.

Outro cearense, que ao mesmo tempo nos visitou, não nos frequentando, porém, foi o Sr. Frota Pessoa, apresentado pela seguinte carta de Themistocles Machado:

«Fortaleza, 1º de fevereiro de 1895.

Meu caro Max. — E' portador desta um amigo a quem muito estimo e a quem desejo que estimes tambem: é o Frota Pessoa, um rapaz de talento e de criterio, que ahi vae estudar engenharia. Frota não é um desconhecido, tem escripto varias vezes na *Gazeta* e quero que o aproveites n'A *Semana*. E' elle ahi meu representante. Faze de conta que é a minha pessoa. Conversa com elle relativamente ao Centro, elle te informará criteriosamente do movimento literario desta terra. Ouve-o e ficarás sabendo que tem garrafas vasiaas para vender. Escreve-me e abraça o teu *ex-corde* — *Themistocles*.»

A 9 de março apparecia o numero 75, com o inicio do bello estudo de Araripe Junior sobre o Sr. Garcia Merou, que dias antes me escrevera nestes termos.

«Mi distinguido amigo Max Fleiuss: — Tengo el gusto de enviarle, rogandole se los trasmita al eminente critico Araripe que va á hacerme el honor de ocupar-se de mis trabajos de *amateur* algunos rasgos biográficos, los articulos del visconde de Taunay, y un retrospecto literario de *La Prensa*, que acabo de recibir y que se ocupa de mis últimas publicaciones, — y con el objecto de que vea el juicio que, a mi respecto, forman mis compatriotas. — Tambien le mando el único ejemplar que existe em mi poder de mi novela *Ley Social*, ensayo poco feliz y demasiado juvenil, en un jénero que no he vuelto á afrontar. Con esto y con mis libros *Estudios Literarios y Impresiones* tiene completa mi obra de dilettante diplomático y literario. Temo que la exhibición de tan modestos titulos desanime al critico. De todos modos, puede V. assegurarle que mi gratitud será eterna, por la buena voluntad con que ha querido ocupar-se de mi humilde personalidad. *Tout à vous* — M. Garcia Merou.»

Além desse artigo de Araripe, apparecia outro, conclusão do estudo sobre a *Nova Escola Penal*, de Viveiros de Castro; um magistral conto de Valentim — *Theorias*. . . ; o *Spectro Sentimental*, de Raul Pompéa; a *Emboscada*, de Eduardo Saboya; versos de Machado de Assis, Antonio Salles, Henrique de Magalhães, e uma humoristica apreciação dos jornalistas da época, por Urbano Duarte. Agradou muitissimo esse numero; foi preciso repetir a edição e isso fez recordar os periodos aureos e — quem sabe? — acreditar na sua volta. . .

Relativamente fraco o numero 76, de 16 de março, a despeito da chronica de Escragnolle Doria, que tambem publicava um conto, da continuação do estudo de Araripe

Junior sobre Garcia Merou e de algumas transcripções felizes.

De Lisboa, recebia uma carta de Valentim, muito enfadado com o silencio dos seus companheiros de direcção na — Educadora — e prevendo mil dissabores. Noutra carta, chegada dias depois, dizia elle: — «Quasi não tenho feito mais nada na Europa sinão escrever-te! Mas não faz mal: tenho nisso vivo prazer e faço o mesmo que tu, que tens sido um bom e grande amigo, e o tens provado justamente quando é mais difficil e melhor proval-o: na ausencia. Adquiriste um compartimento especial no meu coração, um gabinete particular, onde só é permittido *manger écrevisses* a tres ou quatro».

A chronica do numero 77 (23 de março), devida ao *Padre Antonio Pereira Filho* (Araripe Junior), foi a nota principal desse numero, que tambem trouxe o estudo sobre Garcia Merou, a traducção dos — *Cégos*, de Mauricio Maeterlinck, feita por Escragnolle Doria, e outros artigos interessantes.

Valentim, em data de 7 de março, escrevia, de Lisboa, a seguinte carta:

«Meu querido Max — Venho com minha mulher do theatro Gymnasio, onde assistimos á primeira representação da *Madrinha de Charley*, com estação pelo Café Montanha, onde ceíamos, e sento-me a escrever-te, para aproveitar um portador directo, que parte amanhã para o Brasil. Lisbôa está em festa — as festas ao João de Deus, que faz annos amanhã. A cidade está cheia de estudantes, vindos de Coimbra, Porto e Braga, para tomarem parte nas festas. Haverá amanhã um grande cortejo civico, espectáculo de gala, etc. O pobre João de Deus é

que deve estar furioso, elle que é a modestia em pessoa e detesta o ruido e a *réclame*. Como lembrança desta bella festa, mando-te uma caixinha com 10 cadernos de papel — João de Deus —, os quaes repartirás contigo, Lucio, João, Gambaro, Americo, Silva Ramos, Henriques — de Sá e Magalhães, Doria e Urbano. Fui convidado a falar amanhã em uma das festas. Com esta e a caixa de papel envio-te um pacote de jornaes de hoje, em que lerás (com grande prazer, estou certo), noticias da primeira conferencia por mim realizada hontem sobre a Literatura Brasileira. Verás por ellas que obtive um grande successo. (Nota que nenhuma das noticias foi por mim pedida: aqui nada peço). Estou muito contente com o resultado da primeira conferencia. Fui ouvido com grande attenção por um auditorio escolhido e applaudido com enthusiasmo.

«Agora que conheço o meu auditorio, estou muito mais seguro do successo na segunda conferencia (que será no proximo dia 11), espero e conto agradar muito mais ainda. Vou ler versos dos principaes poetas. Espero que esse serviço, que estou prestando á literatura brasileira, será devidamente apreciado ahi. Fal-o valer diante dos jornaes diarios e dá n' *A Semana* uma noticia-resumo da opinião dos jornaes. Sou o primeiro brasileiro que se lembra de prestar este serviço ás letras da sua terra. Procurei não esquecer ninguem de merecimento: — de certo esqueci alguns, mas a minha memoria nada tem aqui para ajudal-a. Propositalmente — só esqueci tres nomes, X, X e X, pelas razões que conheces: o primeiro calou o meu nome no seu livro, citando os de muitos nullos; o segundo é meu inimigo gratuito e feróz; o terceiro é um miseravel. Fiz do mestre Machado um elogio retumbante, proclamei-o

mestre dos mestres. Meu nome começa a conquistar Lisboa e todo Portugal. Na maçonaria alcancei ha dias um triumpho estrondoso, fazendo os cento e tantos assistentes se declararem republicanos em uma estrepitosa ovação ás minhas palavras ultimas: — «A verdadeira fraternidade entre o Brasil e Portugal só se firmará quando houver egualdade de instituições politicas entre os dois povos». *O Seculo* publica o meu retrato e biographias depois de amanhã, e já não sei para quantos almanacks e revistas tem-se-me pedido o retrato. Fui eleito, sem a minima solicitação, socio correspondente da Sociedade de Geographia. Não me julgues vaidoso e ensoberbecido com estes triumphos: estou apenas contente, porque elles vão reflectir sobre o nosso querido Brasil, que tanto mais amo quanto mais viajo. Tenho continuado a ser muito visitado por escriptores (José Antonio de Freitas, Monteiro Ramalho, Marianno Pina, Conde de Monsaraz, Thomaz Ribeiro, Gomes Leal, Alberto Pimentel, etc.). Tenho conservado a minha linha de altivez; só visitei, antes de visitado, o João de Deus. Sinto não ter versos teus para ler: mas citarei o teu nome, como de todo rigôr mereces.

E basta de falar de mim. Inclúo um soneto, e bom, do João Penha, expressamente para *A Semana*. Adeus. Teu, todo teu — *Valentim*. »

A 30 de março apparecia o numero 78, com uma esplendida chronica de Urbano Duarte, o estudo de Araripe sobre Garcia Merou, um conto de Escragnolle Doria, que proseguia na traducção dos — *Cégos*, de Maeterlinck, (de alguns muito apreciada), versos do Barão de Alencar, Joaquim de Araujo, Henrique de Magalhães e as secções habituaes.

Merece transcripção a seguinte carta de Valentim, datada de Lisboa a 10 de março :

«Meu caro Max. — Escrevi-te ante-hontem por portador seguro, enviando-te um pacote de jornaes, em que ha noticias sobre a primeira das minhas conferencias, uma caixa de papel — João de Deus — para distribuir pelos amigos e cartas e retratos para entregares. Has de receber esse carregamento apenas dois ou tres dias antes desta carta, si não receberes tudo ao mesmo tempo. Aproveito o *Danubio*, que parte amanhã, para accrescentar algumas linhas e remetter-te um artigo para *A Semana* com o titulo — *A glorificação de João de Deus*, que vae com originaes manuscriptos e tres exemplares d'*O Seculo* de hoje que traz o meu retrato e uma archi-lisonjeira biographia. Si deixares de receber alguma dessas cousas, vae reclamal-a ao Correio. Como vaes ver d'*O Seculo* de hoje, o meu successo accentua-se e cresce e eu, estou aqui, estou cantando como o immortal Felippe :

Mas, si continúa  
Successo assim tanto,  
Acabo na rua  
Do Espirito Santo !

«Na noite do dia 8 em que te escrevi, fui convidado para a sessão solenne do Atheneu Commercial em homenagem a João de Deus, e a ovação que lá fizeram ao meu improvisado foi a maior da minha vida. O Theophilo Braga e o Manuel de Arriaga abraçaram-me entusiasmados. Estou passando aqui por grande orador! Eu, que ahi nunca fui considerado nem grande nem pequeno. De duas uma: — ou esta gente é muito. . . amavel, ou eu adquiri essa qualidade atravessando o Atlantico! Tem graça, não é?! Amanhã é a minha segunda conferencia sobre os

poetas. No dia 13 é a terceira e ultima, e no dia 14 — banquete que me vae ser offerecido. Si te eu dissesse que não estou contente, mentiria: mas a verdade é que eu o estou, principalmente porque tudo recae sobre o nosso amado Brasil. Viva o Brasil! Tenho feito por elle o que tenho podido. Reconhecel-o-á essa imprensa dahi, que, quando se refere a mim, só encontra a designação: o *senhor doutor*? Não sei; mas bem pouco me importa isso. O que me importa é: em primeiro lugar a sancção da minha consciencia e em segundo o applauso dos meus amigos. Estão contentes commigo? Estão? Ainda bem si estiverem, porque contentissimo estarei. Transcreverás n'*A Semana* o artigo d'*O Seculo*, si assim o entenderes. Estou cumprindo a promessa que te fiz e ao Gamba: estou trabalhando para a folha. Não muito; porque me falta tempo; mas tanto quanto posso. A 16 ou 17 devo partir com a minha Dudú para Sevilha, directamente, e dahi, depois, para Madrid, Barcelona, Marselha, Italia e Paris, si me vier o reforço de fundos que pedi ao Reis. (Emquanto escrevo, riem e palestram no quarto contiguo alguns estudantes que vieram para as festas; um delles tem a risada tão parecida com a tua, que me dá impeto de gritar-lhe: — O' Fleiuss! Vem cá!). Tenho muitissimo que te dizer e contar, mas não póde ser por carta: não ha tempo para escrever tanto e enorme seria a despesa com os sellos. Fica para a minha volta, que a mim mesmo já me vae parecendo retardada. Já agora, porém, que o sacrificio está feito, melhor será completal-o. Teu do coração — *Valentim.* »

O numero 79 foi publicado a 6 de abril, trazendo a chronica de Escragnolle Doria, o estudo de Araripe sobre o

Sr. Merou, o artigo de Valentim sobre João de Deus e o seguinte bello soneto de João Penha :

EVOLUÇÃO PERPETUA

Não te canses no estudo incerto e vario  
Do problema final da vida eterna :  
Depois da morte, « nada ! » é voz moderna (\*),  
Que se perde nas rochas do Calvario.

Sombrio como um doente imaginario,  
Apavora-te o Espectro que governa  
No palacio dos reis e na taberna :  
A da fouce e do lugubre sudario.

Mas coragem ! não chores sem motivo !  
Nem mais andes assim, na morte absôrto,  
Que no mundo o prazer é fugitivo.

Toma alentos num calice de Porto ;  
Si, para se morrer basta estar vivo,  
Para se resurgir basta estar morto.

20 - 2 - 95

JOÃO PENHA.

A 13 de abril davamos o numero 80, tambem interessante pelos trabalhos de Escragnolle Doria, Araripe Junior, Henrique de Magalhães, Sabino Baptista e Freitas Guimarães.

Quanto ao lado economico, as cousas não corriam bem e o Sr. Gambaro queixava-se da exiguidade do nosso capital ; mas nem por isso cogitava de diminuir o pessoal... inutil.

Os enthusiasmos de Valentim pelas cousas portuguezas e principalmente o seu artigo denominado — *A glorificação de João de Deus* — irritaram os zelos ultra-nati-

(\* *Post mortem nihil est.*)

vistas de Lucio de Mendonça e Araripe Junior, aos quaes logo se alliou Raul Pompéa. Os dois primeiros — velhos e dedicados amigos de Valentim — julgaram-se autorizados a tomar-lhe contas. Pedi-lhes que evitassem o assumpto: não me attenderam, porém, dizendo-me Lucio — «tratar-se de simples divergencia literaria entre amigos, da qual não poderia advir a mais leve solução de continuidade nas boas — nas optimas — relações que mantinham e manteriam com o Valentim».

Conhecedor do character impressionavel do amigo ausente, ponderei não pensar do mesmo modo, pois Valentim mostrava-se realmente penhorado pelo cavalheirismo com que o acolhiam em Portugal: para corroborar li trechos de cartas, alguns publicados nestas chronicas, e a tudo isso Lucio declarou assumir plena responsabilidade do revide e que, para resalvar a minha posição de amigo, escreveria ao Valentim — «dando-lhe noticia das *tremendas sóvas* que elle e o Araripe lhe preparavam».

Si assim disse, immediatamente o cumpriu. Sinto não ter guardado uma cópia dessa carta, na verdade espirituosissima.

Nada mais me era licito objectar. Previ, porém, com segurança, o resultado: — Valentim ficaria melindrado e me attribuiria a maior parte na culpa. Isso mesmo, em carta que tambem lhe escrevi, declarei francamente, expondo todo o caso e mais os receios do Sr. Gambaro de que, ante a attitude de formal recusa, Lucio e Araripe se retirassem da folha, o que importaria em prejuizo irremediavel.

Os factos demonstraram cabalmente quanto estava de meu lado a razão, concorrendo implicitamente essa

campanha — brilhante, mas inutil — para o desaparecimento da revista.

Mas vou continuar, obedecendo á ordem chronologica. . .

A chronica do numero 81, de 20 de abril, em que Lucio : tambem collaborou com um magistral conto — *A sombra do rochedo*, dedicado a Raul Pompéa, foi a nota sensacional do numero, rapidamente esgotado. Merece transcripta, para que melhor se avalie a feição combativa de Lucio :

« — « Historia dos sete dias » — Dos varios aspectos sob que podem ser vistos os sete dias que esta chronica ha de percorrer a vôo de borbolêta, o mais interessante para nós tem de ser o literario. Deste ponto de vista, a ultima semana é tão pobre como todas as irmãs deste mez e anno, setimo da Republica.

« Ainda continúa a ser assumpto nas rodas literarias, entre as quaes o *bonde d'A Semana* tem logar conspicuo, a commemoração feita em Portugal ao seu poeta João de Deus Ramos ; chegam-nos ainda, pelas folhas da nossa imprensa diaria, noticias e commentos, estudos, anedotas e impressões acerca da festa e do vate. Aqui mesmo, n'*A Semana*, demos sobre o objecto um artigo do nosso Valentim Magalhães, cantando pelo diapasão lusitano o genio e a gloria do senhor do — *Campo de Flores*.

« Critica, o que se possa chamar critica, ainda não se leu, nesta occasião, pela grande razão de não se haver escripto, do celebrado poeta e da sua obra poetica. Pomba e aguia, genio e anjo, e semelhantes metaphoras têm chovido de varias pennas portuguezas sobre o nome daquelle que nos é dado de lá como o primeiro lyrico da nossa terra, sinão da nossa lingua !

« Com milhões de raios! com todos os raios de Apollo! ou eu protesto, ou rebento! Não chego a dizer, como o Sr. Eça de Queiroz, n'Os *Maias*, que esse genio me parece um imbecil; mas digo e torno a dizer que esse grande poeta é um deslavado versejador, um alinhador de versos prosaicos e frouxos, um poeta d'agua chilra, ou que, quando muito (como dizia o Joaquim Serra), sabe a caldo de couve com assucar.

«Primeiro lyrico portuguez. . . Não se dá maior desa-fôro! Então, quem diz isto, não sabe que em Portugal houve um carregador de lyra chamado Bocage, antes do qual escreveu versos lyricos um certo Luiz de Camões, e depois de quem, si não mente a fama, cantou um chamado Almeida Garrett e trina ainda um tal Guerra Junqueiro! Isto para não recordar sinão os enormes, porque, na vasta multidão dos lyricos portuguezes, para achar melhor que o Sr. João de Deus Ramos, ha centenas de poetas, mortos e vivos, de Soares de Passos (o Casimiro de Abreu portuguez) para baixo e do Sr. Thomaz Ribeiro para cima.

«Primeiro lyrico da nossa lingua. . . Chega a ser engraçado de tão inepto. Em que idioma escreveu, então, Gonçalves Dias? não foram em verso portuguez as *Lyras* de Gonzaga? que lingua é a que canta e chora nos versos de Fagundes Varella? não seria em portuguez que se exprimiu na terra o genio poetico de Alvares de Azevedo? será em francez ou em grego, em sanscrito ou em hebraico, que Raymundo Corrêa faz versos?

«Vão-se para todos os diabos que os levem os admiradores do Sr. João de Deus Ramos, com as suas exaggerações idiotas, capazes de tirarem a paciencia a um santo e a calma a um sorvete.

«E o nosso Valentim, que, quando ler isto, ha de fazer carêtas de contrariedade, si de uma vez não desmaiar de raiva, lembre-se antes de se extasiar deante do pardal dos Algarves, que temos por aqui, em qualquer logarejo da roça, ao norte, no centro, ao sul, por toda parte, muito mais bella poesia popular, poetas infinitamente mais inspirados, mais sentimentaes e mais artistas. Si lhe fosse a citar nomes, que elle melhor do que eu conhece, enchia toda esta pagina, toda esta revista inteira. Olhe o amigo, quer saber, franco e sincero, que poeta dos nossos me occorre comparar ao Sr. João de Deus Ramos? O Octaviano Hudson, o da *Musa do Povo*, e esse mesmo não sei si lhe diga que tinha mais vibração e mais estro, posto que não soubesse tão bem a lingua.

«Vá com esta, Valentim, e, para não pensar que isto é puro jacobinismo literario, fique sabendo que mestre Araripe Junior, o Taine cá de casa, não pensa diversamente a respeito do tico-tico das *Flores do Campo*, e é muito homem para pôr tudo isto em letra de fôrma, com todas as regras e circumstancias, e vingar, de uma vez por todas, o nosso gosto poetico, o nosso senso artistico, o nosso criterio literario, da grandissima pulha que você e mais portuguezes da outra banda estão a prégar-nos, com o seu João de Deus e de todo o mundo.

«Já agora, como o demonio da chronica está quasi consumida neste assumpto, vá que se acabe sem sahir de letras portuguezas.

«Lêmos com muito gosto, outro dia, a noticia que deu *O Paiz* do banquete offerecido em Lisboa ao nosso director por homens de letras daquella terra, e achámos graça á idéa do mais graduado dos commensaes, o Sr. Thomaz

Ribeiro, que vem para cá ministro plenipotenciario; é quando, num raptó de entusiasmo casamenteiro e onzeletras, tanto quer apertar os nossos vinculos de parentesco moral que, atrapalhando noções geralmente recebidas, affirma que virá aqui manter relações fraternas com os brasileiros e paternas com os portuguezes.

«Ora, si não falham as regras, vem esta graciosa figura a collocar-nos como tios dos portuguezes, filhos daquelle nosso irmão.

«Pois eu, de minha parte e em nome dos povos de S. José de Cacaria, meu berço natal, fadado para grandes cousas, invoco todo o respeito que me devem os referidos senhores meus sobrinhos para lhes suggerir, a troco da bonita herança que lhes estou ajuntando num *prégo* que estabeleci com o Max, a peregrina idéa de festejarmos a descoberta deste parentesco honroso com algumas garrafas de Porto de 1820, que a sêde britânica, por mal informada, tenha porventura deixado ficar nalguma velha adega da sobrinha Lusitania.

«Hade assistir ao regabofe o ladrão do padre Pereira Filho, que já está, aqui á beira, de beijo secco e luzio esbugalhado!

«Vae mesmo em estilo do Chiado, para fazer as pazes com Valentim Magalhães — *Pedro Alves*.»

Ao passo que Lucio assim se manifestava, Valentim continuava satisfeitissimo em Portugal, mas desconfiava do exito aqui dos seus successos. A seguinte carta, que recebi a 10 de abril, é disso prova:

«Lisboa, 14 de março de 1895. Meu caro Max — Por um interessado da Torre Eiffel, enviei-te, a 8 do corrente, um bandão de cousas e a 10 mandei-te, além de outra e

longa carta, tres exemplares d'*O Seculo* que publicou meu retrato e biographia, uma publicação feita em Paris em homenagem ao João de Deus e um artigo para *A Semana* acerca do grande poeta. Hoje, remetto-te com esta os jornaes que se occuparam com a segunda e terceira conferencias. Verás que o successo obtido com a primeira accentuou-se na segunda e foi estrondoso na terceira e ultima, realizada hontem. A sala estava repleta de poetas, prosadores e jornalistas (Monsaraz, Luiz Osorio, Teixeira de Queiroz, Dr. Manuel de Arriaga, Magalhães Lima, Mariano Pina, Monteiro Ramalho, Alberto d'Oliveira, Gomes Leal, Jayme Victor, Guiomar Torrezão, José Antonio de Freitas, Emygdio Monteiro, Raul Brandão, Luiz Guimarães, Luciano Cordeiro, etc.). Havia umas vinte e tantas senhoras e até tres padres! Pelo resumo d'*O Seculo* (feito por mim), ficarás sabendo o que fiz nessa conferencia, do que darás noticia detalhada e ruidosa, como das outras n'*A Semana*. Foi um successão! Abraços, palmas, flores. . . Estou com uma fama de orador enorme e o facto é que tenho falado bem, com uma calma e fluencia que me têm admirado! Das cousas lidas as que mais agradaram foram *Mal Secreto*, *As tres formigas*, *Ouvir estrellas* e o soneto do Henrique — *Cielo y mar*, que um dos jornaes chamou deliciosissimo. O tom masculino da Cortines desagradou, mas a Francisca Julia agradou muitissimo. Pareceu-me que, pelas leituras feitas, o agrado do auditorio classificou assim os poetas: primeiro, Raymundo; segundo, Bilac; terceiro, Alberto; quarto, Theophilo. Em summa: triumpho completo e magnifico para as nossas letras. A curiosidade publica está despertada; os jornaes pedem-me versos brasileiros. Tenho recebido rumas de livros offerecidos pelos autores

com as dedicatorias mais lisongeiras; numerosas visitas, cumprimentos, convites, etc. O meu discurso no Atheneu Commercial, na sessão ao João de Deus, fez um successo estrondoso e immenso — digo-t'ó sem sombra de vaidade, friamente. Falou-se e ainda se fala d'elle em toda parte. Pódes imaginar quanto me alegra ver que não estou sendo inutil para minha patria no estrangeiro. Mando-te tres numeros d'*O Microbio*, com o meu retrato e umas linhas muitissimo honrosas. Si me nomeassem agora ministro do Brasil em Lisboa, eu seria levado em triumpho, taes as sympathias que já tenho e a campanha de confraternidade que tenho feito. Mas nada espero e nada peço. Dou-me por bem pago com a estima e consideração de que me sinto rodeado. *E que impressão tem feito tudo isso ahi? Dize-m'ó com franqueza. Preciso saber-o positivamente sem o menor subterfugio...* E' meia noite. Vou dormir. Continuarei amanhã. . .

«Realizou-se hontem o banquete que me offereceram varios escriptores e amigos, por iniciativa do Magalhães Lima. N'*O Seculo*, *Diario de Noticias* e *Correio da Manhã* encontrarás e lerás a noticia detalhada desta festa. Foi encantadora de cordialidade e espirito. O Thomaz Ribeiro foi muito amavel; conversa muito bem. O Mansaraz gentilissimo. Fui muito feliz nos dois discursos que fiz: o primeiro, de agradecimento a cada um dos offertantes, e o segundo, á imprensa portugueza, em nome da brasileira, que fôra saudada por B. Aranha. Mas, repito: quero que tu me digas si tudo isso tem agradado ahi. Adeus. Teu — *Valentim*.»

Deixo, porém, por momentos, a questão lusophoba, para volver ao numero 81, que foi excellente, pois além dos

trabalhos de Lucio, nelle collaboraram Henrique de Magalhães, Raul Pompéa, João Ribeiro e Alcides Flavio (Fernandes Figueira), este com o seguinte soneto :

DEPOIS DO INTERMEZZO BRASILEIRO

( A Max Fleiuss )

Cantaste o eterno amor, e o amor eterno,  
Que celebraste, viverá cantando  
Na alma dos poetas, na do triste bando  
Dos que escraviza um sentimento terno.

Lutas de amor, — o delicioso inferno —,  
Sentindo, as descreveste a rir, chorando...  
E hoje mil corações, premio superno,  
Vão teus divinos versos murmurando.

Entanto a gloria não te invejo. Invejo  
Que ao mundo inteiro mostres extasiado  
Quanto soffreu tua alma e teu desejo,

Pois de outros sei que amando — que ironia! —  
Nem deverão siquer o nome amado  
Tartamudear no extremo da agonia.

O numero 82, de 27 de abril, começou com uma chronica feróz de Araripe e que transcrevo em sua maior parte :

«Porque Portugal vae celebrar o centenario de Santo Antonio de Lisboa?

«O Sr. Theophilo Braga prégou-nos pelo *Jornal do Commercio* umas razões de Beato Angelico, que não caharam.

«Este exegeta perdeu para mim todo o prestigio desde que se declarou muito lisonjeado com uma carta do defunto Camillo Castello Branco, pertencente á collecção

do Visconde de Ouguela, na qual o Balzac de S. Miguel de Seide o mimoseia com um grande elogio « pelo couce serviçal » que deu em Alexandre Herculano.

« Si não havia outras, então era o caso de pedir por bocca, na ausencia de Tabarin, ao João Minhoca.

« E foi o que fiz.

« João Minhoca está hoje aposentado. As agitações politicas lançaram-lhe na alma um profundo desgosto da sociedade e obrigaram-no a abandonar o seu antigo campo de glórias, certo de que seria tempo perdido insistir na regeneração dos povos pelo exercicio da arte simples, chã e popular.

« Ah! quanto elle se enganava e quão perto estava a glorificação dos simples na pessoa de João de Deus.

« Fui, pois, intrevistar o illustre João Minhoca, que, segundo me informaram, se havia retirado para um sitio ermo, junto á ponta do Cavallão, em Nitheroy.

Encontrei-o, só, meditabundo, divagando pela praia, com o gesto impregnado desse vislumbre de videncia prophetica, que é o privilegio dos philosophos aposentados e dos idiotas.

« Falei-lhe, interrompendo-o sem hesitação, e elle, sem protestar, correspondeu á minha saudação com a candura do seu olhar de homem experimentado pelas vicissitudes da vida.

« As ondas marulhavam perto sobre a areia; e ao longe, no esfumado de uma tarde tropical, a Itapuca projectava o seu perfil tão explorado pelos aquarelistas.

« Interroguei o philosopho, que, ao receber em cheio a questão, se deteve e se poz a riscar na areia com um graveto.

« — Porque os portuguezes vão celebrar o centenario de Santo Antonio? Ou por outra: que motivos historicos determinaram a exaltação de um santo, que tem sido tão malbaratado, agora injuriado pelas velhas alcoviteiras, mais adeante encarregado pelas moças de commissões de amor, quasi sempre assessor da canalha, dos taberneiros e dos desmiolados?

« Como Christo, antes de dar a sentença sobre a mulher adultera, João Minhoca riscou o chão, garatujou e tornou a garatujar na areia caracteres mysteriosos; depois ergueu o rosto e disse:

« — Você, seu padre mestre, você é um gaiatão. Então, não sabe?

« — Si soubesse, não procuraria consultar um simples.

« — Pois leia, neste caso, o auto da *Mofina Mendes*. Ouça o que dizia mestre Gil Vicente:

« Diz Francisco de Mairões  
Ricardo e Bonaventura,  
Não me lembra em que escriptura,  
Nem sei em quaes distincções,  
Nem a copia das razões;  
Mas o latim  
Creio que dizia assim:

*Nolite vanitatis debemus confidare de his, qui capita sua posuerunt in manibus ventis.* »

« — Mas, que tem isto de commum com o Centenario Antonino?

« — O' Padre de uma figa, estás hoje com a moenda da memoria muito pouco azeitada! Não atinaste ainda com a charada? Pois t'a decifro eu. O Bandarra, entre as suas prophecias, deixou esta: — que tempo havia de vir em

Portugal em que tolos voariam pelos ares e a pobreza seria tão grande que o Rei e toda a sua Côrte se reuniriam em Conselho, para, por decreto régio, dispensar Camões e seus successores, tangedores de gaita, do pagamento do imposto *dos tres pintos*. Ora, esse tempo de pobreza franciscana, anunciado pelo Bandarra, afinal chegou. Os tolos estão voando; os *simples* são elevados á categoria de pontífices; e, como não ha nem dois caracões no erario publico, os portuguezes, que viviam a metter Santo Antonio no fundo de um poço, por menoscabo, em honra delle, o padroeiro dos humildes e dos pobres, lembram-se agora de celebrar o setimo centenario. Ao que parece, porém, o santo não está muito satisfeito, por terem-no equiparado a João de Deus, poeta, que, em sua candura, ficou nú na presença do Senhor; e disse aos embaixadores, quando o buscavam para o *engrossamento*: — Ah! vocês procuram-me agora para livrar-lhes o pae da fôrca? Pois vieram tarde. Vão para os inglezes ou para o diabo que os carregue. Eu sou o padroeiro sómente dos pobres de dinheiro e não aceito zumbaias como padroeiro dos pobres de espirito.

« — Amen! — *Padre Antonio Pereira Filho.* »

Evidentemente esse aspecto lusophobo d'*A Semana* não poderia ser tolerado por Valentim e novamente insisti no sentido de se não proseguir na campanha. Lucio e Araripe estavam, porém, cada vez mais entusiasmados e tornaram a assegurar — que assumiriam toda a autoria do caso. Não obstante, consegui attenuar — e mesmo impedir — algumas considerações que se referiam a Valentim, a quem relatei todas as particularidades, salientando a verdadeira *pressão* do Sr. Gambaro, que não cessava de re-

petir: — «o Lucio e o Araripe retiram-se da folha, si você continuar a oppôr-se dessa fôrma; elles são amigos do Valentim ha mais tempo de que você. . .».

Essa campanha — é incontestavel — absorvia os numeros e dava-lhes sahida. Repetiam-se as edições.

Nos *Factos e Noticias* vinham as longas apreciações sobre os triumphos de Valentim em Portugal e nesse numero 82 transcreviamos da *Mala da Europa* a seguinte bellissima *Canção* do amigo ausente:

### CANÇÃO

A THOMAZ RIBEIRO

Isto canta-me dentro, enche-me o coração.  
Vae-me por alma afóra.

*Alberto de Oliveira.*

Não! não existe dôr: morte, infortunio, pranto,  
Emquanto fores minha e meu o teu amor.  
Jámais blasphemarei á Vida e ao Ser, enquanto  
No coração sentir o teu calor, ó ave!  
O teu perfume, ó flor!

Vives? O meu viver é limpido, suave. . .  
Amas-me? A existencia é um cantico de amor. . .  
Como sorri o azul! Como cantam as aguas!  
Como me brilha n'alma a tua voz, ó ave!  
Tua pureza, ó flor!

Vejo-te? Fogem logo em bando as minhas maguas. . .  
Sorris-me? O sol é de ouro e de esmeralda o mar.  
A vida é uma canção, o Universo um beijo.  
Sinto falar-me Deus, ó flor, no teu bafejo!  
O' ave, em teu cantar!

. . . . .

Gemes? Vence-te a dôr, vergas ao soffrimento?  
 Ai! já sei o que são prantos, maguas e dôr.  
 O céo, piedoso e bom, ruge neste momento. . .  
 Dão-me a idéa da morte, ó ave, o teu lamento,  
 Tua tristeza, ó flor!

Sob a magua cruel, arfa-te o lindo seio  
 E vejo-te no rosto as lagrimas de dôr.  
 Maldição! Já não creio em Deus, em nada creio,  
 Si de novo não canta, ó ave, o teu gorgoeio,  
 Tua alegria, ó flor!

VALENTIM MAGALHÃES.

Ainda em o numero 83, de 4 de maio, Urbano Duarte, novo alliado de Lucio e Araripe, sob o pseudonymo de *Zéca*, estampava na «Historia dos sete dias» o seguinte:

«O padre Antonio Pereira Filho e o Pedro Alves entenderam fazer troça aos Srs. João de Deus e Santo Antonio, naturalmente despeitados pelos deslumbrantes festejos com que o velho Portugal celebra a gloria daquelles eminentes vultos.

«O filho de padre insinúa que os lusos povos, nessa commemoração do thaumaturgo, pretendem apenas fazer a apotheóse da arrebentação pecuniaria em que vivem, depois que o máo estado do cambio brasileiro lhes suspendeu os viveres.

«Patriotice pifia e chilra.

«A verdade é que Portugal se agarra a Santo Antonio, da mesma fórma que um ancião, montado em ardego ginete, segura no cabeçote da sella, vulgo *san' antonio*, afim de não rodar de prôa.

«O cavallo, ou, antes, a egua cavalgada, é a civilização européa, cujo galope vertiginoso entontece e faz perder as estribeiras ao bom do velho.

«Famulento, isso é que não.

«Sei de fonte limpa que na ex-mãe patria ha muita gente que almoça e janta, mesmo com o cambio a 9.

«Amigo de lá recém-chegado, má lingua, affirmou-me que nove decimas partes da população conhecem a carne de vacca apenas como uma tradição saudosa, especie de lenda encantada, perdida nas nevoas azues do sonho de uma noite de verão; disse-me ainda que em Lisbôa se podem reconhecer perfeitamente os que se entregam ao luxo do bife, porque são tratados por *vossencia*.

«Ora, isto mesmo apanha a calumnia em flagrante, pois é sabido que na capital lusitana todos gosam de *vossencia*.

«Quanto ao João de Deus, as lambadas de Pedro Alves chegaram a doer em mim! Escapou-me da garganta um *ui!* involuntario.

«Sou admirador de João de Deus, porque sempre gostei dos poetas chorões, lamurientos, que nos produzem assim uma impressão mixta do piolho, remella e mingão sem sal.

«Especialmente saboreio aquelle soneto sentimental e famoso, todo cheio de *já se me vai, já se me foi, já se me ia, já se me venho, já se me fôra, já se me fosse, já se me vim*.

«Verdadeira *creação* literaria!

«Tambem *rafóllo* (si algum purista protestar, que vá á fava) aquelles versinhos que começam:

Si eu lhe pedir um beijo  
Dá?

.....

Tanto que procurei plagial-o, mas só sahiu o seguinte :

Eu sou da terra do vatapá !  
 Onde se come muqueca, sinhá !  
 E, procurando mais rimas em á,  
 Fiz uns versinhos de cacará ! »

.....

Tambem Lucio e Araripe, nesse mesmo numero, respondiam a Filinto de Almeida, que, pelo *Estado de S. Paulo*, sahira em defesa de João de Deus :

« — « Cartas ingenuas » — A Justo Leal — Justo Leal, do *Estado de S. Paulo*, bonito pseudonymo entre cujas letras leio o nome de um velho, querido e illustre amigo, acode, fervoroso e solícito, em defesa do Sr. João Ramos, accusado por mim de não ser o primeiro lyrico de Portugal e da lingua portugueza, como, em momento de desvario ou de pilheria, quizeram de lá impingir-nos a nós outros cisatlânticos. E só porque eu protestei, já o meu amigo acha exquisito que eu proteste, e insinúa, nem leal nem justo, que eu não tinha nada com a vida dos outros e com as ovações que lá faziam ao seu vate delles. Perdão, cavalheiro, perdão ! tenho tudo com isso, e passo a deduzir o meu direito, o meu rico direito, de intervir na festa.

« Ainda quando o Sr. João de Deus Ramos fosse unicamente aclamado primeiro lyrico portuguez, podia eu, posso e hei de poder gritar que não, que isso é um modo de falar, para não dizer logo que é uma maluquice ou peor cousa, pois na minha qualidade de admirador das letras portuguezas, e de grande comprador de livros portuguezes como o são todos os homens de letras no Brasil, preciso, para meu desabáfo pessoal e para advertencia util aos

patricios incautos, clamar, reclamar, proclamar que não vae e assim, como estão a querer os senhores da outra banda, que o mercado brasileiro, a quem se não vende Figueira por Collares, tambem não acceita João de Deus por Guerra Junqueiro.

«E, de caminho, já que escrevo o nome radioso do grande poeta da *Musa em férias* e da *Velhice do Padre Eterno*, em verdade te digo, Justo Leal, que deixaste de ser leal, sem tão pouco ser justo, quando ainda puzeste em duvida a minha admiração a este poeta, o qual, na propria chronica d'*A Semana*, eu collocava a par de Camões, de Bocage e de Garrett. Que mais queres tu, injusto e desleal sujeito, para testemunho de meu entusiasmo pelo Junqueiro?

«Queres então que te diga, fóra de todo gracejo e de todas as demasias de uma critica de reacção? Adoro o Guerra Junqueiro, tenho-o completo na minha estante, ao lado daquelles com quem o emparelhei no meu artigo e de par com Anthero de Quental (outro divino poeta) e com Eça de Queiroz, o primeiro prosador portuguez de todos os tempos.

«Então estás agora satisfeito e achas-me sufficientemente comprometido com esta profissão de fé litteraria?

«Mas eu continuo: si como admirador de livros portuguezes já me sentia, como dizia o defunto Mal-das-vinhas, — estimulado a falar —, como quem lê e escreve (não ignoras e lá o dizes, que eu sei ler e escrever) em lingua portugueza, não pude, absolutamente não pude engulir a patifaria de me proporem o Sr. Ramos, do *Campo de Flores*, como o primeiro lyrico da lingua.

«Sério, sério, meu velho, chego a duvidar da tua seriedade (e sei que a possues como o diabo!), quando, para me embatucar, citas esta quadrinha aguada e a proclamas uma das mais bellas que tens lido em toda a tua vida:

Não se é só pó no fim de tanta magua!  
Senão, diga-me alguém que allivio é este  
Que sinto, quando á abobada celeste  
Alevanto os meus olhos rasos de agua?

— Só pó! — Só isto reduziria a pó, terra, cinza e nada, como se dizia na canção, qualquer belleza que a quadra pudesse ter: mas a coitadinha nada tem que se possa reduzir. Sei lá que allivio é esse que o Sr. João de Deus sente, quando alevanta á abobada celeste os seus olhos rasos de agua? . . . Si esse simples gesto o allivia, sem intervenção de outra operação qualquer, dos olhos rasos ou dos fundos, que se regale! mas achares nesta pasmaceira uma das mais bellas quadras que tens lido em toda a tua vida, seria caso, Justo Leal, para quem não te conhecesse como eu, perguntar que quadras tens tu então levado a lêr durante a vida inteira?

«Justo Leal, meu velho amigo e companheiro, chronista e poeta, homem de letras a valer, vem cá, em boa paz e em boa fé e sã consciencia, façamos um ajuste sagrado, a bem da nossa mutua estima e do respeito com que a cimentamos (irra, que isto é solenne!) — eu não cito mais o Araripe Junior, com quem não sabia que implicavas em critica de poesia, mas tu tambem, pelo teu lado, nunca mais, em tempo algum, nem á hora da morte de qualquer dos tres (e que seja o João de Deus, que é mais velho!),

nunca de todos os nuncas, me tornas a falar em semelhante vate! — *Pedro Alves* ».

« P. S. (por especial favor do signatario da carta). — O Sr. Justo Leal parece estar enganado. O nosso amigo Araripe Junior nunca publicou anthologias de poetas brasileiros ou portuguezes, em que mostrasse as suas boas ou más preferencias em materia de versos.

« Em todo caso, porém, posso garantir que aquelle critico prefere versos de *pés quebrados* a versos de *pés de chumbo*. Valete. — *Padre Antonio Pereira Filho*. »

Ainda nesse numero Araripe proseguia no estudo sobre o Sr. Garcia Merou, e Escragnolle Doria dava dois trabalhos, um conto — *Fumaça*, e a apreciação do livro de Garcia Redondo — *Caricias*; Julia Cortines brilhava com admiraveis versos.

A 11 de maio apparecia o numero 84, com uma chronica de Xavier da Silveira Junior (*Melanchton*) occupando-se tambem da questão contra João de Deus e Thomaz Ribeiro. Transcreverei só os ultimos topicos. Aliás estas transcripções são absolutamente necessarias, para maior clareza e fidelidade da narrativa.

.....  
 « Retirei-me pensativo e maguado com tanta miseria indigena. Ao fim da turba, encontrei um exegeta de Serah, vibrante de indignação literaria.

« — Pensador, o que tens, o que soffres? perguntei-lhe, ancioso e afflicto.

« Alçando o gesto, disse-me com emphase o precursor anti-diluviano dos forneiros espirituaes:

« — Ha na terra uma nação que, segundo a historia mentirosa e perfida, era extincta. Desde o celebre caboclo

Já, o qual pessoalmente me referiu em tempo as circumstancias da catastrophe final, o mundo registara o successo imprevisto do cerramento de olhos dessa gloriosa nacionalidade.

«Eis, porém, que hoje, passados, não direi seculos, porque sou modesto, mas algumas centenas de annos sobre tão deploravel acontecimento, deparo com o decreto real, realissimo, em que só agora se dá por finda e extincta a dita e gloriosa nacionalidade!

«O decreto é do teor seguinte :

«Attendendo ao que me representaram os ministros e secretarios d'Estado de todas as repartições ; considerando que, pelos relevantes merecimentos e serviços literarios prestados ao paiz por João Ramos, o autor benemerito, me approuve agracial-o com a gran-cruz da antiga, nobilissima e esclarecida ordem de S. Sulpicio ; e que é justo de uma mercê, assim concedida como homenagem e recompensa nacional, seja isenta de todo encargo ; hei por bem decretar o seguinte :

«Art. 1.º E' concedida a João Ramos a isenção do pagamento de todos os direitos, impostos e emolumentos respectivos á mercê de commendador e gran-cruz da antiga, nobilissima e esclarecida ordem de S. Sulpicio, de merito scientifico, literario e artistico, com que foi agraciado por decreto de hoje.

«Art. 2.º *Fica revogada a legislação.*

«O presidente do conselho de ministros, ministro e secretario d'Estado dos negocios da fazenda, e os ministros e secretarios d'Estado das outras repartições, assim o tenham entendido e façam executar. Paço, em 8 de março de 1895. — *Rei.*»

« *Fica revogada a legislação!!!* »

« Ora as legislações existem desde todos os tempos, e sobrevivem em regra aos povos que não regido. Exemplos: o *Corpus Juris*, o Código Wisigothico, as Leis de Lycurgo e Solon, etc.

« Revogar, porém, toda a legislação e sob pretexto tão gratuito, é acto que, si por um lado evidencia a heroica intenção de acabar de morrer, por outro exprime com singular eloquencia a prosperidade artistica e literaria em gráo muito antigo, muito esclarecido e nobilissimo.

« Para prova de tanta prosperidade, seja-nos licito transcrever aqui o producto *simples* e *nephelibata* com que o poeta que, na opinião do bardo dos ciumes do dito, é maior que de Camões, brindou João Ramos, por occasião do jubileu ha pouco commemorado.

Eil-o :

Dois, e um só : — o moço e — o homem  
— jardim, — pomar, — rosas, — fructos,  
riem, num, o outro consomem,  
neste, os sonhos ; — nesse, os luctos.

— O engano, — os desenganos ;  
— O viço da rosa, — a essencia ;  
entre esses dois, quarenta annos !  
um instante . . . uma existencia !

— Vate gentil, — mestre, e grande,  
— riso do sol, — balsamo ás dôres,  
um seio só, que se expande  
num amor de mil amores !

Dos dois, um templo completo ;  
nos dois a eterna creança ;  
vaso de eleição, repleto  
de Fé, Caridade, Esp'rança.

THOMAZ RIBEIRO.

« Para que não figure a assignatura supra no final desta chronica e não se supponha que *A Semana* já obteve a collaboração de Homero, Shakspeare e outros poetas maiores do que Camões, subscrevo-me, como sempre, etc., o humilde — *Melanchton*. »

Vê-se, destas transcripções e de outras que ainda faremos, o incremento da campanha que sempre considerei injusta, muito embora trouxesse grande notoriedade á folha e lhe promovesse a venda avulsa.

Meus esforços consistiam apenas em diminuir a intensidade dos ataques, uma vez que — todos — entendiam não haver razão para que o Valentim rompesse com um dos seus mais fieis amigos.

Em breve tempo, porém, verificou-se exactamente o contrario.

Além da chronica de Xavier da Silveira, trazia o numero 84 o proseguimento do estudo de Araripe Junior sobre o Sr. Garcia Merou, um soneto — *Maris Stella* de Alcides Flavio, poemets em prosa de Escragnolle Doria e as seguintes linhas de Valentim :

« LUIZ ROSA. — Luiz Rosa foi um discipulo desgarrado e serodio da « escola de morrer cedo » .

« Si fosse licito dizer hoje, neste seculo materialão, em que a perversão dos sentimentos se tem desenvolvido na razão directa do desenvolvimento scientifico (e neste ponto, só neste, tem razão o critico Brunetièrre proclamando a bancarrota da sciencia), si fosse licito dizer hoje de um homem que elle é um anjo, eu o diria de Luiz Rosa.

« Era uma alma limpida e innocente como um regato de floresta virgem, tambem virgem, em cujas aguas só se dessedentam as aves do céu e se miram, enamorados

jacinthos, as estrellas immaculadas. Nenhuma impureza lhe toldou o cristal fluente.

«Modestissimo, não desconfiando sequer de que tinha talento, arredio do elogio e da multidão, não sabendo sinão sorrir, chorar e amar, teve apenas o tempo de adorar uma mulher e de lhe depôr aos pés, como Casemiro de Abreu, as palmas e os louros de tres formosos livrinhos — *Primeiras Rimas, Imagens e Visões e Lotus*.

«Era o mais delicado e o mais sensível dos modernos poetas brasileiros. Possuía um lyrismo suavissimo, sem grandes ruidos, sem altos surtos, sem remigios largos, porém cheio de mimo e graça.

«Seu ultimo livro, *Lotus*, inspirado nos romances de Pierre Loti, tem toda a graça e todo o mimo das japonezas côr de ambar, das melindrosas Lien-Hô, de pés pequeninos, mãos de velludo, olhos de amendoa, embevecidos na luz do céu de porcellana da sua terra, e talhe flexível como os canniçaes dos seus rios. E' um escriptorio precioso.

«Devo ao meu querido amigo Max Fleiuss a ventura — tão passageira, *hélas!* — de haver conhecido Luiz Rosa, pois foi elle quem m'o recommendou para secretario da nossa revista *A Semana*, e não é este o menor dos titulos que adquiriu á minha gratidão.

«A noticia do seu passamento alanceou-me a alma de amargura e dó e é commovido que deposito estas phrases sobre a sua memoria, já que a distancia me impede de depôr saudades e goivos sobre sua modesta campa.

«E, si um ausente, que se não suppõe esquecido, tem direito a formular um rogo, eu pediria aos meus confrades do Rio de Janeiro que promovessem os meios de coroar essa campa querida com alguma lembrança que marmori-

ficasse a nossa saudade do poeta de talento e do companheiro bonissimo. — *Valentim Magalhães.*»

Por essa época recebia tambem do querido João Ribeiro, que se achava em Berlim, a deliciosa carta que transcrevo. . . com pequenas substituições indispensaveis, porém que não lhe alteram a graça :

« Max e *tutti i quanti* do *bonde* d'A *Semana*! Tem esta por fim dizer a vocês todos que Berlim é a cidade mais bella, mais elegante, mais limpa, mais extraordinaria, mais sumptuosa do orbe inteiro! Quanta illusão e quanta calunnia grassa ahi no Brasil sobre a Aliemanha! As berlinêzas são lindissimas: vivas, na maior parte morenas, de cabellos castanhos (ahi julga-se que toda allemã é uma barata descascada), magras e astuciosas como umas gatas. Todas as ruas (e ha leguas de ruas) são largas e pelo menos, sem exaggero, cabem nellas seis ruas do Ouvidor. Todas as construcções são monumentaes e grandiosas e não hei de ainda ver um casebre miseravel, igual, por exemplo, ao palacio Itamaraty. Ao ver tantos palacios e só palacios, pergunta-se involuntariamente onde moram os pobres. Vim a saber que os pobres moram por cima e por baixo, pela rampa dos tectos ou nos subterraneos. Londres é uma velha rica, Paris é uma viuva pretenciosa, só Berlim é nova. É uma rapariga fresca, rija, incomparavel! Quanta mentira ahi! Os allemães são amaveis, as allemãsitas são espirituosas e engraçadas, como vocês não imaginam. Isto aqui é a condensação de todos os paraisos, inclusivè o de Mafoma! Em summa: tenho-me divertido a valer e já falo um pouco de allemão. . . Quero saber do Max porque não recebo *A Semana*. Morreu? Nesta data envio uma carta ao Dr. Prudente de Moraes, pedindo que

me nomeie em commissão gratuita (já se vê, esse governo não me faz favores): assim poderei receber integralmente os meus ordenados. Em qualquer caso, está decidido que só voltarei ao Brasil para arranjar os meus negocios, trabalhar um pouco e voltar para esta bella terra. Si o Governo não me ajudar, tanto peor para o governo. Aqui, por effeito do clima talvez, dei para mentiroso, que é uma lastima! Tenho engrandecido esse Brasil, que em literatura eu chamo o — Brasil amado —. Dize ao Raul que em Berlim, tudo é mocidade. O tal militarismo é uma pulhice hedionda. Aqui o militar é caricaturado nos theatros e representa sempre o papel de bobo e desfructavel, os artistas comicos (que são de uma verve extraordinaria e sabem, além de tudo, cantar divinamente) não se occupam sinão de desfructar os *lieutenants*. A ordem, o asseio, a disciplina nas ruas é que são grandes; todos os soldados e officiaes são delicados. A brutalidade allemã é uma miseravel calumnia dos francezes. Ha poucos dias, no *Apollo-Theater*, vi cantar uma cançoneta em voga: a letra é um debique cruel ao Imperador e a musica é... o hymno allemão. Imagina si isso seria posivel ahi. Os patriotas derrubariam o theatro...

Ao Max, ao Lucio, ao Araripe, ao Xavier da Silveira, peço que cooperem para a obtenção do que quero: — qualquer commissão na Allemanha, embora gratuita. A minha intenção é ficar aqui mais um anno, mas não posso fazel-o longe da familia. E a commissão alludida facilitaria a vinda dos meus entes queridos. Estou com medo do Gymnasio e do restaurante Brito... — O caboclo está perdido —, dirá o Araripe, mas vinde para cá, vós outros caboclos... De arte, então nem falemos: Allemanha na ponta. No *Austellung-Park* (*salon* daqui), fiquei embasbacado; na

França só ha Paris, aqui ha pelo menos tres escolas de pintura: a de Dusseldorf, a de Munchen e a do Norte (inclusive Berlim); não sei qual é a mais rigorosa, sei que são admiraveis. A gente do Puvis de Chavannes (*Champs de Mars*) de Paris concorreu agora a Berlim, e fez boa figura sobretudo para a opinião allemã, porque hoje aqui se namoram os francezes, mas na verdade elles estão abaixo dos grandes mestres da Allemanha moderna. O decadismo da pintura (que, sei agora, foi d'aqui que saiu para a França) está bem representado nessa exposição. Já entrei para o *atelier* de um pintor berlinez, Wildebuld Winck, moço ainda, sem nomeada, mas de futuro e de grande talento. Somos uns dez a aprender, dos quaes oito raparigas. E' incalculavel aqui o numero de escolas de pintura, de institutos, etc. e são frequentadissimos pelas *fraulein*. . . Fiz já um estudo de cabeça. O modelo vivo custa aqui um marco por hora, mas póde-se obter mais barato, não se fazendo grandes exigencias. O meu mestre, que aliás espera muito de mim, acha que desenho muito mal e tem-me obrigado a encarvoar-me de *fusain*. Espero frequentar ao mesmo tempo duas escolas particulares de pintura. Si houver tempo aprenderei outras cousas secundarias, mas talvez muito uteis: a pintura sobre as photographias, que é uma industria muito importante e aqui neste sentido trabalham muito bem; a pintura sobre vidro ou porcellana, etc., e outras chemicas allemãs. Todo este trecho de bellas artes é para o Amoêdo. . . E não falei da musica; mais onde haverá musica como na Aliemanha? Ha tanta musica aqui, que nas casas de commodos e pensão sempre se acha este aviso: *Musiciren ist verboten*: — «Musicar» é prohibido. Os violoncellos, os pianos, as cytharas (já tenho uma) são

uma praga, sem falar nas orquestras e bandas e nessa nuvem de instrumentos automaticos, symphon, accordeon, concertinas e mil outros em que são ferteis os allemães. Só ha aqui dois despotismos: o dos cigarros turcos, que são caros e ruins, e a obrigação, em Berlim, de, para certas operações, ter-se necessidade de procurar uma casa. Na rua é totalmente impossivel... Si eu disser que bebo melhor café aqui, vocês acabam por me achar doudo varrido. Pois seja. Lembranças e abraços a todos. Ao Raul, ao Amoêdo, ao Lucio, ao Araripe, que sempre estão ahi, mil abraços, lembranças ao Mesquita e aos competentes oculos. Adeus, adeus. — Do *João Ribeiro*. »

Como esta, outras cartas, todas interessantes, tenho de João Ribeiro, revelando-lhe o espirito, ante a observação de scenas, paizagens e costumes que não conhecia, mas nunca deixando de falar «nos seus entes queridos». É que aos primores de uma intelligencia, cada vez mais aprimorada, elle sabe reunir o abençoado culto da familia, que tambem lhe quer e o respeita com o maior carinho.

O numero 85, de 18 de maio de 1895, trouxe mais uma chronica terrivelmente lusophoba de Lucio de Mendonça. Basta, para avalial-o, ler a primeira parte:

«Bom dia, Corcovado amigo, ainda a esta hora, grande malandro, mettido nos teus lençoes do nevoeiro. Tu vigias, com o teu ar de rispido eunucho, a risonha paizagem das Laranjeiras,

Jardim do Rio, á beira-mar plantado,

onde o chronista elegeu o pouso, e vae receber, nas alfombras do Metropole, o luso rouxinol que ahi nos chega para o poleiro da legação no Brasil.

«Vizinho do Corcovado e do Thomaz Ribeiro, é o que vae ser, dentro em poucos dias este seu criado e amigo.

«Bella vida e regalado ocio! Afinal de contas, conclue-se, por um destes bellos dias azues, claros e frios — como olhos inglezes —, que quem tem razão é o doutor Pangloss e é André Chénier, que um bardo nosso traduziu:

Si ha dias máos, tambem os ha felizes.

«Que encanto admirar a esmeralda da montanha contra a saphyra do céu, enquanto não chega o cantor da *Judia* e do *D. Jayme*!

«Cá o espero, a dois passos do ninho predestinado, com dois abraços e meia duzia de adjectivos colhidos nos jardins do Aulete e enramalhados para a circumstancia.

«Excusa o *Jacobino* de me estar a fazer caretas por causa deste derriço com o inimigo de Castella,

Não nos venceu a força de Castella,  
Foi a nossa fatal desunião!  
. . .que nos quer a Hespanha? . . .

porque acima de todas as considerações politicas, eu prézo a sympathia do meu caro Silva Ramos, que até deixou de frequentar o *bonde d'A Semana*, depois que um Sr. Pedro Alves, da Cacaria, andou por aqui a dizer nomes feios ao maravilhoso poeta portuguez, o grande lyrico João de Deus, por quem eu e o Valentim Magalhães (as duas mais completas organizações literarias desta casa) nos babamos de puro gosto artistico.

«Agora com o Sr. Thomaz Ribeiro a cantiga ha de ser outra. Já o referido Alves, e mais o excommungado padre Antonio Pereira Filho e mais o Melanchton,

abusando da liberdade da imprensa que aqui se cultiva, atiraram remoques ao vate egregio, lustre e feitiço das letras portuguezas e que, de mais a mais, traz agora a lyra d'oiro embrulhada numa credencial de ministro plenipotenciario.

« Si ha por ahi algum demogogo e iconoclasta assás irreverente para se não curvar deante desta dupla magestade, desse gêmeo esplendor, da gloria e da circumspecção, da graça e da força, da poesia e da representação diplomatica, deante deste rouxinol disfarçado em pomba da alliança, aqui estou eu, aqui está o Silva Ramos, e aqui está em espirito o Valentim Magalhães, para lhe impormos, ainda que seja a páu, o respeito ao enviado da nação irmã! »

Não se imagina hoje a repercussão que teve essa chronica. O proprio Dr. Carlos de Carvalho, que com tanto realce geria a pasta das Relações Exteriores, fez ver a inconveniencia que advinha desses artigos tão extremados d'*A Semana*, o unico periodico literario da Capital e de que eram redactores ostensivos os mais bellos espiritos.

Ao Lucio expuz francamente o caso: objectou elle, porém, « que o Carlos de Carvalho cuidasse lá do... seu Ministerio...; aliás já havia recebido uma carta do Valentim e nem por isso estava resolvido a mudar de orientação ».

Inseria ainda esse numero o estudo de Araripe, relativo ao Sr. Merou, poemetos em prosa de Escragnolle Doria e, contra a minha opinião, o Sr. Gambaro inaugurava uma secção de illustrações, tendo para isso mandado adquirir em Paris uma formidavel quantidade de *clichés* já

publicados. . . O resultado dessa experiencia foi diametralmente opposto ao imaginado pelo director-gerente.

Na chronica do numero 86, Lucio de Mendonça atacava de novo e com extraordinaria vehemencia o Sr. Thomaz Ribeiro, que Portugal nos enviara para reatar as relações diplomaticas. Procurando attenuar a acrimonia da primeira pagina, escrevi nos «Factos e Noticias» o seguinte *suelto* :

— «THOMAZ RIBEIRO — Chegou domingo ultimo, pelo *Clyde*, o novo Ministro de Portugal no Brasil, o illustre Sr. Conselheiro Thomaz Ribeiro.

«Teve S. Ex. festiva e ruidosa recepção, corollario de cortezia das atencões e homenagens que acabam de ser dispensadas em Lisbôa ao nosso representante junto ao governo portuguez, o Dr. Assis Brasil, nosso particular amigo, homem de letras desde os tempos academicos, contemporaneo, em S. Paulo, de Valentim Magalhães, Silva Jardim, Raymundo Corrêa, Affonso Celso, Julio de Castilhos e de muitas outras brilhantes mentalidaes.

«Nesta secção exclusivamente editorial, consignaremos, mais uma vez penhorados, — que Valentim Magalhães teve em Lisboa as mais lisonjeiras demonstrações de apreço, não esquecendo que o Conselheiro Thomaz Ribeiro se salientou no empenho de honrar as letras brasileiras na pessoa do nosso querido director e amigo, já comparecendo ás festas com que distinguiram o nosso chefe, já discursando no banquete, a que presidiu, offerecido a Valentim Magalhães.

«Do governo prestigioso e forte do venerando Dr. Prudente de Moraes, da habilidade e tino diplomatico do illustre ministro do exterior tudo ha de esperar em

bem das nossas relações internacionaes, influxo que contribuirá sobremaneira para o bom exito da missão Thomaz Ribeiro.

Apresentamos a S. Ex. as nossas francas saudações.»

Não agradaram a Lucio de Mendonça essas linhas, o que logo declarou, forçando-me a uma explicação que se tornaria, por certo desagradavel, si não fôra a intervenção prompta de Urbano Duarte. Nesse dia, a viagem habitual do nosso *bonde*, a despeito dos esforços de Urbano, foi muito fria e breve.

Ainda esse numero, em que Araripe concluia o trabalho critico sobre o Sr. Merou, publicava apreciaveis producções de Escragnolle Doria, Guil-Mar, Candido Jucá, Lucindo Filho e a traducção dos *Céegos* de Maeterlinck, devida a Escragnolle Doria.

Fraco, muito fraco mesmo, o numero 87. A crise accentuára-se, não obstante a venda avulsa, que augmentára nos ultimos numeros.

Lucio, dando mais uma vez prova do seu bello espirito e formoso coração, escreveu a chronica do numero 88, chronica soberba, toda dedicada ao grande actor Novelli. Foi a nota predominante, sinão, unica desse numero.

Leve e assás interessante o numero 89, de 15 de junho, com uma chronica de Escragnolle Doria.

Por esse tempo, vinham cartas de Valentim, procedentes de Paris. Numa dellas dizia :

«Meu querido Fleiuss. — Tenho seguramente dez cartas tuas a responder. E, para apanhar o paquete, só tenho tempo de rabiscar algumas linhas. Só em Paris vim saber que fôra nomeado. Em Veneza recebi um telegramma do ministro em Roma, que me dizia haver o *Jornal*

anunciado a minha nomeação; mas pensei que fosse *consta*. Recebi aqui o officio do ministro e a carta do Prudente. Já te telegraphiei que partia a 17 de junho. O Vieira da Silva telegraphou-me que o ministro lhe telegraphara não ser preciso eu ir ao Brasil: mas não obstante, vou. E vou por causa da — Educadora — ».

Era a commissão que, em boa parte devido á minha insistencia, o honrado Dr. Prudente lhe déra e a que já me referi.

Noutra carta escrevia elle :

« Meu querido Max — Escrevi-te hontem uma carta, capeando outra para o Prudente, as quaes devem seguir com esta, no paquete inglez que sae de Lisboa a 14. Como foi escripta muito ás pressas, repito a dóse, para que não tenhas razão de queixas. Não tenho tempo de reler em ordem chronologica as tuas cartas. Relevame. Tenho-te como meu verdadeiro e dedicado amigo, entre os que mais o sejam. Déste disso as mais sobejas provas e estou ligado a ti, muito gostosamente aliás, pela mais profunda gratidão. Commigo podes contar e de mim dispôr, no presente e no futuro como entenderes. Recebi e li a carta do Prudente. Mas não posso deixar de partir para o Rio. Preciso conciliar todos os meus interesses... Fiquei furioso com o tal protesto do Araripe contra qualquer manifestação feita ao Thomaz Ribeiro. Isso, quando eu era recebido e tratado carinhosamente pelos portuguezes. Foi uma jacobinada antipathica e tola. »

Bem se podia prever o estado de espirito do nosso amigo, com relação á campanha anti-lusitana. Mostrei a carta ao Sr. Gambaro, que, não obstante ficar aterrado, procurou tranquilizar-me: — falaria ao Valentim como

testemunha dos meus esforços. Claramente vi o que em poucos dias succederia; Valentim, conhecendo em toda a extensão os ataques, abandonaria *A Semana*, victima tambem da perdularia gestão economica do Sr. Gambaro, e eu — positivamente — não ficaria. Os sacrificios já me haviam exgottado.

Foi assim, ante expectativa tão desagradavel, que appareceram os numeros 90 e 91, de 22 e 29 de junho. O numero 90 trazia uma chronica de Escragnolle Doria e um artigo de Raul Pompéa, respondendo á critica feita na *Revista Brasileira* pelo Sr. Verissimo. O numero 91, ultimo d' *A Semana*, só tinha de mais apreciavel a «Chronica» de Urbano Duarte e os poemetos em prosa de Escragnolle Doria.

Nas vespervas, recebera eu uma carta, tambem a ultima, de Valentim, em que dizia :

«Soube em Paris dos artigos do Lucio e do Araripe contra o João de Deus n' *A Semana* e li a resposta do Filinto n' *O Estado*, resposta excellente. Para que estas animosidades contra Portugal e os seus maiores homens, e tão injustas, exactamente quando Portugal cumulou de honras e festas ao Assis Brasil, ao Carlos Gomes, ao José Carlos Rodrigues e a mim?! Que espirito nativista é esse?! Em que desgraçada posição me põe *A Semana*! Que tolas as explicações do Lucio!... Receio muito que o meio fluminense esteja agora ainda menos respiravel que antes. Tudo isto aborrece-me. Ando aqui a fazer o que posso pelo meu paiz e pelos meus amigos e ahi elles desmancham o que tão difficilmente vou construindo aqui. Pilulas!... Adeus. Até breve, meu querido amigo. Abraço-te saudosissimo.— *Valentim.* »

Dias depois, chegava, pelo *Nile*, o querido amigo. A primeira entrevista a bordo foi quasi um rompimento, não obstante a firmeza de minhas observações, deante do Sr. Gambaro. Alli mesmo, para evitar maiores dissabores, resolvemos abandonar a folha, entregando-a ao Sr. Gambaro... Era o termo, o remate inglorio de muitos incomodos, de immensos prejuizos. Era, porém, preferivel a uma lucta entre amigos ou á condemnação a uma vida vegetativa.

A *Semana*, porém, nessa nova phase de sua brilhantissima existencia, cumprira nobremente os seus fins. Numa época de luctas, de guerra civil, de instabilidade, ella serenamente, cuidara das nossas letras e apresentara, creando-os, alguns nomes que se affirmaram entre applausos.

Basta, entre muitos outros, declinar os de Francisca Julia, Escragnolle Doria, Armando Erse (*João Luso*), Carlos Malheiro Dias, Luiz Rosa, Henrique de Magalhães, Eduardo Saboya, José Vicente Sobrinho, Julio Cesar da Silva, Victor Silva...

Resta dizer alguma cousa sobre o espirito da camaradagem que nos unia, fazendo do *bonde d'A Semana* um centro de verdadeira resistencia.

Tratando de Araripe Junior, o companheiro estremado, escreveu Escragnolle Doria, no *Jornal do Commercio* de 25 de fevereiro de 1912, as seguintes primorosas linhas :

«Uma vez *A Semana*, revista de letras então dirigida por Valentim Magalhães e Max Fleiuss, annunciou um concurso de contos.

«Um rapaz, residente em Petropolis, resolveu concorrer. Escreveu um conto. As producções tinham de ser

analysadas por um jury de bons officiaes do officio da arte. Prohibia-se-lhes conhecer o nome dos autores dos trabalhos apresentados. Cada escripto devia trazer um lemma. Só á ultima hora, rasgando um envelope, se desvendaria o autor da obra.

« O moço petropolitano escolheu um lemma condizendo com a sua situação de candidato obscuro: *Alea jacta est*.

« A commissão julgadora estudou os contos e concedeu ao desconhecido o segundo premio do concurso, concretizado num luxuoso exemplar do *Amor de Perdição*, de Camillo Castello Branco. Fôra o moço escolhido com exclusão de outros concurrentes de nome feito. A estréa trazia sabôr de imparcialidade.

« Um amigo do eleito, procurador affectuoso que ainda se lembra da scena, apresenta-se, na redacção d'*A Semana*, para receber o premio. O agraciado sentia-se acanhadissimo.

« Inquiriram o procurador. O nome do premiado era tido por um pseudonymo. Vaga justamente se receiava uma mystificação.

« O procurador sorriu. Assegurou á illustre redacção d'*A Semana* que o autor do conto existia. Trazia uma autorização assignada por elle com o nome suspeitado.

« Deves lembrar-te, meu caro Araripe, de tudo isso. O estreiante, até então, só conhecido em rodas academicas ou na dos jornaes paulistas, era eu.

« Convidou-se-me a ir, em qualquer dia, até *A Semana*. Vencera, portanto; estava mais adeantado do que Cesar. Faltava vir e ver.

« Fui, vi e, sobretudo, ouvi. Dentro de pouco tempo me designaram para o logar de secretario da revista.

Havia sido desempenhado por Henrique de Magalhães, poeta fluente, autor de versos espontaneos e lindos, dos quaes um, o soneto — *Cielo y Mar*, ha de ir para as anthologias. Estas, como sabes, são as vidraças literarias onde a poesia e a prosa de cada povo expõem, permanentemente, as suas melhores joias.

«O cargo de secretario d'*A Semana* me foi entregue sem um protesto de inveja ou um assomo de má educação, por parte dos confrades. O logar poz-me em contacto com as personalidades artisticas mais selectas do tempo. Falo de 1893 a 1894.

«O sub-secretario da redacção era um poeta, Luiz Rosa, digno de ser vate, pelo nome de flor, pela alma de anjo, pelo coração de ouro.

«Rosa e eu respondiamos ás innumeradas cartas dirigidas á revista, corrigiamos provas, intervinhamos na distribuição da materia, além da collaboração.

«Todos esses onus, exigindo presença, me vinculavam aos frequentadores d'*A Semana*.

«Nella me relacionei com Valentim Magalhães; com Raymundo Corrêa; contigo, meu caro Araripe; com Pedro Rabello; com Urbano Duarte, para só tratar aqui de mortos.

«Habituei-me, referindo-me ainda a elles, ao convivio de Raul Pompéa e de Martins Junior, dois espiritos, dois corações sobre cujo brilho e sobre cuja pulsação o destino poz o sopro e o dedo, prematuramente.

«Fazias parte, meu Araripe, do que, de modo pittoresco, se chamava o *bonde* d'*A Semana*.

«O *bonde*! Não se evoque um dos defuntos vehiculos da finada Carris Urbanos, chelonicamente puxado por um burro de pello arrepiadissimo. Não se pense nos actuaes

vehiculos, alcunhados pelo povo de — perigo amarello —, coriscos electricos da *Light*, de fracturadora lenda.

«O *bonde d'A Semana* era a jovial reunião diaria de todos os freguezes intellectuaes, assiduos ou intermittenes, da palestra da redacção.

«Os passageiros? Silva Ramos, Coelho Netto, tu, meu caro Araripe, Raymundo Corrêa, Alberto de Oliveira e Fontoura Xavier, para reunir tres poetas; João Ribeiro, Urbano Duarte, Raul Pompêa, Max Fleiuss, Martins Junior, Arthur e Aluisio Azevedo, Valentim e Henrique de Magalhães, Olavo Bilac, Rodolpho Amoêdo, Lucio de Mendonça, Garcia Redondo, Carlos Malheiro Dias, Xavier da Silveira, Filinto, Pedro Rabello, Henrique de Sá e outros e outros.

«Das quatro ás seis da tarde, no fundo de um primeiro andar da rua Gonçalves Dias, esse grupo brilhante e bem intellectual conversava, tomando café, fumando, discutindo. O meu diario dessa época registou dialogos muito interessantes. A conversa era rumorosa, alegre e, não raro, maliciosa. Não posso garantir fosse mansueta. Chegava ás vezes a discussão aos apartes ferinos, á vehemencia, ás expressões ousadas, com grande escandalo do pudôr africano do Pedro, o pretinho nosso servente, já desacostumado das liberdades do seu continente.

«Quando a discussão ia muito calorosa, o dobrador de folhas, o Porto, antigo cabo de policia, desdobrava um sorriso e, lembrado do officio anterior, parecia querer intervir.

«A distribuição de algumas empadas, vindas do Colombo, então confeitaria sahida do ovo, sem duvida aos fios, apaziguava os animos. E o *bonde* seguia, cheio de passageiros acalmados.

«Nessas viagens, meu caro Araripe, fomos muitas vezes no mesmo banco intellectual, lado a lado, conversando baixo, de cousas, livros e escriptores do nosso agrado.

« Às vezes, como os outros *passageiros* de *bonde*, nos levantavamos numa festiva acclamação.

« O vehiculo *parava*, para receber algum estreiante de grande valor: ora era uma poetisa, como D. Francisca Julia da Silva; ora um prosador de pulso, qual João Luso ».

Procurou Escragnolle Doria descrever o que chamavamos — o *bonde* d' *A Semana*. Procurou, advirto, pois que aquellas sessões de humorismo, de arte, de critica, de palestras, sempre interessantissimas, são indescriveis. Cada dia apresentava-se uma nova face, de modo que o *bonde* raramente se tornava monotono. Foi o proprio Araripe quem certa vez observou que o *bonde* era uma Arcadia.

Não tinhamos estatutos, não conheciamos programmas. A ordem era frequentemente — nos assumptos, entenda-se —, a da desordem, mas constituia para nós uma necessidade esse contacto de duas horas.

Vejamos, em ligeiro bosquejo, a physionomia dos *passageiros*.

Araripe Junior, illustradissimo, bom quanto se póde ser, não obstante o seu jacobinismo, buscando não raro, a nota escandalosa do facto, para commental-a em algumas phrases causticas, mas perdoando logo depois. Lucio de Mendonça, o nosso — « *Juvenal* » —, polemista invencivel, de intelligencia agudissima, prevendo, e desde logo inutilizando-os, todos os recursos do adversario, algo desconfiado, tendo alternativas subitas nas manifestações, passando da alacridade ao mutismo, quasi sempre sem

transição. João Ribeiro, possuidor de uma erudição patenteada a cada passo, sem artificios, nem impafias, ponderado, affeito a todos os estudos, discernindo no meio da maior confusão. Raul Pompéa, o artista polychromo e sincero da palavra escripta, sabendo, numa linguagem encantadora e fluente, dar aspectos novos ao que nos habituaramos a ver sempre através dos mesmos prismas. Rodrigo Octavio, pleno de mocidade, de espirito e de graça. Coelho Netto, o estilista victorioso, infatigavel, conseguindo legitimo triumpho em cada obra que produzia. Raymundo Corrêa, o grande poeta, modesto, amigo. Alberto de Oliveira, outro grande poeta de aspecto hieratico, mas lhano no convivio, narrador habilissimo, dizendo com maestria inexcedivel versos seus e de outros. Silva Ramos, nosso dedicado companheiro, mestre da lingua, sempre jovial e prompto a ouvir e a servir-nos com os dotes do seu espirito. Urbano Duarte, a bondade em acção, alegre, de uma alegria cõmmunicativa, intervindo como juiz de paz nas discussões mais accesas. Fontoura Xavier, o nosso «Brumel», como o appellidou o Valentim, maneiroso, discreto, elegante a valer, temivel nos *trioletes*, poeta de escól. Xavier da Silveira, a personificação da triplice formosura — intellectual, moral e physica. Era quem mais se approximava da feição critica de Araripe. Machado de Assis, o mestre, de todos querido, tendo a noção exacta de sua justa ascendencia e, por isso mesmo, indulgente, dando ás palestras o sainete de seu atticismo. Rodolpho Amoêdo, o artista da *Narração de Philetas*, palestrador consummado, com uma formidavel bagagem de factos curiosos, que expunha com exuberancia. Henrique de Sá, o «Doutor Sahen», de quem Urbano dizia ser o melhor — «ouvidor»

— do grupo; Neves Armond, outro cientista, cuja assiduidade nos deleitava. Magalhães de Azerêdo, a quem tanto queríamos pelas louçanias de sua intelligencia. Martins Junior, idealista e bom.

E que dizer dos demais? De Valentim, o primeiro dos companheiros, homem de letras como poucos o terão sido até hoje, e, por uma injustiça innominavel, quasi esquecido? De Arthur de Azevedo, o creador do theatro contemporaneo? De Luiz Rosa, o saudoso e suavissimo poeta das *Pombas de Mei-Bi*? De Garcia Redondo, prestantissimo amigo, autor apreciavel da *Botanica Amorosa*? De Escragnolle Doria? No correr destas paginas deixei, com a maior lealdade, minha impressão sobre este digno e illustre collega. Que dizer, emfim, de Henrique de Magalhães, tão primoroso nos sonetos e tão alheio á vida, que não lhe tem sido propicia?

Como esses, os restantes companheiros merecem um preito de saudade, de admiração e de respeito.

E impõe-se uma referencia aos *pingentes*, isto é, aos que, não pertencendo verdadeiramente ao grupo de *passageiros*, apreciavam as viagens do *bonde*. Para muitos havia logar, logar condigno, entre os *passageiros*; elles é que preferiam *pingentear*. . . Quaes eram? Apenas esta amostra: Americo Brasiliense, o historiador, lente da Faculdade de S. Paulo, Estado a que presidira, o ministro do Supremo Tribunal Federal, respeitavel e respeitado, prezavel e prezadissimo por todos os attributos que lhe realçavam o espirito e o coração; Campos Salles, o senador paulista, depois chefe do Estado, que nos contava a sua viagem á Suissa; Ramiro Barcellos e José Gomes Pinheiro Machado, ambos senadores pelo Rio Grande do Sul, volvidos

ás luctas políticas após o termo da lucta federalista, cujas aventuras narravam; Martim Francisco, o nosso «Nestor de Roqueplan». E quantos, quantos outros!

E' tempo, porém, de terminar este longo estudo, devido, em primeira mão, á condescendencia da insigne D. Amelia de Freitas Bevilaqua e de seu glorioso marido Clovis Bevilaqua, cuja amizade me desvanece.

A *Semana*, na sua phase de agosto de 1893 a junho de 1895, foi sem contestação, o melhor expoente de nossa intellectualidade. Nas viagens de seu *bonde* foi que, entre Lucio de Mendonça, Araripe e Raul Pompéa, surgiu a idéa de ser fundada a Academia de Letras. Nessas palestras, quanta cousa se combinou de util para as letras e para as artes! E, especialmente, quanto contribuíram para a reciprocidade de estima entre homens dignos, de maior e menor valor, é certo, todos, porém, animados do mesmo nobre sentimento — o culto das nossas letras, fórmula efficaz de patriotismo.

E, si, como observou Escragnolle Doria, a conversa chegava por vezes á vehemencia, ás expressões pesadas, a esse ardor succedia a mais perfeita calma, pois que os adversarios de prompto se reconciliavam, evidenciando a lealdade dos ideaes. No perpassar de vinte e dois mezes de intimo convivio, jámais brotou, entre nós, a planta daminha do ciume, da inveja pequenina. As victorias de um constituíam patrimonio geral. Applausos e criticas eram repartidos sob a inspiração unica da justiça e segundo o fôro intimo de cada um. E não foi esse o menor laurel d'*A Semana*...

Eis-me chegado ao termo destas respigas sobre um periodo vivido em pról das letras.

Que foi a *A Semana*, de 1893-95, sinão a concentração de espiritos superiores que andavam afastados, o apparecimento de outros tantos que evoluiram e se firmaram? Na historia de nossa literatura haverá, por certo, logar distincto para a saudosa revista. Outras mais pomposas poderão ter surgido e tambem desaparecido. De nenhuma — de nenhuma — resta a lembrança, sempre palpitante, como d'*A Semana*. Nenhuma viveu tão intensamente, sem pretensões de oligarchias intellectuaes. N'*A Semana* trabalhava-se: um grupo de homens de letras produzia sem outra obediencia que a da propria vontade e numa estreita communhão de idéas affectivas: a solidariedade indestructivel da intelligencia e da lealdade. E dahi a sua força.

Dissolvida a companhia, os que della faziam parte lamentaram, lamentam os que ainda restam, o desaparecimento de uma revista que nunca precisou de artificios para fulgurar.

Ninguem de boa fé lhe negará o valioso contingente que trouxe ás letras. A má vontade ou o espirito de sectarismo póde fingir desconhecer-lhe o merito. Salva-o o contraste dos julgamentos.

*A Semana* marcou — inilludivelmente — uma época. Isto lhe basta!

## OBSERVAÇÃO

Julgo cumprir um dever de reconhecimento inserindo aqui algumas das apreciações com que foi recebida a primeira edição desta chronica de saudades.

## « TOPICOS DO DIA »

Quem ha por ahi que não tenha ouvido falar n'A *Semana*? A historia literaria da ultima decada do seculo passado está cheia do nome desse semanario de arte. Elle foi, de facto, o cenaculo da geração que hoje culmina na Academia. Todos os grandes nomes que actualmente illustram o nosso pequeno mundo das letras começaram alli, alli se fizeram, dalli partiram para o ruido da gloria. E muitos que já se foram, deixando reputação laureada, Luiz Delphino, Raul Pompéa, Luiz Rosa, Araripe Junior, Pedro Rabello, Valentim, Lucio de Mendonça, viverão perpetuamente naquellas paginas, vasto repositorio de bellezas esquecidas, lindo palco de luctas pelo ideal, num tempo em que o ideal era ainda no Brasil cousa de preço e motivo de orgulho.

A *Semana* teve duas phases distinctas. Nasceu, floriu e murchou depressa, como é o destino das rosas no verão eterno desta terra. Mas não murchou de todo, e em 93 o espirito solerte de Max Fleiuss emprehendeu reerguel-a e a reergueu, mantendo-a vivaz até dois annos depois.

E' dessa ultima phase que nos fala o secretario perpetuo do Instituto Historico no pequeno volume que acaba de publicar e a que deu o sub-titulo muito proprio de « Chronica de saudades », *in memoriam* aos companheiros que se foram.

São artigos escriptos para a revista *Sciencias e Letras* e, reunidos agora em livro, para conservar memoria duradoura de alguns homens e de muitos fastos da historia literaria no Rio. E' um bom serviço que Max Fleiuss presta á nossa literatura, sempre descuidada de registrar a sua marcha, o que quer dizer obstinada em supprimir e cancellar as razões de sua evolução.

Nós não temos o habito da reminiscencia, costume agradavel e distincto, que torna os homens menos ephemos e põe na historia aquelle tom de intimidade, unico que não mente e evidentemente o que mais attrahe e encanta.

Mas sempre, emfim, ha alguns espiritos de nosso meio que não desdenham essas evocações pittorescas, que se lêm sem enfado e que tanto concorrem para fixar melhor o valor de certas figuras.

Nesse numero reduzido destaca-se Max Fleiuss, em quem o amor da historia se confunde com a predilecção pelas letras, tudo servido por uma actividade sem par e por uma força persuasiva risonha, que parece que não actua, mas que de facto é realmente formidavel.

Ninguem ignora quanto lhe deve o Instituto, que elle remoeu com a perpetuidade de sua juventude diligente, tenaz e proficua. Não menos lhe devem as nossas letras pela energia empregada no resurgimento d'*A Semana* e manutenção do bello hebdomadario no periodo mais critico de nossa vida social, quando o tumulto da politica escurraçava os escriptores e poetas, para só deixar em campo a declamação dos arruaceiros e a perversidade da politicagem bastarda e ambiciosa.

E' a vida, desse jornalzinho que Max Fleiuss nos conta no seu volume. Vida radiosa e chronica animada e gentil! Quantos nomes hoje consagrados vamos encontrar nesse doce nascedouro! O manifesto de Valentim, ao iniciar *A Semana* essa segunda phase, é uma peça que nos reconcilia de veras com o discutido autor da *Flor de Sangue*.

Em todas as paginas, redigidas numa linguagem chã, que não exclue belleza nem propriedade, Max Fleiuss accumula notas valiosas e pittorescas.

O volume lê-se de principio ao fim com interesse crescente. E quando se fecha a ultima pagina força é concordar com o autor que *A Semana* marcou inilludivelmente uma época.

Mandamos daqui a Max Fleiuss os nossos parabens pelo apparecimento de seu formoso trabalho. »

(Artigo de Felix Pacheco.)

(Editorial do *Jornal do Commercio*, edição da tarde, de 12 de abril de 1915.)

\* \* \*

Rio de Janeiro, 18 de maio de 1915.

Meu caro Max Fleiuss.

Agradeço-te, muito do intimo, a piedosa commemoração dos rapazes da *A Semana*, uns que já passaram, outros cuja mocidade se finou e que agora revivem ou remoçam na tua bella « Chronica de Saudades ».

Sou um desses a quem tratas com particular carinho, pelo que o teu livro me commoveu dobradamente.

A singeleza da expressão é a que convinha á materia que pareceria menos sincera, si fôra mais ataviada. E' uma boa obra da tua esclarecida intelligencia e uma obra boa do teu bem conformado coração.

Por tudo te abraça effusivamente. Teu confrade e amigo dedicado.

SILVA RAMOS.

\* \* \*

Rio, 19 de maio de 1915.

Max.

Muito lhe agradeço a remessa de seu livro sobre *A Semana*, a sua dedicatória e as constantes referencias que nelle fez ao meu nome.

Estou começando a leitura do volumesinho, mas não quero demorar os devidos agradecimentos ao favor triplo da remessa, da dedicatória e das referencias.

Serei leitor attento e saudoso de paginas embebidas de passado e de lembrança, passado e lembrança aos quaes me fez o obsequio de associar.

Amigo obrigado.

ESCRAGNOLLE DORIA.

\* \* \*

Friburgo, 19 de maio de 1915.

Meu caro Fleiuss.

O bello livrinho *A Semana*, que V. fez em momento bem inspirado, li-o já, todo, e dois agradecimentos venho trazer-lhe, calorosos, pelo exemplar offerecido : o da dedicatória, penhorante na affirmacão de uma velha amizade que o tempo só tem feito crescer ; e o das horas deliciosas proporcionadas com os episodios, as reminiscencias e a historia da revista.

Como que me senti dentro dessa chronica de saudades, por ter acompanhado a phase d'*A Semana*, por V. dirigida, e conhecer, pela rama, factos agora por V. fixados e revividos com muito criterio, amor e fluentissimo estilo.

Aprendi e gostei, e dou-lhe sinceros parabens.

Quando V. louva, sem querer se louva, porque *A Semana*, nessa segunda phase, viveu da sua operosidade, da sua intelligencia e da sua dedicacão.

V. tem esse dom : dá vida e calor a tudo em que toca. Sou testemunha no Instituto, cujo brilho da ultima década é obra sua. Digo-o de coração. Não descobriu V. Rio Branco e Affonso Celso para dirigirem aquella casa illustre ? Não lhe faço lisonjas, digo o que sinto.

Tanto mais agradavel me foi a leitura, quanto ella se harmonizou com o meu estado d'alma. Aqui fiz tambem obra de saudade : escrevi *Sylvio Romero de perfil*, que desejo ver prefaciado pelo nosso conde de Affonso Celso, e que V. verá logo que esteja impresso.

Abraça-o o amigo grato,

ARTHUR GUIMARÃES.

\* \* \*

S. Paulo, 26 de maio de 1915.

Amigo Max Fleiuss.

Este seu livro *A Semana*, que já li com indizível interesse, veio encher-me de saudades e obrigou-me a reler grande parte da collecção d'*A Semana* de 1893-1895, recordando uma época feliz da minha existencia e forçando-me a lembrar factos que jaziam inertes nos fóssos da minha memoria.

Para mim, o seu livro apresenta um grande interesse e certo estou que o ha de apresentar tambem a todos quantos collaboraram no excellente hebdomadario.

Fico-lhe, pois, muito grato pela remessa do seu bello volume e tambem pela dedicatoria amistosa.

Vou envelhecendo e sentindo-me triste. Os achaques apoderaram-se do meu pobre physico. Hoje isto, amanhã aquillo, adoentado sempre e vendo o jubilo a desertar do meu espirito...

Adeus. Saudações aos seus e creia-me sempre,

Amigo e admirador,

GARCIA REDONDO.

\* \* \*

MAX FLEIUSS — *A Semana*, Rio de Janeiro, 1915. — Reuniu o nosso querido collaborador, num gracioso volume, os artigos publicados neste mensario, dando-lhe o expressivo sub-titulo de « Chronica de Saudades ». A phrase limpida, chã, correntia e suave; os factos interessantes, que atravez della se communicam, e certas particularidades mal conhecidas dos nossos mais estimados literatos, relatadas com uma deliciosa bonhomia, levarão este livro ás mãos de quantos sentem curiosidade literaria.

Em Max Fleiuss o esforço tenaz e intelligente, em prol de uma empresa, desenvolve-se muito naturalmente, sem desanimos, sem canceiras, com energia sempre igual e alegria inalteravel. Foi assim com a *A Semana*, tem sido com o Instituto Historico e Geographico Brasileiro.

(*Sciencias e Letras*, maio de 1915.)

\* \* \*

Fazenda Limociro — 16, junho, 1915.

Max.

A leitura da sua graciosa e amabilissima *A Semana* confirmou, plenamente, as minhas primeiras impressões. Aquellas cartas, aquellas palestras, aquellas apreciações esparsas de onde em onde, deveras contribuem para o estudo psychologico duma grande pleiade dos nossos intellectuaes.

Para a psychologia de Valentim Magalhães, sobretudo, alli se encontra muito elemento interessante. E Lucio de Mendonça? E Araripe Junior? E tantos mais?

A evolução da encantadora e saudosa revista, em que brilharam tantos astros de primeira grandeza; a genese dos esplendidos concursos, tão seriamente julgados; as reuniões habituaes daquelle curiosissimo *bonde*, tão agradável e superiormente frequentado, e cujos passageiros são daguerreotypados em dois habeis traços de penna, tudo isso é fidalgamente historiado, com uma fidelidade e uma lhaneza admiraveis.

Mais uma vez lhe agradeço, pois, o presente que me enviou.

Seu muito affectuoso

EURICO DE GÓES.

\* \* \*

« LIVROS NOVOS »

MAX FLEIUSS (do Instituto Historico) — *A Semana* — 1893-95 —  
« Chronica de Saudades » — Rio de Janeiro. 1915.

O Sr. Max Fleiuss, secretario perpetuo do Instituto Historico, autor de estudos interessantes sobre historia patria e de investigações curiosas, evoca neste livro as luctas, as alegrias, as esperanças, as desillusões da segunda phase d'*A Semana* (1893-95).

Por isso, este trabalho é chamado, com propriedade, pelo autor, de — « Chronica de Saudades ».

Saudades daquelle tempo em que nas rodas literarias havia tanta alacridade, tanto sonho e tanta camaradagem. Saudades dos combates literarios que interessavam a cidade apesar da guerra civil.

O Sr. Max Fleiuss conta, com fino espirito e discreta emoção, a historia da segunda phase d'*A Semana*, que foi, afinal, uma criação sua. *A Semana* teve decisiva influencia na mentalidade dos escriptores que se desenvolviam ou surgiam naquelle tempo. Despertou a attenção do publico para os assumptos literarios; nos concursos encaminhou vocações e destacou meritos até então desconhecidos. Por isso a historia d'*A Semana* faz parte da nossa historia literaria, e fez muito bem o Sr. Max Fleiuss em publicar nesta monographia sentida a narração da vida intensa do semanario que o Sr. Valentim Magalhães fundara.

O Sr. Max Fleiuss foi a alma da segunda phase d'*A Semana*. Graças á sua dedicação, ao seu esforço, á sua actividade, aos seus sacrificios, á sua

habilidade e aos seus talentos, o famoso hebdomadario poude vencer obstaculos e representar o papel que representou na nossa evolução literaria. Valentim Magalhães fundara *A Semana* e dirigiu a segunda phase. Mas teve de abandonar varias vezes a direcção, que recahiu no Sr. Max Fleiuss.

Neste livrinho interessante, no qual evoca com emoção discreta a vida d'*A Semana* e os tumultos e os prazeres intellectuaes do seu *bonde*, o Sr. Max Fleiuss conta tambem a historia de uma das phases mais typicas da evolução literaria brasileira. As polemicas que se travaram na revista, os concursos, o nativismo dos Srs. Araripe Junior e Lucio de Mendonça, as divergencias destes com o Sr. Valentim Magalhães, os novos que appareciam, e competencias, ou reputações que se firmavam — tudo isso tornou summamente interessante a *A Semana*, que agora encontrou num dos seus directores o historiador saudoso e fiel.

« *A Semana*, diz com razão o Sr. Max Fleiuss, ao terminar o seu livro, a *A Semana*, na sua phase de agosto de 1893 a junho de 1895, foi, sem contestação, o melhor expoente da nossa intellectualidade. Nas viagens de seu *bonde* foi que, entre Lucio de Mendonça, Araripe Junior e Raul Pompéa, surgiu a idéa de ser fundada a Academia de Letras. Nessas palestras, quanta cousa se combinou de util para as letras e para a arte! E, especialmente, quanto contribuíram para a reciprocidade de estima entre homens dignos, de maior e menor valor, é certo, todos, porém, animados do mesmo nobre sentimento — o culto de nossas letras — fórma efficaz de patriotismo! »

Pouco adiante, acrescenta: « Na historia de nossa literatura haverá, por certo, logar distincto para a saudosa revista. Outras mais pomposas poderão ter surgido e tambem desaparecido. De nenhuma — de nenhuma — resta a lembrança, sempre palpitante, como a d'*A Semana*. Nenhuma viveu tão intensamente, sem pretensões de oligarchias intellectuaes. N'*A Semana* trabalhava-se: um grupo de homens de letras produzia sem outra obediencia que a da propria vontade e numa estreita communhão de idéas affectivas: a solidariedade indestructivel da intelligencia e da lealdade. E dahi a sua força ».

*A Semana* foi assim, empolgante e se celebrou porque representava um estado de alma. Em torno de Valentim Magalhães, na primeira phase, em torno de Valentim e de Max Fleiuss, na segunda phase, jovens intellectuaes se reuniam e trabalhavam com entusiasmo.

O Sr. Max Fleiuss evoca nesta sentida « Chronica de Saudades » que contém cartas interessantes e anedotas curiosas, esse estado de alma, de que elle proprio participou e agora relembra com discreta emoção. E por isso este livro é uma valiosa contribuição para a historia da nossa literatura.

( *Jornal do Commercio*, de 4 de junho de 1915. )

\* \* \*

## “ A SEMANA ”

Se alguém ha a quem se possa attribuir a feição de « typo representativo » de certo aspecto do espirito agil, tão rapido para a réplica quanto para a assimilação das situações, afim de ahí estabelecer comparações estramboticas, impagavelmente imprevistas — « de uma graça espectante », segundo o chavão ultra sovado — se alguém ha que encarne estes caracteristicos tão profundamente cariocas, certamente é este Max Fleiuss, fluminense, que, acudindo a um appellido germanico, não é senão o mais carioca dos cariocas.

Dentre os preconceitos que a imbecilidade das massas converteu em proposições axiomaticas do genero do — Inglez só no mar — ou do — Francez é leviano —, um ha a relatar dos Allemães, entre nós corrente : — o Allemão é sensaborão —. E dahi não ha que arredar ! o Allemão é pesadão ! todo Allemão é desenxabido !

E nada ha no mundo mais premtoriamente idiota do que as generalizações.

A chapa reveladora da insciencia geral, acerca do espirito germanico, encerra uma destas demonstrações de unilateralidade, que tanto satisfaz á vaidosa infallibilidade dos homens e dos povos. Como o visinho se ri de modo differente e sob instigações diversas das da gente, não ha que duvidar : é porque se ri de cousas que não têm graça, de frioleiras ou estultices.

Muito mais intelligente, no emtanto, é dizer-se que, se cada roca tem o seu fuso, cada povo tem o seu uso e o seu riso. . .

No Brasil, entretanto, o preconceito devia ser muito attenuado, se se attendesse ao facto de que a nossa imprensa illustrada, humoristica, satyrica e commentadora dos factos da vida politica e social, foi, por assim dizer, implantada por um Allemão da raça dos grandes humoristas do *Fliegende Blätter*, do *Simplissimus* e do *Kladderadatsch*, esse Henrique Fleiuss que tudo criticou, tão mordaz, mas no emtanto, tão leve e espirituosamente.

Houvera, é certo, no Brasil, até apparecer a sua folha, varios jornaes illustrados, todos de chalaça e insultos, porém.

Foi a sua revista o primeiro representante da imprensa do genero espi-rituoso, delicado e fino.

Representa na historia do jornalismo nacional um grande passo para a educação do publico e dos jornalistas habituados á injuria soez, ás aggressões continuas e virulentas, caricaturas grosseirissimas, frequentemente torpes e repugnantes.

O Allemão « inassimilavel » que era Henrique Fleiuss creou um dos mais interessantes typos literarios nacionaes, aquelle « Dr. Semana », o

homem do famoso molecote, cujas piadas uma geração inteira admirou e repetio.

Outro typo, ainda muito mais carioca, devia Henrique Fleiuss deixar, o senhor seu filho.

Secretario perpetuo do Instituto Historico Brasileiro, de quem já se poderia recolher uma *Fleiussiana*, pittorescamente illustradora de innumerous episodios da nossa vida politica, pela felicidade dos *calembourgs* e a acerba acuidade das farpas.

Não ha quem ignore a facilidade com que Max Fleiuss escreve os assumptos graves e as cousas leves; é espontaneo e abundante, bem sabe quanto se não deve *chasser le naturel*; nem precisa fazel-o, pois as phrases lhe acodem lestras, precipites, ao bico da penna. O articulista Frederico Martins, do *Commercio de S. Paulo*, maneja com maestria e segurança as mais terriveis armas do pamphletario, tanto quanto o secretario perpetuo do Instituto Brasileiro soube fazer sobresahir a nitidez das syntheses historicas, da meia duzia de suas memorias variadas, e o director d'*A Semana* imprimio ao celebre *magazine* de 1893-1895 aquelle cunho tão altamente literario que o perpetuará na historia das revistas nacionaes.

A *Semana* consagrou a Max Fleiuss dois annos de sua bella mocidade, activa e idealistica. Vio-a desaparecer, com o maior pezar, arrebatada pela ineluctabilidade das cousas.

Nunca a esqueceu, nem o podia fazer. Ditaram-lhe as reminiscencias as lindas paginas de saudades que acaba de imprimir sob o titulo da sua querida revista, num sympathico livrinho de 205 paginas, in-24.

Dedicadas « aos companheiros que se foram », são a traducção daquella feição affectiva que de Max Fleiuss faz a encarnação do serviçalismo, pois, se a um unico traço quizermos reduzir a sua razão de ser, teremos de dizer que é o — amigo dos seus amigos — e amigo que entende trabalhar por aquelles a quem estima.

Acompanhando o evoluir d'*A Semana*, do 1º ao 91º, o ultimo numero, offereceu-nos elle com a sua verve prodigiosa, emmoldurada da simplicidade dos dizeres e numa naturalidade perfeita, copiosa serie de documentos humanos, do mais alto interesse biographico e anecdotico sobre dezenas de vultos da nossa litteratura e da nossa arte.

E que vultos? Dos contemporaneos primaciaes são: Raul Pompéa, Alberto de Oliveira, Valentim Magalhães, Lucio de Mendonça, Magalhães de Azeredo, João Ribeiro, Machado de Assis, Araripe Junior, Coelho Netto, Rodrigo Octavio, Garcia Redondo, Rodolpho Amoêdo, Silva Ramos, Luiz Delphino, Augusto de Lima, Olavo Bilac, Raymundo Corrêa, Martins Junior, Arthur e Aluizio de Azevedo, Eduardo Prado, Urbano Duarte, Escragnolle Doria, D. Francisca Julia, Xavier da Silveira, Luiz Rosa, Inglez de Souza,

Emilio Menezes, Pardal Mallet, Henrique de Sá, Fernandes Figueira, Eduardo Saboia, etc., etc.

Que preciosa contribuição para a historia literaria de nossa época, esse livrinho!

Para que assuma o aspecto de um *Journal des Goncourt*, falta-lhe a indiscreção, a maledicencia. . . pois nelle só ha palavras amigas, brandas e indulgentes; é uma obra exclusivamente ditada pelo coração e pela saudade.

Max, o terrível archeiro das settas hervadas das « Conversas com o compadre Xavier » de quem disse um dos nossos mais illustres homens de letras: — são flexas em cuja ponta o perverso mistura o vitriolo ao curare —, Max terror de muitos máos, só tem palavras de afeição para com os seus innumerados amigos e collaboradores do *bonde d'A Semana*.

Por elle fala um grande coração. . .

Alguns destes, a quem tanto estimou, não lhe retribuiram da mesma fórma, talvez, tanta affectividade. Bem o sabe: não importa, porém.

Não lhe é possível, ao falar de amigos mortos e vivos, sobretudo dos mortos, dar largas aos queixumes naturaes acerca deste ou daquelle máo pagador de amizade. Protege-os a egide da afeição e da saudade, consagrada aos que se foram. . .

Para si, reservou o autor d'A *Semana* o mais modesto cantinho do *bonde*. Dá-se ares de mero gerente financeiro da revista, o incorrigível — calembourista —, o carioca *frondeur* e *gavrochier* por excellencia, o homem das settas de vitriolo e curare.

Não conseguiu apagar-se, porém, e é assim que o vemos definir certo escriptor: parecia — moralmente — enjaulado, e deixar, sem o sentir — a seguinte historieta escapar da inédita *Fleuissiana*:

Ao lançar sua *A Semana*, era a pindahiba dos seus incorporadores formidável e gloriosa. Valentim Magalhães, porém, imaginou logo uma officina de trabalhos graphicos, encomendas de material typographico dos Estados Unidos, um prélo de reacção, farto deposito de papel. Desbanca-riamos o Leuzinger e *A Semana*, em breve, ultrapassaria em importancia ao proprio *Jornal do Commercio*.

Os *cum quibus* viriam de certo Mecenas, que se compromettera de modo formal a emprestar vinte contos á rapaziada.

Convidou Valentim ao amigo para assistir a uma das conferencias com o argentario, que lhes reiterou as promessas. Ao sahirem, delirava Valentim de entusiasmo, ante as perspectivas abertas.

Deixei-o fallar. Vendo o meu mutismo encordoou um pouco e exclamou:

— Que diabo! Não dizes nada!

— Não sei que te diga, mas, com franqueza, confio mais nos teus *Vinte contos*, (titulo do livro de contos de Valentim), do que nos do homem.

Valentim não gostou da pilheria. Pigarreou, quiz retrucar, mas, por fim, torna a responder com um ar secco :

— Não tens razão, és de um scepticismo de velho.

.....  
Feita a descripção do trajecto percorrido pelo *bonde d'A Semana*, dê-nos agora Max Fleiuss, e quanto antes, o apanhado das — palestras — em que durante as — viagens — se entretinham os — passageiros — do glorioso vehiculo.

A exigencia é inadiavel e o escriptor deve este novo tributo aos amigos idos, aos que ficaram e sobretudo á historia literaria brasileira.

Não o faça e o demittirá a opinião nacional do secretariado do Instituto Brasileiro, seja elle perpetuo quantas vezes fôr, nem que com isto venha a quasi octogenaria e gloriosa instituição a perder immenso. . .

(S. *Côrte Real*).

AFFONSO D'ESCRAGNOLLE TAUNAY.

(Editorial do *Diario Popular*, de S. Paulo, de 8 de julho de 1918.)

\* \* \*

#### SOBRE UMA « CHRONICA DE SAUDADES »

Villa Mariana. Chianciano, 15 de setembro de 1915.

Meu caro Max Fleiuss ! — Li com interesse, reli com emoção o teu livro sobre *A Semana*. Foi feliz idéa a tua de evocar os casos e as vicissitudes daquelle periodo que nos parece hoje tão distante, porque tão grandes voltas tem dado o mundo de então para cá.

*A Semana* merecia essa commemoração enternecida. Ella não foi sómente aquella série de fasciculos elegantes, ora leves, ora graves, ora jocundos, ora sombrios, ao sabor do momento, que ainda se podem consultar nas collecções das bibliothecas, e cujas paginas tu resumes com o prazer de quem reconhece ter sido *magna pars* na sua elaboração. Foi mais, muito mais ; foi a convivencia cordial, e intellectualmente fecunda, de muitos entre os mais brilhantes espiritos do paiz ; foi, não só o que juntos produziram de bellas prosas e bellos versos, mas o impulso que deram ao movimento literario nacional.

Elles se congregaram, justo é recordal-o, em dias de tantas convulsões politicas e tão justas anciedades economicas, para se dedicarem, com enthusiasmo que não é favor chamar nobilissimo, a uma empreza da qual não lhes podiam vir nem valimento official nem vantagens pecuniarias — os dois maximos bens da terra para o commum da gente brasileira, como de todas

as outras gentes. Quando muito, lhes viria um pouco de gloria. Mas quem não sabe o que significa e o que vale a glória, nas nossas plagas de além do Atlantico?. . . Tanto é dizer que trabalharam por puro amor. . . uns com maior, outros com menor brilho, segundo as faculdades e aptidões diversas, todos, porém, decorosamente, numa união, numa confraternidade, raras nos fastos da nossa literatura, e de todas as literaturas.

Tudo isso communicou a *A Semana* um vibrante fulgor de vida, assegurou-lhe um vasto e sympathico acolhimento entre as classes cultas, mas não bastou para salva-la do destino geral, e tão triste, tão revoltante sobretudo, de quantas tentativas congeneres se têm feito no Brasil. E' doloroso, quando nas grandes capitaes estrangeiras me perguntam quaes são as nossas principaes revistas, ter de balbuciar, indeciso entre a vergonha de confessar a verdade e a de mentir, e por fim, recorrer desesperado a um meio termo assás sophistico, citando de enfiada todas as que ahí existiram. . . *in illo tempore*, e as poucas que não sei se, no instante mesmo em que as nomeio, existem ainda!

E, pensativo, com inveja, passeio os olhos pelas mesas e vitrinas dos livreiros, atestadas de periodicos diversos no formato, na côr das capas, na natureza dos assumptos literarios, historicos, artisticos, scientificos, philosophicos; e fóra, nos kiosques dos jornaleiros, e nos seus tableiros, ao ar livre, pelas esquinas das ruas, outros me attrahem a attenção, menos luxuosos, menos espaçosos, alguns, aliás transbordantes de talentos novos e audazes, outros, sim, mediocres e futeis, na maioria ephemeros (como as nossas revistas. . .), mas tão numerosos, que só pela força do numero já dão uma idéa clara da actividade intellectual dos paizes onde se publicam.

A *Semana*, porém, graças ao teu livro, resuscita, verdadeiramente, e adquire existência mais duravel que a antiga. O volume é pequeno, animado, interessante; e o leitor, sem fadiga, de lauda em lauda, vai vendo ou revendo muitas physionomias, que um dia lhe foram familiares, ou que por vezes imaginou, tentou adivinhar, través de obras saboreadas com admiração, ou das vozes e pinturas da fama. A mim então, que fui da excellente companhia, quantas pessoas e cousas relembra elle!

Numa pagina captivante, em que te mostras muito amavel e muito amigo para com o teu, o vosso collaborador daquella época remota, dizes que naturalmente, eu recordarei ainda hoje: « o bom tempo do alegre convivio d'A *Semana* ». Como não hei de recordal-o, meu caro Max Fleiuss? Como poderia ter esquecido uma só daquellas muitas pessoas e cousas, que se ligam á aurora primaveril dos meus vinte annos. . . dos meus vinte annos, ouves bem? e junto ás quaes, em conversas, passeios, e outras circumstancias de então, eu posso recontemplar, embevecido, a minha propria imagem toda nimbada e esplendente de juventude? Não que esta, eu a sinta exhausta, ou sequer ameaçada de proximo occaso. . . Graças a Deus, não

perdi ainda o dom incomparavel e insubstituivel de achar novo o mundo cada manhã ao despertar. Posso dizer com D'Annunzio: « *Dove, giacqui, rinacqui. . .* ».

E é natural, é justo que, segundo as boas tradições do meu sangue, defenda até os ultimos reductos, estrenuamente, esse thesouro. Mas ahi está: então, no « bom tempo » de que falas, esta idéa de defender a minha mocidade não me correria nunca. . . Percebes a differença? A juventude era, então, uma propriedade quasi inconsciente, por tão intrínseca, do meu ser, uma feição essencialissima, sem a qual eu não poderia entender a minha personalidade mesma; era, em summa, a adolescencia. . . não o maio ainda, mas o abril da vida. . .

Se me remonto até lá, e de lá volto, de etapa em etapa, certo não devo estar descontente da evolução do meu espirito, do meu sentimento, nem (abstrahindo, naturalmente, de toda questão de valor literario, que não vem ao caso) reprovar ou lamentar as manifestações que delles tenho dado. Constato com intima complacencia que, caminhando para diante, não me desviei da linha traçada desde o começo; que jámais reneguei nem profanei algum dos principios, algum dos anhelos, que me alentavam no momento de emprehender a viagem.

Dotado, desde a idade primeira, de uma inclinação ao humano e ao universal, que encontrou o seu alimento próprio na educação recebida, e na frequentação de ambientes cosmopolitas, nem por isso dissipei loucamente e ingratamente aquella intima fonte de emoções nacionaes, brasileiras, que trouxera do berço. E não me refiro ao meu caracter de representante do paiz, que seria então relevar uma especie de virtude profissional; falo como escriptor e como artista; e se é real que os meus trabalhos até hoje não desmentem essa origem, confio que os futuros a revelarão cada vez mais. Sem duvida, a ausencia longa me isolou do publico, e não posso deixar de lastimal-o; mas é esse, bem considerado, um mal secundario, posto que sempre me attrahio o amor da perfeição mais do que o da fama, sempre busquei cultivar em mim o poefa de preferencia ao literato no sentido estricto do termo, sempre busquei, sobretudo, na minha obra e nos meus ideaes, aproximar-me o mais possivel — e seja embora, como reconheço, pouquissimo — da realização mais elevada do typo homem. Para isso não se depende do publico. . .

Esta impressão é, pois, afinal, consoladora. Mas quantas outras, profundamente melancolicas, me vêm das paginas do teu livro! que extensa galeria nelle se me abre de mestres, companheiros, amigos mortos! E' um tal vortice ininterrompido a existencia hodierna, que raramente nos deixa tempo de chorar e recordar os caros extinctos. Eu penso que ha, mesclada ao travo da saudade, uma grande doçura nesses colloquios intimos com as sombras, illustres ou obscuras, dos que um dia nos foram dilectos; espe-

cialmente me comprazo na meditação agradecida do que lhes devemos em serviços reaes e desinteressados, em fadigas corajosamente supportadas pelo progresso, pelo bem-estar de que gozamos, em bellos e edificantes exemplos; comprazo-me em commemorar, para mim proprio ao menos, muitos dos seus actos nobres e uteis, que estão esquecidos por todos, mas que, entretanto, são ainda fecundos em resultados beneficos.

Folheio o teu livro, e revejo, no grupo dos habituados da redacção d'*A Semana*, Machado de Assis, o pensador, creador e estylista que honraria quaesquer das grandes literaturas do mundo, aristocratico, apesar do humilde nascimento, contemptor do vulgo e de toda vulgaridade, mas manso e aprazível no trato, pessimista desesperado na sua visão das cousas, e todavia tão bondosamente alegre na companhia dos que o amavam, alma rica de genuina ternura, de sincera piedade, que ainda não foi comprehendida pela critica; e relembro com emoção o carinho, quasi direi, paternal, com que me acolheu e animou desde os meus primeiros passos, e que se manteve inalteravel até á sua ultima hora. E' uma dessas figuras familiares e prezadissimas, cuja falta me será sempre dolorosa, de cada vez que eu tornar á patria. Revejo Valentim Magalhães, o moço perpétuo, expansivo, jovial, ávido de movimento e de acção, engenho brilhante, copioso e versatil, ao qual causou damno precisamente a multiplicidade das aptidões nativas, das attracções que o disputavam a cada momento e para cada thema literario, impedindo-o sempre de concentrar-se numa obra central, capaz de resistir ao tempo. Revejo Lucio de Mendonça, com aquelles grandes olhos que eram o traço predominante do rosto moreno, e que foram, antes do corpo e do espirito, feridos de morte, estranha mescla de humanista e de jacobino, com uma cultura tão ampla, e certos pontos de vista tão estreitos (porventura, ás vezes, mais que tudo, por gosto de polemica), mas cordial, generoso, dedicado, alheio a quaesquer impulsos baixos ou calculos mesquinhos. Revejo Raymundo Corrêa, magro, todo nervos, todo risos convulsos e tiques incoerciveis, os dedos, os hombros, os musculos da face em continua agitação, poeta até a medula dos ossos, senhor consumado da palavra e do rhythm, ingenuo como uma criança, illibado como um cysne, affectuoso, immune de egoismo como de vaidade. Revejo Xavier da Silveira, robusto, energico e meigo a um tempo; Martins Junior, sonhador e algo esquivo, mas tão attencioso e gentil quando se lhe falava; Aluizio de Azevedo, desigual no humor, ora loquaz, ora taciturno, solitario no fundo do seu temperamento, mas tão interessante, por isso mesmo, quando se exteriorizava, já então no auge da sua nomeada, e quasi no termo da sua obra opulenta e solida, de que se despedio em plena madureza, por um estranho phenomeno de arrefecimento espirital; o suavissimo Luiz Rosa, que, como o pobre Gilbert — *au banquet de la vie infortuné convive* — teve apenas alento e tempo de cantar nos primeiros versos o primeiro amor; e o bello e radiante Pardal Mallet, o

mosqueteiro brioso, o d'Artagnan da nossa juventude dourada, tão rico de talento e de promessas, que a morte brutal desmentio de improviso. . . Revejo esses e outros que conheci ou frequentei menos, Raul Pompéa, Araripe, Urbano Duarte. . .

E penso com tristeza maior nos muitos que entre elles — e em geral entre os escriptores brasileiros — não lograram dar fórma, dar vida ás mais altas creações que lhes germinavam no cerebro, e nem todos, porque prematuramente se finassem ; alguns tambem porque se esgotaram de repente, ou porque a sorte lhes foi aspera e cruel, constringendo-os, entre as fadigas mal pagas da luta pelo pão e pelo tecto, a aceitar tarefas mercenarias, açodadas, grosseiras, tão distantes daquelles sonhos formosos que elles acariciavam em segredo, melancolicamente, desesperadamente. . .

E' verdade que outros dos nossos *ainés* de então, como Alberto de Oliveira, Olavo Bilac, João Ribeiro, Coelho Netto, Rodrigo Octavio, e com elles alguns dos nascidos connosco para a arte, e os companheiros noveis, das ultimas gerações, vão proseguindo no labor solidario da literatura nacional, vigiando e lidando para que, apezar das deficiencias do meio, da indiferença de grande parte do publico, e de todos os incontaveis obstaculos que ahi embaraçam a vida superior do espirito, não se rompa a cadeia de ouro da nossa tradição intellectual. . . Do perseverante labor, já iniciado antes da nossa emancipção politica, algo fica e ficará, e não sómente uns poucos de nomes, uma fama vaga e inconsistente ; ficarão paginas, ficarão livros immortaes, um nucleo astral que novos lumes attrahirá á sua orbita, e que, tal como é, já conta algumas estrellas de primeira grandeza. . .

Mas não unicamente physionomias de camaradas de então, e detalhes da nossa camaradagem, me projecta na téla vibrante da imaginação o teu livro, meu caro Max Fleiuss ; faz-me recordar ainda com frisante relevo muitos aspectos geraes daquelle periodo da nossa história, scenas a que assistimos, impressões que nos colheram, sentimentos e paixões que nos agitaram.

Revivo o Rio de 1893, o Rio dos romances de Aluizio Azevedo e Machado de Assis, em certos traços ainda, talvez, o Rio de *Luciola* e da *Moreninha*.

Revivo o meu regresso de S. Paulo, com o diploma de bacharel no bolso (minto, minto, que nunca cheguei a mandal-o lavar !), e os primeiros dias da revólta, que vieram logo depois com as levianas e inuteis quixotadas do Almirante, e a obstinação taciturna do Marechal, que desaprendera, é certo, o conceito da legalidade quando outros estavam no poder, mas tão energeticamente o reaprendera apenas se tratou da sua propria autoridade ; e, em summa, através de tantos arbitrios, tantas violencias, e não menos numerosas felonias, prestou um serviço real ao paiz com a sua resistencia. (A proposito: apreciei devéras o topico do livro em que narras os teus encontros nocturnos com o dictador no bond das Laranjeiras, e aquelle

passeio, lado a lado com elle, entre as sombras soturnas do Cosme Velho, ás tres horas da madrugada. . .)

Revivo as horas inolvidaveis passadas, então, com o meu querido amigo Mario de Alencar, tão authenticamente erudito como original poeta e finissimo estylista, já na sua casa da rua de Paysandú, já na minha da rua do Conde de Baependy. Na famosa tarde de 13 de setembro, depois do primeiro bombardeio e da fuga desordenada de meia cidade em todas as direcções, nos haviamos encontrado na praia do Flamengo; alli grupos de senhores, senhoras e senhorinhas do bairro assistiam, curiosos e impavidos, ao espectáculo dos novos disparos da esquadra revoltada. Poucas horas depois de um accesso incoercivel de panico ante o imprevisto, o inaudito da aggressão, tornavam os cariocas á sua intrepidez congenita, que tocava por vezes á jactancia, risonha e ligeiramente sarcastica; e essa foi a attitude que, através das tremendas paixões em contraste, conservaram até o termo da lucta.

Eu não me afastei do bairro, nem modifiquei os meus habitos; em casa, tinha então a companhia unica de um negro e de uma negra, africanos fieis, completamente alheios, está claro, á politica, par de carapinhas brancas e meigos sorrisos desdentados que, pondo em commum os annos já vividos, sommavam perto de dois seculos! As minhas noções rudimentares de ballistica bastavam para assegurar-me da ausencia de todo risco, dada a situação da casa, chalesinho de um só andar, encostado, da banda da praia, a um alto e longo edificio protector. Alli continuei a dormir somnos bem tranquillios, e fui um dos poucos Fluminenses, que não acordaram com o tremendo canhoneio que, na noite de 22 daquelle mez, assignalou a passagem do *Aquidaban* rente ás fortalezas da barra.

Entre os nossos livros velhos e recentes, os nossos papeis recamados de versos e prosas, ou em largos passeios pelo arrabalde silencioso, eram elevadas e consoladoras as minhas conversas desse tempo com Mario de Alencar.

Na terra e no mar se agitavam, com alguns impulsos de patriotismo sincero, os ruins fermentos da ambição, da rivalidade de classes e da politicagem sem escrupulos; dos navios e das cidadellas voavam granadas á busca de peitos fraternos que só deveriam armar-se lado a lado contra inimigo estrangeiro; victimas innocentes, que nada tinham com o conflicto, cahiam pelas ruas, ao crepitar e ao zumbir dos projecteis que interrompiam, tres, quatro vezes por dia, o trafego da gente a caminho dos seus negocios; a horda immunda dos secretas, dos espiões, assediava os cidadãos honestos pelas esquinas, ás portas das lojas, em torno ás mesas dos botequins; a lei das suspeições, das proscricções pesava sobre todas as cabeças, a intolerancia politica levava rapidamente á intolerancia intellectual, e dahi ao abaixamento da cultura e do espirito publico.

Tanto mais conforto, por isso mesmo, achavamos nós em reagir contra a realidade triste e transitoria, em nome de outra realidade superior, transcendente, eterna: realidade nacional, não menos que universal. Não nos deixava, certamente, insensíveis, o drama politico do momento. Mas sem responsabilidades nelle, sem o dever nem a possibilidade da acção, o encaravamos como uma *crise*, que era de facto, passageira ainda que dolorosa.

O genio da patria e o genio da humanidade, sem eclipses nem desfallecimentos na sua continuidade triumphal, iamos encontral-o nas grandes paginas da historia e nas grandes palavras dos seculos. Irmãos podiam bater-se contra irmãos, o paiz podia dividir-se em dois campos irreconciliaveis, aggravando-se cada dia com injurias e rugidos de odio a propria separação. O Brasil preexistia a esses dissidios, e proseguia nos profundos laboratorios da alma collectiva, a despeito das apparencias, a tarefa da sua formação; o trabalho accumulado, as glorias já merecidas lhe garantiam a vida futura. Não; elle não naufragaria naquelles escolhos, nem ficaria para sempre esterilizado pelas discordias civis. Assistido pela benefica protecção dos seus heroes e dos seus sabios, retomaria a conquista do proprio destino no mundo, e forneceria a sua contribuição integral para a obra commum da civilização. Horas taes de fraternidade intellectual e moral ligam dois homens para sempre.

Mais tarde eu deixei a capital com a minha familia, á busca de ar mais salubre e mais livre. Doces lembranças daquella villegiatura! Tenho visto muitas cidades, famosas e maravilhosas, na minha vida errante; mas até hoje não se desvaneceram as impressões da característica belleza que me encantaram em S. João d'El-Rey. O velho burgo colonial, com a sua casaria tisnada pelo tempo, e agrupada em redor das torres dos seus templos austeros, á beira do rio, em contraste com os predios modernos e claros da margem opposta; as duas sombrias pontes de pedra, arqueando-se magestosas sobre as aguas habitualmente baixas e quietas, mas caudalosas e tumultuosas depois de qualquer grande chuva; a veneravel igreja de São Francisco, com a architectura sobria e solenne da sua fachada e dos seus dois campanarios de granito azulino, dentro de um jardim sempre viçoso, e a sua alma toda feita de genuina piedade, homenagem eterna ao gigantesco e commovente Crucifixo, obra do legendario « Aleijadinho », que a domina inteira do altar-mór; e as varzeas em torno, as collinas de um verde suave, os morros, fulgurantes de mica e de quartzo, á luz do sol, e as excursões á vizinha e decadente S. José, e á Gruta celebre, onde as estalactites formam cortinas e columnas de caprichosos feitios, e as estalagmites se erguem do solo em pulpitos e em thronos cõr de prata. . . tudo isso me está gravado na imaginação, e no coração me está viva sempre a grata lembrança da hospitalidade, da gentileza e das virtudes daquelle povo. . .

Lá, naturalmente, se falava muito de politica : não havia secretas, nem estado de sitio. Os jornaes da Capital eram agarrados freneticamente á chegada do trem : e entre os jornaes da terra fervia tambem a lucta. Mas a atmospherá local exercia uma acção calmante ; as discussões não degeneravam em rupturas. E embora o marechal Floriano não estivesse em veia de popularidade entre a maioria dos habitantes e dos emigrados, todavia não se negavam meios de vida, nem apertos de mão, aos poucos dos seus partidarios que por lá veraneavam.

De resto, quanto a mim, a politica, se me apaixonava, não me absorvia seguramente. As bellas conversas que tivera antes com Mario de Alencar, lá as fui reatar com outro não menos querido amigo, companheiro constante de passeios pela cidade e pelo campo, cujo nome aqui escrevo com especial affecto : Carvalho Mourão, hoje um dos maximos vultos do nosso Fôro, e sempre um dos espiritos mais largamente e solidamente cultos, e um dos mais integros caracteres que eu tenho conhecido.

Elle recorda ainda, sem duvida, as longas palestras que nos elevavam logo a um ambiente tão superior ao das contendás daquella época infornada : a poesia, a philosophia, a critica, o direito, a historia, as viagens e explorações scientificas forneciam o thema vario das nossas exaltações communs e das nossas controversias ; sem excluïrem as boas e gostosas risadas proprias da idade que tinhamos então, e as porfias de dilettantismo lyrico com que despertavamos os echos das planuras e dos valles mineiros. . . Resoam-me ainda aos ouvidos (e o advogado illustre me perdoará se a reminiscencia destôa da sua gravidade professional) as suas notas agudas de tenor na aria do *Rigoletto* : « *Questa o quella per me pari sono. . .* » Algum caipira, que passava lento e taciturno, a pé ou ao chouto da sua mula, parava um momento á beira da estrada, enfiava os olhos para o nosso lado, balanceava a cabeça, meditando : « Moços ! moços !. . . ».

Foi aquelle, para mim, um tempo de alacre producção litteraria, e propriamente ás impressões de S. João d'El-Rey dediquei um livro — ai ! bem pouco adequado e condigno ! — escripto em collaboração com Olavo Bilac no nosso breve *exilio* de Juiz de Fôra. O glorioso poeta não terá esquecido talvez a nossa excellente camaradagem de então, as prosas diarias no Hotel do Rio, e no seu êrmo placido de Santo Antonio, e os capitulos alternadamente compostos, com febril actividade, por algumas semanas, do famoso *Sanatorio*, que Joaquim Nabuco chamava o nosso « peccado literario ».

Fizemos tambem balladas. Foi elle, creio, que introduziu o genero na nossa poetica. Publicou primeiro as suas (*romanticas*), logo depois as minhas (*nostalgicas*), a *Gazeta de Noticias*, com palavras carinhosas para os dois autores, que trabalhavam fraternalmente lado a lado, « como se não fossem officiaes do mesmo officio ». A *Gazeta de Noticias*, de então, a do grande e bom Ferreira de Araujo ! Eis ainda duas magestades no reino do espirito, a

criação esplendida e o creador genial, que cumpre saudar com emoção, com gratidão, piedosamente!

Entre os meus papeis velhos encontro outra ballada, inédita essa, *et pour cause*: a ballada da cerveja! Escrevi-a, se, me lembra bem numa pittoresca *Brauereigarten* suburbana, com mesas de pinho ao ar livre, renques de eucalyptus por falta de tiliás, e no fundo do quintal grandes bilros para o jogo da bola, como na hospedaria campestre do *Ami Fritz*. Confabulavam e riam diante dos *bocks* espumantes Olavo Bilac, Valentim Magalhães e Emilio Rouêde, ambos de passagem por Juiz de Fôra, e o coronel Cicero de Pontes, prefeito municipal ou chefe de policia, já não sei mais, poeta nas horas vagas, excellente homem e excellente companheiro.

E eu ia rabiscando estes versos:

Loura cerveja da Allemanha,  
da côr dourada dos trigaes,  
que o velho Rheno heroico banha,  
cantando lendas medievas;  
tu que, por certo, não extranha,  
outr'ora, á Gretchen e ao Doutor,  
aplacas de Bismarck a sanha,  
e dos Guilhermes o furor!

Salve! por ti Gambrinus ganha  
palmas e louros conviviaes!  
Salve, ó teutónica champanha!  
Se a grossa espuma, dos boças  
a transbordar, não desentranha  
do *esprit*, da *verve* a fina flor,  
que de *systemas* emmaranha  
dentro de miolos em bolor!

.....

Creio que a ballada não foi além d'este ponto. E ponho-me ainda a imaginar, curioso, aonde iria ella parar com as rimas em « anha », quando já no seu breve caminho mostrava tão pouca firmeza nas pernas. . . Efeito da propria cerveja! — dirá alguém. Nada de brincadeiras. Eu nunca emborqueei picheis da loura bebida, nem taças ou calices de outras bebidas quaesquer, até o extremo de me bambearem as pernas, quanto mais as dos meus versos!

Por fim, a nostalgia da Guanabara e da rua do Ouvidor supplantou todos os receios das surpresas policiaes, no espirito dos dois companheiros que se haviam fundido temporariamente na personalidade commum e imaginaria do Sr. *Jayme de Athaide*. Lembra-me a cara compungida de Olavo Bilac, ao

transpormos a divisa do territorio de Minas : « Eis-nos em pleno estado de sitio ! » E espiou pela janellinha do vagão, a ver se não havia algum piquete de atalaia para o prender. Nada. Nada, ainda, na estação central. Decepção profunda para o poeta, que soffria, evidentemente, saudades da fortaleza da Lage. E na manhã seguinte não se conteve mais : foi á policia perguntar « se não havia nada contra elle ». O chefe, o enorme Dutra, benevolmente, respondeu que ia verificar ; que, enquanto não vinham informações, elle esperasse, num dos confortaveis aposentos daquella hospitaleira casa. E de lá, finalmente preso ! Olavo Bilac enviava a Coelho Netto um vibrante soneto, queixando-se — o ingrato ! — de carregar por toda a parte a sua reputação de conspirador,

« como uma lata ao rabo de um cachorro ! »

Dias depois, a situação se esclarecia. Floriano escrevera, a lapis vermelho, numa folha de papel : « Soltem o poeta ! » E, mandado elle deciddamente para a rua, Coelho Netto expedia-me um convite para deixar a minha menagem do Cattete e de Botafogo, mercê da qual eu suppunha — criança ! — tornar-me invisivel ou passar despercebido á policia, e para ir almoçar com elle e com Olavo Bilac, procedendo em seguida, juntos os tres, ao nosso ingresso triumphal na rua do Ouvidor. Commovente ingresso, e inolvidavel !

Foi pouco mais tarde, meu caro Max Fleuiss, que se realizou a solenne sessão do Instituto dos Advogados, com os seus « cincoenta annos de existencia » commemorados por um dos luminares da corporação, e por mim commentados naquella chronica d'*A Semana* que tanto o irritou. Foi tambem então que eu tive a minha *interview* com D. Quichote na praia do Russell, assumpto de chronica igualmente. . .

Veio logo o tão suspirado Governo civil do calmo e denodado — digamos, que é só justiça, heroico — Prudente de Moraes ; subio com elle Carlos de Carvalho, o eminente jurista ; e poucos mezes mais tarde, nomeado Secretario de Legação em Montevidéo, deixava eu a doce patria, que após tanta ausencia, amo ainda como então, oh ! mais que então !

E porque assim a amo, e a tenho viva sempre na alma, não pude resistir ao desejo de reevocar largamente, commoivamente, os ultimos annos passados no seu seio materno. . . Tu me relevarás, em consideração do alto sentimento, o que haja de nimiamente pessoal nestas paginas que te mando.

Como nos devem parecer, hoje, pequenas e secundarias as luctas politicas daquelle tempo, em que o regimen republicano recente lidava para encontrar a sua fórmula definitiva !

Hoje, a Europa inteira está em chammas, e o mundo todo, que a Europa ainda dirige, em inexprimiveis angustias. Vemos uma guerra como

nunca houve talvez outra, nem na epopéa napoleonica, nem mesmo quando Roma se medio com os Barbaros, que acabaram por subjugal-a; uma guerra que põe em discussão, para uma solução immediata e violenta, todos os problemas nacionaes, sociaes, espirituaes, que trabalham a humanidade; uma guerra que subverte innumeros valores, e abre incontestavelmente uma era nova. . . cujo character póde ser sublime, e póde ser terrivel; uma guerra, que traz porventura em germen um desses longos periodos belicosos, que todos reputavamos impossiveis na historia contemporanea — com que effeitos deleterios para a economia universal, á mais audaz imaginação não é dado imaginar; uma guerra, que toca ao vivo e no mais essencial dos seus interesses não só os povos que nella tomam parte, mas todos os povos, e todos os homens individualmente.

Ora, com que idéas, com que criterios nos aparelhamos, nós, Brasileiros, para a nova phase da evolução humana, a cujas exigencias não escaparemos, como não escapará ninguem? Continuaremos a nutrir-nos das candidas e obsoletas ideologias, que os primeiros tiros de canhão na fronteira da Belgica atiraram ao ar como um grande castello de cartas? Continuaremos a praticar a psychologia da avestruz, que esconde a cabeça debaixo da aza, cuidando que não ver é não ser vista? a acreditar piamente que a nossa terra, Eden maravilhoso, celleiro do mundo, ficará sempre ao abrigo de certos appetites formidaveis — escondida por uma dessas nuvens mythologicas, em que Jupiter se envolvia nos cimos do Olympo, ou do Ida — e que conservaremos em paz esse dom esplendido e gratuito da sorte, se não soubermos tornal-o verdadeiramente *nosso*, isto é, exploral-o, administral-o, e validamente defendel-o? Ou já se percebeu ahi que vamos entrar numa idade, como quer que seja, heroica, na qual só vingará, só triumphará quem fornecer, em tudo, o seu maximo esforço, e que, portanto, nos cumpre transformar desde as raizes, crear de novo sobre outras bases a educação nacional?

Estes são, meu caro Max Fleiuss, os graves pensamentos que revolvo na temerosa hora presente, transportando-me em espirito dos campos ensanguentados da Europa a esse Brasil sempre amado, para o qual eu sonho, eu anhele fervidamente a immortalidade no progresso, na potencia e na gloria.

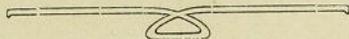
Abraça-te com saudades o teu muito dedicado

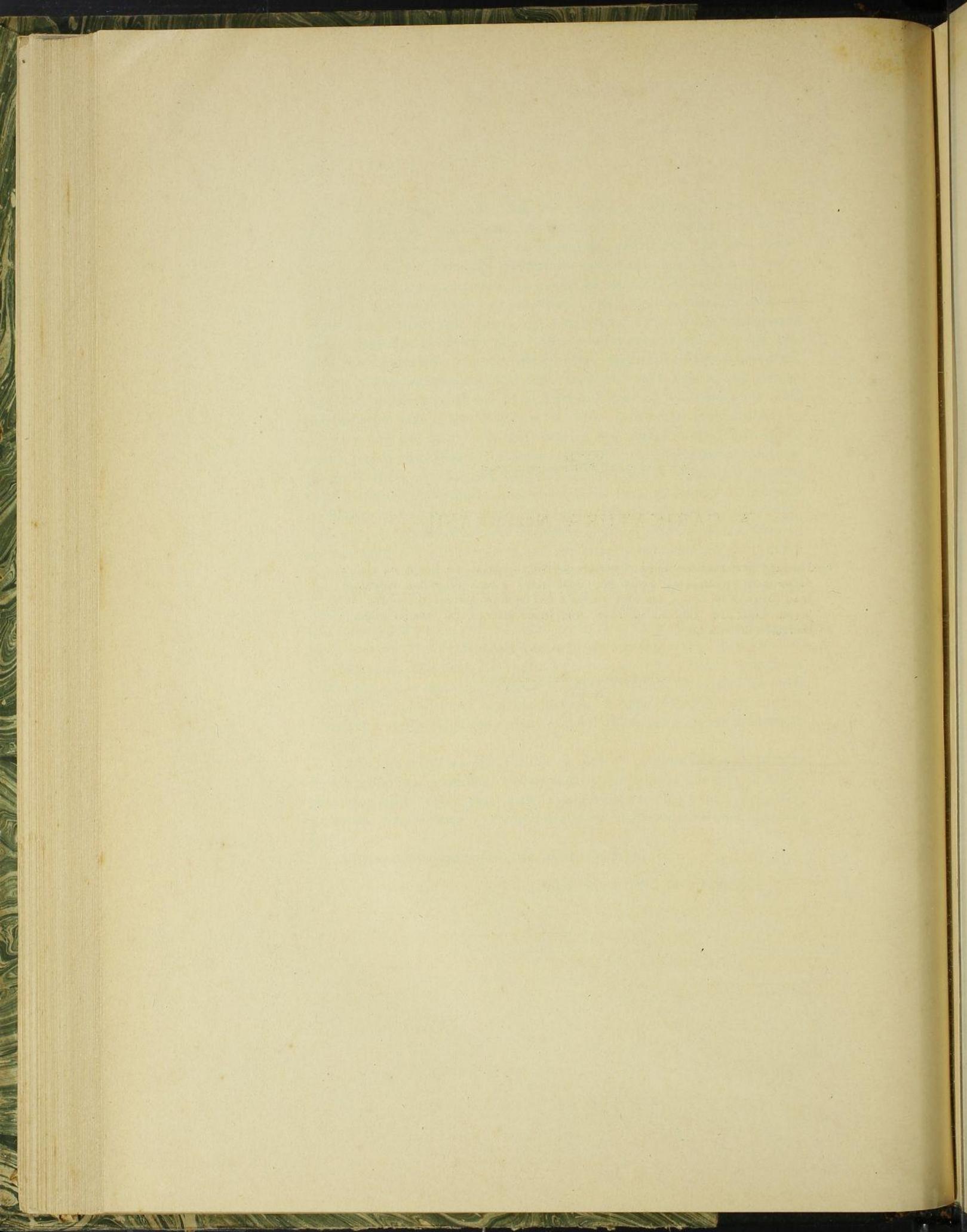
CARLOS MAGALHÃES DE AZEREDO.



## A CARICATURA NO BRASIL

CONFERENCIA REALIZADA EM 23 DE SETEMBRO DE 1916, NO SALÃO DE HONRA DA ESCOLA NACIONAL DE BELLAS-ARTES, TENDO SIDO CONSTITUIDA A MESA PELOS SRS. PROFESSOR JOÃO BAPTISTA DA COSTA, DIRECTOR DA ESCOLA, CONDE DE AFFONSO CELSO, DR. AURELINO LEAL, DR. HOMERO BAPTISTA, DR. RAMIZ GALVÃO, DR. ARAUJO VIANA E PROFESSOR CORREIA LIMA.







## A CARICATURA NO BRASIL

**N**ÃO podia o centenario da Missão Artistica deixar de referir-se, embora ligeiramente, á caricatura no Brasil.

A esta ESCOLA cumpria tratar dessa arte, que é a mais popular, a que faz vibrar todas as classes sociaes, provocando o riso e o despeito: — a arte das multidões.

Pena é que tal assumpto tenha sido confiado a mãos inhabeis, quando devera recair em quem á competencia e applausos na especie reúne a graça de um espirito formosissimo, qual innegavelmente é Raul Pederneiras.

Oxalá a boa vontade, que tenho, de attender a dois amigos — Baptista da Costa e Araujo Viana — pudesse facilitar-me o desempenho desta honrosa incumbencia e tambem supprir as imperfeições e lacunas de um assumpto tão grato ao meu coração, pois, em se tratando da caricatura no Brasil, não é licito deixar em olvido a figura de meu pae, — Henrique Fleiuss —, fundador, proprietario, director e desenhista da *Semana Illustrada*, de quem o erudito frei Pedro Sinzig, em sua excellente monographia *A Caricatura na imprensa brasileira*, disse « ter sido um dos nossos maiores caricaturistas, artista de pulso, superior, imaginação riquissima e lapis seguro, a quem cabe logar de honra na arte, como tal ».

A Baptista da Costa, a quem não de hoje admiro, e a Araujo Viana, o competente historiador da arte em nossa patria, é que cabem as responsabilidades desta hora. Cederam aos impulsos da sympathia, suppondo-me capaz da tarefa, que me impuzeram ha dois dias apenas. Por meu turno, obedecerei, não movido pela vaidade, que não tenho, mas compellido pelo espirito de disciplina e para procurar corresponder á confiança, com que me distinguiram.

Que admiravel conhecimento da alma humana não possuia o immortal cura de Meudon, quando escreveu estes versos :

« Mieux est de ris que de larmes escrire,  
Pour ce que rire est le propre de l'homme. »

Sim, o riso é a expressão mais commum dos homens e mais encantadora das mulheres.

O homem que ri, — e o thema já serviu ao grande genio de Hugo —, pôde ser, ás vezes, um boçal; a mulher que ri é quasi sempre graciosa. . . e sempre temivel.

Já o philosopho-missionario das nossas selvas exclamava: « Desconfiae do homem que vive a rir, mas fugi da mulher em taes condições! »

Rir, portanto, é a manifestação mais natural e mais sincera de nossa alma.

Assim, a caricatura, — que é o proprio riso —, constitue a fórmula artistica mais espontanea, mais vulgar e, por isso mesmo, mais apreciavel.

A *Narração de Philetas*, obra-prima do applaudido Amoêdo, enleva a quantos disponham de cultura e de senso artistico para apreciá-la. Collocae, porém, a bellissima téla numa exposição publica, ao lado de uma das paginas exuberantes de graça de J. Carlos, de Julião Ma-

chado, de Calixto, de Raul, — e vereis que a sensação, quasi pungitiva, de reverencia cede immediatamente o passo á gargalhada, symbolo da satisfação intima, da comprehensão subitanea, da esthesia da alma, mais espontanea que a esthesia da cultura.

E tanto é isso verdade, que a caricatura já existia entre os antigos, desde os tempos da mythologia classica.

E quantos aspectos — quantos! — ella não apresenta! Poderá, porventura, haver melhores caricaturas do que as paginas de *Les Guêpes*, de Alphonse Karr, que logo em começo diz: — « Ce petit livre est le premier de douze volumes semblables, qui paraîtront successivement et chaque mois, d'ici à un an. Ils contiendront l'expression franche et inexorable de ma pensée sur les hommes et sur les choses, en dehors de toute idée d'ambition, de toute influence de parti. Je parlerai sans colère, parce qu'à mes yeux les hommes les plus méchants sont encore plus ridicules que méchants ». E, dedicando *Les Guêpes* ás pessoas de boa fé e de espirito, concluia: — « Nous rirons bien ensemble de bien de gens qui voudraient passer pour sérieux, et nous nous amuserons à mesurer la petitesse des *grands* hommes et des *grandes* choses ».

Não equivalem *Les Chansons* de Béranger a caricaturas finissimas, e não tiveram, graças a esse character, enorme influencia?

Na Allemanha, Heine e Böerne, que fizeram sacudir o diaphragma á juventude tudesca, não foram principalmente insignes caricaturistas da palavra?

Eça de Queiroz, n'Os *Maias*, na *Correspondencia de Fradique Mendes*, nas *Farpas*, não creou typos immortaes de ironias?

Em nossa patria, quantos escriptores não se têm distinguido pela dicacidade, expondo a ridiculo, em duas phrases, homens e cousas, que se julgavam inatingiveis por semelhante arma?

A esse proposito, — e para só falar nos menos modernos —, cumpre-nos recordar que Martins Penna, Macedo, José de Alencar e França Junior, tanto em suas comedias hilariantes, como em seus deliciosos folhetins, manejaram scintillantemente o florete da *verve*, conquistando as mais merecidas palmas e sem jamais resvalarem na inconveniencia, nem mesmo nas mais claras allusões pessoas.

Mas voltemos á caricatura propriamente dita.

Deformação do real, visando a provocar o riso, a caricatura é tão velha quanto o mundo.

Orientalistas, assyriologos e egyptologos têm acreditado havê-la descoberto em ladrilhos e papyros encontrados nas ruinas das margens do Euphrates e do valle do Nilo. Até hoje, porém, não foi possivel fixar bem o character de taes producções, porquanto nem tudo que é grotesco é necessariamente caricatural.

Como eu já disse, é indiscutivel a existencia da caricatura na prodigiosa floração artistica da mythologia classica.

Pelas referencias de Aristoteles, é licito suppor que o pintor Pauson a tenha cultivado, si é que não foi antes um realista. Plinio fala de um certo Ctesilocho, discipulo de Apelles, que foi sem duvida um caricaturista irreverente, pois representou o nascimento de Baccho, fazendo Jupiter, de mitra á cabeça, gritar como uma primipara nervosa, entre as deusas que o partejavam. . . Uma das mais notaveis

caricaturas hellenicas, na qual já se inicia a applicação da arte aos costumes sociaes, é a da entrada de Apollo em Delphos, traçada num vaso.

Na Roma dos Cesares, em que floresceram as satiras, os epigramas, e nasceram os pasquins, — era natural que tambem se cultivasse a verberação do ridiculo por meio do desenho e da pintura.

Além do quadro, existente no Museu Gregoriano, em que se figura um philosopho anão, de barba de bóde, sermoneando a uma raposa; além dos retratos-*charges* de Caracalla, ainda resta, daquella época remota, o *a-fresco* descoberto em Gragnano, no qual se vê Enéas carregando Anchises aos hombros e arrastando com uma das mãos a Ascanio, todos tres com cara de cão. . . Os *graffiti* de Herculanium e Pompéia, arguindo embora artistas inexperientes, exhibem verdadeiras caricaturas, entre as quaes a mais celebre é a que ostenta o Deus dos christãos com cabeça de asno, pregado á cruz e tendo aos pés um dos seus adoradores. Taes representações, conforme relatam alguns doutores da Egreja coetaneos, eram zombarias habituaes e frequentes dos pagãos contra o novo crêdo, já muito propagado em Roma.

A edade-média, em virtude do pleno apogeu do regime catholico-feudal, não favoneou o desenvolvimento da caricatura, sem duvida incompativel com a austeridade da religião dominante. Não havia liberdade, e só nos seculos XV e XVI é que iam apparecer finalmente a gravura e a imprensa, os thronos da caricatura.

Entretanto, a arte do riso não ficou de todo suffocada sob as comminações medievaes da fogueira e do emparedamento, nem sob as grossas muralhas das sacristias e

conventos, que tantos ensejos offereceram aos pincéis motejadores. O assumpto predilecto dos raros caricaturistas de tal periodo é o frade, cuja licenciosidade e intemperança bem mereceram as estigmatizações soffridas. Na cathedral de Magdeburgo, por exemplo, existe a caricatura de um monge libertino, que conduz aos hombros linda freira em direcção á cella, cujas portas lhe são abertas por um satiro. Ha outros desenhos desse jaez, não faltando os que exploram a famosa glotonaria fradesca, como o que representa um monge com cara de burro, levando ás costas, suspenso do bordão, um coelho morto, e empalmando um ganso. . .

O seculo da Reforma e do poderoso invento de Guttemberg, si não facilitou desde logo uma vigorosa eclosão da arte do riso, — pois naquelles duros tempos ninguem podia rir, sem que primeiro obtivesse licença do rei e dos padres —, deu aso, todavia, a que apparecesse o mais interessante conjuncto de caricaturas verbaes do passado, *Gargantua e Pantagruel*, de Rabelais, producções que ficaram singulares no seu genero, porquanto não attingiram á perfeição do grande mestre os seus imitadores Theophilo Folengo, auctor do *Merlino Coccaio*, e Francisco Andreini, escriptor das *Bravatas do Capitão Espavento*. . .

Ao encerrar-se o seculo XVI, contudo, já havia elle visto surgir uma consideravel quantidade de sarcasmos picturaes, quasi todos originados das luctas religiosas. Parece que só então gozaram os artistas de maior liberdade. Uma das mais celebres caricaturas de tal quadra é a do papa separando a briga entre Calvino e Luthéro, este figurado a tentar bater com uma Biblia nas faces do picardo, e Calvino a puxar as barbas ao fundador do Pro-

testantismo. O proprio rei não escapou á critica: Henrique III é retratado em habitos de penitente, rosario á mão, orelhas de porco e chifres de bóde. Esses curiosos desenhos foram, em sua maior parte, colligidos por Pierre de l'Estoile, sob os titulos de *Les belles figures* e *Drôleries de la Ligue*.

O seculo XVII caracteriza-se, na França, pela applicação da arte do riso contra os estrangeiros, quer inimigos, como os hispanhóes, inglezes e hollandezes, quer os que tiveram interferencia na politica interna, como Concini e Mazarino.

Na centuria seguinte, esboça-se a caricatura de costumes. Saint-Aubin e Cochin atacam os penteados excetricos, o descobrimento do balão, o furor do rococó, a mania da antiguidade. Mas, só após a quéda da Bastilha é que surge em todo o esplendor a caricatura politica. Padres e frades, monjas, o proprio papa, os episodios da Revolução, — tudo é reduzido a satiras, em desenhos de inexcedivel crueza. A' arte popular depara-se vasto pabulo nos exaggeros das *Merveilleuses* e *Incroyables*. Do mesmo modo que já fizera Molière no theatro, La-Fontaine e Florian nas fabulas, — a caricatura, dessa data em deante, com Vernet, Debucourt e Duplessis-Bertaux, começa a zurzir todos os ridiculos do tempo, as invenções então recentes, quaes a vaccina e o telegrapho, e mais particularmente os caprichos da moda.

Os artistas da galhofa, que não temeram Napoleão Bonaparte, caíram á vontade sobre Luiz XVIII, sobre Carlos X, de quem é o famoso *Pieu monarque* de Descamps, e sobre Luiz-Philippe, cuja cabeça em fórma de pêra abriu oppor-tunidade ás mais variadas e chistosas troças.

O *Charivari*, fundado em 1832, é o primaz da caricatura periodistica da França. A arte attinge ao auge com o immortal Daumier, o creador dos typos de Ratapoil e de Robert Macaire. Surge logo depois o *Journal pour rire*, de Bertall e Vernier.

Um dos caricaturistas mais notaveis dessa quadra é Cham. Mas o maior progresso do jornalismo gaiato opera-se a partir da guerra franco-prussiana e da republica actual.

Prolifera a caricatura politica:— Gilbert Martin, no *Don Quichotte*, na *Charge* e no *Triboulet*, immortaliza o olho de vidro e a pansa de Gambetta, as bochechas de Grévy, o nariz de Jules Ferry, aguardando as botas e a barba loura do general Boulanger. . .

A caricatura de costumes apresenta igualmente grande desenvolvimento, tendo os seus orgams de imprensa e os seus cultores especiaes. Boilly creou um verdadeiro genero de careteiros. Heny Monnier dedicou-se ás actrizes e *grissettes*, assim como Marcelin, Robida, Mars, Grévin, este ultimo o incomparavel caricaturista do *Almanach des Parisiennes* e das *Fantaisies parisiennes*. Charlet, Gavarni e Grandville já haviam começado a pôr em primeiro plano, na arte do riso, com toda a razão, as mulheres galantes, até que despontasse a pleiade brilhante dos Leonnec, dos Willette e principalmente dos Caran d'Ache e dos Forain, os verdadeiros creadores da caricatura contemporanea, que da França passou para o nosso paiz. Ninguem, contudo, compendiou melhor a extensão e a valia da caricatura do mundo culto, especialmente no que respeita aos costumes e á politica, do que John Grand-Carteret, auctor de obras famosas como *Les Mœurs et la Caricature en*

*France, Bismarck en caricature, Crispi, Bismarck et la triple-alliance en caricatures.*

Mas não podemos deixar de dizer também algumas palavras sobre o progresso da caricatura nos mais importantes povos germanicos.

Essa arte, tão leve e tão alada na França, nasce na Allemanha por occasião das grandes lutas religiosas e politicas, e com um aspecto sombrio, — não, como observa um escriptor, para fazer coegas, á similhaça do espirito gaulez, mas para ferir, como *la massue qui écrase*.

Accommette os judeus, que pinta nas cathedraes mandando em porcas, e prepara a Reforma, representando os monges pansudos, o papa com orelhas de asno, os cardeaes aos peitos de megéras, e as folhas volantes com esses desenhos são espalhadas a granel pelos campos.

Depois, como que se eclipsa alli a arte do riso, que só reaparece no seculo XVIII, com Chodowiecki, discipulo de Hogarth.

No alvorecer do seculo XIX, Schadow, Geiseler e Voltz têm um filão inexgottavel em Bonaparte, na familia e nos generaes do celebre Corso, que também não escapou ao lapis de Hoffmann, nos *Contos phantasticos*.

Ramberg illustrou as lendas comicas da idade-média e Hasenclever, na *Jobsiada*, as pandegas dos estudantes. Mas, só em seguida á revolução de 1848, é que reaparece a caricatura, desse momento em diante explorada em jornaes e revistas que alcançaram notoriedade universal, como as *Fliegende Blätter* e o *Kladderadatsch*.

A Paulo Kenewka é que se deve um genero essencialmente germanico, — a silhueta.

Meggendorfer, Reinicke e Oberländer ridiculizam a antiguidade, o renascimento e o romantismo, e Bernstein arremette especialmente contra as extravagancias das modas.

Busch divertiu toda a Allemanha durante mais de um quarto de seculo e formou uma numerosa escola, que ainda presentemente domina na caricatura tedesca, cujo fóco genuino sempre foi Munich, ao mesmo tempo a terra da boa cerveja e da alegria.

Embora surgisse na Inglaterra só em fins do seculo XVIII, a caricatura desde logo se revelou alli de uma agudeza e causticidade admiraveis. O berço da arte foi a Hollanda, e o grande mestre inglez foi inquestionavelmente Hogarth. Desenhistas notaveis encarniçaram-se contra Napoleão Bonaparte e a revolução franceza como Gillray.

Só em 1840 é que foi fundado na Inglaterra o organ que alli desempenhou o mesmo papel que o *Charivari* em França: — o *Punch*, palavra que é uma contracção de — Polichinelo. A partir daquella época, expande-se na imprensa britannica a caricatura politica, que teve em Disraeli e Gladstone os melhores alvos.

Leech tornou-se muito popular na Inglaterra, graças ao dom da belleza com que envolveu todos os seus trabalhos, e deixou por successor a Du Maurier, de origem franceza, como o nome revela. Mas o mais profundo humorista bretão e o que teve existencia mais longa e mais operosa, tendo tratado de todos os assumptos com inextinguivel *verve*, foi Cruikshenk.

Só depois que a caricatura triumphara na França, na Allemanha e na Inglaterra, foi que penetrou nos demais paizes, sendo notaveis os progressos que ella tem tido na

Italia, cuja imprensa humoristica tem adquirido renome universal. Basta citar o *Papagallo*, *L'Asino*, o *Paschino* de Teja, o *Fischieto* de Marietti, o *Spirito Foletto*, o *Don Chisciotte*, *L'Epoca*, todos explorando o vasto filão da política, mais particularmente do socialismo e do clericalismo.

Em Portugal, vem de longa data a existencia de revistas e periodicos humoristicos. Para não mencionar os mais antigos, como o *Pimpão*, basta-nos lembrar os mais recentes, como o *Antonio Maria* e os *Pontos nos ii*, ambos de Bordallo.

Nos Estados Unidos da America, para só falar no momento presente, brilha com immenso fulgor, entre o de muitos outros, o lapis de R. M. Brinkenhoff, o caricaturista diario do *Evening Mail*, de Nova York.

Na America do Sul, cumpre-nos recordar que, ao tempo da guerra do Paraguai, já se publicava em Assumpção um hebdomadario humoristico — *El Cacique Lambaré*, unicamente consagrado a ridicularizar os paizes da triplice alliança contra Solano Lopes. A revista illustrada, onde esplende o genero caricatural e que adquiriu justa fama nos paizes hispano-americanos, é a intitulada *Caras y Caretas*, da Argentina.

\* \* \*

Em nossa Patria, si a arte dos calungas não nos fosse trazida pelos europeus, provavelmente irromperia da pronunciada tendência que os nossos indios revelavam pela caricatura. Com effeito, o dr. Theodor Koch-Grünberg, meritorio ethnologo allemão, nos dois annos em que residiu entre as tribus do alto rio Negro, procurou estudar as

inclinações artisticas dos filhos da floresta virgem, estudo que um dos proceres das sciencias anthropologicas, Richard Andree, muito recommendava aos exploradores e a que dedicaram alguma attenção Karl von den Steinen e e Max Schmidt, em relação ás aldeias do Xingú. Koch-Grünberg publicou, em 1906, um interessante album, intitulado «Anfänge der Kunst im Urwald», contendo 63 estampas de desenhos de selvagens. Em alguns desses desenhos, sobretudo nos de homens e animaes, é flagrante a intenção humoristica posta de manifesto pelos artistas das selvas.

Mas a arte, com todos os seus caracteristicos de civilização moderna, só apparece no Brasil depois da transmigração da familia real portugueza para o Rio de Janeiro.

Fundada a imprensa a 13 de maio de 1808, graças ao principe regente d. João e a d. Rodrigo de Sousa Coutinho, só em 1827 surge nesta Capital o primeiro estabelecimento lithographico, installado no becco Manuel de Carvalho: era dirigido por Steimann.

Em agosto de 1829 chegou ao Rio Luiz Boulanger, que em 1831 foi nomeado professor de s. m. o imperador d. Pedro II.

Da officina de Steimann saíram diversos quadros historicos de guerras, retratos, etc.

Em 1830 montou o governo a lithographia do Archivo Militar, no Campo de Sant'Anna, e nesse estabelecimento muito se distinguiu o artista brasileiro Alvaro Moreira da Silva Rodrigues.

Outra officina surgiu em 1832, á rua Direita n. 20, a de Pedro Victor Larré, e mais tarde foram apparecendo outras,

como as de Haeton e Rensburg, Briggs, Simon, Martinet, Pinho, Brito e Braga, Fleiuss, Irmão e Linde.

Na officina de Briggs foram impressas algumas estampas caricatas, lithographadas por Lopes, representando typos populares, como o «Cara-linda», segundo affirma o dr. Mello Moraes.

Quanto aos periodicos de caricaturas, grande foi e tem sido a sua acceitação em nossa patria.

Delles tratou, mostrando-lhes a pujança, o illustrado frei Pedro Sinzig, em sua interessante monographia «A Caricatura na Imprensa Brasileira», publicada em 1911.

Creio eu poder apresentar uma lista, tão completa quanto me foi possivel, de todos os orgams da imprensa nacional, em que de qualquer fórma se explorou a arte do riso, a *vis comica*.

Presumo ser o mais antigo de todos o *Corcundão*, que appareceu no Recife em 1831 e foi a primeira tentativa de jornal illustrado em Pernambuco. Era escripto com extrema mordacidade e trazia vinhetas caricatas, gravadas a canivete em entrecasca de cajazeiro.

São ainda de Pernambuco :

*O João Pobre*, que durou de 1844 a 1845. Era um jornaleco satirico, principalmente dirigido contra José Thomaz Nabuco de Araujo, a quem seus adversarios politicos davam a alcunha de «João Pobre». Uma vinheta, representando o passaro desse nome (*Serpophaga nigricans*, de Vieillot), trazia, no n. 3, a seguinte legenda :

Quem não conhece  
Mestre Nabuco,  
Veja o retrato  
Desse maluco.

— *A Marmota* surgiu no Recife, em 1844. Era um jornal *praieiro*, que inseria sob o titulo os seguintes versos :

Nesta marmota perfeita  
Verão todos os leitores  
Quaes são os aduladores  
Do barão.

Imprimia vinhetas caricatas, allusivas a amigos do barão, depois conde da Bôa-Vista. A sua autoria foi geralmente attribuida ao padre João Capistrano de Mendonça ;

— *A Palmatoria* appareceu em 1865. Era um jornal caricato, illustrado com desenhos de L. Schlappriz ;

— *O Sacatrapo* surgiu tambem no mesmo anno que o anterior, e era semanario illustrado ;

— *A Revista Illustrada* data de 1866 ;

— *O Recife Illustrado* começou a sair a lume tambem no anno de 1866 ;

— *A Careta* iniciou a sua publicação no Recife em 1869. Era um jornal caricato, sendo de C. Wiegandt os desenhos que estampava ;

— *O Estabanado* é de 1875 ;

— *A America Illustrada* durou de 1871 a 1886. Foi um semanario humoristico, que primou pelo chiste das suas gravuras. Os desenhos eram de Carneiro Villela, Vera-Cruz e Crispim do Amaral. Nella collaboraram, além do primeiro daquelles caricaturistas, Francisco Cismon-tano, Affonso Olindense, João Pinto Bandeira e Martins Junior ;

— *A Cigarra* appareceu em 1872. Era semanario humoristico, com gravuras ;

— *A Illustração Pernambucana* surgiu em 1872 e durou até 1873 ;

— *O Scorpião* veio a lume em 1872. Trazia illustrações e era redigido por Adolfo Generino dos Santos;

— *O Brasil Illustrado* surgiu em 1874. Os desenhos eram de José Novaes;

— *O Diabo a quatro*, cuja existencia se prolongou de 1875 a 1879, era um interessante hebdomadario, redigido por Annibal Falcão, A. de Souza Pinto, Inglez de Sousa e Generino dos Santos. As illustrações foram de diferentes artistas pernambucanos, entre os quaes J. Neves e Vera-Cruz, sendo as deste modelares, pela factura e pela graça;

— *A Lanterna Magica*, que durou de 1882 a 1908, era um semanario satirico, desenhado e redigido por Luiz Antonio da Silveira Tavora.

Todos os orgams de imprensa caricata, em Pernambuco, foram editados na capital.

No Pará, segundo o magistral catalogo dos jornaes daquella circumscripção politica, devido á competencia do dr. Manoel Barata e publicado na *Revista do Instituto Historico*, por occasião da Exposição do Centenario da Imprensa no Brasil, promovida pelo nosso Instituto, houve, entre os mais importantes, editados em Belém:

— *A Provincia Illustrada* começou a ser publicada em 1895. Era uma edição hebdomadaria da *Provincia do Pará*. Desenhos de Widhopft;

— *O Zig-Zag*, semanario caricato que durou de 1895 a 1896;

— *A Risota*, hebdomadario caricato, de ephemera duração, apparecido em 1896;

— *O Figurino*, revista humoristica e illustrada, que começou a publicar-se em 1901;

— *O Morcego*, de 1902, semanario caricato e humorístico.

No Maranhão, segundo o erudito catalogo de Viveiros de Castro, no tomo da *Revista do Instituto*, relativo ao Centenario da Imprensa:

— *O Picapau*, que appareceu em S. Luiz, no anno de 1842. Era semanario humorístico, trazendo, ás vezes, estampas caricatas, abertas em madeira.

No Ceará, conforme o catalogo do erudito sr. barão de Studart:

— *O Piriquito*, appareceu em Fortaleza, no anno de 1846. Era jornal caricato e satirico. Foi redigido pelo dr. Pedro Pereira da Silva Guimarães, o primeiro deputado geral que apresentou na Camara um projecto de lei abolindo a escravidão no Brasil. Era impresso em papel verde;

— *O Tagarella* surgiu em 1865, tambem na capital. Era critico e caricato;

— *O Ceará-Moleque*, revista caricata de Fortaleza, datada de 1897.

Na Bahia, entre muitos outros, todos da capital:

— *Bahia Illustrada*. Durou de 1867 a 1870. Era um jornal chistoso e de caricaturas, do formato da *Semana Illustrada*, do Rio de Janeiro, com o seguinte lemma: «*Ridentem dicere verum, quid vetat?*»;

— *Phenix*. Appareceu em 1870, substituindo a *Bahia Illustrada*, cuja publicação cessara nesse anno;

— *Ferrabraz*. E' de 1871. Periodico satirico, chistoso e illustrado;

— *Ilustração Bahiana*. Começou a publicar-se em 1872;

- *Revista Illustrada*. E' do mesmo anno que a anterior ;
  - *O Museu Bahiano*. Surgiu em 1874. Periodico illustrado, satirico e chistoso ;
  - *O Patusco*. Durou de 1878 até 1879. Periodico illustrado e critico ;
  - *O Balão*, periodico illustrado e critico, durou em sua primeira phase, de 1879 a 1888 ; a sua segunda phase estendeu-se de 1890 a 1896 ;
  - *Illustração Bahiana*, segunda desse nome, appareceu em 1881 ;
  - *O Espelho Magico*. E' de 1882 ;
  - *Gazeta Illustrada*. Começou a publicar-se no mesmo anno que a antecedente ;
  - *A Palmatoria*, periodico illustrado e satirico, veiu a lume em 1886 ;
  - *O Lapis*. E' de 1888 ;
  - *O Cartaz*, periodico illustrado e satirico, destinado á « exposição de typos e costumes », existiu de 1889 a 1890 ;
  - *Revista do Brasil*. Iniciou a sua publicação em 1905. Na então provincia do Rio de Janeiro :  
*A Revista Fluminense*. Appareceu em Niterói, no anno de 1870 ;
  - *A Rabeca*, revista caricata, tambem apparecida naquella capital em 1870.
  - *O Garatuja*, periodico humoristico, que começou a publicar-se em 1887, na cidade de Rezende.
- Em S. Paulo :
- Diabo-Coxo*. Appareceu em 1864 e durou até ao anno seguinte. Foi o primeiro jornal caricato de S. Paulo. Era redigido por Luiz Gama e illustrado por Angelo Agos-

tini. Publicava-se aos domingos. Em seu primeiro número inseriu, como apresentação, os seguintes versos, « mais ou menos coxos », diz o sr. Affonso A. de Freitas :

Sou o *Diabo-côxo* : quem ha que desconheça  
Na vida social meu alto poderio ?  
Percorro o mundo inteiro, ora pedestre humilde,  
Ora atirado aos lombos de um palafrem sombrio.

Não ha palacio altivo, nem misera choupana,  
Cujos *mysterios* fundos não possa penetrar.  
Cheguei hoje a S. Paulo. — Sentido, meu povinho !  
A musica está prompta, nós vamos começar. . .

— *Diario de S. Paulo*, jornal livre e independente, que surgiu em 1865. Foi redigido por Delfino Cintra Junior e Pedro Taques de Almeida Alvim e illustrado por Henrique Schroeder, que produziu espirituosas caricaturas. Foi o primeiro quotidiano paulista, que estampou illustrações em suas columnas ;

— *O Cabrião*. E' de 1866. Este semanario critico e humoristico foi tambem illustrado por Angelo Agostini, que em S. Paulo fez o seu tirocinio de caricaturista, ao tempo em que exercia as profissões de photographo e retratista a oleo. A informação é do sr. Affonso A. de Freitas, em sua monographia « A imprensa periodica em S. Paulo ».

— *O Polichinello*, semanario illustrado e humoristico, appareceu em 1876. Era seu desenhador Huascar de Vergara, que iniciara a carreira de caricaturista n'*O Cabrião*, sob os auspicios de Angelo Agostini.

— *O Bohemio*, hebdomadario humoristico e illustrado, surgiu em 1881. Era redigido por Valentim Magalhães e Ezequiel Freire, sendo as caricaturas devidas ao lapis de Narciso Filgueiras. Publicou retratos, acompanhados de

biographias humoristicas, de Affonso Celso Junior, Americo de Campos, Cerqueira Mendes, Marinho Prado Junior, Arthur e Aluizio Azevedo ;

— *A Vida Semanaria*, de 1886, era desenhada por Bento Barbosa e redigida por Olavo Bilac ;

— *A Platêa*, que começou como organ hebdomadario, desenhado por Araujo Guerra e redigido por Horacio de Carvalho, passou depois a quotidiano e ainda se publica como vespertino ;

— *A Vida Moderna*, data de 1905 e presentemente está sob a direcção do poeta Simões Pinto ;

— *A Cigarra*, bem feita revista tem por director o Sr. Gelasio Pimenta ;

— *O Pirralho*, data de 1911.

No Paraná :

— *O Olho da Rua*, periodico humoristico e illustrado, appareceu em Curitiba, no anno de 1907 ;

— *O Velho não quer*, nas mesmas condições que o anterior.

No Rio Grande do Sul :

— *O Aristarcho*, de Jaguarão ;

— *O Bisturi*, da cidade do Rio Grande, com illustrações devidas a Thadeu de Amorim ;

— *O Amolador*, da mesma cidade, com desenhos humoristicos firmados por Meira ;

— *Pontos nos ii*, de Porto Alegre, trazendo caricaturas assignadas por Orsolino ;

— *A Sentinella do Sul*, tambem da mesma capital, com desenhos humoristicos ;

— *O Pau bate*, da referida cidade, encerrando igualmente caricaturas.

Em Minas, além de varios outros :

*A Vida de Minas*, de Bello-Horizonte, com illustrações devidas a Genesco Murta ;

— *A Comedia*, de Juiz de Fóra ;

— *O Seculo XX*, tambem de Juiz de Fóra ;

— *O Diabo*, de Barbacena ;

— *A Evolução*, de Ponte-Nova.

Tratemos agora da nossa capital.

Em nenhuma outra parte do Brasil attingiu a arte do riso a maiores proporções do que na séde do governo do paiz, notabilizando-se as caricaturas principalmente por versarem assumptos politicos, do que decorria grande prestigio para os jornaes do genero.

Creio que o primeiro periodico dessa natureza, surto nesta cidade, foi *O Martello*, em 1832, seguido logo da *Cegarega*, do mesmo anno.

No periodo que se estende dahi até 1860, foi uma verdadeira proliferação de folhas volantes humoristicas, quasi todas porém de duração muito curta.

Ei-las, quanto possivel, em ordem chronologica :

— *O Cabrito*, *O Burro Magro*, *O Esbarra* e *A Marmota*, todos de 1833, sendo que o ultimo, tendo logo cesado a publicação, reapareceu em 1849 ;

— *A Mutuca Picante*, em 1834 ;

— *O Capadocio*, em 1835 ;

— *O Carapuceiro na Côrte* e *O Aristarcho*, ambos de 1840 ;

— *O Belcior Politico* e *A Lanterna Magica*, apparecidos ambos em 1844 ;

— *O Charivari*, de 1845 ;

— *O Diabo no Mundo*, de 1847 ;

— *O Sino da Lampadosa, A Sineta da Misericordia, O Sino dos Barbadinhos, O Carranca e O Cascalho*, todos em 1849;

— *O Phantasma*, de 1850;

— *A Caricatura, O Bodoque Magico e O Martinho*, todos em 1851;

— *O Boticario*, de 1852;

— *O Azorrague*, de 1855;

— *O Charivari Nacional*, de 1857, que na opinião do barão do Rio Branco foi verdadeiramente o primeiro jornal de caricaturas do Rio de Janeiro;

— *A Carapuça*, de 1857;

— *O Entre-acto e A Semana Illustrada*, apparecidos ambos em 1860;

— *O Barco dos traficantes e O Ramalhete*, de 1861;

— *O Bazar Volante*, de 1863-66;

— *A Pacotilha*, de 1866;

— *O Heraclito e A Gaveta do Diabo*, de 1867;

— *O Mosquito*, de 1868-77, que teve larga repercussão no paiz, e *A Vida Fluminense*, de 1869-75, de Angelo Agostini e Borgomaniero e Bordallo Pinheiro;

— *O Espelho*, de 1870;

— *O Mundo da Lua*, de 1871;

— *O Mequetrefe*, de 1875;

— *O Pimpão e o Almanach Humoristico Illustrado*, de 1877;

— *O Torniquete, O Zig-Zag e O Besouro* (este ultimo de Rafael Bordallo Pinheiro, grande mestre da caricatura moderna), todos de 1878;

— *A Abelha, O Diabo da Meia-noite e A Republica das Moças*, todos tres de 1879;

— *O Binoculo*, *O Diabo a quatro* (com caricaturas devidas a Belmiro) e *O Pescador* (com desenhos firmados por Hilarião), todos tres de 1881;

— *O Diabo da Meia-noite*, organ da Sociedade Euterpe Commercial Tenentes do Diabo, com esplendidas caricaturas feitas por Belmiro, de 1882;

— *A Vespa*, com chistosos desenhos do lapis de Pereira Netto, de 1885;

— *O Jornal do Brasil*, o quotidiano que maior incremento deu á caricatura, traçada alli por varios artistas, principalmente Julião Machado, Raul Pederneiras, Arthur Lucas e outros, de 1894;

— *A Noticia Illustrada* e *A Cigarra*, de Julião Machado, e o *D. Quixote*, de Angelo Agostini, todos tres apparecidos em 1895;

— *A Bruxa*, de Julião Machado, de 1896;

— *A Mascara*, de 1899;

— *O Tagarella*, de 1902;

— *A União Caixeiral*, de 1903;

— *Fon-Fon*, revista illustrada, fundada em 1906 por J. Schmidt e hoje pertencente aos Srs. Gasparoni e Fogliani, a qual tambem insere caricaturas, saidas principalmente do lapis privilegiado de Calixto Cordeiro;

— *O Careta*, de 1907, de Jorge Schmidt, com esplendidos desenhos de J. Carlos, caricaturista a quem Henrique Bernardelli, quando commigo dirigia *A Renascença*, prognosticara o mais brilhante futuro, reputando-o um artista de merito excepcional;

— *O Mundo*, *O Album de Caricaturas*, *O Punch Illustrado* e *O Albor* (este com illustrações devidas a Raul Pederneiras), todos de 1911.

Entre publicações antigas e modernas, que merecem também destaque especial, por haverem explorado a arte da caricatura, mencionaremos ainda as seguintes, todas desta Capital:

*O Album do Pinta-monos*, série de estampas agressivas a Manuel de Araujo Porto Alegre, com 14 desenhos lithographicos e não trazendo na capa nem data nem nome do autor;

— *A Folhinha Laemmert*, com as chistosos *charges* do «Dr. Pafuncio Simicupio Pechincha».

— *A Revista da Semana*, fundada em 1899, por Alvaro Tefé e desenhada por varios caricaturistas, especialmente Calixto, Raul Pederneiras e Julião Machado;

— *O Tico-Tico*, interessante semanario tão querido das creanças;

— *O Paiz*, com illustrações de Julião Machado, o admiravel artista do lapis e da penna;

— *O Malho*, cujas caricaturas são devidas ao lapis sempre chistoso de A. Storni, Loureiro, Ariosto e Yantock;

— *A Revista Illustrada*, com admiraveis desenhos de Angelo Agostini e que tão longa duração teve, começada em 1876;

De todos esses jornaes, os que maior importancia tiveram foram, entre os extinctos, *A Marmota*, *O Basar Volante*, *A Vida Fluminense*, *A Semana Illustrada*, *O Mosquito*, *O Mequetrefe*, *O Besouro*, *A Revista Illustrada* e o *D. Quixote*.

Com inteira razão, diz Raul Pederneiras que — «entre nós houve um periodo de combate, em que tivemos verdadeiros prodigios do lapis: Henrique Fleiuss, Pinheiro

Guimarães, Flumen Junius, Faria, Duque Estrada Teixeira, Belmiro, Pereira Netto e Angelo Agostini ».

A *Semana Illustrada* appareceu em dezembro de 1860 e durou até fins de 1876. Foi no seu tempo o periodico mais popular no Brasil. As figuras do «Dr. Semana» e do «Moleque», creações de Henrique Fleiuss, tornaram-se o regalo de todo o publico ledor e ainda hoje ha muita gente que se recorda dos successos alcançados pela *verve* do habil artista.

Mais tarde, o insigne Angelo Agostini creou tambem o chistoso typo de «Zé Caipora», n' *A Revista Illustrada*, outro periodico inesquecivel, que durou tres lustros, approximadamente e, honra os fastos da nossa imprensa.

Ouçã-se, a proposito d' *A Semana Illustrada*, o juizo de um contemporaneo competente e insuspeito, qual o dr. Mello Moraes (pae):

«Fleiuss, Irmão & Linde estabeleceram-se, a 11 de janeiro de 1860, na rua Direita n. 49, e no mesmo anno, a 13 de dezembro, principiaram a publicar *A Semana Illustrada*, e, depois, as *Recordações da Exposição Nacional*.

Tambem os srs. Fleiuss, Irmão & Linde foram encarregados das *Ilustrações da viagem scientifica*. Por suas paizagens, recebeu o sr. Linde a medalha de ouro.

Mudaram-se para o largo de S. Francisco de Paula n. 16, em 1º de maio de 1861, onde estabeleceram o seu Instituto Artistico. Além deste estabelecimento lithographico occuparam-se da pintura a oleo, de aquarella, de photographia e da xylographia, ainda não cultivada no Brasil.

*A Semana Illustrada* já ha feito algum serviço importante no paiz...».

Devo accrescentar que a escola de xylograhia, fundada por Henrique Fleiuss, teve numerosos discipulos.

Destes, um dos sobreviventes é o sr. José Xavier Pires, actual e competente inspector tecnico da Imprensa Nacional.

A *Semana Illustrada* era quasi toda desenhada por Henrique Fleiuss, que teve, entretanto, a collaboração valiosa de Flumen Junius, Pinheiro Guimarães, Aurelio de Figueiredo e, por algum tempo, tambem a de Angelo Agostini.

Quem percorrer as suas collecções, admirará por certo, além da graça das caricaturas, a perfeição dos desenhos, mormente os retratos.

Tinha aquella revista um character accentuadamente patriotico. Redigiam-n-a, entre outros, Machado de Assis, Victorino de Barros, Flavio Farneze, Quintino Bocayuva, Achilles Varejão, Pedro Luiz Pereira de Sousa, Antonio de Castro Lopes, Ernesto Cybrão (este, mercê de Deus, ainda vivo e sempre dotado do mesmo espirito que inspirava o «Boileau-mirim», Henrique Cesar Muzzio, Saldanha Maranhão, Felix Martins e Bruno Seabra.

No periodo da guerra do Paraguay inseriu copiosas proezas das nossas tropas (mediante *croquis* remettidos do campo de acção por Joaquim José Ignacio, Secundino de Gomensoro e Hoonholtz) e muitos retratos dos nossos heróes.

Foi tambem ardoroso propagandista da lei de 28 de setembro, cuja sancção exaltou em bellissima estampa, devida a Henrique Fleiuss e com a seguinte legenda: — *Vincula servitii tandem sunt sæva remissa.*

A nova phase da caricatura tem tido no Brasil emeritos cultores, que se chamam Arthur Lucas, Hilarião Teixeira, Crispim do Amaral, Teixeira da Rocha, Isaltino Barbosa, Celso Herminio, Bento Barbosa, Julião Machado, Ayres e

Belmiro de Almeida, este ultimo o grande artista dos *Descobridores*.

Hoje está ella preponderantemente representada, além de Lucas, Julião e Belmiro, por J. Carlos, Calixto Cordeiro, Luiz Peixoto, Yantock, Storni, Leonidas, Rocha, Lobão, B. Vianna Junior, Marcio Nery, J. Gallo, Fritz, Nemesio Dutra, Ariosto e Raul Pederneiras, cujos primeiros desenhos, já primorosos, tive a ventura de apreciar em 1893, quando redigi com Valentim Magalhães *A Semana*, mostrando-m'os o illustre cunhado do genial artista, meu dilecto amigo dr. Rodrigo Octavio.

Cumpre lembrar tambem os nomes queridos de Raul Pompéa, Aluizio Azevedo e Carlos Lenoir, e, entre os estrangeiros, merecem o preito da nossa recordação tanto Borgomaniero, como Augusto Off, que foi um artista extraordinario.

E' hoje definitiva no Brasil a victoria da caricatura.

Nem mesmo os jornaes matutinos dispensam esse genero artistico, e manda a justiça que citemos o *Jornal do Brasil*, a *Gazeta de Noticias*, o *O Paiz*, a *A Noite*. Ao *Jornal do Brasil*, em sua phase de direcção do estimado sr. dr. Fernando Mendes, é que se deve o maior impulso da caricatura diaria em nossa imprensa.

\* \* \*

Da ligeira exposição, mais historica do que propriamente critica, a que acabo de incolormente proceder, pôde-se, comtudo, ajuizar da importancia da caricatura em nosso meio artistico e literario, importancia decisiva e incontrastavel.

Em nosso paiz, um dos maiores apreciadores do genero foi o imperador d. Pedro II, embora não raro injustamente alvejado pelo ousado e desrespeitoso lapis dos caricaturistas mais notaveis, que trabalharam na imprensa indigena até 1889.

Note-se que os motejos por meio do desenho e da pintura tambem se faziam á sombra de Momo, e que ainda ahi não era poupada a personalidade do monarcha.

Contou-me o conselheiro Lafayette que, certa vez, um chefe de Policia da Côrte mandou apprehender alguns carros carnavalescos, que traziam as mais agressivas caricaturas ao soberano.

Sabedor do facto, d. Pedro II apressou-se a desapprovar o *trop de zèle* da autoridade.

De outra feita (e o facto occorreu com quem neste momento abusa da vossa attenção), um grupo de collegiaes, tendo constituido uma ephemera sociedade carnavalesca denominada — Grupo dos Martinhos — pretendeu sahir á rua, nos tres dias consagrados á loucura, exhibindo o estandarte da associação, no qual devia figurar o retrato do presidente do Conselho, então o conselheiro Martinho Campos. Solicitada a licença do chefe de Policia, dr. Aureliano de Sousa e Oliveira Coutinho, este, ao ver o desenho, negou-a peremptoriamente. Dirigiram-se os rapazes ao proprio presidente do Conselho, e este não hesitou em conceder-lhes a permissão impetrada, dizendo-lhes apenas: — « Comtanto que não me façam mais feio do que eu sou. . . ».

A indole do brasileiro é, aliás, muito propensa á caricatura.

Creio que é uma questão de origem, pois a mim me parece que Pero Vaz Caminha, ao escrever a d. Manuel a

celebre carta, datada de Porto-Seguro, deixou ahi o virus da caricatura, ao enaltecer as fórmas plasticas dos selvicolas, « que de as nós muito bem olharmos não tinhamos nenhuma vergonha... ».

Mas é tempo de terminar.

Relevae-me, si vos fatiguei com esta palestra, só abrihantada pelo amavel concurso de Raul Pederneiras e Calixto Cordeiro.

Ao acceitar a gratissima tarefa, a que não podia forrarme, — bem sabia que ella havia de resentir-se fatalmente de lacunas, inevitaveis e impreenchiveis dentro do curto espaço de dois dias que tive para este trabalho.

Permitti, porém, que daqui leve commigo a presumpção de vos haver demonstrado, pela documentação copiosa e fidedigna de que me servi, não só a influencia da caricatura em nosso meio social, como tambem quanto já é ella sinceramente estimada.

Honra, portanto, aos que a cultivam, pois são os verdadeiros esculcas da civilização, aquelles que, na phrase expressiva de um dos mais famosos escriptores da antiguidade classica, — *castigam os costumes por meio do riso*.

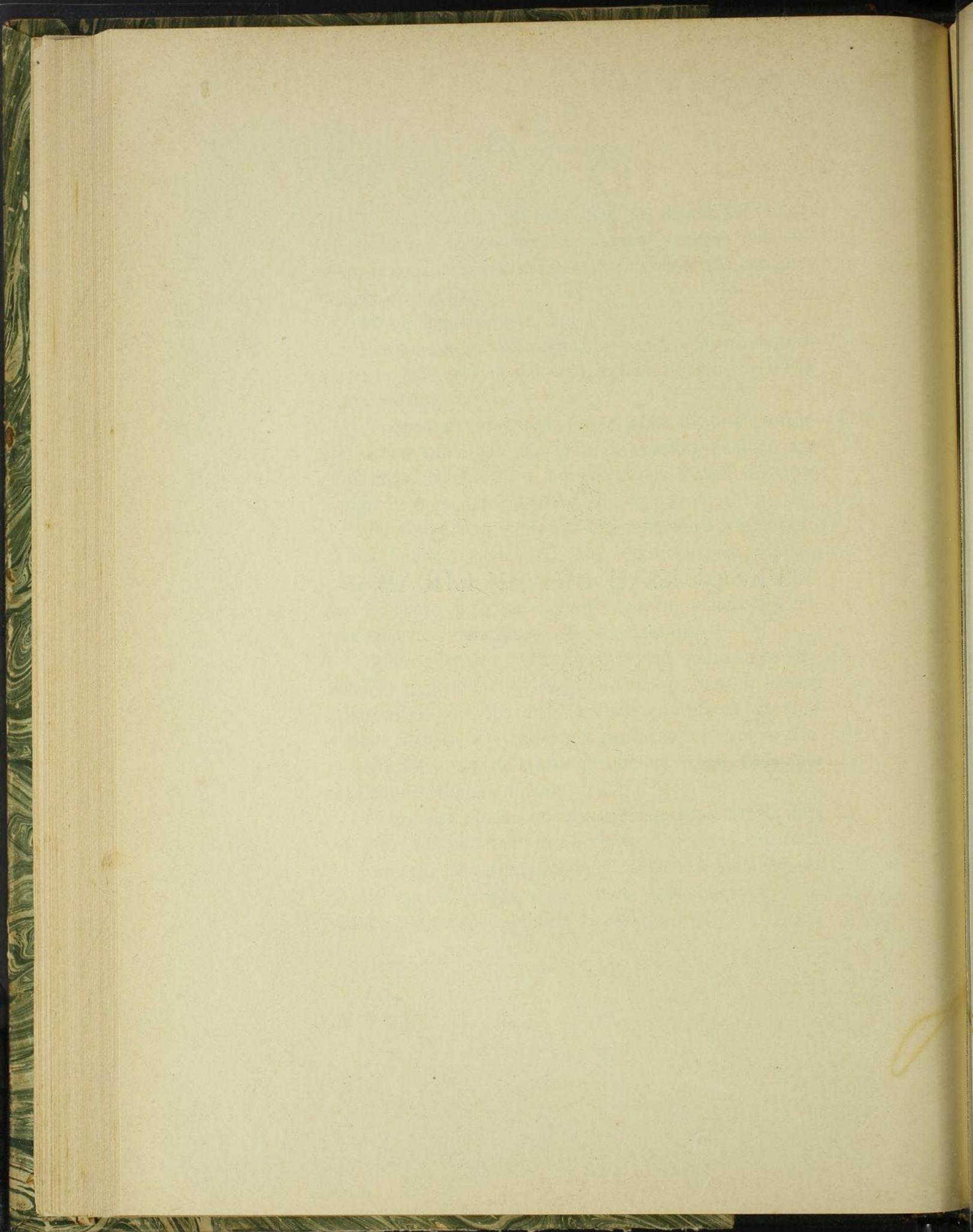
Um feliz traço de lapis vale, muitas vezes, mais que um estirado artigo de fundo.

Honra principalmente aos caricaturistas brasileiros, synthetizados em Raul Pederneiras, Calixto Cordeiro e J. Carlos, que não precisam de pedir lições aos melhores do estrangeiro, provando que, ainda nesse ponto de vista, muito nos devemos orgulhar do nosso paiz !



PESQUIZAS BRASILEIRAS







## PESQUIZAS BRASILEIRAS

**A**SSUMINDO a presidencia do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, a 30 de janeiro de 1908, proferiu o Barão do Rio-Branco um dos seus cuidadosamente elaborados discursos que sempre lhe patentearam a grande — talvez unica — preocupação: o amor da Patria, traço inconfundivel de uma existencia que póde ter tido defeitos, mas cujo acervo de actos benemeritos em pról do nosso paiz amplamente os resgata.

Do seu discurso, um topico cumpre ser aqui transcripto:

« Na verdade, já dispomos de um bello e brilhante passado historico para que podem olhar com amor e orgulho todos os bons brasileiros, e que já tem merecido a attenção, o estudo e o louvor de estrangeiros illustres e insuspeitos.

Mas, até no que diz respeito aos tres primeiros seculos da formação da nacionalidade brasileira sobre que possuímos, além de outros elementos preciosos, as bem elaboradas obras de Southey e de Varnhagen e os eruditos trabalhos de Capistrano de Abreu, ha grandes lacunas e muito a pesquisar ainda, sobretudo para que possa apparecer em toda a sua luz a intrepida energia dos nossos antepassados, que souberam defender contra intrusões armadas de outros povos a vasta zona littoral do Brasil e dilatar pelo sertão a dentro as fronteiras da Patria, realizando emprezas de que surgiram, como disse o poeta laureado inglez — « consequencias mais amplas e provavelmente mais duradouras do que as produzidas pelas conquistas de Alexandre e Carlos Magno. »

Da extraordinaria assistencia que applaudia as sabias palavras, uma pessoa pelo menos, se sentia orgulhosa

naquelle momento, por lhe dizer a consciencia já ter concorrido para as pesquisas reclamadas pelo insigne brasileiro: — o autor destas linhas, que conseguira enviar a Portugal um emissario dedicado, o sr. Norival Soares de Freitas, cujo interessante relatorio appareceu na *Revista do Instituto Historico*, tomo 70, parte 2<sup>a</sup>, pgs. 821-898, trabalho que se traduziu em fructuosas averiguações e em cópias, colhidas nos archivos da velha Metropole, de documentos importantissimos, como, entre muitos outros: — *O Livro de Cartas que escreveu Antonio Luiz Gonçalves da Camara Coutinho* (1691); — *Descrição geographica, topographica, historica e politica da Capitania das Minas Geraes. Seu descobrimento, estado civil, politico e das rendas reaes* (1781); *A correspondencia de Diogo Botelho* (1602-1608), que segundo o pensar do dr. Vieira Fazenda esclareceu muitos pontos da administração desse governador, rectificando mesmo equívocos do proprio visconde de Porto Seguro; — *Regimento fornecido ao governador do Rio de Janeiro* (7 de janeiro de 1679); — *Provisão do Principe sobre sesmarias* (1675); — *Alvará pelo qual é nomeado Duarte Correa Vasqueannes para o entabolamento das Minas na ausencia de Salvador Correa de Sá e Benavides* (1644); — *Carta de foral, povoação, naturizamento no Estado do Grão Pará* (1644); — *Regimento de que ha de usar o General da Frota — Salvador Correa de Sá* (1644); — *O processo do Padre Manoel de Moraes, sacerdote theologo, natural da Villa de S. Paulo* (1647); — assumpto que constituiu uma das ultimas preocupações historicas de Eduardo Prado; e mais documentos que jazem cuidadosamente guardados no archivo do Instituto Historico.

Assim, as palavras de Rio-Branco vinham ao encontro de uma idéa não só já posta em pratica pelo Instituto, como mantida pelo mais obscuro dos seus actuaes servidores.

Que o Instituto sempre demonstrou constituir tal assumpto uma de suas inilludiveis tarefas, é fóra de duvida.

O magnanimo sr. d. Pedro II comprehendeu desde logo o alcance dessa providencia, e ao seu inegualavel devotamento deve o archivo da conspícua associação os melhores thesouros.

No tomo LXVII, parte 1<sup>a</sup> da *Revista*, redigida então pelo sr. Capistrano de Abreu, — vem extensa relação dos documentos mandados copiar pelo imperador na Torre do Tombo, no Archivo da Academia Real das Sciencias, em Evora e no Conselho Ultramarino, formando valiosissima collecção que interessa a todo o Brasil, tendo já prestado relevante subsidio para a elucidação de questões de grande monta, quer no dominio particular, quer no interesse nacional.

Tratando do assumpto, o nome, pois, do imperador deve ser de prompto referido, com o maior respeito e reconhecimento.

Outros, porém, lhe cumpre accrescentar.

Já na sessão do Instituto, a 7 de junho de 1839, José Silvestre Rabello fazia a seguinte proposta:

« Que se peça ao corpo legislativo que autorize o ministro dos Negocios Extranjeiros para mandar um addido á Hespanha e outros paizes, afim de copiar os manuscriptos importantes que alli existam relativos ao Brasil. ».

E na primeira sessão magna, realizada no Paço da Cidade, a 3 de novembro daquelle anno, com a presença

do regente Pedro de Araujo Lima, declarava o conego Januario da Cunha Barbosa no seu magnifico relatorio:

« Nem se limitou a isto, senhores, o favor e protecção do Governo Imperial. Convencidos da necessidade de colhermos noticias e documentos importantes á nossa historia, e que hoje só se podem encontrar nos tombos e archivos da Europa, o Instituto, na impossibilidade de emprehender por si uma tão necessaria colheita, dirigiu-se ao Governo, requerendo-lhe applicasse um dos addidos ás legações do Brasil em copiar nos depositos publicos de Portugal e de Hespanha aquelles escriptos que possam dar luz á nossa historia e geographia, recommendando igualmente aos encarregados de negocios na Europa o facilitar a execucao de tão util empreza. Em gloria do Governo Imperial e em honra deste Instituto, devo dizer-vos, senhores, que foi promptamente attendida esta nossa interessante supplica; e que um dos addidos de bastantes luzes, de conhecido patriotismo, de louvavel actividade, o socio correspondente José Maria do Amaral, foi autorizado para essa tarefa, que será muito vantajosa tanto ao Instituto como ao Governo. »

Em 1855 seguiu para Portugal João Francisco Lisbôa, incumbido pelo Governo de colligir, tambem para o Instituto Historico, documentos relativos á historia patria, missão mais tarde, em 1862, confiada, em substituição, a Antonio Gonçalves Dias. E' inutil encarecer o trabalho desses eminentes brasileiros, que infelizmente não se puderam demorar nas pesquisas, arrebatados ambos pela morte.

Os seguintes codices do Instituto Historico são o attestado superior da dedicação desses dous egregios patricios:

Os manuscriptos de Evora encerram dezenove codices; os da Academia Real de Sciencias de Lisbôa formam seis codices; Diversos regimentos; Conselho Ultramarino e Bibliotheca Evorense, um; Documentos varios sobre o Maranhão e Pará, quatro (1624-1809); Correspondencia do Governador do Grão Pará, quatro (1752-1807); Conselho Ultramarino, Maranhão, dois (1751-1787); Conselho Ultramarino, Rio Negro, dois (1780-1789); Conselho Ultramarino, Correspondencia do Governador de Pernambuco, dois (1756-1791); Conselho Ultramarino, Correspondencia do Governador da Parahyba e Ceará, um (1756-1807); Conselho Ultramarino, Consultas da Bahia, quatro (1721-1807); Conselho Ultramarino, Correspondencia do governador

da Bahia, dois (1751-1807); Conselho Ultramarino, Consultas do Rio de Janeiro, sete (1674-1807); Conselho Ultramarino, Correspondencia dos Vice-reis, Rio de Janeiro, dois (1763-1807); Conselho Ultramarino, Consultas de S. Paulo, um (1726-1754); Conselho Ultramarino, Correspondencia do Governador de S. Paulo, um (1757-1806); Torre do Tombo, Diversos, um; Torre do Tombo, Capitania de Minas, dois (1730-1737); Torre do Tombo, Correspondencia do Governador de Goyaz, dois (1784-1807); Torre do Tombo, Correspondencia do Governador de Matto Grosso, dois (1751-1805); Diversos Archivos, 13.

Comportam esses codices cerca de 1.500 documentos.

Anteriormente outros illustres socios do Instituto, residentes no estrangeiro, enviaram espontaneamente cópias authenticadas e documentos, convindo salientar os nomes do conselheiro Antonio de Menezes Vasconcellos de Drummond e do grande Francisco Adolpho de Varnhagen; a este se deve a publicação do *Roteiro de Pero Lopes de Sousa*; a *Memoria descriptiva do Brasil*, de Gabriel Soares de Sousa; as *Listas dos Brasileiros condemnados pela Inquisição*; o *Processo de Antonio José da Silva, o judeu*, além das copias, em 33 volumes, da *Legislação manuscrita* (1319-1827), conferidas por José Paulo Figueirôa Nabuco de Araujo. Cumpre não esquecer que a Varnhagen tambem se deve a descoberta do tumulo de Pedro Alvares Cabral, em Santarem, hoje convenientemente reparado, graças ao empenho do dr. Alberto de Carvalho.

De 1850 a 54 o nosso encarregado de negocios na Hollanda, Joaquim Caetano da Silva, colligiu e copiou notavel série de documentos para a historia do Brasil, formando esse importantissimo trabalho oito volumes que pertencem ao archivo do Instituto Historico.

A tarefa de Joaquim Caetano foi realmente benemerita.

Foi elle um dos primeiros a devassar com vantagem a collecção dos preciosos archivos hollandezes com relação á nossa patria, recolhendo paginas de incontestavel valia, de algumas das quaes já se tinha noticia pelo livro de Netscher — *Les hollandais au Brésil*.

Quem percorrer os codices que o Instituto Historico guarda com o maior carinho verificará de prompto a amplitude dos esforços empregados pelo glorioso autor do *L'Oyapock et l'Amazone*. E convém lembrar, como judiciosamente o fez José Hygino, que a Joaquim Caetano só foi possivel consultar os documentos que pertenceram aos Archivos dos Estados Geraes.

O primeiro trabalho, porém de character geral, systematicamente procedido na especie, deve-se ao eminente sr. dr. Benjamin Franklin Ramiz Galvão.

Incumbido pelo Governo, em 1874, de investigar nos archivos e bibliothecas da Europa quaes os manuscriptos que havia relativos ao Brasil e cuja cópia pudesse interessar ao Archivo Publico da Côrte, o illustre belletrista apresentou em 30 de maio daquelle anno um esplendido relatorio, que appareceu impresso no *Diario Official* de 14 de setembro.

Nessa exposição, feita com o alto criterio que caracteriza tão notavelmente os seus escriptos, o sr. dr. Ramiz Galvão diz ter examinado a Bibliotheca Nacional de Paris, o *British Museum*, a Bibliotheca Real de Munich, a Bibliotheca Imperial de Vienna, a Bibliotheca Ambrosiana de Milão e a Bibliotheca e Archivos Reaes de Haya.

Da Bibliotheca Nacional de Paris tirou uma cópia integral do catalogo dos manuscriptos relativos ao Brasil. Tratando do *British Museum* referiu-se á noticia impressa

de Frederico Francisco de la Figanière — *Catalogo dos Manuscriptos Portuguezes existentes no Museu Britanico*, Lisboa, 1853, e a de Francisco Adolpho de Varnhagen — *Supplemento ao referido catalogo*, Habana, 1863.

Na Bibliotheca de Munich examinou meticolosamente a — Collecção Carmerariana. Teve palavras de grande louvor para a secção de manuscriptos da Bibliotheca de Vienna. Pouco encontrou na Bibliotheca Ambrosiana, de Milão, segundo as informações que lhe forneceu o respectivo bibliothecario padre Antonio Cerani.

Quanto á Bibliotheca e Archivos Reaes de Haya, alludiu ás fructuosas indagações já feitas por Varnhagen e Netscher, considerando importantissimos os documentos dos Archivos, confiados á direcção de Ph. C. Van den Bergh.

Tão criteriosas pesquisas, organizadas em diversos estabelecimentos estrangeiros, só deviam ser, muitos annos depois, repetidas por outro provector director da nossa Bibliotheca, o sr. dr. Manoel Cicero Peregrino da Silva que, commissionedo pelo Governo em 1907, visitou a Bibliotheca Nacional, a de Santa Genoveva, e a Mazarino, em Paris; o *British Museun*, de Londres; o Instituto Internacional de Bibliographias e a Bibliotheca Real, de Bruxellas; a Bibliotheca de Haya, as de Berlim, Vienna, Madrid, Roma; a de Lisbôa e Archivos da Torre do Tombo, da mesma cidade; a nova Bibliotheca de Leipzig; a do Congresso, em Washington; a de Nova York, a da Pensylvania, as duas de Philadelphia, a de Boston e o *Smithsonian Institut*, de Washington, examinando-lhes não só a parte material, como as disposições technicas, e determinando a extracção de copias de documentos e informes bibliographicos.

Com absoluta justiça, o dr. Pedro Souto Maior, ao se occupar da riqueza dos archivos hollandezes, disse :

« O arauto da boa nova para o Brasil, da existencia de preciosos documentos para a nossa historia no Archivo de Haya, foi o illustrado dr. Ramiz Galvão. A publicação do seu relatorio em 1874 após sua viagem á Europa, decidiu a missão do dr. José Hygino a Haya. »

Effectivamente o notavel jurisconsulto pernambucano assim se exprimiu :

« O illustrado sr. dr. Benjamin Franklin Ramiz Galvão, tendo sido encarregado pelo Governo Imperial de visitar as principaes bibliothecas da Europa, apresentou o seu relatorio ao ministro do Imperio em 30 de maio de 1874 e ahi fez menção de algumas colleções de documentos do seculo XVII acerca do Brasil ; as quaes comquanto parecessem ter o mais alto valor historico, eram completamente desconhecidas. Nem Netscher nem o visconde de Porto Seguro a ellas se referiram. »

Em officio dirigido de Haya em outubro de 1885 ao dr. Machado Portella, 2º secretario do Instituto Historico, o dr. José Hygino Duarte Pereira que se achava no des-empenho da commissão de que fôra investido pelo Instituto Archeologico Pernambucano, disse existir no Archivo Publico de Haya uma enorme quantidade de peças ainda não aproveitadas nem sequer examinadas.

Assim se exprimia José Hygino :

« Os documentos consultados por Joaquim Caetano da Silva são os que pertenceram ao archivo dos Estados Geraes, e as peças a que me refiro são as que pertenceram ao archivo da Companhia das Indias Occidentaes, o qual sómente em 1859 foi recolhido ao archivo de Haya, e portanto, muitos annos depois, da visita de

Joaquim Caetano da Silva a este estabelecimento e da publicação do livro de Netscher.

E' verdade que uma parte do archivo da Companhia perdeu-se, mas uma outra parte se conservou em Meddelburg, de onde passou para Amsterdam e depois para Haya, e essa parte é justamente a que contém a correspondencia dos governadores do Brasil Hollandez, e uma grande quantidade de papeis remetidos do Brasil. »

A pesquisa hollandeza de José Hygino encontrou continuador na pessoa do dr. Pedro Souto Maior, seu parente proximo, que trouxe para a nossa Bibliotheca Nacional estimavel collecção de documentos.

Do discurso do dr. Souto Maior, proferido no Instituto Historico a 23 de abril de 1912, convém destacar os seguintes topicos :

« Parece que me posso ufanar de não ter sido de todo improficua a minha ida á Hollanda: trouxe noticias de successos até então ignorados pelos nossos historiadores, completei o conhecimento de outros com o fornecimento de novos dados e dissipei algumas duvidas.

Havendo sido o segundo a fazer investigações naquelle archivo, naturalmente tive de encetar minhas pesquisas sobre certos factos, do ponto em que as declarara deixar o meu illustrado antecessor no seu relatorio.

Mas tambem descobri terreno inexplorado.

Depois do seu regresso á patria, o meu incansavel antecessor, além da noticia sobre a assembléa de 1640 em Mauricia e outras publicações nos jornaes, ainda traduziu a descripção da Parahyba por Elias Herckman e a do Norte do Brasil e alguns folhetos, ficando ainda, porém, ignorado o conteudo da maior parte dos documentos existentes no Instituto Pernambucano.

Durante meus estudos na Hollanda, recordei-me constantemente do consellho do insigne brasileiro, o visconde de Ouro Preto.

Por varias vezes disse-me elle que os nossos indios mereciam maior estudo dos nossos escriptores, sendo este um assumpto pouco explorado.

Creio ter satisfeito, pelo menos em parte, o seu desejo, visto haver lançado alguma luz sobre aquelles que entraram nas lutas dos Hollandezes em Pernambuco.

O archivo de Haya fez aquisição de documentos e de papeis particulares que pertenceram aos directores da Companhia, alguns, talvez, provenientes da venda em Amsterdam no anno de 1821.

Vejamos as aquisições do anno de 1896.

Tive a vantagem de manusear um longo diario do director Haecx.

Copiei tambem das aquisições daquelle anno o inquerito sobre o assassinato de Jacob Rabbi, judeu allemão, casado com uma india.

Tambem fazem parte das ditas aquisições e foram por mim copiadas as explorações feitas por Persyn e outro perito nas minas do Rio Grande.

Sobre essa questão de minas no Rio Grande e Ceará, trouxe muitos documentos, sobresahindo entre elles o diario de Beck, por dar bastantes noticias sobre os indios no Ceará.

Copiei igualmente o resultado de uma analyse feita por um ourives na Hollanda sobre mineraes daquellas capitancias, em que elle affirmava existir grande quantidade de prata.

Sobre o padre Manoel de Moraes, colhi varias noticias; a sua concessão para cortar páo brasil e varias reclamações suas sobre aquelle serviço.

O padre tornou-se suspeito aos pastores protestantes, pois na 5ª sessão do Synodo no Recife, em 1644, um delles perguntou se deviam permittir que Manuel de Moraes, ex-padre jesuita, estivesse procurando corromper os bons protestantes, chamando-os para pratica da idolatria dos catholicos.

Quanto á sua Historia do Brasil, elle recebeu da Camara de Amsterdam, por ella e por um vocabulario tupi, algum dinheiro, uns 300 florins, para fazer frente ás despesas do seu casamento.

Pedira elle muito mais, de sorte que não parece ter vendido aquella obra.

E' mais provavel a hypothese aventada por J. de Laet, de que o padre a trouxera para o Brasil.

Por intermedio do dr. de Hullu obtive de um seu amigo da Universidade de Leyden um estudo sobre a descendencia daquelle padre, alcançando até o anno de 1689 e parecendo haver-se extinto naquella época a linha masculina.

Figuram nessa arvore genealogica medicos, advogados, notarios e militares.

Quiz fazer o mesmo com a descendencia de Gysbert de Witt, conselheiro politico em Pernambuco, terceiro marido de Anna Paes, e a de Doncker, casado com uma india.

Trouxe copia do notulo sobre o cruzamento das duas raças, hollandeza e portugueza.

Os notulos do Supremo Conselho fornecem variadas noticias sobre a vida no Recife e na Mauricia.

Póde-se, pela leitura dos notulos, ficar inteirado de todos os successos da revolta, desde a batalha de Tabocãs e a rendição da Casa Forte, até as batalhas de Guararapes.

Varios notulos tratam da captura do navio em que vinha Francisco Barreto de Menezes, nomeado pelo rei de Portugal commandante em chefe do exercito pernambucano, e da sua prisão no Recife.

Extrahi dos diarios de With, Haecx e le Maire subsidios interessantes, que lançam muita luz sobre os ultimos tempos da occupação hollandeza em Pernambuco.

Tenho ainda a mencionar que obtive copias photographicas de algumas cartas e plantas existentes no gabinete do dr. de Hullu, assim como de tres cartas em tupi da série de seis, traduzidas por J. Edwards.

Creio ter dado conta dos meus trabalhos no Archivo.

Passemos á Bibliotheca Geral de Haya.

Ahi existe uma secção assás importante para os que desejarem indagar sobre a historia das conquistas das Companhias Occidental e Oriental; é a dos folhetos.

São em numero de vinte e tantos mil e foram catalogados pelo dr. Knuttel; os referentes ao Brasil não excedem muito a 200.

Encontra-se o catalogo em a Bibliotheca Nacional.

Manuseei na Bibliotheca de Haya alguns desses folhetos e copiei dois, que tanto têm de raros como de interessantes.

O primeiro é o diario da viagem de um capitão do exercito hollandez, o qual descreve a primeira batalha de Guararapes.

O segundo consiste de duas memorias apresentadas por Antonio Paraupaba, que foi enviado a Haya em 1654 pelos indios fieis aos hollandezes para asseverar a sua constancia como subditos dos Estados e pedir-lhes auxilios.

A primeira memoria foi datada de 1654 e a segunda de 1656.

O autor dessas memorias era um indio notavel não só pelo seu valor, como por possuir bastante instrucção.

Educado na Hollanda, tinha grande affeição por aquelle paiz e era fervoroso adepto da religião reformada.

Foi capitão-mór dos indios do Rio Grande, desde a sua eleição para aquelle cargo na assembléa dos indios em 1645 até 1654.

Na sua segunda memoria faz um historico das relações dos indios com os hollandezes e conta que aquelles foram empregados até em expedições na Africa.

Refere como Pedro Poti foi martyrizado pelos portuguezes por não querer abjurar ao calvinismo.

Sobre a religião protestante no Brasil trouxe a traducção de um volume da chronica do Instituto Historico de Utrecht que contem as *Classicale Acta van Brasiliae* (Actas das *Classes* do Brasil).

*Classis* é uma especie de divisão da igreja neerlandeza, um centro que encerra varios cantões (ou reuniões) chamadas *ring* — circulo.

Esse synodo da colonia do Brasil deliberava sobre as questões ecclesiasticas, costumes, instrucção primaria, catechese dos indios, etc.

Só me resta falar sobre a descoberta de alguns quadros do celebre pintor Franz Post, cujo pincel se dedicou exclusivamente ás paizagens do Brasil.

Tendo encontrado no archivo privado da rainha uma correspondencia particular de Mauricio de Nassau com os ministros e com o proprio rei de França, Luiz XIV, em que tratava de uns quadros de assumpto brasileiro e de que elle fez presente áquelle monarcha, fui a Paris investigar a respeito.

Não sem algum esforço, fiz apparecerem no Louvre cinco telas de Post, havendo esperanza de se encontrarem mais algumas.»

Vê-se desta transcripção — longa, porém curiosa — ter sido proficua a viagem do dr. Souto Maior que, com mais algum tempo, poderia realizar outras averiguações de summo interesse para a historia patria.

Em 1880 o venerando sr. barão Homem de Mello, então ministro do Imperio, incumbiu o illustrado dr. Joaquim José de Campos da Costa de Medeiros e Albuquerque de consultar na Torre do Tombo os originaes das bullas e breves pontificios que interessassem á igreja brasileira.

Tive a fortuna de offerecer os manuscriptos desse curiosissimo trabalho do dr. Campos de Medeiros, meu padrao, ao Instituto Historico e foram os mesmos publicados no tomo 62 da *Revista*.

A valiosa pesquisa feita pelo dr. Campos de Medeiros reclamava outras de maior vulto e o indicava para seu executor. De facto, em 1889, o ministro Ferreira Vianna resolveu commissional-o de novo para identico fim, não se tendo, porém, por motivos diversos, realizado a incumbencia.

Em 1901 o eminente dr. Manoel de Oliveira Lima deu á estampa no tomo 65 da *Revista do Instituto* uma

extensa relação dos manuscriptos portuguezes e estrangeiros de interesse para o Brasil, existentes no Museu Britannico de Londres.

No prefacio diz o sr. Oliveira Lima :

«O nosso mallogrado confrade e distincto escriptor sr. Eduardo Prado teve a boa idéa de augmentar, corrigir e pôr em dia no tocante ao Brasil, o livro classico do sr. Figanière, mas não podendo realizar seu intento, fez-me delle parte e suggeriu-me a resolução de emprehender eu a sua execução. Aproveitando a minha estada na Legação de Londres, puz effectivamente mãos á obra e consegui felizmente concluil-a, se bem que me não sobrando o tempo por motivo de transferencia. Não aninho a pretensão que o Museu Britannico ficasse dessa feita absolutamente devassado para os estudiosos da historia brasileira: adianto, porém, com bons fundamentos que a actual relação fornece dados incomparavelmente mais completos do que as duas anteriores, além de os pôr ao corrente das recentes aquisições do grande repositario literario britannico.»

Com a seriedade de que se revêstem todos os seus trabalhos historicos, que o arvoram em autoridade de incontrastavel valor, o sr. Oliveira Lima, apresentou uma obra digna do seu nome. Consultou as bibliothecas Harleiana, Cottoniana, Landsdowniana, de George IV, Egertoniana, Sloaniana, Birch, e concluiu por um capitulo a que denominou — «Manuscriptos addicionaes».

De todos os manuscriptos fez um summario, seguido de observações dictadas pelo seu alto criterio scientifico. Examinou 181 codices dos quaes Figanière não cita 110.

O inquerito no Museu Britannico não póde entretanto permanecer ahi. O proprio sr. Oliveira Lima, que se vai

fixar em Londres, continuará, por certo, em tão proveitoso trabalho.

Em 1907, como deixei dito, pude mandar a Portugal um dos meus mais prestimosos e dignos auxiliares da secretaria do Instituto Historico, o sr. Norival Soares de Freitas.

O relatorio brilhantissimo por elle offerecido e que pelo voto dos drs. Leite Velho, Pedro Lessa e visconde de Ouro Preto lhe abriu as portas do Instituto, veio publicado no tomo 70 da *Revista*.

O sr. Norival de Freitas procedeu a minuciosas averiguações na Torre do Tombo, examinando os manuscritos das Chancellarias de d. Sebastião (1557-1578); Felippe I (1581 a 1598); Felippe II (1598 a 1621); Felippe III, (1621-1665); D. João IV (1640-1656); D. Affonso VI (1656-1683) e o Corpo Chronologico. Passou depois á Bibliotheca Nacional de Lisbôa, onde estudou os codices do Grupo Ultramar e documentos avulsos sobre Piauhy, Parahyba, S. Paulo, Pernambuco, Rio de Janeiro, Rio Negro, Rio Grande, Bahia, Ceará, Goyazes, Maranhão, Matto Grosso, Minas Geraes, Pará e Cayenna e a Secção Pom-balina.

Em seguida visitou a Real Bibliotheca da Ajuda e a da Academia Real das Sciencias, passando depois ás bibliothecas particulares, concluindo pelas de Coimbra, Porto e Evora.

Além dos valiosos manuscritos em cópia alguns e em relação muitissimos — o sr. Norival examinou na Bibliotheca da Ajuda um roteiro da costa do Brasil, desde o cabo de Santo Agostinho até o estreito de Fernão de Magalhães, instruido de diversos mappas de que trouxe

reproduções; por um delles firma-se o local em que foi primeiramente estabelecida a cidade do Rio de Janeiro.

A proposito deste mappa o eminente dr. José Vieira Fazenda escreveu luminoso artigo, inserto n'A *Noticia*, de 7 de agosto de 1907.

A habilidade patenteada pelo sr. Norival Soares de Freitas recommenda o seu nome entre os dos mais aptos para commissões desta natureza. Paciente, trabalhador e modesto, justificou de modo cabal a confiança que nelle depositámos, o marquez de Paranaguá, o dr. Vieira Fazenda e eu.

Em março de 1908, o sr. barão do Rio-Branco mandou expedir, como presidente do Instituto Historico, uma circular a todos os nossos diplomatas acreditados no estrangeiro, pedindo-lhes a remessa de obras sobre os paizes em que se achavam e copias de documentos que interessassem ao Brasil. Infelizmente essa circular não foi reiterada e dahi, talvez, o seu negativo effeito, pois em o nosso corpo diplomatico ha alguns estudiosos de cousas historicas, patenteando em obras de reconhecido merito essa proveitosa aptidão. Helio Lobo, por exemplo, é um delles; escrevendo com elevação de vistas, baseando-se em forte documentação, póde ser tido sem lisonja, como verdadeiro historiographo; Annibal Velloso Rebello tem igualmente feito apreciaveis investigações nos archivos portuguezes; Jeronymo de Avellar Figueira de Mello, em Vienna, mostrou-se um pesquisador incansavel, copiando toda a correspondencia do barão Wenzel de Mareschal, publicada nos tomos 77 e 80 da *Revista do Instituto Historico*.

Não ha muito o illustre dr. Alberto Rangel pediu-me que obtivesse do sr. conde de Affonso Celso, actual e

benemerito presidente do Instituto Historico, uma circular ás legações na Europa e nos Estados Unidos para alcançar cópias das correspondencias enviadas pelos diplomatas estrangeiros, acreditados no Rio de Janeiro, de 1823 a 1829, em que se occupassem da marquezia de Santos.

O sr. conde de Affonso Celso, attendeu-me, e graças a isto conseguiu o dr. Alberto Rangel valiosas informações ministradas pela cavalheirosa intervenção de Domicio da Gama, Bruno Chaves, Alcibiades Peçanha, Leite Chermont, Fontoura Xavier, Figueira de Mello, Velloso Rebello, Oliveira Murinelly e Guerra Duval.

E' esta uma prova de que os nossos dignos diplomatas não recusariam dedicar algum tempo em beneficio da nossa documentação historica.

E antes que o egregio presidente do Instituto a elles se dirija, o que tenciono propôr, fica nestas linhas um appello, de cuja repercussão favoravel não nutro a menor duvida.

Ha tambem alguns pesquisadores particulares que possuem archivos, onde muito se poderia colher. O dr. José Carlos Rodrigues é dos principaes. No seu magistral *Catalogo annotado dos livros do Brasil*, de que com tanta bondade me offereceu o exemplar n. 7, ha para mais de cem autographos de indiscutivel valia. Outros muitos deve ainda possuir o eminente bibliophilo e adestrado jornalista.

O dr. Manuel de Mello Cardoso Barata merece, com o barão de Studart, especial menção. Dedicadissimos aos estudos historicos, têm ambos mandado copiar no estrangeiro peças importantes e procedido, tambem pessoalmente, a pesquisas. Do mesmo modo João Lucio de Azevedo,

Affonso d'Escragnolle Taunay, Eurico de Góes, Gastão Ruch, Manoel Emilio Gomes de Carvalho, Tavares de Lyra, o qual sobre o Rio Grande do Norte possui documentos relevantes.

Cumpra não esquecer o archivo do saudoso Eduardo Prado, que tinha das bibliothecas européas vastissimo conhecimento.

O archivo de Rio-Branco, como se sabe, vai por uma acertada deliberação do governo passar integral para o Ministerio das Relações Exteriores, onde será proficientemente classificado por Jansen do Paço, autoridade na materia.

Quantos outros archivos, porém, não estarão por ahi extraviados? <sup>(1)</sup>

Impõe-se uma tentativa de concentração desses documentos. Condignamente poderiam recebel-os a Bibliotheca Nacional, a cargo do zelosissimo dr. Manoel Cicero, o Archivo Publico e o Instituto Historico, que ainda ha pouco acabou de catalogar, trabalho em boa parte devido ao dr. Escragnolle Doria, os papeis do visconde de Ourem, o illustre homem de letras e diplomata brasileiro.

Ultimamente o dr. Doria, que se demorou quasi dois annos na Europa, trouxe das bibliothecas de Paris avultadissima cópia de documentos, por elle escolhidos entre os mais importantes.

---

(1) Ao Instituto Historico foram, depois, offerecidos os archivos do conselheiro José Antonio Saraiva, visconde de Ouro-Preto, Luiz Rodolpho, conselheiro Francisco Belisario Soares de Souza, general Manuel Luiz Osorio (marquez do Herval), conselheiro Alencar Araripe, José Bonifacio — o Patriarcha —, e Pedro de Araujo Lima (marquez de Olinda), além de numerosos documentos procedentes do Archivo da Marinha.

Nas paginas da *Revista do Instituto* ha uma memoria sua sobre o *Sete de Abril* (tomo 74) que revela a observação feita pelo encarregado dos negocios da França, testemunho presencial dos memoraveis successos. Esse documento faz parte da collecção copiada. Pequena amostra do subido valor de toda ella, digna, portanto, de integral publicidade.

Cumpra tambem não esquecer o nome do dr. Manuel Emilio Gomes de Carvalho, o provector auctor de *D. João III e os Francezes*, Lisbôa, Livraria Classica Editora, 1909, e dos *Deputados brasileiros nas Côrtes Geraes de 1821*. Porto. Livraria Chardron. 1912.

No tomo 80 da *Revista do Instituto* vem a extensa e curiosa *Correspondencia de Antonio Telles da Silva, marquez de Rezende, 1823-1854*, toda copiada no archivo da Academia Real das Sciencias de Lisbôa pelo dr. Gomes de Carvalho.

E' uma serie de documentos que o dr. Ramiz Galvão considera — excellente subsidio historico.

Tomando posse de sua cadeira no Instituto Historico, a 18 de agosto de 1913, o dr. Homero Baptista com o elevadissimo criterio que todos lhe reconhecem teve estas palavras:

«E' para deplorar que ao Instituto não haja permittido a falta de recursos fazer sempre por emissarios competentes, obedecendo a determinado criterio, a necessaria pesquisa nos archivos estrangeiros, especialmente do Vaticano, Portugal, Espanha, Hollanda, França, Inglaterra e Republicas do Prata, para obtenção de documentos relativos á nossa historia, e bem assim exercer acção effectiva e directa em nosso paiz, para conhecimento exacto e completo de sua geographia e historia.»

Palavras essas dignas do applauso dos que buscam por meio dos trabalhos fecundos da intelligencia e da dedicação construir, ou pelo menos reunir os materiaes para a nossa historia.

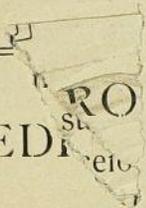
Devemos olhar para o nosso passado, examinal-o desde a primeira epoca até a em que *sine ira et studio* possamos dizer.

Os periodos que se foram illuminaram os nossos fastos.

Estudemol-os seriamente, certos de que como ensina Taine — *le plus vif plaisir d'un esprit qui travaille consiste dans la pensée du travail que les autres feront plus tard.*



O IMPERADOR D. PEDRO II



NO

ARCHIVO DO CONSELHEIRO JOSÉ ANTONIO SARAIVA



19



## O IMPERADOR D. PEDRO II

**O**s documentos do archivo do conselheiro José Antonio Saraiva, offerecidos ao Instituto Histórico pelo illustre dr. F. Mendes Pimentel, a quem me ligam affectuosas relações que datam de 1884, são, em sua maioria, verdadeiros depoimentos, produzidos sem o receio da divulgação, que invalida de ordinario tal genero de provas, e, por isso mesmo, nimamente sinceros. Delles é possível tirar grandes illações, permittindo recompôr o character de individualidades que conspicuamente figuraram em nosso scenario politico. Sobre o sr. d. Pedro II os documentos corroboram o conceito que a justiça impõe, quanto á superioridade moral desse principe, que, por suas acções, constituiu innegavelmente a figura primacial de nossa patria no longo periodo de meio seculo e uma das de maior relevo na historia americana. Esses subsidios, que vão apparecendo desordenadamente, têm ainda o merito da espontaneidade. Nos apontamentos lançados pelo imperador á margem do livro do conselheiro Tito Franco de Almeida, publicado em 1867, sob o titulo *O conselheiro Francisco José Furtado. Biographia e estudo de historia politica contemporanea*, — sente-se já a extensão de seu espirito magnanimo.

E' do insuspeito historiographo João Ribeiro — insuspeito principalmente pela divergencia politica e pela superioridade scientifica — a seguinte apreciação sobre a personalidade de d. Pedro II :

« Os dotes de espirito do soberano, que já se revelavam na época da maioridade, pouco a pouco iam-se expandindo á medida que, com a idade, o seu character se fortalecia na experiencia dos homens e das cousas.

Democrata, simples e modesto, mas sem perda da distincção pessoal; generoso e desinteressado; sabio, mas sem affectação; exemplo de todas as virtudes domesticas, grangeou melhor que a popularidade, a sympathia respeitosa da multidão. A opinião universal a respeito do soberano fal-o o prototypo das virtudes sociaes. Era-o sem dúvida na sua vida privada e publica: mas, no ponto de vista constitucional, a opinião dos politicos que com elle servirão ao paiz nem sempre lhe foi favoravel. Accusavam-no de exercer demasiado o influxo pessoal que decorria naturalmente da sua condição de imperante, cujas idéas proprias a todo o transe fazia prevalecer. A opinião melhor esclarecida verifica que, de facto, frequentes vezes o imperador dissentia dos seus ministros, porque, não pertencendo aos partidos, comprehendia com maior isenção os interesses nacionaes. Estava nos seus altos deveres e mesmo no espirito fundamental da instituição cohibir as ambições das parcialidades ou cotejar com a porção minima da opinião politica a outra maior, que a imprensa, o espirito da época e outros signaes imponderaveis e delicados revelavam. Assim elle não raro desgostava os politicos para, na maioria dos casos, favorecer a opinião. Comtudo poderiam, entre as suas falhas, notar-se alguns resabios de resentimentos pessoaes; da idade madura em diante muito mais vasto foi o esquecimento de todas as offensas, e o perdão até de algumas vilanias. »

As palavras de Pedro II: — «Sou sensível ás injustiças e me dóem os apodos: mas o meu dever não permite

que por injurias pessoaes, prive o paiz dos serviços de brasileiros distinctos» — confirmam a criteriosa apreciação de João Ribeiro, que muito justamente reconhece e applaude o influxo pessoal do imperador, sempre em beneficio do paiz.

No seu longo reinado de quarenta e nove annos não se pôde, sem quebra da verdade, apontar qualquer acto perturbador daquella serenidade que Ernesto Renan verificou em Marco Aurelio, como a resultante de uma alta consciencia moral collocada em face do Universo.

Mesmo na expansão intima, jámais deixava transparecer sentimentos menos commedidos. Quando muito, da linha de imperturbavel serenidade, que se traçara, reçumava justo pessimismo.

Com effeito, em maio de 1886, numa palestra com o visconde de Taunay, teve esta phrase bem significativa: — « Ah! Pudesse eu sempre dizer as verdades! As cousas andariam melhor ».

Mas, não obstante as reservas a que se impunha, a sua intervenção sempre salutar nos negocios publicos é incontestavel. E nem se poderia comprehender de outro modo a acção desse homem, que, assumindo o poder extremamente joven, alheio ás cousas publicas e, talvez, só obediente aos conselhos do austero fr. Pedro de Santa Marianna, conseguiu evitar, com a sua investidura, a perturbação da ordem, sinão a dissolução do Imperio, e que tanto praticou e aprendeu no convivio das maiores autoridades no governo do paiz, sendo, nas ultimas decadas do regimen, quem mais completa noção possuia de todos os negocios publicos, conhecendo tambem de modo admiravel o valor e a aptidão dos grandes servidores da patria.

De Antonio Carlos Ribeiro de Andrada Machado e Silva, a 24 de julho de 1840, ao visconde de Ouro-Preto, em 7 de junho de 1889, d. Pedro II teve a collaboração de brasileiros eminentissimos, cujos nomes são repetidos com veneração por quantos, mesmo ligeiramente, saibam a nossa historia.

Joaquim Nabuco, em sua immorredoura obra *Um Estadista do Imperio*, traça com segurança, oriunda de imparcial e largo estudo de documentos, o perfil do reinado, quanto ao aspecto politico.

Eis os principaes topicos desse admiravel capitulo :

« Antes de tudo, o reinado é do imperador. De certo, elle não governa directamente e por si mesmo, cinge-se á Constituição e ás fórmas do systema parlamentar ; mas, como elle só é arbitro da vez de cada partido e de cada estadista, e como está em suas mãos o fazer e desfazer os ministerios, o poder é praticamente delle.

.....

O governo era feito por todos desse modo : — o que é que o imperador quer, o que é que elle não quer ? Os que faziam politica fóra dessas condições estavam condemnados a não ter nenhum exito ; é por isso que os propagandistas de qualquer idéa não tinham nada conseguido, emquanto não despertavam o interesse do imperador e não moviam a sua sympathia. Conseguido isso, o concurso dos partidos, dos governos, precipitava-se como uma avalanche ; assim, em tudo, principalmente na questão magna do reinado, a escravidão : o pronunciamento de Rio-Branco, em 1871 ; de Dantas, em 1884 ; de Cotegipe, em 1885 ( João Alfredo, em 1888, aproveita a ausencia do imperador, para fazer a abolição immediata, mas si o imperador estivesse no Imperio elle teria igualmente sido chamado para resolver o problema, ainda que de outra fórma), correspondem á conversão prévia do imperador. Esse

poder era, porém, um phenomeno natural, espontaneo, a resultante do nosso estado social e politico.

.....  
Esse poder, o imperador o exercia sempre: primeiro, dentro da Constituição; segundo, de accôrdo com as ficções e usos do systema parlamentar inglez, até onde foi tomado entre nós pelos proprios partidos; terceiro, cedendo sempre á opinião e ao sentimento publico.

— «A honra do meu reinado, só pode ser — cumprir a Constituição que jurei —». O que distingue o seu governo é o sacramento da fórma; desde o dia em que é declarado maior até o dia em que lhe é intimada a deposição, elle não sae do seu papel de rei constitucional. Tambem a marcha da politica, no reinado, não é obra d'elle; elle é apenas o relógio, o regulador, marca a hora ou dá o rythmo. . . No fundo, d. Pedro II tem pelo throno o mesmo desprendimento que d. Pedro I; são imperadores, emquanto assim agradar ao paiz, emquanto *todos* quizerem; não ajustam contas com elle; um não apura o sacrificio que fez em 13 de maio de 1822, renunciando implicitamente, por amor do Brasil, a corôa da metropole; o outro não apurará os 50 annos de abnegação e sacrificios que fez por elle: deposto, seguirá para o exilio, levando sómente dividas, — que nada eram, comparadas ás esmolos feitas á custa de sua dotação, — pagal-as-á, caso talvez solitario nos vaivens da realza, com o leilão publico da mobilia e alfaias do seu palacio, deixando ao Estado a sua bibliotheca, sua riqueza unica (exceptuado o fôro e o laudemio de Petropolis), sem disputar sequer as bemfeitorias de S. Christovam. Em taes condições de animo e resolução, a politica persistente de indiferença pelas consequencias que o imperador praticava era uma politica de renuncia tacita; não era a politica de um soberano convencido da falta que a monarchia faria ao paiz e decidido a tratá-la como o primeiro dos seus interesses politicos. Si o dispensassem, a culpa não seria d'elle; essa fórma de quitação honrosa bastava-lhe. Em uma de suas notas o imperador escreve: — «Si o procedimento errado dos partidos monarchicos der a victoria aos republicanos, que provará isto? O monarcha não deixará de ser o homem ho-

nesto, e desinteressado, — não do bem de sua Patria, que para elle não póde existir fóra da Constituição— ». Esta sua dependencia, voluntaria, intima, da boa vontade do paiz é tal que, deposto do throno, não affirmará uma só vez o seu direito de reinar em virtude de qualquer dos antigos pactos, da Independencia, da Constituição, de 7 de abril, da Maioridade, e muito pelo seu direito tradicional portuguez. »

Para mais accentuar a individualidade do imperador, de quem Salvador de Mendonça dizia :

« Prendia-nos a ti uma afeição tamanha,  
Que para nós volveste os olhos passivos :  
Ao trom d'artilharia, acclamam-te a montanha,  
A selva, o mar, o céo, — monarcha redivivo. »

e de quem dizia Machado de Assis :

« Cesar ! fulge mais luz nas saudações do povo,  
Ha nos hymnos plebeus — mais alma nacional,  
Quando a mão do Senhor ergue dum germen novo  
A virtude e o saber em frente imperial.

Aquí, se o vês curvado ao sol de majestade,  
Não é que o ceguem mais os velhos ouropeis ;  
E' que fulge a realza em céo de liberdade,  
E abraça a liberdade — a tradição dos reis.

Tu que voltas do mar aos canticos do Norte,  
Tu que vens emballado aos hymnos do paiz,  
Podes e debes crêr no publico transporte,  
Como dias de luz que o povo te prediz ;

A ti que tens por norma a historia do passado,  
Como atravez do tempo — a inspiração de Deus !  
E que sabes de fé que um Caucaso elevado  
Nem sempre é neste mundo os fins dos Prometheus.

Bemvindo ! diz-te o povo, e a phrase poderosa  
E' como que fervente e triplice ovação ;  
— Ouve-a tu, que possues um anjo por esposa,  
Por mãe a liberdade, e um povo por irmão ! »

citaremos as palavras de Affonso Celso, no seu livro — *O Imperador no exilio*, transcriptas da revista *Seculo XX*, por mim dirigida, de outubro de 1905 a fevereiro de 1906:

« Não cremos haja consciencia, sabedora dos acontecimentos e illuminada pela justiça, que lhe recuse, ao menos, estas virtudes: Amor ao trabalho — Funcionario exemplarissimo, consagra-se com todas as véras do seu coração e com todas as energias do seu corpo ao bom desempenho do serviço publico. Trabalhou nesse serviço durante mais tempo do que em geral se trabalha, sem augmento, antes com diminuição de vantagens. Indefesso, activissimo, não conhecia lazeres nem diversões. Ninguém, jámais, exerceu um mandato com maior zelo e exacção. Honestidade — Nem o mais leve procedimento suspeito, nem a mais remota intervenção equívoca. Mãos absolutamente limpas. Afugentava os improbos. Proverbial o seu escrupulo inexcedivel. Patriotismo — Amava apaixonadamente o Brasil, preocupado, a cada instante, com o progresso, prosperidade e decóro nacionaes. Bondade. Caritativo em excesso, jámais perseguiu ou sequer magoou a quem quer que fosse. A todos acolhia benevolo, auxiliando, protegendo a innumerados, semeiando, com mão prodiga, os beneficios. Altas aspirações — Nunca se attenuou a sua sêde de aprender, interessava-se por todas as manifestações da actividade intellectual, estudando até derradeiras horas, esforçando-se por se prover de novos conhecimentos, por aperfeiçoar cada vez mais o seu espirito. Onde melhor amigo dos livros, das academias, da sciencia, da arte? Magnanimidade — A sua attitudo habitual, e sobretudo, por occasião da revolução que o desthronou e no decorrer do doloroso exilio, justificou o titulo de — magnanimo — que lhe conferiu o Instituto de França. Coragem — Em lance algum de sua carreira deixou de manifestar valor e galhardia. Um fraco, vituperam alguns. Um fraco, e, não uma só, mas cinco vezes, encarnou a legalidade, debellando, sem estrepito, cinco revoluções e manifestando depois da victoria, para com os vencidos, generosidade verdadeiramente augusta. Um fraco, e trium-

phou magnificamente em tres guerras externas. Um fraco, e o seu governo organizou o mais forte exercito e a mais bizarra armada da America do Sul, o exercito e a armada de Caxias, de Osorio, de Tamandaré, de Barroso. . .».

Nestes simples excerptos fica delineada em seus aspectos principaes, a figura de d. Pedro II.

Passemos agora á individualidade do conselheiro José Antonio Saraiva. Muitos a consideram figura consular no antigo regimen, reunindo todas as qualidades superiores do verdadeiro estadista. Ha, porém, quem não accete, sem restricções, esse modo de julgar.

Num ensaio, como o que estou esboçando e cujo intuito unico é dar publicidade a 38 cartas de d. Pedro II, não me cabe maior explanação sobre o ponto. Aliás, a personalidade do notavel politico — e notavel elle o foi indiscutivelmente — pertence ainda aos nossos dias e incorre, portanto, no terreno em que se não póde dizer d'elle com a rigorosa imparcialidade, pois falta ainda o conhecimento completo dos documentos que só agora começam a apparecer.

Helio Lobo, o joven historiographo, julga-o assim:

«De feitio moderado, distinguia-o uma nobreza absoluta de convicções, ao lado de uma pureza de character perfeitamente singular. Grave, de feições puras, o olhar sereno, constituia um modelo vivo de virtudes civicas. “*J'admire la puissance infinie de l'homme qui fait peser les vertus et l'honneur dans la balance des affaires publiques*”, disse do duque de Richelieu o seu contemporaneo e panegyrista Capefigue. Assim, José Antonio Saraiva. A politica não era o seu prazer, porque a desejava sempre larga e generosa, e a via cada vez mais inspirada pelos interesses subalternos dos partidos, as rivalidades de campanario, as desillusões

da subserviência e do personalismo. Para o homem de governo a moral individual estava acima de tudo: “*Como homem de honra*”, escreveu, ao deixar o poder, a 16 de dezembro de 1858, numa carta que ficou celebre, “*como homem de honra, teria o maior pejo de confessar que alguém, por maior que seja no meu paiz, em relação a todos e especialmente á insignificante posição, tem o poder de obrigar-me a tomar a responsabilidade, não direi de uma nomeação escandalosa, porém, de actos que não encontram apoio em minha consciencia*”. Era, pois, acima de tudo, um franco e um autonomo.»

Nabuco tece-lhe grandes elogios, dizendo que:

«... na Camara de 1864, as duas figuras politicas de primeira grandeza são Theophilo Ottoni e Saraiva.»

e que, no celebre ministerio Olinda-Sousa Franco,

«... era Saraiva quem mais espontaneamente reflectia as sympathias e inclinações do imperador.»

Pondera, porém, que

«... elle não reunia ás suas grandes qualidades de energia, firmeza e decisão, a de persistencia no esforço e a de amor da lucta.»

Affonso Celso, nos seus *Oito annos de parlamento*, analysa a individualidade de Saraiva, a quem attribue varias qualidades, não o isentando, entretanto, de algumas falhas, e diz:

«Seja como fôr, inspirava respeito e confiança inegalaveis. Possuia, pois, predicados especiaes, exercia magnetismo pessoal pouco vulgar. Bom senso, faro agudo das occasiões, arte em as

aproveitar, idéas claras e praticas, confiança em si, cõhecimento do meio em que vivia, prudencia, altivez, decisão, geito sob apparencias rudes, manhas disfarçadas em explosões de brutal franqueza, conferiam-lhe inquestionavel superioridade. Ave de vôo curto, mas sabendo onde pousar, era, ao que dizem, como o definia Tavares Bastos. Desdenhava exhibir-se. Ao geito dos remadores, dava costas ao alvo collimado, caminhando para elle. Ao envez de Dantas, não se esforçava por agradar, preferindo impôr-se. Seguia as praticas orientaes, sabia esquivar-se, occultar-se, rodeiar-se de mysterio, o que dobrava a curiosidade e augmentava o interesse relativamente á sua pessoa. Pouco illustrado, só lendo, ao que confessou, a *Revista dos Dois Mundos*, sem elevação de vistas, falava em tom de conversa, com a maior simplicidade e incorrecção.»

A vida politica de Saraiva pôde ser descripta em traços summarios: Eleito deputado pela Bahia em 1853, voltou á Camara na legislatura de 1857-1860, na de 1861-1864, na de 1864-1866, na de 1867-1870, nomeado senador em 1867; presidiu o Piauí em 1850, Alagôas em 1853, S. Paulo em 1854, Pernambuco em 1859; fez parte de cinco ministerios, a saber: como ministro da Marinha, no 13º gabinete, de 4 de maio de 1857, presidido pelo marquez de Olinda; na pasta do Imperio, em 1861, no gabinete presidido por Luiz Alves de Lima, depois duque de Caxias; como ministro da Marinha, Extrangeiros e Guerra, em 1865, no gabinete presidido pelo marquez de Olinda; como presidente do conselho e ministro da Fazenda em 1880; neste duplo character, em 1885; finalmente a 15 de novembro de 1889, em plena revolução republicana, o imperador nomeou-o presidente do Conselho, não tendo, porém, Saraiva conseguido organizar ministerio.

Transcrevo do seu archivo a seguinte carta que lhe dirigiu o barão de Loreto, ministro do Imperio do gabinete demissionario :

«(Confidencial) Exmo. amigo sr. conselheiro Saraiva. Rio, 15 de novembro de 1889 (Paço da Cidade) — O imperador e a princeza estimariam que v. ex. viesse agora mesmo ao Paço da Cidade, no qual se espera compareça, daqui a pouco, o general Deodoro, afim de apresentar a s. m. a sua *mensagem*. Escrevo a meu sogro pedindo-lhe para que tambem venha. Aqui já se acham o Paulino, Dantas, Olegario, Silva Costa e outros amigos do imperador, fazendo-lhe companhia em tão critica occasião. Com subida estima e consideração, tenho a honra de ser de v. ex. amigo muito obrigado. — *Franklin Doria.*» <sup>(1)</sup>

\* \* \*

Feitas estas ligeiras observações sobre a individualidade das duas principaes figuras, é licito iniciar a transcripção de algumas das cartas ineditas de d. Pedro II — objecto principal deste despretencioso trabalho.

1<sup>a</sup> carta :

«Sr. Saraiva <sup>(2)</sup> — Por ora só farei as seguintes reflexões a respeito do tratado de alliança e protocollo <sup>(3)</sup>.

O Ministerio passado e eu mesmo apenas referindo-me ao que o ministro d'Extrangeiros devia ter dito aos paraguayos asseveramos que nada mais exigiamos além do que se diz na carta de 23 de abril, dirigida pelo Furtado ao Octaviano que todavia ajusta limites differentes dos exigidos entre o Brasil e o Paraguay.

O artigo undecimo não assegura a livre navegação para qualquer numero de nossos navios de guerra, e não fala na primeira parte do Estado Oriental.

(1) Vide nota no fim do artigo.

(2) Idem.

(3) Idem.

O artigo decimo setimo, na ultima parte, emprega as palavras *Todos os seus meios*, que não me parecem suficientes; porque não fala de guerra?

O protocollo só fala de Humaytá na actualidade e no futuro de outras fortificações de *igual natureza*; as instrucções ordenavam mais.

Nada se estipulou relativamente á occupação do Paraguaypor forças nossas até serem cumpridas as condições de paz que exigimos, conforme se ordena na carta já referida do Furtado.

Se o tratado deve ficar secreto até se conseguir o fim principal da alliança, porque o arrasamento das fortificações e prohibição de novas conforme as instrucções só se referiam ás do Paraguay, e portanto não prendiam ao Brasil, mas se estipulavam no tratado de alliança?

Reconheço as difficuldades que encontraria o Octaviano, porém, Mitre precisa de nós e o que se estipulou relativamente a nossos limites, entende com a lealdade do procedimento do governo brasileiro.

Creio que se deve modificar neste ponto e desde já o tratado de alliança.

Quando chegaram os papeis que devolvo?

Que noticias ha da marinha e do exercito?

D. PEDRO II.  
15 de maio de 1865. »

2ª carta:

« Sr. Saraiva — Não se esqueça de falar a Octaviano na neutralização do Paraguay, para elle ir dispondo tudo nesse sentido.

Faltam-me cartas de minha filha e de meu genro, de Paris, para mim e para a imperatriz.

Veja se as manda.

D. PEDRO II.  
18 de maio de 1865. »

3ª carta:

« Sr. Saraiva — Que noticias trouxe o *Brasil* do Rio da Prata e do Rio Grande?

O *Carme* chegou. Talvez traga ainda cartas para mim e para a imperatriz que as espera d'Hespanha e da Italia.

D. PEDRO II.  
22 de maio de 1865.»

4ª carta :

« Sr. Saraiva — Nada tenho a acrescentar ao que já disse sobre nossas operações militares no Rio da Prata. Si houver alguma cousa mais interessante mande.

D. PEDRO II.  
27 de maio de 1865.»

5ª carta :

« Sr. Saraiva — Parece-me exagerado o numero de soldados dos exercitos invasores do Paraguay; mas é bom sempre contar com o peor.

Nada tenho a dizer a respeito do que se tem deliberado no Rio da Prata e espero que possa d'ora em diante a nossa esquadra obrar livremente.

Cumpre fazer marchar quanto antes para o Rio da Prata toda a força que estiver prompta; mas não sei como o Tamandaré contava proximamente com quasi 7.000 homens.

O Octaviano nada disse sobre a sua entrada para o Ministerio? <sup>(4)</sup>.

D. PEDRO II.  
2 de junho de 1865.»

6ª carta :

« Sr. Saraiva — Fiz algumas emendas no officio ao Aguiar de Andrade, porque julgo fica assim melhor sem alterar o seu pensamento <sup>(5)</sup>.

D. PEDRO II.  
7 de junho de 1865.»

(4) Vide nota no fim do artigo.

(5) Idem.

7<sup>a</sup> carta :

« Sr. Saraiva — E' preciso explicar no despacho que a demonstração de pezar a Lincoln de minha parte è da da imperatriz é particular.

D. PEDRO II.  
9 de junho de 1865. »

8<sup>a</sup> carta :

« Sr Saraiva — A demora dos movimentos de nossas forças no Estado Oriental e no Rio Grande está-me dando cuidados. Cumpre que seu collega tome em maior consideração o que se manda dizer de Buenos-Aires.

Nada recebeu do Tamandaré ?

Recebi telegramma de que o vapor francez está á barra. Mande logo as minhas cartas e as da imperatriz que as esperamos de Inglaterra, Paris, Hespanha e Italia.

D. PEDRO II.  
16 de junho de 1865. »

P. S. Que sabe do nosso consul no Paraguay ? <sup>(6)</sup>

9<sup>a</sup> carta :

« Sr. Saraiva — Desejo saber quaes as circumstancias do naufragio da corveta *Imperial Marinheiro*. Felizmente não se deu tal successo quando conduzia a tropa. O commandante é bom ; mas não haveria falta de cuidado ?

D. PEDRO II.  
25 de junho de 1865. »

10<sup>a</sup> carta :

« Santa Catharina, 12 de julho de 1865.

Sr. Saraiva <sup>(7)</sup> — O *Oyapock* tem nos atrazado a viagem. O Ferraz ha de provavelmente escrever ao ministro da Marinha a tal respeito.

D. PEDRO II.

P. S. Vão estas cartas para a Europa que mandará pelo vapor francez. »

(6) Vide nota no fim do artigo.

(7) Idem.

## 11ª carta :

Sr. Saraiva — Como não sei quando chegarão estas cartas ao Rio, ahí as mando para o sr. as enviar pelo paquete de Bordéos, porque o inglez já terá partido.

Espero que os Paraguayos serão batidos, se já o não tiverem sido, antes de passarem ao Estado Oriental.

A provincia carece urgentemente de armamento de cavallaria, não falando de lanças que se fazem aqui facilmente, e de munições de guerra.

D. PEDRO II.  
3 de agosto de 1865.»

## 12ª carta

« Sr. Saraiva — Mande-me estas cartas logo que puder ; não posso contar daqui com a chegada dellas ao Rio.

Cuide com urgencia da promptificação de appparelhos de ponte para o exercito daqui. Trabalhou-se num no Arsenal de Marinha. O Ferraz escreve sobre as bombardas para bombar deamento pela esquadra, e entende que são muitissimo precisas.

Pergunte ao seu collega da Marinha, da minha parte, pelos encouraçados encommendados. Veja se não se descuida das obras que se fazem no porto do Rio de Janeiro para defesa deste. Veio pouco armamento pelo Santa Maria. E os obuzes encommendados ? Desejaria estar informado do andamento das encommendas da guerra e da marinha.

Creio que brevemente terão por lá boas noticias da fronteira.

D. PEDRO II.  
Caçapava, 13 de agosto, 1865.»

## 13ª carta :

« Sr. Saraiva — Leia as minhas notas. O que puz entre parenthesis supprimil-o-ia. Cumpre ser muito terminante, em-

bora depois se tenha de attender a circumstancias supervenientes.

Se tivesse mais tempo pôde ser que ainda fizesse observações, e por isso quero cópia do despacho que fôr ao Octaviano. Nada se diz a este a respeito de quem deve fazer cessar o emprego das armas. Este ponto é muito importante e já disse como pensava, não admittindo para tal caso senão a intervenção official do almirante e do general que commandar o nosso exercito.

D. PEDRO II.  
28 de novembro de 1865. »

14ª carta :

« Sr. Saraiva — Já tive occasião de dizer as razões por que não sou favoravel ao emprestimo ; porém, é negocio a tratar em conferencia, e depois commigo e far-se-ha o que fôr resolvido.

D. PEDRO II.  
21 de dezembro de 1865. »

« Noto que Octaviano fala d'instrucções secretas ao Osorio a respeito das condições *sine qua non* da cessação do emprego da força. Os nossos alliados devem saber de nosso proposito mesmo para que depois não haja hesitação de nossos generaes, diante das difficuldades. Receio muito da diplomacia em certos casos. »

15ª carta :

« Sr. Saraiva — Recebeu alguma cousa do Rio da Prata ? Fez-se o emprestimo ? <sup>(8)</sup> Octaviano já expendeu sua opinião sobre as reflexões da secção ao tratado definitivo da Paz ? E' preciso cuidar deste assumpto com tempo.

Do Tamandaré não veio nada ?

D. PEDRO II.  
12 de fevereiro de 1866. »

(8) Vide nota no fim do artigo.

## 16ª carta:

« Sr. Saraiva — Se houver mais algumas noticias traga ou mande de tarde que ha despacho. Não se esqueça das instrucções a respeito da convenção consular com a França. Desejo vel-as antes de expedidas e a tempo.

D. PEDRO II.  
20 de abril de 1866. »

## 17ª carta:

« Sr. Saraiva — A respeito da interpretação da convenção consular com a França só tenho a observar concordando com as opiniões apresentadas no trabalho do Carvalho de Moraes, que para respeitar o principio do domicilio de origem admittido pela lei 1.860, não prejudicando assim a nacionalidade brasileira dos membros nascidos no Brasil de paes estrangeiros, é preciso que a intervenção consular só se dê nos casos de haver menor ou incapaz, cujo domicilio de origem seja o da nação do consul.

Não haverá tempo para prever todas as hypotheses nas instrucções que se mandarem por este vapor; mas bastará que o Penedo saiba claramente os principios que segue o Governo para lhes dar o necessario desenvolvimento.

D. PEDRO II.  
22 de abril de 1866. »

## 18ª carta:

« Sr. Saraiva — Recommende ao ministro brasileiro em Florença o negocio do Morgado de Napoles pertencente a minha irmã e cunhado a condessa e conde de Aquila.

Mando-lhe estes retalhos de jornal para ver que a França e a Italia têm tomado parte em interesses analogos.

D. PEDRO II.  
23 de abril de 1866. »

## 19ª carta:

« Sr. Saraiva — Se tiver recebido algum officio de interesse do Octaviano mande-me á casa de meu genro em Botafogo para onde vou ás tres horas da tarde.

D. PEDRO II.  
20 de maio de 1866. »

## 20ª carta :

Sr. Saraiva — Mande-me o que ha a respeito da mediação offerecida pelo ministro do Perú no Rio da Prata.

D. PEDRO II.  
7 de julho de 1866. »

## 21ª carta :

« Sr. Saraiva — Que disse Fortunato de Brito <sup>(9)</sup> no officio de 14 de junho a respeito dos bons officios e da mediação? Que se communicou a nosso ministro no Rio da Prata?

A's tres horas vou para casa de meu genro, e lá poderá mandar a resposta.

D. PEDRO II.  
8 de julho de 1866. »

## 22ª carta :

« Sr. Saraiva — Sinto que esteja peor. E' preciso resguardar-se do ar.

Já sabe como penso a respeito da mediação.

As instrucções expedidas são bem terminantes; com o Lopez não trataremos, e com outro só conforme os fins da guerra que faremos embora sem alliados. Cumpre que saibam isto lá bem claramente.

Quanto ao Flores será máo que elle se retire; mas é preciso que a linguagem do Octaviano e dos nossos generaes não revele que precisamos dos alliados e de sua força moral, sem comtudo offendel-os.

D. PEDRO II.  
20 de julho de 1866. »

## 23ª carta :

« Sr. Saraiva — Estimo que vá melhor.

A carta do Elizalde revela desconfiança do acertado procedimento da parte do Tamandaré; o que não julgo merecido. Para a esquadra operar com vantagem real carece de força de desembarque, ou de que o exercito tenha meios de marchar. Se o exercito podia atacar Curupaity, a immobilidade da esquadra não se explica. O Tamandaré, segundo escreve ao ministro da Marinha,

(9) Vide nota no fim do artigo.

espera a resposta do Porto Alegre, e se elle não descer, o que não é de suppôr, pretende *só com a armada* fazer alguma cousa. Assim possa a infantaria do Porto Alegre descer promptamente. Os transportes foram distrahidos para a conducção da cavallhada e das mulas.

E' preciso ver que intervenção deve ter o voto do Porto Alegre na direcção da guerra.

Creio que será bom escrever a tal respeito ao Octaviano.

D. PEDRO II.  
21 de julho de 1866.»

24<sup>a</sup> carta :

« Sr. Saraiva — Como desejo que o sr. saiba o que penso a respeito do assumpto de que me occupo, envio-lhe as inclusas reflexões, taes quaes o tempo disponivel permittiu-me escrevel-as.

Como vae o seu trabalho de organização do ministerio ? <sup>(10)</sup>.  
Desejaria saber alguma cousa.

D. PEDRO II.  
Rio, 25 de março de 1880.»

P. S. Mando esta carta pelo Sodré porque não sei bem onde o sr. está ».

*Reflexões apenas. Reforma tornando a eleição directa.  
Constitucionalidade.*

O art. 179 da Constituição em seus numeros apenas trata da *maneira* por que é *garantida a inviolabilidade* dos direitos civis e politicos dos cidadãos brasileiros.

Não declara quaes estes direitos que se devem conhecer pelo estudo da mesma Constituição e seria muito difficil enumerar.

(10) Vide nota no fim do artigo.

Nenhum póde ser considerado mais politico do que o de votar e ser votado. O argumento da letra do art. 91, § 1º, não colhe; porque só expressamente poderia excluir o de votar dentre os direitos politicos, que não são sómente aquelle.

Vantagens desta influencia.

Difficultar reformas eleitoraes, que só poderiam ser perfeitamente bem succedidas quando a educação politica fôr outra que não a do nosso povo — evitar, portanto, suas alterações, sobretudo quando a tendencia seria para o suffragio universal; por isso que a reforma ha-de trazer forte reacção da parte dos excluidos de votar e aquella que quasi sempre excede a acção nos seus effeitos.

Intervenção do Senado.

Lendo com attenção os artigos da Constituição nenhum encontro que exclua o Senado de tomar parte com a Camara, que vota a reforma na ultima deliberação. A Constituição declara expressamente os actos de cada uma das camaras. Da comparação entre os arts. 176 e 177 poder-se-ha, quando muito, sustentar quando ellas deliberam independentemente uma da outra que o que se vencer em *ambas* as camaras *não depende de sancção*, Projecto novo.

Se a renda de 200\$, proveniente de capital adquirido, não ficar bem fixada, escuso de dizer quaes os graves inconvenientes. Para um grande numero de individuos creio que não deixará de continuar o abuso existente que se dá em relação aos *votantes indirectos*. A condição de ler e escrever deve ser effcaz. Não basta escrever o nome que o votante pode ter aprendido a copiar como qualquer desenho. A verificação futura consistirá nos attestados das aulas primarias. Por ora antes de se lhe dar o diploma de eleitor deve elle ser obrigado a ler correntemente, e a escrever mais que o seu nome e de maneira que *mostre* ter aprendido a escrever.

Não é melhor que o presidente do Conselho exija dos ministros o compromisso de não se apresentarem candidatos ás senatorias do que vedar-lh'o por lei?

Sempre fui partidario dos calculos de um deputado, mas a quasi impossibilidade de dividil-os, attendendo á generalidade de

interesses legitimos, fez-me concordar com os de tres, já pensando na idéa da representação obrigada da minoria, se ella reunir o numero de votantes que lhe assegure a sua quota no numero de deputados do circulo.

O systema de conseguir sempre este resultado poderá reconhecer-se praticavel no Brasil, sobretudo por causa da má organização dos partidos; mas, se contribuir a melhora-la como penso não será um grande beneficio para a politica? Combati sempre o regresso á eleição por provincias, assim como a idéa do systema do terço. A exposição de tudo o que penso sobre este assumpto exigiria grande desenvolvimento.

Penso que o que se dispoz na lei vigente sobre a intervenção na magistratura é o unico correctivo das qualificações viciosas. Os partidos não devem queixar-se muitas vezes de decisões, que não podiam ser outras e provêm de falta de deligencia da parte dos recorrentes. Não será demasiada a exclusão de empregados das camaras como está no projecto? As incompatibilidades absolutas dependem de reforma constitucional.

Não deverão votar os que tenham 21 annos?

O art. 43 da Constituição presta-se ás duas intelligencias: a seguida e a do projecto, que me parece mais de accôrdo com a Constituição. Disse que esta segunda interpretação dá mais liberdade ao Poder Moderador, porque se se facilitar a nova apresentação dos mesmos individuos, elle poderá mais desembaraçadamente resolver conforme a Constituição; sua consciencia, e a opinião expressa pela votação que deve ser a dos eleitores legitimos.

Art. 41 do projecto. Acho melhor conservar o que está. Nunca aprovei o systema do terço. Se attendesse ao direito da minoria talvez fosse causa de collisões entre o Poder Moderador e os ministerios.

Muitas outras reflexões talvez ainda faça depois de maior exame do projecto. Apenas chamarei ainda a attenção sobre o modo por que se julga, dispõe o art. 179 da Constituição, e se considera o direito de votar e ser votado. Quanto se poderá entender que não é *limite* nem *attribuição* respectiva de poder politico?

O argumento de que pelo censo do projecto votado pela Camara dos Deputados não se fazia senão augmentar o numero dos eleitores, tornando desnecessaria sua eleição pelos votantes indirectos é um sophisma, porque a Constituição dá aos votantes o direito de elegerem os eleitores.

O censo do novo projecto não restringe direito mas concede-o aos que o não têm pela Constituição de elegerem os representantes da Nação, pois que o censo destes na Constituição é de 400\$000.

Vou fazendo estas reflexões como permite o tempo disponível. A lei ordinaria facilita as reformas, e por que então não ficam reservadas para a Camara dos Deputados, filha da eleição directa, as outras reformas de magna importancia?

Respondo ao argumento dos que como eu são pela elegibilidade dos acatholicos, mas divergem do meu parecer e do Ministerio que fez apresentar a reforma quanto á oportunidade, sobretudo em relação á mais facil votação do Senado. Diziam elles que não seria facil repetir reformas constitucionaes. A respeito da elegibilidade dos acatholicos ainda ponderei durante a organização do projecto votado na Camara e pondero ainda que a não elegibilidade do acatholico parecerá ser consequencia do art. 5º. O pagamento do culto não é consequencia da religião de Estado e se não houvesse a não elegibilidade dos acatholicos quaes seriam os privilegios da religião do Estado? A exterioridade do culto? Faço estas considerações porque receio que apressem a reforma do art. 5º, sobretudo facilitando-se as reformas constitucionaes.

Parece-me que não esqueci nenhum dos argumentos que pesaram no animo do Ministerio que organizou o projecto votado na Camara dos Deputados. Infelizmente, segundo eu penso, não pude fazer adoptar a minha opinião a respeito da intervenção do Senado, tendo desde o principio dicto que receiava que fosse essa a causa da rejeição pelo Senado. Comtudo, pensei até que houvesse mais prudencia da parte daquelle pela maneira por que ficava acautelado qualquer excesso da Camara que devia dar á lei o character de reforma constitucional. Ainda antes da rejeição sustentei a idéa do Paranaguá de se fazer passar ao mesmo tempo

ou mesmo antes da passagem do projecto de reforma no Senado outro de interpretação da Constituição no sentido da intervenção do Senado, que poderia assim realizar-se depois sem tornar illegal o precedente de 1834, como se este não estivesse prescripto, por assim dizer, com o Acto de 23 de junho de 1840. Se forem precisas mais explicações a respeito do que se fez eu as darei. Só desejo que fique bem sabido que empreguei todos os esforços de opinião para que a reforma se fizesse pelo modo que não só a mim como ao Ministerio que se retira pareceu mais conveniente. Não lhe concedi a dissolução não por falta de confiança, mas porque desejo que a reforma não encontre embaraços e complicações, que não posso prever, por minha causa.

Na carta que o Barão de Cotegipe leu no Senado, apezar de eu não ter cogitado que ella pudesse ser lida, disse com toda sinceridade qual a minha opinião a respeito da reforma; portanto, nenhum estorvo partirá de mim directa ou indirectamente para que se perca a oportunidade da reforma que me pareceu provada, sobretudo, pelas declarações dos presidentes das duas camaras, e não seja feita pelo partido liberal.

Desculpe a letra: mas o tempo é escasso.

Ainda ponderarei os inconvenientes que podem provir da preponderancia do elemento estrangeiro nas camaras municipaes das grandes cidades.»

25<sup>a</sup> carta:

«Sr. Saraiva — Desejaria saber, antes de lavrar o decreto, em que sentido se quer reformar o plano das loterias <sup>(11)</sup>.

Póde mandar, logo que quizer, os papeis que disso me informem.

D. PEDRO II.

Rio, 4 de abril de 1880.»

26<sup>a</sup> carta:

«Sr. Saraiva — Já antes de falar ao Pedro Luiz <sup>(12)</sup> tinha pensado na conveniencia de um despacho antes de sabbado. Póde

(11) Vide nota no fim do artigo.

(12) Idem.

ser na quarta-feira, e se puder espero-o antes das sete horas; porque terei de falar-lhe mais tempo que ordinariamente. Ainda não tive tempo de pôr-me em dia com as discussões; mas penso que tudo tem corrido bem em geral.

D. PEDRO II.  
Rio, 7 de junho do 1880.»

27<sup>a</sup> carta :

«Sr. Saraiva — Espero-o amanhã para conversarmos. Desejo que traga o que puder informar-me sobre o estado do Thesouro e equilibrio do orçamento que se discute.

Sobre os lamentáveis successos da Victoria apenas direi agora que lamento que o Doria ainda não tivesse chegado hontem ao Recife. Não se explica a demora em demittir o delegado e nomear outro, apezar da ordem sua, assim como a falta de telegramma do vice-presidente, referindo o succedido ás cinco da tarde de 27.

Os diarios de Pernambuco têm feito accusações ao delegado da Victoria e o sr. sabe o que sempre tenho dito em todos os tempos contra a maneira por que se fazem taes nomeações.

Com semelhante autoridade nunca haverá eleições regulares.

D. PEDRO II.  
28 de junho de 1880.»

28<sup>a</sup> carta :

«Sr. Saraiva — Não podia deixar de esperar a proposta de demissão do vice-presidente Adelino.

Póde mandar o decreto hoje mesmo embora a publicação da medida se possa fazer logo.

Talvez o Pelotas ou seu collega da Justiça recebesse communições do presidente do Rio Grande do Sul.

D. PEDRO II.  
29 de junho de 1880.»

29<sup>a</sup> carta :

«Sr. Saraiva — Na resposta ao 2<sup>o</sup> quesito será melhor não falar em *philosopho* ou *publicista*, dizendo apenas que a opinião de Hilhard sempre teve o character de individual.

Já que se falou de chefe do Poder Executivo, sempre direi que nem elle nem Hilhard procederiam com o pouco bom senso que se mostrou suppôr-lhes.

Tambem o Freitas Coutinho pretende que houvesse *protegidos imperiaes* quanto ao contracto da Estrada de Ferro do Paraná. Ninguem deve julgar somente pelo que possa ter ouvido.

A estação do calor principiou, acaba de morrer de febre amarella a baroneza de Vassouras, e que andamento tem tido a postura relativa a escavações?

Não falei nisto em despacho, porque evito lembrar medidas intuitivamente urgentes.

D. PEDRO II.

Rio, 24 de novembro de 1880.

30<sup>a</sup> carta:

«Sr. Saraiva — Logo que puder mande-me o exemplar do projecto da reforma que lhe enviei.

Vão diversos papeis para o Sr. e collegas seus. A outros que mandaram pastas hoje restitui as que tinha de suas repartições.

Alguns dos papeis que lhe remetto recebi-os hontem em carta de meu genro o conde d'Eu.

Julgo que nada tem havido nas obras dos reservatorios.

Parece que o serviço de reboque na barra de Aracajú é muito mal feito.

Receberam-se noticias do Rio da Prata e das Republicas do Pacifico?

Desejo ver o ultimo balanço da thesouraria do Thesouro.

D. PEDRO II.

Rio, 24 de dezembro de 1880. »

31<sup>a</sup> carta:

«Sr. Saraiva — Recommendo-lhe o exame e prompta resolução a respeito do pedido feito ao Ministerio da Fazenda pelo do Imperio do terreno preciso para as observações que pretende fazer o hollandez Bychevorsel, que está a chegar. Este sabio foi-me recommendado já ha tempo, e falei a tal respeito ao respectivo ministro, que julgo era então o Sodré.

Ainda ultimamente escreveu-me o Nioac a respeito de Bychevorsel, que é pessoa muito distincta.

D. PEDRO II.  
Rio, 9 de dezembro de 1880. »

32ª carta :

Sr. Saraiva — Ficaré o despacho para quarta-feira pela ultima razão apresentada. Se houver negocio urgente até lá sabem que me encontrarão ordinariamente em S. Christovão, ás nove e meia da manhã ou ás cinco da tarde.

Que noticias tem recebido a respeito das eleições do Norte ?

D. PEDRO II.  
Rio, 22 de dezembro de 1880. »

33ª carta :

« Sr. Saraiva — Desejo que haja hoje despacho ás seis horas da tarde.

D. PEDRO II.  
Rio, 19 de janeiro de 1881. »

« Resposta (Letra de Saraiva) — Tive a honra de receber a carta de v. m. imperial ordenando-me que haja despacho hoje ás seis horas da tarde.

Tendo o Ministerio resolvido dar hoje a v. m. imperial sua demissão collectiva tenho de ir ás seis horas communicar a v. m. imperial essa nossa deliberação <sup>(13)</sup>.

J. A. S.

34ª carta :

« Sr. Saraiva — O Galvão veio prevenir-me de que sabbado proximo começarão as provas dum concurso na Escola Polytechnica. A' uma e meia estarei prompto para o despacho.

D. PEDRO II.  
Rio, 26 de fevereiro de 1881. »

35ª carta :

« Sr. Saraiva — Nada tenho que observar a respeito da designação das presidencias depois do que conversamos sabbado.

(13) Vide nota no fim do artigo.

Em consequencia do deliberado enviou-me hontem o ministro do Imperio as cartas imperiaes que remetti assignadas hoje.

D. PEDRO II.

Rio, 1º de março de 1881. »

36ª carta :

« Sr. Saraiva — A noticia do telegramma é de importancia. Realizou-se o que eu receiava desde que li as cartas trazidas por Magarinos.

Agora cumpre estar vigilante na nossa fronteira que não sei se está bem guarnecida e não envolver-nos nem deixar que nos envolvam nos negocios politicos do Estado Oriental.

D. PEDRO II.

Rio, 15 de agosto de 1881. »

37ª carta :

« Sr. Saraiva — Envio-lhe o incluso telegramma que me restituirá depois de lido.

O despacho será na sexta-feira ás horas do costume.

Estarei sabbado ás sete horas da manhã no Arsenal de Marinha onde embarcarei. Digã a seu collega da Marinha para estarem promptos os galeões a vapor e a remos do serviço ordinario. Convém prevenir pela imprensa o publico de que minha filha não desembarca no Arsenal de Marinha.

D. PEDRO II.

Rio, 7 de dezembro de 1881. »

Eis o telegramma a que se refere a carta acima :

« Porto Alegre, 14 de agosto de 1881.

Presidente do Conselho de Ministros — Rio — O commandante da fronteira de Uruguayana transmittiu hontem, á noite, ao marechal commandante das armas o seguinte telegramma : « Effectuou-se a invasão por diversos pontos do Quarahy, sendo um grupo de 40 homens commandados pelo coronel Simão Martinez,

com outro de 60 por Pedro Orioles. Estes homens não se demorarão reunidos 24 horas nesta fronteira. De Corrientes vieram 60 homens que passaram abaixo de Santa Rosa. Creio que o movimento foi geral. Latorre é accusado no manifesto assignado por aquelle chefe. — *Francisco de Carvalho Soares Brandão* ».

38ª carta :

« Sr. Saraiva — O dr. Crevaux é viajante já conhecido pelos seus trabalhos. Antes de sua visita hontem já eu tinha tido occasião de julgar de seu merito, e pedi-lhe uma indicação de suas novas explorações, bem como dos auxilios que lhe pudesse prestar o Governo brasileiro.

Acabo de receber a communicação que vae junta. Crevaux pretendia seguir no *Niger* para o Rio da Prata. Penso que os favores que se pudesse fazer ao dr. Crevaux redundariam em proveito para o Brasil (14).

D. PEDRO II.  
Rio, 11 de dezembro de 1881. »

São estas as cartas mais importantes do imperador por mim encontradas no archivo do conselheiro Saraiva. Deixo de tratar de muitas outras, interessantes a varios aspectos; mas as que ahi ficam poderão servir de esplendido subsidio para a biographia do grande brasileiro, transparecendo de todas ellas o seu character, o seu inexcedivel zelo pela causa publica, ainda nos factos de menor relevo.

(14) Vide nota no fim do artigo.

## NOTAS

(1) Sobre os factos occorridos a 15 de novembro de 1889 não se conhece ainda toda a verdade. Que o marechal Deodoro não proclamou a Republica, quando passou pelas ruas á frente das forças, parece ponto incontroverso. Ao visconde de Ouro Preto, no quartel general, declarou elle: « O ministerio está deposto e outro se organizará de accôrdo com as indicações que levarei ao Imperador ».

Várias são as versões sobre o momento em que se resolveu a mudança do regimen. Uma dellas, ouvi-a eu de um illustre militar reformado, amigo intimo do coronel Jayme Benevolo, que se attribuia haver alcançado a resolução de Deodoro, contando-a do seguinte modo :

Depois da parada, o velho marechal chegára á casa (que era no Campo da Acclamação n. 99) em extremo estado de fraqueza e só com o auxilio de duas pessoas subira a pequena escada, recolhendo-se logo ao leito. Sua esposa, justamente alarmada, déra ordem terminante para que fechassem o portão.

O estado de inquietação dos revolucionarios era formidavel, porque temiam todos que o imperador conseguisse dominar a situação, contando com a fidelidade de Deodoro. Reuniram-se então os rebeldes no edificio do Instituto dos Cegos (tambem no Campo da Acclamação n. 17), de que era director, e onde residia, Benjamin Constant, e ali discutiram varios alvites a tomar, tendo muitos opinado pela proclamação da Republica, pois do contrario cahiriam no ridiculo. Alguns mesmo exclamaram que não estavam dispostos a praticar uma *saldanhada* . . .

Nada se resolvia ; e, em dado momento, Benjamin Constant, dirigindo-se para uma das portas, disse : *Estou muito fatigado ; vou tomar um banho morno*. Jayme Benevolo levantou-se de subito e exclamou : « O sr. não toma banho morno agora ; vamos redigir a proclamação da Republica e organizar o ministerio » ; e collocou-se deante de Benjamin, tomando-lhe a passagem. Redigiram então o manifesto e lavraram os decretos de nomeações do Ministerio, Benjamin perguntou : — *Quem leva isto ao velho ?* (Deodoro). — *Eu*, respondeu Benevolo, e partiu já noite fechada.

Foi quasi pela violencia que elle penetrou na casa do chefe revoltoso, transgredindo as deliberações da veneranda senhora e expondo ao marechal o sério risco que todos corriam se não fosse assignada a proclamação da Republica e bem assim a nomeação dos ministros. Com incrível relutancia a isto annuiu Deodoro, que por varias vezes, no meio de forte dyspnéa, exclamou : « O ministerio já não existe : vou falar amanhã ao Imperador ». Tal foi, porem, a insistencia de Benevolo que Deodoro cedeu e com grande difficuldade assignou os papeis, depois de lhe dizer Benevolo que fôra chamado Silveira Martins para organizar o gabinete imperial.

Esta é a narração que me foi feita pelo amigo do sr. Jayme Benevolo. Convém transcrever aqui os dois recentes artigos do sr. conde de Affonso Celso que trazem muita luz sobre os successos de 15 de novembro e sobre a acceitação do sr. conselheiro Saraiva para formar o novo Gabinete Imperial.

A esses artigos acrescentarei parte das explicações do general Trompowski, também relativas ao assumpto.

EPISODIO DO 15 DE NOVEMBRO — A VERDADE HISTORICA — JUSTIÇA RENDIDA PELO TRIUMPHADOR AO TRAHIDO

Nos artigos que sobre o marechal Floriano acaba de publicar, numa folha desta Capital, o general Serzedello, encontra-se uma narrativa de certos episodios de 15 de novembro, a qual, embora perfeitamente veridica, precisa ser completada em alguns pontos.

A scena entre o marechal Deodoro e o visconde de Ouro Preto foi minuciosamente por este narrada no seu manifesto, datado de Santa Cruz de Teneriffe, 9 de dezembro de 1889, publicada no supplemento do *Comercio de Portugal*, de 20 de dezembro do mesmo anno, e reproduzido pelos principaes orgãos da imprensa brasileira e portugueza.

Divulgado quando ainda vivos se achavam todos quantos haviam tomado parte nos acontecimentos, e accesas permaneciam as paixões, nenhuma contestação soffreu esse manifesto que com escrupulosa fidelidade expoz os factos.

Eis o que escreveu o visconde de Ouro Preto relativamente áquella scena :

“Ouvido o voto unanime dos profissionaes, não possuindo naquella emergencia outros elementos de acção, diante da opinião manifestada pelos meus collegas, eu, fazendo sentir que, repetidas vezes, instantemente e de balde, ordenara que os sublevados fossem batidos em caminho, e, ainda depois de se haverem postado diante do quartel-general, que os desalojassem daquella posição á viva força, no que fôra desobedecido, declarei que me resignava ás circumstancias e passaria por telegramma a s. m. o imperador o pedido de exoneração do ministerio.

Acto continuo, redigi o telegramma nos seguintes termos, incorrectamente publicado em varias folhas, e encarreguei o director geral da secretaria da guerra, Barão de Itaipú, de o ir pessoalmente transmittir pela estação central dos telegraphos :

“Senhor, o ministerio, sitiado no quartel-general da guerra, á excepção do sr. ministro da Marinha, que consta achar-se ferido em casa proxima, tendo por mais de uma vez ordenado de balde, por orgão do presidente do conselho e do ministro da guerra, que se repellisse pela força a intimação

armada do marechal Deodoro para pedir a sua exoneração, e diante das declarações feitas pelos generaes visconde de Maracajú, Floriano Peixoto e barão do Rio Apa, de que, por não contarem com a tropa reunida, não ha possibilidade de resistir com efficacia, depõe nas augustas mãos de vossa magestade o seu pedido de demissão.

A tropa acaba de fraternizar com o marechal Deodoro, abrindo-lhe as portas do quartel”.

Não era ainda conhecida a resolução do ministerio, quando soaram estrepitosas aclamações no interior do quartel-general.

Soube que, aberto o portão — ignorando-se por ordem de quem — o marechal Deodoro nelle entrava a cavallo e recebia aquellas ovações, ao percorrer as linhas de diversos corpos.

Aos vivas succederam-se toques festivaes e uma salva de artilharia.

Não havia que duvidar: a força armada celebrava o seu triumpho contra os poderes legitimamente constituidos, que devia apoiar e defender.

Decorrido algum tempo, seguido de numerosissimo cortejo, apresentou-se o marechal Deodoro na sala em que estava reunido o ministerio.

Encaminhou-se para mim, depois de haver dirigido ao sr. visconde de Maracajú esta saudação: *Adeus, primo Rufino.*

No meio do mais profundo silencio, scientificou-me de que se puzera á frente do exercito para vingar as gravissimas injustiças por elle recebidas do governo, as quaes enumerou, como depois direi.

Só o exercito, afirmou, sabia sacrificar-se pela patria, e, no entanto, maltratavam-n’o os homens politicos, que até então haviam dirigido o paiz, cuidando exclusivamente dos seus interesses pessoaes.

Apesar de enfermo, não se pudera excusar a dirigir seus camaradas por não ser homem que recuasse diante de cousa alguma, temendo só a Deus,

Alludiu a seus serviços nos campos de batalha, rememorando que pelo patria estivera durante tres dias e tres noites combatendo no meio de um lodaçal, sacrificio que eu não podia avaliar.

Declarou que o ministerio estava deposto e que se organizaria outro de accôrdo com as indicações que iria levar ao imperador.

Disse que todos os ministros podiam retirar-se para suas casas, excepto eu — *homem teimosissimo, mas não tanto como elle* (assim se exprimiu) e o sr. ministro da Justiça, que ficaríamos presos até sermos deportados para a Europa.

Quanto ao imperador, concluiu, tem a minha dedicação, sou seu amigo, devo-lhe favores.

Seus direitos serão respeitados e garantidos.

Tendo ouvido com toda a calma e sem um gesto sequer, respondi:

“ Não é só no campo de batalha que se serve a patria e por ella se fazem sacrificios.

Estar aqui ouvindo o general, neste momento, não é somenos a passar alguns dias e noites num pantanal.

Fico sciente do que resolve a meu respeito.

E' o vencedor; pôde fazer o que lhe aprouver. Submetto-me á força."

Salvo uma ou outra expressão que não pude conservar de memoria, foi esta a minha resposta ao marechal Deodoro.

Tal foi a minha attitude.

Conservei sempre a maior serenidade e firmeza.

Appello para as numerosissimas testemunhas que assistiram á scena, militares e paisanos, quasi todos indifferentes ou adversarios.

Entre muitas, enumerarei o meu venerando amigo sr. marquez de Paranaguá, o sr. dr. Pizarro, o sr. barão de Itaipú, o sr. reporter da *Gazeta de Noticias*, os srs. generaes Amaral, barão de Miranda Reis, visconde de Souza Fontes e o sr. major Serzedello.

Appello tambem para o sr. tenente-coronel Benjamin Constant, cabeça do movimento e actual ministro da guerra do governo provisoriò, que se achava ao lado do marechal e accrescentando sempre que elle se referia ao exercito: *tambem a armada*.

Se o Sr. Benjamin Constant, que não despregou os olhos de mim um só momento, se qualquer outro homem de honra, desses que mencionei de momento, ou cujo nome não me occorreu e presente se achasse, afirmar que foi diverso o meu procedimento, confessar-me-hei indigno da estima de meus concidadãos."

Está no trecho transcripto toda a verdade historica sobre o incidente.

Sabe-se que Deodoro, mais tarde, referindo-se a elle, exclamou:

« O Ouro Preto portou-se como eu, no logar d'elle, me portaria. »

O ULTIMO PRESIDENTE DO CONSELHO DE MINISTROS DA MONARCHIA —  
INCIDENTE A ELUCIDAR — ARTIGO DO CONSELHEIRO J. A. SARAIVA.

Sobre varios incidentes occorridos, a 15 de novembro de 1889, por occasião do advento da Republica, correm versões incompletas ou inexactas, que, a bem da verdade historica, cumpre ir corrigindo, sempre que se azar opportunidade.

Assim, o relativo á demissão do ministerio do visconde de Ouro Preto, demissão acceita, após relutancia, pelo imperador.

Convidado pelo soberano a indicar o seu successor, designou o visconde o nome do conselheiro Gaspar da Silveira Martins, ao que sua magestade annuiu.

Retirou-se o visconde de Ouro Preto para a casa de seu cunhado barão de Javary, á rua da Ajuda, hoje do Chile, onde pouco depois foi preso.

Eis o que se seguiu, segundo as *Primeiras Linhas da Historia da Republica dos Estados Unidos do Brasil*, obra escripta logo após os acontecimentos e que, embora muito apaixonada em certas apreciações, encerra documentos e dados valiosos :

“ Por volta das nove horas da noite, o Sr. Saraiva, chamado pelo ex-imperador, apresentou-se no paço da cidade e com elle teve conferencia.

Terminada esta, o sr. Saraiva escreveu ao marechal Deodoro uma carta em que lhe dava parte da incumbencia a elle dada pelo ex-imperador e por elle acceita de organizar novo ministerio, mas que para isso sentia necessidade de entender-se com o marechal, pelo que pedia que o viesse procurar, afim de entenderem-se a respeito.

A *Gazeta de Noticias*, dando uma local sobre esse facto, provocou da parte do Sr. José Antonio Saraiva a contestação que vou na integra transcrever, por ser tambem documento da historia.

E' o que se lê na secção — « Publicações a pedido » do *Jornal do Comercio*, de 18 de novembro :

“ O Sr. conselheiro José Antonio Saraiva

(17 de novembro de 1889)

Acabo de ler na *Gazeta de Noticias* o seguinte :

“ O marechal Deodoro recebeu hontem uma carta do Sr. Saraiva, comunicando-lhe que havia sido encarregado pelo imperador de organizar novo ministerio, e que precisava entender-se com S. Ex.

O sr. marechal Deodoro respondeu que a carta ia atrasada, pois o *Diario Official* publicara os nomes dos ministros.

Se eu escrevesse ao marechal Deodoro no dia 16, e depois de ler os nomes dos novos ministros, poder-se-ia, e com razão, pôr em duvida o meu criterio politico.

Tenho, pois, necessidade de declarar o que occorreu entre mim e sua magestade na noite de 15 do corrente.

Comparecendo no paço da cidade, ás nove horas da noite de 15 do corrente, conversei com sua magestade e é superfluo referir o assumpto da conversa.

Recolhi-me á casa ás 11 horas, e entre uma e duas horas da noite fui convidado a voltar ao paço.

Conferenciei de novo com sua magestade que me disse o seguinte :

“ O Conselho de Estado pleno acaba de aconselhar-me a organização de novo ministerio e mandei-o chamar para encarregal-o dessa tarefa.

Conhece a confiança que me merece, e pois dou-lhe carta branca, e farei tudo o que o seu patriotismo me aconselhar.”

Respondi :

“ Nas circumstancias difficeis que atravessamos, não faltará a vossa magestade a minha coadjuvação.

Deus queira que eu tenha a felicidade de ser ainda util ao paiz e a vossa magestade.”

Desconfiava haver sido tomada pelo marechal Deodoro a resolução de proclamar a Republica.

Mas muita gente ainda acreditava que no animo de s. ex. não estava senão o proposito de mudar o ministerio.

Recolhi-me, pois, a um gabinete do paço e escrevi ao marechal a carta a que allude a *Gazeta de Noticias*, e em a qual pedia a S. Ex. uma conferencia no dia 16, dizendo-lhe o seguinte :

“ Encarregado pelo imperador de organizar novo ministerio, não quero e não devo fazer cousa alguma, sem entender-me com V. Ex. . . ”

Comprehende o publico que meu fim nessa conferencia era verificar as intenções do marechal.

S. Ex. até agora não respondeu á minha carta, que não podia ter mais resposta desde a publicação no *Diario Official* dos nomes dos novos ministros.

Não me faltou, pois, o criterio politico ao pôr-me pela ultima vez ao serviço da monarchia, e espero em Deus que esse criterio não me abandonará nas circumstancias difficeis que vamos atravessar. — *J. A. Saraiva*”.

O portador da carta do conselheiro Saraiva ao marechal Deodoro foi o então major de engenheiros, hoje marechal reformado, Roberto Trompowsky Leitão de Almeida.

Fel-o, a pedido de seu sogro, conselheiro de Estado Domingos de Andrade Figueira, que se achava no paço, por ocasião da visita do sr. Saraiva.

O sr. Trompowsky narrou o episodio em artigo publicado nos “ A pedidos ” do *Jornal do Commercio*, de 26 de novembro de 1889.

Por conseguinte, não foi o visconde de Ouro Preto o ultimo presidente do Conselho da monarchia. »

« O DIA 15 DE NOVEMBRO

Aos meus amigos devo uma explicação sobre os factos em que me achei envolvido na data que encima este artigo. Começo narrando-os.

Tendo-me recolhido á nossa residencia ás quatro e meia horas da tarde, de volta da Escola Militar para onde havia seguido ás nove horas da manhã, sahí pouco depois com destino á casa de meu sogro, na rua das Marrecas, afim de levar minhas cunhadas para a companhia de minha mulher.

Achavam-se ellas na casa de meu tio, sita na mesma rua, e, depois de ter pedido a um cunhado meu que as scientificasse da minha intenção, fui á rua do Ouvidor, onde obtive informações seguras e completas sobre as occurrencias do dia. Encontrando-me ahi com meu sogro, relatei-lhe então tudo quanto sabia. Elle tomou o bond do Rio Comprido e eu o da Lapa. Ao chegar á rua das Marrecas, encontrei minhas cunhadas inquietas com a ausencia de seu pae, que, sendo antipathizado por alguns camaradas meus, corria imminente risco de ser desacatado em plena rua. Para socegal-as, sahi afim de ir ter com meu sogro. Dirigi-me ao palacete do sr. visconde do Cruzeiro, para onde elle tinha ido, e, ao entrar no portão, fui informado de que sahira pouco antes, afim de tomar parte na reunião do Conselho de Estado. Tomei o bond e fui para as immediações do Paço Imperial. Detive-me por algum tempo em frente á porta contigua ao quarto do commandante da guarda, a observar as pessoas que sahiam, e, não vendo meu sogro, deliberei ir ao escriptorio d'A *Nação*, em busca de noticias d'elle. Ahi me disseram que não havia apparecido ainda. Regressei para as circumvisinhanças do Paço e notei que os poucos curiosos, que estacionavam junto á Caixa Economica, discreteavam pacificamente sobre as novidades do dia. Passado uma hora, tendo perdido a esperanza de encontrar-me com meu sogro, voltei ao escriptorio d'A *Nação*. A's pessoas que alli se achavam declarei que reinava completo socego nas cercanias do Paço, onde eu não sabia se meu sogro ainda estava. Entrar lá sozinho, ponderei eu, não posso, nem devo fazer : sou completamente desconhecido e podiam formar de mim um juizo pouco lisonjeiro. Como alguns conselheiros de Estado, que estavam no referido escriptorio, sahiram então com destino ao Paço, decidi-me a acompanhal-os. Pouco depois de termos chegado, reunio-se o Conselho de Estado. O imperador não tinha conhecimento da gravidade da situação : foi meu sogro quem no Conselho a desenhou franca e sinceramente. A familia imperial suppunha que se tratava de uma simples deposição de ministros. Havendo o imperador desistido da idéa de confiar a missão de organizar gabinete ao sr. Silveira Martins, e tendo sido chamado para esse fim o sr. Saraiva, approximei-me de meu sogro e perguntei-lhe se ainda se demorava no Paço. Elle me respondeu que sim. Sahimos então para tomar café e regressámos. Chegou o sr. Saraiva, conferenciou com o imperador e a nada se obrigou sem previamente entender-se com o sr. general Deodoro. Neste sentido escreveu-lhe uma carta, da qual, por pedido que fez-me meu sogro, fui eu o portador. Eram tres horas da madrugada quando cheguei á residencia do denodado chefe do Governo Provisorio. Dirigi-me ao official que commandava a guarda e disse-lhe que era portador de uma carta do sr. Saraiva para o general. O official havendo-me reconhcido, não oppoz o minimo embaraço ao meu ingresso. Subi, pois, e bati. A exma. esposa do inclyto marechal acudio e tendo-me annuciado, dignou-se

ella abrir a porta e conduzio-me para o quarto em que seu marido repousava.

Entreguei-lhe a carta e disse-lhe que a familia imperial não conhecia ainda toda a verdade sobre a situação.

O general declarou-me que havia proclamado a Republica Federativa Brasileira; que havia organizado gabinete; que fizera a Republica no memoravel dia 15, sem derramamento de sangue e sem desacato á familia imperial, para evitar que alguns dias mais tarde ella fosse feita de modo contrario.

.....  
 .....  
 .....

ROBERTO TROMPOWSKY LEITÃO DE ALMEIDA, major de engenheiros.  
 (Transcripto dos « A pedidos » do *Jornal do Commercio* de 26 de novembro de 1889.)

(2) Saraiva por essa época, era ministro da Marinha, do Gabinete de 12 de maio de 1865, presidido pelo marquez de Olinda. Em 27 de junho passou para a pasta dos Exrangeiros, porque Francisco Octaviano não o acceptara. Para a da Marinha entrou então Francisco de Paula da Silveira Lobo.

(3) Os artigos, a que se refere o imperador, desse tratado assignado em Buenos Aires a 1º de maio de 1865 por Francisco Octaviano de Almeida Rosa, Rufino de Elizalde e Carlos de Castro, são os seguintes:

« Art. XI. Derribado o actual governo da Republica do Paraguay, os Alliados farão os ajustes necessarios com a autoridade que ali se constituir para assegurar a livre navegação dos rios Paraná e Paraguay, de sorte que os regulamentos ou leis daquella Republica não possam estorvar, entorpecer ou onerar o transito e a navegação directa dos navios mercantes e de guerra dos Estados alliados, dirigindo-se para seus territorios respectivos, ou para territorio que não pertença ao Paraguay; e tomarão as garantias convenientes para effectividade daquelles ajustes sob a base de que os regulamentos de policia fluvial, quer para aquelles dois rios, quer para o rio Uruguay, serão feitos de commum accôrdo entre os Alliados e os demais ribeirinhos, que dentro do prazo que ajustarem os ditos Alliados adherirem ao convite, que lhes será dirigido.

Art. XVII. Os Alliados se garantem reciprocamente o fiel cumprimento dos convenios, ajustes e tratados que se devam celebrar com o governo, que se tem de estabelecer na Republica do Paraguay, em virtude do que foi concordado no presente tratado de alliança, o qual ficará sempre em toda sua força e vigor para o fim de que estas estipulações sejam respeitadas e excutadas pela Republica do Paraguay. Para conseguir este resultado con-

cordam que no caso em que uma das altas partes contractantes não possa obter do governo do Paraguay o cumprimento do ajustado, ou no caso em que este governo tente annullar as estipulações ajustadas com os Alliados os outros empregarão activamente seus esforços para fazel-as respeitar. Si estes esforços foram inuteis, os Alliados concorrerão com todos os seus meios para fazer effectiva a execução daquellas estipulações ».

Os signatarios do tratado da Triplice Alliança foram, como se sabe, o conselheiro Francisco Octaviano de Almeida Rosa, dr. don Rufino de Elizalde e dr. don Carlos de Castro.

Francisco Octaviano, representante do Brasil, era deputado brasileiro e se achava em missão especial no Rio da Prata.

Houve, é de todos sabido, tres missões especiaes no Prata : a de Saraiva, a de José Maria da Silva Paranhos, depois visconde do Rio-Branco, e a de Francisco Octaviano.

No apreciavel livro do sr. dr. Raul Adalberto de Campos — *Relações Diplomaticas do Brasil*, lê-se sobre a missão Saraiva (abril-agosto de 1864) o seguinte :

« Como mediador, entre o Governo de Montevidéo e o general Venancio Flores, chefe da Revolução Oriental, assignou a 18 de junho de 1864, no acampamento de Puntas del Rosario, com os outros mediadores — Rufino de Elizalde, ministro das Relações Exteriores da Republica Argentina, e Edward Thornton, ministro Britannico em Buenos Aires, e com o general Flores, um Protocollo estabelecendo as condições da pacificação. Assignaram-no tambem, mas *ad referendum*, os delegados do Governo de Montevidéo : Andrés Lamas e Florentino Castellanos. Esse accôrdo rompeu-se a 2 de julho.

O ministro em missão especial apresentou a 4 de agosto um *ultimatum* e partiu para Buenos Aires. Em 30 de agosto o Governo de Montevidéo manda passaportes ao ministro residente Loureiro. Ficam rôtas as relações entre esse Governo e o do Brasil.

Assignou em Buenos Aires, a 22 de agosto de 1864, com o ministro das Relações Exteriores Rufino de Elizalde, um protocollo sobre a posição assumida pelo Brasil no Uruguay, no qual a Argentina reconheceu o pleno direito que assistia ao Imperio de proceder na conjunctura que surgisse em suas relações com aquelle paiz, como procedem em idênticas relações todos os paizes. »

Sobre a Missão Paranhos (novembro de 1864-março de 1865) :

« Chegou a Buenos Aires a 2 de dezembro de 1864.

Conservou-se a principio em Buenos Aires, onde recebeu a noticia de que se haviam rompido as hostilidades entre forças brasileiras e as do Governo de Montevidéo em Paysandú e tambem a do rompimento do dictador do Paraguay contra o Brasil. Transferiu-se depois para a villa de La Union,

quando se estabeleceu o bloqueio de Montevideo pelo almirante Tamandaré e o assédio dessa praça pelo exercito brasileiro do general João Propicio Menna Barreto (depois visconde de S. Gabriel) e o exercito oriental do general Venancio Flores.

Dirigiu a 19 de janeiro de 1865 a Buenos Aires, uma nota ao Governo Argentino e a 26 uma circular ao corpo diplomatico estrangeiro sobre os acontecimentos do Uruguay (declaração manifesto de guerra contra o Governo de Montevideo, e reconhecimento formal do general Flores como belligerante).

Notas reversaes de 28 a 31 de janeiro de 1865 entre o general Flores e o conselheiro Paranhos, a primeira assignada em Colorado e a segunda em Buenos Aires (compromisso tomado pelo general Flores, de attender ás reclamações do *ultimatum* Saraiva, e da alliança com o Brasil na guerra contra o ditador do Paraguay).

Assignou com o general Venancio Flores chefe da maioria dos Orientaes reconhecido em toda a Republica, com excepção da Praça de Montevideo, e o plenipotenciario Manoel Herrera y Obes nomeado pelo Governo sitiado em Montevideo, a Convenção de paz de 20 de fevereiro de 1865, concluida na Villa de la Unión, acto esse de que resultou a pacificação da Republica Oriental do Uruguay e ficar o general Venancio Flores, alliado do Brasil, reconhecido como governador Provisorio da Republica Oriental do Uruguay.»

Com relação á missão Francisco Octaviano (1865-1867), diz o livro já citado :

«Tendo o dictador do Paraguay, Francisco Solano Lopez, invadido, sem declaração de guerra, a provincia argentina de Corrientes e capturado duas canhoneiras argentinas, resolveu o Governo da Republica Argentina, entrar na Alliança, já existente entre o Brasil e o Uruguay, contra aquelle dictador. Francisco Octaviano assignou, então, em Buenos Aires, com os plenipotenciarios, argentino Rufino de Elizalde, e uruguayo dr. Carlos de Castro, o Tratado de Alliança offensiva e defensiva entre o Brasil, Argentina e Uruguay, contra o dictador do Paraguay, de 1º de maio de 1865, bem como o Protocollo e reversaes relativas ao mesmo tratado. Assignou com o plenipotenciario argentino Rufino de Elizalde os Protocollos de 31 de maio de 1865 e 1º de fevereiro de 1866, relativos a dois emprestimos de 1.000.000 de pesos fortes cada um, feitos pelo Brasil á Republica Argentina. Assignou em Buenos Aires com o plenipotenciario uruguayo dr. Carlos de Castro a Convenção e Protocollo de 8 de maio de 1865, para um emprestimo de 600.000 pesos ao Uruguay, e em Montevideo o Protocollo de 5 de junho de 1865, acompanhado de uma *declaração addicional* da mesma data, relativo ás condições do emprestimo feito em 8 de maio de 1865, o Protocollo de 22 de novembro de 1865 para outro emprestimo de 200.000 pesos

e, finalmente, com o plenipotenciario Alberto Flangini o Protocollo de 15 de janeiro de 1867 para o subsidio ao Uruguay, por parte do Brasil, de 30.000 pesos por mez, durante a guerra do Paraguay.»

(4) Como deixei apontado, o conselheiro Francisco Octaviano fôra nomeado ministro dos Extranjeros do Gabinete Olinda (12 de maio de 1865), mas não tendo acceitado o cargo, foi para o mesmo transferido o conselheiro Saraiva, que occupou a pasta da Marinha em 1º de junho daquelle anno.

(5) Francisco Xavier da Costa Aguiar de Andrada, depois barão de Aguiar de Andrada, era, por essa época, encarregado de negocios do Brasil na Colombia, para onde fôra mandado a 3 de outubro de 1863, passando para o Chile, em substituição a Francisco Adolpho de Varnhagen em dezembro de 1866.

(6) O consul do Brasil no Paraguay era Amaro José dos Santos Barbosa, nomeado em 17 de janeiro de 1853.

(7) Esta carta foi escripta na viagem do imperador para Uruguayana.

E' curioso transcrever o que o *Jornal do Commercio*, de 11 de julho de 1855, publicou sobre o embarque do imperador.

« Effectuou-se hontem, segundo haviamos noticiado, o embarque de sua magestade o imperador e sua alteza o sr. duque de Saxe para a provincia de S. Pedro do Rio Grande do Sul.

A's oito horas da manhã chegaram ao Arsenal de Marinha sua magestade o imperador e sua alteza o sr. duque de Saxe acompanhados dos seus semanarios, e sendo recebidos pelos membros do Ministerio e pelos srs. inspector do Arsenal, conselheiros de Estado, Corpo Diplomatico e Consular Extranjero, Camara Municipal e deputados, senadores e officiaes de mar e terra, dirigiram-se á casa de residencia do inspector, onde sua magestade recebeu o cumprimento do Corpo Consular, cujo orador o Sr. Eduardo Pecher, consul geral da Belgica, proferiu o seguinte discurso: « Sire: Nous, les membres présents du Corps Consulaire, représentants des intérêts commerciaux étrangers, nous venons respectueusement offrir à votre magesté impériale les vœux ardents que nous formons pour l'heureux résultat du voyage que vous allez entreprendre. Sire, pour défendre l'honneur et les droits du Brésil, le commerce étranger désire avant tout la paix de l'Empire. Le Paraguay l'a troublée, et aujourd'hui nous croyons obéir à un devoir en affirmant, en présence de votre magesté impériale que dans la guerre actuelle le Brésil représente, à l'encontre de son ennemi, les vrais principes de la liberté commerciale, du progrès et la civilisation. Sire, les guerres parfois retrempent la fortune et la destinée des nations comme elles élèvent aussi leur caractère. Nous faisons de vœux pour que les sacrifices d'hommes et d'argent que le Brésil c'est imposé, avec une grandeur digne

d'admiration, soient récompensés par le triomphe de ses armes et par la gloire du règne de votre magesté impériale : le Corps Consulaire serait fier et heureux, Sire, si les respectueuses acclamations dont il salut votre magesté impériale à son départ de la Capitale pouvaient avoir assez d'écho dans l'ancien et le nouveau monde pour y faire apprécier, selon leurs mérites, les services que l'Empire du Brésil rend en ce moment, dans l'Amérique du Sud aux intérêts du commerce étranger, aux intérêts de l'humanité et de la civilisation. Sire, le Corps Consulaire souhaite ardemment aussi que la félicité accompagne monseigneur le duc de Saxe dans la carrière de dévouement au Brésil que son altesse royale commence à coté de votre magesté. Il a l'honneur de prier votre magesté impériale d'agréer l'hommage de son profond respect. Rio de Janeiro, le 10 juillet 1855. *L. A. Pritz*, consul général de Danemark. — *Edouard Pecher*, consul général de Belgique. — *Fd. Schmid*, consul général d'Autriche. — *José M. Frias*, consul général argentiñ. — *Hermann Bauck*, consul général de Hambourg. — *Alexander Lallemant*, consul général de Lubeck. — *G. Ludu Meyer*, consul général ad. int. de Bremen. — *Léonard Akerblom*, consul général par interim de Suède et Norwege. — *Gabriel Pérez*, consul général de l'Uruguay. — *Otto Kohler*, consul de Russie. — *R. Stengel*, consul de Prusse. — *Charles Rieke*, consul int. de Bavière. — *Antonio Acanaga*, vice-consul de s. m. catholica. — *Aug. Heyn*, consul d'Hanôvre et consul général de Hesse. — *David Moers*, consul de Saxe. — *Eugene Emile Raffard*, consul général Suisse. — *Hermann Haupt.*, consul ad. int. de Wurtemberg. — *Henry Laemmert*, vice-consul de Saxe. — *D. O. Mello*, vice-consul des Pays-Bas. — *Pedro B. Fernandes Chaves*, consul de Vénézuela. — *Henri Harper*, consul ad. int. du Chili. — *Manuel Calbó*, vice-consul du Pérou. — *Luv. Bonninghausen*, consul de Mecklenbourg-Schwerin. — *João Liberalli*, consul d'Oldenbourg. — *H. Riedy*, consul de Grèce. »

Sua Magestade dignou-se responder :

« Je remercie le corps consulaire d'avoir rendu justice aux sentiments du Brésil et aux miens. »

Em nome da Sociedade Auxiliadora das Artes Mecanicas e Liberaes e Beneficente foi lido o seguinte discurso :

« Senhor — A Imperial Sociedade Auxiliadora das Artes Mecanicas e Liberaes e Beneficente, partilhando a emoção que alvoroça todos os brasileiros pela resolução tomada por v. m. imperial dignando-se de testemunhar os esforços de seus filhos na guerra que o Brasil sustenta em honra de sua dignidade e direitos, nos envia em comissão perante v. m. imperial.

A Imperial Sociedade, senhor, não vê neste acto sómente o rei, encara mais que tudo o defensor perpetuo do Brasil, que não duvida sacrificar as delicias do aureo leito, bem que agitado de serios cuidados, para ir affrontar

as asperezas e riscos que se estendem nas vizinhanças do theatro da guerra. O patriotismo dos povos de Santa Cruz se acha exuberantemente manifestado pela organização rapida de um exercito de voluntarios; e o seu valor e bravura assás o têm provado os memorandos feitos de Paysandú e Riachuelo: e se animados sómente de longe pelo nome de v. m. imperial, elles espancam a ideia de bisonhos que se lhes attribuiu, que não deverá esperar-se vendo-se bafejados de perto e quasi em contacto com a augusta presença do seu adorado pae e desvelado salvador? Seus novos feitos darão logar a dizer-se como Camões:

« E julgareis qual é mais excellente,  
Se ser do mundo rei, se de tal gente ».

A Imperial Sociedade Auxiliadora das Artes faz votos ao Ente Supremo, que visivelmente protege o Brasil, pelo exito feliz desta viagem e desde já felicita a v. m. imperial pela sua desejada volta breve e gloriosa.

Rio de Janeiro, 9 de julho de 1865 — *Militino José de Macedo*. — *José Bernardes Moreira*. — *José Ferreira de Mattos*. — *Luciano Alves da Silva Junior*. — *Guilherme Pedro Dias* ».

Sua magestade dignou-se responder que agradecia a Imperial Sociedade Auxiliadora das Artes.

Sua magestade passou então revista aos corpos de voluntarios ns. 29º, 30º e 31º, que já estavam formados no Arsenal, começando logo o embarque destes e do 4º batalhão de artilharia de linha para bordo dos vapores *Oyapock* e *Cruzeiro do Sul*.

A's 11 horas, terminado o embarque, dirigio-se sua magestade ao vapor em que se achavam os membros do Corpo Legislativo, dos quaes despediu-se. Embarcando então na galeota a remos, com o sr. duque de Saxe e acompanhado dos srs. ministro da guerra e generaes Caxias, Cabral e Lamego, visitou os vapores *Oyapock* e *Cruzeiro do Sul*.

Ao passar em frente á Ilha das Cobras, foi sua magestade entusiasticamente saudado por milhares de vozes partidas dos vapores, escaleres e canôas que se achavam no canal, e pelo grande concurso de povo collocado nas eminencias daquella ilha.

Depois de examinar as accomodações das praças nos vapores, regressou sua magestade, subindo logo para bordo do *Santa Maria*, onde recebeu diversas pessoas gradas e a officialidade da corveta *Bartholomeu Dias*, que o foram cumprimentar.

Ao meio-dia largaram os vapores *Oyapock* e *Cruzeiro do Sul*, levando o primeiro os batalhões ns. 29º e 30º de voluntarios da patria e o segundo os de ns. 31º, de voluntarios da patria e o 4º batalhão de artilharia de linha, ao todo 2.200 praças e foram esperar no poço o vapor *Santa Maria*, que partiu á uma hora da tarde.

Onze vapores embandeirados e cheios de povo, entre os quaes um levando os srs. ministros da Marinha, do Imperio e da Fazenda e os membros do Corpo Legislativo, e dous com a officialidade da guarda nacional e commissão da Praça do Commercio, seguiram então nas aguas do *Santa Maria*, victoriando sempre com enthusiasmo a s. m. o imperador.

Ao chegar ao poço aquelle vapor, subiram ás vergas as guarnições de todos os navios de guerra nacionaes e estrangeiros, os quaes se achavam embandeirados em arco e nos topes, e levantaram vivas a sua magestade, que foram correspondidos de bordo de todos os vapores. Salvaram então com 21 tiros a não *Eymon*, as fragatas *Constituição* e *Astrée*, eas corvetas *D. Januaría* e *Estephania*, e as fortalezas de Villegaignon e Santa Cruz.

Em frente a esta fortaleza disseram um ultimo adeus e regressaram os vapores que acompanhavam, seguindo o *Santa Maria* na frente e depois o *Oyapock*, *Cruzeiro do Sul* e a corveta portugueza *Estephania*, com o pavilhão do capitão de mar e guerra Antonio Sergio de Souza, commandante da esquadilha.

Todos os pontos elevados e praias da cidade, desde o arsenal até a Gloria, estavam apinhados de povo, que não cessava de dar vivas e acenar com os lenços.

A fragata franceza *Astrée*, por ser de marcha mui inferior ao *Santa Maria*, não o acompanhou.

O *Santa Maria* vae directamente ao Rio Grande, acompanhando-o até aquella barra o *Oyapock*, que dalli regressa a Santa Catharina, para onde vae em direitura o *Cruzeiro do Sul*.

Ventos propícios e bonançosos os mares encontre sempre o *Santa Maria*. »

O *Jornal do Commercio*, de 10 de novembro de 1855, assim descreve o regresso do imperador :

« Estão emfim de volta á Capital do Imperio s. m. o imperador e ss. aaos srs. principes conde d'Eu e duque de Saxe, depois de uma ausencia de quatro mezes, que foram nobre e gentilmente empregados em uma obra digna do defensor perpetuo do Brasil.

Hontem á uma hora da tarde um telegramma despedido da estação da Babylonia annunciou a chegada do vapor *Genesis*, em que vinham sua magestade o imperador e seus augustos genros, seguido de perto pelo vapor *S. Miguel*.

Ao mesmo tempo entrou o vapor *Leão*, que havia sahido 24 horas antes, vindo do Rio Grande em direitura para trazer a noticia.

Logo se ouviram as girandolas e as salvas de artilharia que, como estava determinado, deviam noticiar á população o feliz e desejado successo.

Todos os navios de guerra nacionaes e estrangeiros salvaram, embandeirando em arco.

S. m. a imperatriz e as augustas princezas sahiram logo da quinta da Boa Vista, caminharam a pé até a praia de S. Christovam, e alli embarcando na galeota imperial foram encontrar os augustos viajantes, objectos de tantas saudades e cuidados.

A noticia da feliz chegada apanhara de subito toda a população, que esperava o imperador e os principes sómente depois do dia 10 de novembro : os preparativos das festas publicas não estavam concluidos ; mas as grandes e puras festas dos corações não careciam de preparar-se.

Um concurso numeroso de povo enchia o Arsenal de Marinha e ruas adjacentes, quando ss. mm. imperiaes e altezas desembarcaram, sendo recebidos com um enthusiasmo inexcedivel.

Ondas de povo se precipitaram em torno das augustas personagens, e uma explosão continuada de vivas e de acclamações fervorosas rompia de todos os seios. Mais bella festa de amor e de gratidão nunca se observou no Rio de Janeiro.

O imperador e os principes trajavam sobrecasacas militares e traziam nos semblantes os signaes da afadigosa missão patriotica que souberam tão dignamente cumprir.

Depois de terem descansado por meia hora na casa do inspector do Arsenal de Marinha, onde receberam os cumprimentos dos ministros de estado, e de muitos funcionarios publicos de elevada categoria, ss. mm. imperiaes e ss. aa. a sra. princeza imperial e os srs. principes conde d'Eu e duque de Saxe, seguiram a pé para a Capella Imperial acompanhados da sua côrte e de uma grande multidão de povo.

S. a. a sra. princeza d. Leopoldina, não devendo expor-se a maior fadiga, ficou no Arsenal, donde voltou na galeota de vapor para S. Christovão.

Em todo o trajecto da rua Direita as acclamações, as flores que choviam das janellas dos sobrados e a alegria ruidosa e entusiastica do povo deram testemunho dos sentimentos que animam toda a nação brasileira.

S. m. o imperador, sahindo do Arsenal, dispensara o palio, e acompanhado de sua tão amada esposa e de seus filhos, cercado de todos os lados pela mais brilhante guarda de honra — o povo que o ama — chegou á capella imperial, onde fez oração e rendeu graças a Deus, seguindo depois pelo interior da capella para o paço.

A familia imperial demorou-se no paço da cidade até ás cinco horas e meia da tarde, recebendo alli os membros do Corpo Diplomatico e grande numero de cidadãos.

Em todo este tempo o largo do Paço esteve atopetado de povo, que victoriava com ardor o defensor perpetuo do Brasil, e que prorompeu em novas e arrebatadoras acclamações no momento em que ss. mm. imperiaes seguiram para S. Christovão pouco antes das seis horas da tarde.

Ss. aa. os srs. conde e condessa d'Eu foram para o seu palacio.

Como se vê, o programma para a recepção de s. m. o imperador não poudo ser observado; mas o que se passou, a recepção foi tão expansiva, tão sincera e tão cheia de sentimento, tudo tão espontaneo e tão bello, que deve satisfazer ao amor da nação.

Amanhã haverá *Te-Deum* solenne em acção de graças pelo feliz regresso de s. m. o imperador, cortejo no paço da cidade e provavelmente tambem parada.»

(8) Os empréstimos foram já descriptos na nota 2.

(9) Thomaz Fortunato de Brito (depois barão e visconde de Arinos) era nosso ministro no Uruguay desde 6 de abril de 1865, tendo substituido a Francisco Octaviano.

(10) O gabinete Saraiva foi organizado a 28 de março de 1880.

Na sessão da Camara dos Deputados de 22 de abril desse anno, Saraiva deu as seguintes explicações:

« Na provincia da Bahia onde me achava recebi no dia 4 de março uma carta do illustre ex-presidente do Conselho (visconde de Sinimbú) na qual se lê o seguinte periodo:

*Sua magestade, no pensamento de evitar, quanto se possa, repetidas eleições, honrando v. ex. com a mais plena confiança, encarrega-me de me dirigir a v. ex., para consultal-o se pôde v. ex. nas actuaes circumstancias, prestar um grande serviço ao paiz, assumindo a direcção dos negocios publicos, com o intuito de obter do Senado o projecto de reforma, com as bases com que foi adoptado pela Camara dos Srs. Deputados, poupando-se a dissolução desta. V. ex. sem duvida terá lido o ultimo discurso, que sobre a reforma proferi no Senado, alli fiz novas concessões. Taes foram a maioridade do civil para gozo dos direitos politicos e capacidade dos acatholicos. O novo projecto poderá conter essas concessões e assim se tornará talvez mais acceitavel, opiniões estas que creio serão tambem as de v. ex. Peço a v. ex. que recebendo esta, se digne responder-me logo por telegramma, manifestando sua resolução pelo seguinte modo — Sim ou não — embora mais tarde me responda por carta.*

Respondi a S. Ex. por telegramma o seguinte:

*Não: leia a carta que escrevi ao conselheiro Paranaguá.*

Em seguida escrevi, pelo correio, a s. ex. o nobre ex-presidente do Conselho uma carta, na qual expunha os motivos pelos quaes não podia encarregar-me de organizar o gabinete para o fim de continuar o meu programma de reforma constitucional. Esqueci-me de deixar cópia dessa carta.

No dia 6 de março recebi o seguinte telegramma:

*«Tenho ordem de sua magestade para declarar a v. ex. que á vista da carta a que alludiu em seu telegramma de hontem o encarrega de organizar*

*o novo ministerio, para realizar a reforma pelo modo que lhe parecer preferivel.* »

Recebendo este telegramma, respondi que, em obediencia á ordem de sua magestade, partiria para a Côrte o mais breve que me fosse possivel. Emquanto me preparava para partir, entendi dever escrever apressadamente um plano de reforma, que contivesse todo o meu pensamento e do partido que represento no poder, afim de que, ao chegar a esta Capital antes de organizar ministerio pudesse offerecer a sua magestade o imperador as bases da reforma projectada. A lealdade que devo ao imperador me aconselhava esse passo. Era possivel que o meu plano de reforma pudesse parecer a sua magestade contrario aos interesses publicos, de modo que elle me recusasse a confiança com que me honrava, e então cumpria-me declinar ainda da tarefa de organizar gabinete. De facto ao chegar a esta Côrte fui immediatamente a S. Christovão e apresentei a sua magestade as bases da reforma. Sua magestade confirmou o que dissera, isto é, que eu tinha toda a liberdade para offerecer á consideração das camaras a reforma pelo modo que me parecesse preferivel. Em consequencia das novas declarações de sua magestade, que robusteceram a confiança que se dignara assegurar-me, organizei o ministerio que comparece hoje perante a Camara ».

A nova lei eleitoral foi sancionada em 9 de janeiro de 1881 — Decreto legislativo n. 3.029.

(11) Lêr o decreto n. 7.690, de 17 de abril de 1880, reformando o plano das loterias do Estado.

(12) Pedro Luiz Pereira de Souza era o ministro dos Extrangeiros e deputado pelo Rio de Janeiro. Não tendo sido reeleito, retirou-se do Governo a 3 de novembro de 1881.

Pedro Luiz era tambem notavel homem de letras e poeta applaudido. Foi um dos redactores da *Semana Illustrada*, hebdomadario illustrado, fundado e dirigido por meu pae — Henrique Fleiuss — e que durou de 1860 a 1876. Meu pae nasceu em Colonia, na Prussia Rhenana, a 28 de agosto de 1824 e falleceu no Rio de Janeiro a 15 de novembro de 1882. Em 1858, veio para o Brasil; esteve em algumas provincias do Norte, onde fez alguns quadros muito apreciaveis, especialmente aquarellas. Chegado ao Rio, estabeleceu o Instituto Artistico que depois teve por graça de s. m. o titulo de imperial. Em dezembro de 1860, começou a publicar a *Semana Illustrada*, de que fazia quasi todos os desenhos. Em 1877 fundou a *Illustração Brasileira*, que foi a melhor publicação no genero, impressa no Brasil. Deixou algumas aquarellas notaveis, como a que representa o encerramento das camaras em 1859, quadro esse por mim offerecido ao Instituto Historico. Descendia do professor dr. Henrique Fleiuss, director da instrucção publica da Prussia Rhenana e d. Catharina von Drach. Em 1867, casou-se no Rio de Janeiro com d. Maria Carolina dos Santos Ribeiro (8 de julho de 1841-27 de

fevereiro de 1910), filha legitima do commendador Luiz Mendes Ribeiro e de d. Maria Thereza de Oliveira Santos e neta, pelo lado paterno, do cirurgião-mór do 1º regimento da milicia do Rio de Janeiro, Francisco Mendes Ribeiro de Vasconcellos — o primeiro a fazer, entre nós, a inoculação do puz variolico, em 1798 —, e, pelo lado materno, do cirurgião-mór Pedro Paulo de Oliveira Santos.

Sobre meu pae, assim se manifestou o illustrado sr. dr. Ernesto da Cunha de Araujo Viana, no seu curso, no Instituto Historico, em 1915, tratando das « Artes plasticas no Brasil » :

« De 1860 data o primeiro cartaz illustrado publicado no Rio de Janeiro. Anunciava a *Semana Illustrada*, jornal de caricatura e de humorismo, de propriedade e sob a direcção artistica de Henrique Fleiuss, pintor allemão, que aqui sempre viveu, contrahiou casamento com senhora brasileira e deixou descendentes, bons brasileiros.

Nasceu na Prussia Rhenana, em 1824 e falleceu em 1882. Em 1858 emigrou para o Brasil, esteve em algumas provincias do Norte, onde pintou aquarellas, seu processo predilecto. Conheço uma de propriedade de seu filho, quadro feliz como technica e allegoria e como registo historico do aspecto, de outr'ora, da nossa cidade. Composição allegorica consiste em um grande arco, deixando vêr o panorama da cidade, e nos cantos do rectangulo vistas parciaes de monumentos e sitios importantes, e a ornamentar todo esse conjuncto : armas imperiaes e episcopaes, os retratos dos imperantes, etc.

Henrique Fleiuss pintou outras aquarellas e entre ellas citarei a que recorda a sessão solenne do encerramento do Parlamento, em 1859, quadro pertencente ao Instituto Historico. Fundou a *Illustração Brasileira*, a melhor publicação no genero, impressa no Brasil, naquella epocha. Saiu das officinas de sua propriedade denominada — Imperial Instituto Artistico. Conheci pessoalmente Henrique Fleiuss, com quem tratei, quando acompanhei, em 1876, em suas officinas, a impressão de dous pequenos mappas de estradas de ferro, por mim organizados, de ordem do visconde do Bom Retiro, mappas esses annexos ao livro intitulado — *O Imperio do Brasil na Exposição Universal de Philadelphia, em 1876*.

O primeiro cartaz do annuncio da *Semana Illustrada* consistia na ampliação da capa do seu primeiro numero. A *Semana* distribuiu o seu primeiro numero em dezembro de 1860.

A composição humoristica do titulo da *Semana Illustrada* com a « Lanterna magica », onde se lia *Ridendo castigat mores*, se conservou sempre a mesma até 1876, quando ella desapareceu do jornalismo hebdomadario.

Collaboraram no texto os mais notaveis talentos do tempo. Todos os desenhos são de Henrique Fleiuss, que creou o typo critico do cabeçudo « dr. Semana », do « moleque » e da « negrinha », personagens que aproveitou

para seus desenhos criticos e humoristicos de scenas, mas sem aggressões e diatribes. Nunca se afastou do programma — *Ridendo castigat mores*. Durante o periodo da guerra contra o Paraguay tornou a *Semana Illustrada* um jornal de documentação graphica da campanha. Publicava retratos dos nossos herões e illustrações relativas a combates e batalhas feridas no sul.

A collecção da *Semana Illustrada* é preciosa pelo lado historico da caricatura, das phazes politicas, pelos fieis retratos dos nossos homens e pela collaboração litteraria do texto.

A pagina da frente de seu primeiro numero póde se vêr reproduzida em *fac-smile* da *Revista do Instituto Historico*, tomo consagrado, em 1908, á Exposição do 1º Centenario da Imprensa periodica no Brasil.

O cartaz, que é a ampliação dessa pagina, era uma allegoria humoristica em que a *Semana Illustrada*, personificada, começa a sua viagem pela America do Sul, dentro de um hiculo puxado por genios alados, e acompanhado já pelo « moleque ». Num estandarte desfraldado se lê: — *Sol lucet omnibus* —. Nesse cartaz ha minudencias de fazer rir.

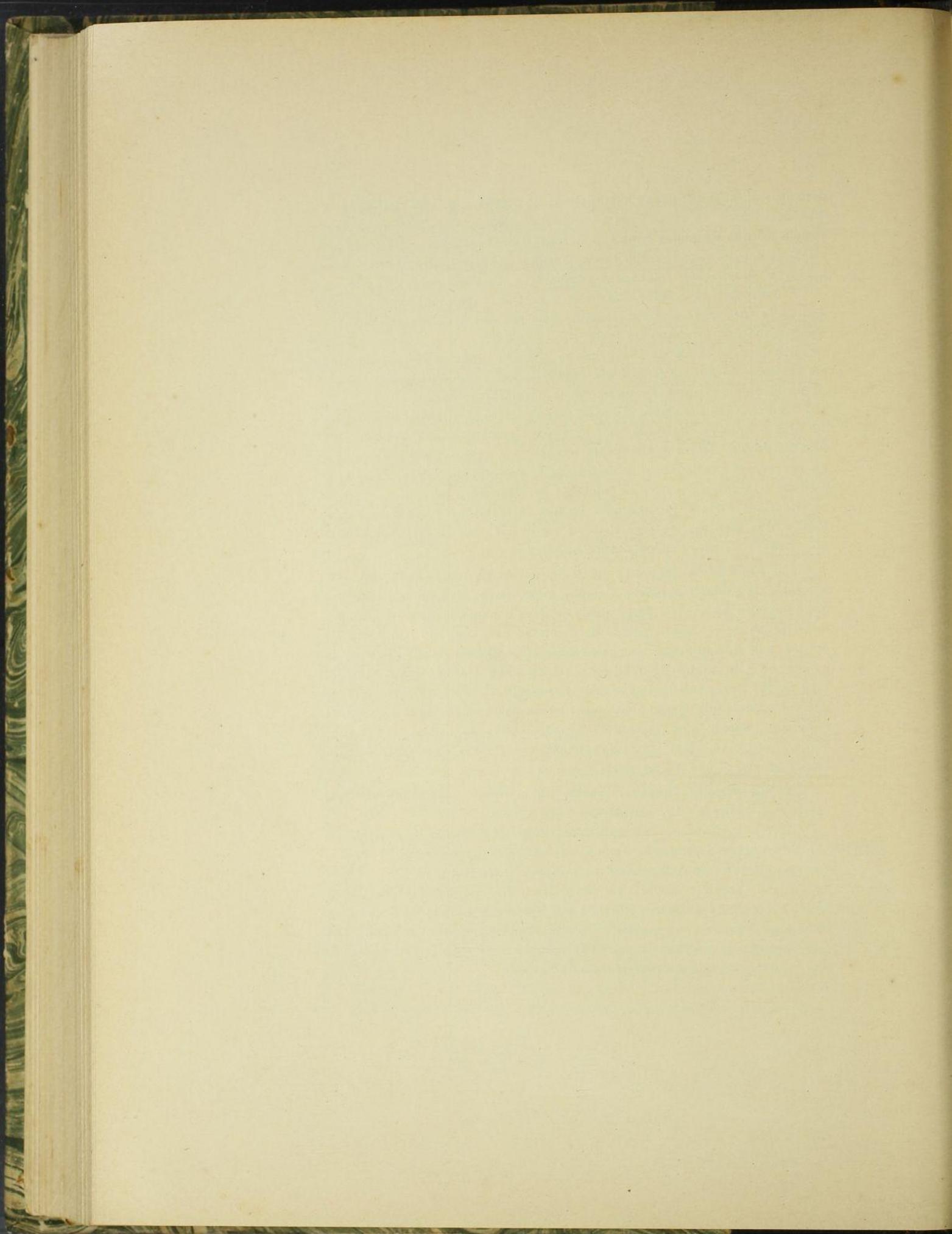
Henrique Fleiuss foi, portanto, no Rio de Janeiro, o precursor de Raul Pederneiras, de J. Carlos, de Calixto, e outros que, actualmente, collaboram nos nossos melhores hebdomadarios illustrados. »

(13) O ministerio continuou até 21 de janeiro de 1882, quando foi substituido pelo gabinete Martinho Campos. O Sr. Barão Homem de Mello, que era o ministro do Imperio neste gabinete, teve a bondade de pessoalmente informar-me de — « que o pedido de demissão collectiva do ministerio foi porque este entendia que uma vez realizada a reforma da eleição directa pela lei de 9 de janeiro de 1881, estava finda a sua missão e assim considerava do seu dever solicitar de s. m. o imperador a sua exoneração afim de que outro ministerio viesse a ser encarregado da execução da mesma lei. O imperador, porém, não acceitou o allegado motivo da escusa continuando a honrar o gabinete com sua plena confiança, ordenando que o mesmo continuasse na alta gestão dos negocios publicos ».

14) Jules-Nicolas Crevaux, medico da marinha, explorador francez, nascido em 1847 e morto em 1882, no Gram Chaco.

Crevaux consagrou sua vida a importantes explorações na America do Sul. Em suas duas primeiras viagens explorou os montes Tumuc-Humac e diversos afluentes do Amazonas e do Oyapock (1876-1879).

No anno seguinte, subiu o rio Magdalena, franqueou a cordilheira dos Andes e conseguiu attingir o Orenoco por um afluente ainda inexplorado, o Guaviara. Crevaux visitou tambem o alto Paraguay, estudando alguns dos seus afluentes da margem direita. A relação de suas viagens está publicada com o titulo: *Voyage à l'Amérique du Sud* (1883).





FRANCISCO MANUEL

E O

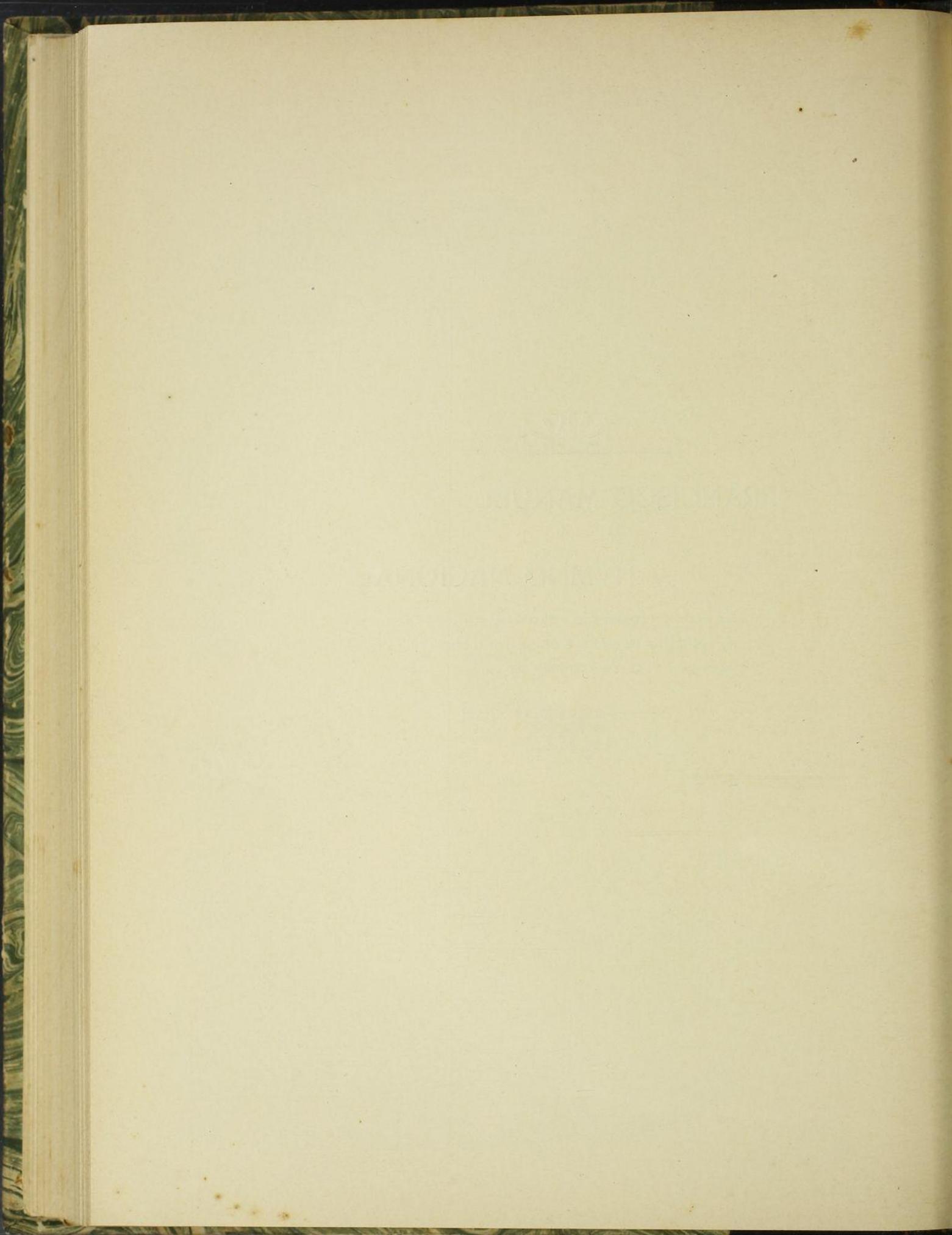
HYMNO NACIONAL

===== CONFERENCIA REALIZADA =====

NO INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO BRASILEIRO

===== A 12 DE OUTUBRO DE 1916 =====







## FRANCISCO MANUEL E O HYMNO NACIONAL

(CONFERENCIA REALIZADA NO INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO BRASILEIRO A 12 DE OUTUBRO DE 1916)

SR. PRESIDENTE — MINHAS SENHORAS — MEUS SENHORES  
— ILLUSTRES COLLEGAS.

**N**ÃO é esta a primeira vez em que, neste recinto, se fala em Francisco Manuel da Silva — o modesto, mas inolvidavel auctor do nosso Hymno Nacional. Dessa figura patricia tractaram aqui com perto de 40 annos de distancia um do outro, dous illustres trabalhadores deste venerando gremio, Moreira de Azevedo e Souza Pitanga. O primeiro, ao fazer, em 1868, succinta, porém cuidada biographia do compositor brasileiro, proclamou-o, com justiça «homem puro, simples, affavel e lhano, ao qual nunca o menor fingimento mascarou o semblante». O segundo, o nosso respeitavel e respeitado 3º vice-presidente, sr. desembargador Souza Pitanga, ao offerecer ao archivo do instituto, em 1907, uma carta de Saverio Mercadante, dirigida a Francisco Manuel da Silva, teceu a este merecidos encomios, dando-lhes a fórma eloquente que a admiração e o talento sabem inspirar.

Hoje ides ouvir apenas uma condensação do que nos foi licito aprender com os que nos precederam nesta tribuna e de quanto foi permittido colher sobre a personalidade do musico insigne, que escreveu a epopéa nacional, pois nenhuma outra denominação cabe melhor ao nosso Hymno — cujos accórdes lembram o Sete de Abril, a Regencia e a Maioridade, as grandes victorias do Imperio nas guerras externas e os notaveis triumphos liberaes do glorioso reinado de d. Pedro II, na phase accentuadamente progressista de 1870 a 1889, e, finalmente, a Abolição e a Republica.

Muito intencionalmente fizemos esta enumeração, para deixar bem visivel o character de conjuncto do Hymno, cuja musica se deve a Francisco Manuel.

O hymno, como nos ensinam os mestres, é de origem oriental; teve o seu berço ás margens do Ganges, entre os Aryas descidos do Pamir, e foi a primeira expressão da Poesia elegiaca, quando, deante da natureza, o homem primitivo, num duplo sentimento de terror e de exaltação, dirigiu invocações á aurora, á agua e mais particularmente ao fogo — Agni. Não tardou essa feição admirativa e de respeito a extender-se tambem á celebração dos reis generosos, dos principes bravos, dos sanctos, qual se verifica dos hymnarios mais remotos da Humanidade — os Védas. Esboçado na antiga civilização brahmanica, o hymno religioso aperfeiçoa-se entre os Hebreus e aformosea as paginas da Biblia, pois outra cousa não são os commoventes psalmos de David. E' ainda esse o aspecto que nos apresentam os hymnos apparecidos na portentosa elaboração intellectual greco-romana, tendo chegado até aos nossos dias a fama dos consagrados a Apollo, a Mer-

curio, a Venus, a Ceres, a Baccho, a Jupiter, assim como os hymnos orphicos; e na Hellade surgiu o canto patriotico em honra de Armodio e Aristogiton, que a libertaram da insupportavel tyrannia dos Pisistratidas. Era natural que durante a idade média, assignalada pelo pleno triumpho catholico, surgissem os mais bellos hymnos da Egreja, de character puramente religioso. Vieram depois os hymnos revolucionarios, dos quaes o mais celebre, o hymno politico por excellencia, é a Marselheza, que marca a nova era da evolução humana.

O nosso Hymno, lembrando uma série successiva de factos sociaes, possue, portanto, feição essencial ao genero, imprimindo em nosso espirito uma sensação de collectividade historica. Não ha ninguem que o desconheça por toda a vastidão do territorio brasileiro: — é, pois, a expressão musical da Patria.

Merece, conseguintemente, o seu auctor a glorificação suggerida por um dos nossos organs de imprensa.

Francisco Manuel da Silva deve, no bronze de uma estatua que lhe recorde o valor e a inspiração, ser perpetuamente exposto á admiração cultual do povo, cuja alma soube elle tão fielmente interpretar no Hymno Nacional.

Sua vida, já o disseram os biographos, — foi um longo exemplo de trabalho fecundo, de tenacidade e de honradez.

Seu éstro, si não teve a intensidade do de Carlos Gomes e mesmo do de José Mauricio (este ultimo tão bem estudado pelo saber magistral do visconde de Taunay), permittiu-lhe, emtanto, compôr as viris harmonias desse Hymno que, na phrase suggestiva de Raul Pompéia, — reflecte a grandiosidade da alma nacional.

Bem razão teve Souza Pitanga, quando affirmou que — José Mauricio, Francisco Manuel e Carlos Gomes formam a triade mais brilhante dos nossos grandes compositores.

Discipulo de José Mauricio e, por algum tempo, tambem de Sigismundo Neukomm, Francisco Manuel, fazendo parte da orchestra da Real Camara, da qual era mestre o grande musico portuguez Marcos Portugal, soffreu o primeiro revés, pois, consoante com o que assevera Moreira de Azevedo, o director, « para roubar ao joven artista o tempo de compor, passou-o do violoncello para o estudo do violino, ameaçando despedil-o, si não mostrasse muita applicação ».

Esse acto de mesquinha perseguição — aliás natural naquella epocha, em que os reinóes bem percebiam que com a nossa Independencia iam perder a preponderancia, — serviu de incentivo a Francisco Manuel para mais lhe acrisolar o patriotismo.

As contrariedades, as injustiças dão enfibratura mais energica aos espiritos fortes, que, quando lhes assiste a razão, acabam sempre vencendo.

Nas almas bem formadas é o revés o meio mais efficaz para pôr em prova o character e para fazer triumphar.

Já um dos nossos mais inspirados poetas, que foi tambem uma das glorias das nossas lettras juridicas, do jornalismo, da diplomacia e da politica, assim cantava:

« Quem passou pela vida em branca nuvem  
E em placido repouso adormeceu ;  
Quem não sentiu o frio da desgraça,  
Quem passou pela vida e não soffreu ;  
Foi espectro de homem, — não foi homem.  
Só passou pela vida, — não viveu. »

Perseguido, ferido no seu amor proprio, sentindo por momentos que se lhe annuviava o futuro, Francisco Manuel teve, de certo, assomos de intima revolta, que todavia soube sopitar e que o impelliram, numa decisão inabalavel, a apurar-se no estudo e a collocar-se superior á injustiça.

E assim foi que, em 16 de dezembro de 1833, fundou a Sociedade de Beneficencia Musical, a primeira expressão do nosso actual Instituto de Musica, hoje sob a direcção do proficientissimo Alberto Nepomuceno, que em 25 de agosto de 1907, nesse character, prestou a Francisco Manuel significativa homenagem, mandando collocar no edificio em que primitivamente esteve o Conservatorio e depois Instituto de Musica, á rua da Lampadosa, agora occupado pela Côrte de Appellação, a seguinte lapide commemorativa:

A  
FRANCISCO MANVEL DA SILVA  
MESTRE EM SVA ARTE  
AVTOR DO HYMNO DE SVA PATRIA  
FVNDADOR DO CONSERVATORIO DE MVSICA DO RIO  
DE JANEIRO  
OS  
PROFESSORES DO INSTITVTO NACIONAL DE MVSICA  
XXV DE AGOSTO DE MCMVII.

O governo de d. Pedro II — diz o illustrado sr. Rodrigues Barbosa, no capitulo que escreveu para a *Noticia Historica dos estabelecimentos do Ministerio do Interior*, trabalho organizado graças ao descortino intellectual de Amaro Cavalcanti,

« apreciando o seu patriotismo e a sua dedicação, não tardou em secundar seus esforços. Foi assim que o decreto legislativo n. 238, de 27 de novembro de 1841, concedeu á Sociedade de Beneficencia Musical, por espaço de oito annos, duas loterias annuaes, cujo producto deveria ser empregado em apolices da

divida publica, para fundo e manutenção do Conservatorio, e autorizou o Governo a formar, devido á mesma sociedade, as bases dessa instituição. Effectivamente, essas bases foram estabelecidas no decreto n. 496, de 21 de janeiro de 1847, que approvou o plano do Conservatorio de Musica, propondo-se a instruir na arte da Musica pessoas de ambos os sexos, que a ella se quizessem dedicar, e a formar artistas que quizessem satisfazer as exigencias do culto e do theatro».

O decreto de 27 de novembro de 1841 foi referendado pelo ministro Candido José de Araujo Viana, nosso inesquecivel presidente perpetuo no periodo de 1848 a 1875, hoje representado, neste venerando gremio, por um seu digno neto, o nosso prezado e illustre collega dr. Ernesto da Cunha de Araujo Viana, e o decreto de 21 de janeiro de 1847 foi referendado por Marcellino de Brito.

A criação do Conservatorio de Musica, que depois tanto relevo alcançou (tendo merecido de José de Alencar, em 1854, as mais animadoras palavras, de envolta com os mais justos elogios a Francisco Manuel), é sem duvida o maior padrão de gloria do modesto compositor, a quem o Governo imperial começou desde logo a premiar os esforços, distinguindo-o em 1849 com o habito da ordem da Rosa e elevando-o em 1857 a official da mesma ordem.

Quando, a 18 de dezembro de 1865, Francisco Manuel fechou para sempre os olhos, já havia sido assentada a pedra fundamental do edificio do Conservatorio, o que se realizara a 15 de março de 1863, tendo assistido á solennidade, além de muitas pessoas gradas, os soberanos e as princezas.

Ao partir para a eterna viagem, podia o musico patriocio estar convencido de que a sua obra vingaria. Muitas de suas composições, algumas de rara belleza, haviam

talvez de sumir-se com o tempo, que tudo consome. O Hymno Nacional e o Conservatorio, porém, de pé, a desafiar os évos, ficariam a perpetuar-lhe o nome.

Talvez elle mesmo sentisse essa impressão, quando compoz o admiravel — Hymno ás artes —, outra prova magnifica do seu estro, que vamos ouvir pela excellente banda do Corpo de Bombeiros, regida pelo competente mestre Albertino Pimentel, que ha poucos dias o instrumentou, o que tambem fez ao Hymno de D. Pedro I.

(A banda de musica executa o — Hymno ás Artes —, de Francisco Manuel).

\* \* \*

Tratemos agora do Hymno Nacional, não sem algumas palavras prévias e indispensaveis sobre os hymnos mais conhecidos da nossa terra.

Acreditou-se, a principio, que o hymno chamado da Independencia — tivesse sido da lavra de d. Pedro I, tanto a letra como a musica.

Assegurou-o, pelo *Diario do Rio de Janeiro*, em 1833, o proprio visconde de Cairú.

Mas o sr. Luiz Francisco da Veiga, em sua interessante memoria inserta no tomo XL de nossa *Revista*, deixou completamente elucidado esse assumpto.

Eis as palavras com que elle dirime a questão :

«Tendo Evaristo composto um hymno patriotico á Independencia do Brasil, isso em data de 16 de agosto de 1822, portanto 21 dias antes do grito do Ipiranga, mandou elle imprimir esse hymno, que tem o estribilho — Brava gente brasileira —, e levou 12 exemplares delle ao paço imperial. Offertando ao primeiro imperador seis exemplares e retirando-se com os outros

seis, afim de offertal-os á imperatriz, disse-lhe d. Pedro : — Para quem leva isso ? Respondeu-lhe o offertante : — Para s. m. a imperatriz. O imperador, porém, retorquiu : — Para que quer ella isto ? Dê-me mais quatro. No que foi obedecido ».

Os versos de Evaristo revelam grande ardor patriótico e definem nitidamente o momento em que foram escriptos. No volume XXXIII dos *Annaes da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro* acham-se taes versos, subordinados á epigraphe — Hymno Constitucional Brasiliense :

« Já podeis filhos da Patria,  
Ver contente a Mãi gentil ;  
Já raiou a Liberdade  
No Horizonte do Brasil.

Brava Gente Brasileira !  
Longe vá temor servil ;  
Ou ficar a Patria livre,  
Ou morrer pelo Brasil !

Os grilhões que nos forjava  
De perfidia astuto ardil,  
Houve Mão mais poderosa —  
Zombou delles o Brasil.

Brava Gente Brasileira ! etc.

O Real Herdeiro Augusto,  
Conhecendo o engano vil,  
Em despeito dos Tiranos.  
Quiz ficar no seu Brasil.

Brava Gente Brasileira ! etc.

Revoavão sombras tristes  
Da cruel Guerra Civil,  
Mas fugirão apressadas,  
Vendo o Anjo do Brasil.

Brava Gente Brasileira ! etc.

Mal soou na serra, ao longe,  
 Nosso grito varonil ;  
 Nos immensos hombros logo  
 A cabeça ergue o Brasil.

Brava Gente Brasileira ! etc.

— Filhos, clama, caros filhos,  
 He depois de afrontas mil  
 Que a vingar a negra injuria  
 Vem chamar-vos o Brasil.

Brava Gente Brasileira ! etc.

Não temais impias phalanges,  
 Que apresentam face hostile :  
 Vossos peitos, vossos braços  
 São muralhas do Brasil.

Brava Gente Brasileira ! etc.

Mostra Pedro á vossa frente  
 Alma intrepida e viril :  
 Tendes nelle o Digno Chefe  
 Deste Imperio do Brasil.

Brava Gente Brasileira ! etc.

Parabens oh Brasileiros,  
 Já com garbo juvenil  
 Do Universo entre as Nações  
 Resplandece a do Brasil.

Brava Gente Brasileira ! etc.

Parabens ; já somos livres ;  
 Já brilhante, e senhoril  
 Vai juntar-se em nossos lares  
 A Assembléa do Brasil.

Brava Gente Brasileira ! etc.

Quanto á letra, pois, não ha a menor duvida ter sido  
 de Evaristo.

A musica (hoje tambem constitue facto incontestavel) que interpretou tal letra, — a mais conhecida — é da lavra de Marcos Portugal, o grande maestro lusitano, emulo do nosso José Mauricio.

D. Pedro I, porém, escreveu, a seu turno, aproveitando os versos de Evaristo, outra musica, cujo original, todo de seu proprio punho, foi offerecido ao Instituto Historico por Francisco Manuel, a 22 de novembro de 1861.

Com effeito, no archivo da nossa secretaria encontramos o manuscripto da acta da 13<sup>a</sup> sessão deste benemerito gremio, realizada naquelle dia, com a presença do imperador e presidida pelo visconde de Sapucahi, e na qual se lê o seguinte registo, feito pelo 2<sup>o</sup> secretario dr. Caetano Alves de Sousa Filgueiras :

« Um officio do sr. Francisco Manuel, director do Conservatorio de Musica, acompanhando e offerecendo o autographo do Hymno da Independencia Nacional, todo escripto do proprio punho do sr. d. Pedro I e um exemplar dessa composição accomodada para piano pelo offertante. »

Ao que nos informou o illustre sr. dr. Vieira Fazenda, esse hymno devido a d. Pedro I, bem como o de Marcos Portugal, foram executados nesta Capital, em 1862, a 30 de março, por occasião de ser inaugurada a estatua de d. Pedro I. As massas choraes dessa solennidade eram formadas pelos alumnos de varios collegios, inclusive os do Internato e do Externato do Collegio d. Pedro II. Dentre os jovens que tomaram parte nesse choro, que foi regido por Francisco Manuel, sobrevivem, entre outros, os srs. dr. Vieira Fazenda, conselheiro Rodrigues Alves,

dr. José Americo dos Santos e dr. Ernesto da Cunha de Araujo Viana.

A nosso pedido, e graças á boa vontade do sr. coronel Americo Almada, digno commandante do Corpo de Bombeiros, bem como á competencia do mestre da banda, sr. Albertino Pimentel, acaba de ser por este instrumentada a referida producção imperial.

Ouçamos, portanto, os dous hymnos — o do compositor portuguez e o do monarcha que a 7 de setembro de 1822 proclamou a nossa emancipação politica.

(A banda executa o Hymno da Independencia, de Marcos Portugal, e o Hymno da Independencia, de d. Pedro I).

\* \* \*

Chegamos, agora, ao Hymno Nacional — a obra que immortalizou o nome de Francisco Manuel.

O sr. Guilherme Theodoro Pereira de Mello, auctor do substancioso livro *A musica no Brasil desde os tempos coloniaes até ao primeiro decennio da Republica*, faz curioso estudo sobre a arte dos sons em nossa Patria, mostrando-se profundo conhecedor do assumpto e tratando-o documentadamente. Divide o seu trabalho em cinco capitulos: Influencia indigena; Influencia portugueza, africana e hispanhola; Influencia bragantina; Periodo de degradação (esta parte quasi toda relativa á Musica na Bahia); e Influencia republicana.

São particularmente apreciaveis as paginas em que se occupa da influencia de d. João I e de d. Pedro VI. Sejam apenas permittido notar que o escriptor bahiano reservou para fecho do seu opusculo a personalidade de

Carlos Gomes, a qual, entretanto, melhor ficará enquadrada sob a epigraphe — Influencia de d. Pedro II — o magnanimo soberano que tanto amava e protegia as artes.

Referindo-se aos hymnos, dá-nos o sr. Guilherme de Mello noticia de muitos, que já vão caindo no mais completo olvido ou que só de raro em raro são lembrados, como o Hymno Academico, devido ao compositor d' *O Guarani*, a maior figura musical do Brasil.

E' justa, nesta hora, uma nova homenagem a Carlos Gomes, e nenhuma póde ser mais a proposito do que o ouvirmos o seu Hymno Academico, hoje que se procura levantar o nivel patriotico da juventude brasileira, congregando-a e preparando-a para garantia da patria.

Aos accordes desse hymno e do que Francisco Braga compoz á Bandeira, é que os moços devem marchar, com o pensamento no Brasil.

O Hymno Academico ha de despertar-lhes na alma o mais fervoroso enthusiasmo, e o Hymno á Bandeira trará á idéa o culto desse symbolo da Patria, auriverde pendão, cujo desenrolar, como exclamou certa vez Joaquim Nabuco, traz uma suggestão de patriotismo que cala na alma até ao fundo.

(A banda executa o Hymno Academico, de Carlos Gomes, e o Hymno á Bandeira, de Francisco Braga).

\* \* \*

A primeira notavel composição de Francisco Manuel foi um *Te-Deum*, por elle offerecido a d. Pedro I, o qual, cedendo ao seu genio impulsivo que tantos dissabores lhe trouxe, fez logo mil promessas de tomar a si o aperfeiçoamento dos estudos do joven musico. E' de presumir que o principe cumpriria a sua palavra, si os successos politicos

não se houvessem immediatamente precipitado até á explosão de 7 de abril. Mas o facto é que Francisco Manuel, do mesmo modo que José Mauricio, nunca saiu do Brasil, o que indubitavelmente mais lhe augmenta o valor das producções.

Entretanto, como muito bem observa o sr. Guilherme de Mello na obra já citada, o trabalho que aureolou de perenne gloria o nome de Francisco Manuel foi o hymno, que este escreveu para solennizar o episodio da Abdicação, mais tarde tornado Hymno Nacional.

O que está indiscutivelmente provado pelos documentos que compulsámos, depoimentos dos historio-graphos e chronicas mais acceitaveis, é que esse hymno foi cantado pela primeira vez no dia 13 de abril, quando d. Pedro seguiu para a Europa a bordo da fragata ingleza *Volage*. Um dos mais robustos documentos para se chegar a tal certeza é a primeira letra que se adaptou á musica.

Devido á gentileza do sr. dr. Manuel Cicero Peregrino da Silva, provector geral da Bibliotheca Nacional, damos aqui, na integra, a letra primitiva do hymno, copiada fielmente do impresso avulso n. 7.473, (Catalogo da Exposição da Historia do Brasil), pertencente á mesma Bibliotheca, e que a pags. 216 da obra que já citámos, *A Musica no Brasil*, o sr. Guilherme de Mello diz, por mal informado, haver desaparecido. Este impresso acha-se naquella importantissima repartição. Tivemos ensejo de examinal-o. Os seguintes versos, de que o mesmo se compõe, são attribuidos a Ovidio Saraiva de Carvalho e Silva, illustre poeta e advogado que se celebrizou na defesa de Ratcliff. (Nasceu Saraiva de Carvalho na villa da Parahyba, Piauihy, no ultimo quartel do seculo XVIII e

falleceu no Rio de Janeiro em 1852, como desembargador aposentado).

AO  
GRANDE E HISTORICO  
DIA 7 DE ABRIL DE  
1831  
HYMNO  
OFFERECIDO AOS BRASILEIROS  
POR HUM SEU PATRICIO NATO

Os Bronzes da tirannia  
Já no Brasil não rouquejão :  
Os monstros, que o escravisavão,  
Já entre nós não vicejão.

Da Patria o grito  
Eis se desata ;  
Desde o Amazonas,  
Athé ao Prata.

Ferros, e grilhões, e forcas  
D'antemão se preparavão :  
Mil planos de proscipção  
As mãos dos monstros gisavão.

Da Patria o grito etc.

Amanheceo finalmente  
A liberdade ao Brasil. . .  
Ah ! não desça á sepultura  
O dia Sete de Abril.

Da Patria o grito etc.

Este dia protentoso,  
Dos dias seja o primeiro :  
Chamemos — Rio d'Abril —  
O que he Rio de Janeiro.

Da Patria o grito etc.

Arranquem-se aos nossos Filhos  
Nomes, e idéas dos Lusos. . .  
Monstros que sempre em traições  
Nos envolverão, confusos.

Da Patria o grito etc.

Ingratos á bisarria ;  
Invejiosos do talento,  
Nossas virtudes, nosso ouro  
Foi seu diario alimento.

Da Patria o grito etc.

Homens barbaros, gerados  
De sangue Judaico, e Mouro,  
Desenganai-vos : a Patria  
Já não he vosso thesouro.

Da Patria o grito etc.

Neste sollo não viceja  
O tronco da escravidão.  
A quarta parte do mundo  
As tres dá melhor lição.

Da Patria o grito etc.

A'vante, honrados Patricios,  
Não ha momento a perder :  
Se já tendes muito feito,  
Inda mais resta a fazer.

Da Patria o grito etc.

Huma Prudente Regencia,  
Hum Monarcha Brasileiro  
Nos promettem venturoso  
O Porvir mais lizongeiro.

Da Patria o grito etc.

E vós, Donzellas Brasilias,  
Chegando de mãys ao estado ;  
Dai ao Brasil tão bons filhos,  
Como vossas mãys tem dado.

Da Patria o grito etc.

Novas Gerações sustentem  
No Povo a Soberania ;  
Seja isto a divisa dellas,  
Como o foi d'Abril o Dia.

Da Patria o grito etc.

Com inteiro criterio, opina o auctor d' *A Musica no Brasil*:

«... seria possivel que este Hymno fosse composto para a Coroação, quando a terceira estrophe diz:

Uma *regencia prudente*,  
Um *monarcha brasileiro* ;  
Nos promettem venturoso  
O porvir mais lisonjeiro ?

Não, mil vezes não. Além disto, a Historia tambem conta que, em principio de abril de 1833, quando se promoviam festas para commemorar o anniversario da Abdicação, os partidarios da volta de Pedro I ao governo do Imperio propalaram em todo o Rio de Janeiro que o 7 de abril havia de raiar ou sob o governo de Pedro I, ou sob um governo republicano. Realmente, a 3 de abril rompe a revolução, e o capitão Luiz Alves de Lima, depois duque de Caxias, com uma tactica admiravel, consegue em poucas horas assaltar o reducto dos revolucionarios, tomar as peças que já estavam assentadas e prender alguns dos revoltosos. Assim foi abafada a revolução e perdidas as esperanças de nunca mais voltar ao governo Pedro I.

A 7 de abril foi então entoado por Domingos Alves Pinto, que se encarregara de cantar o *solo*, e por um grande numero, de senhoras que se incumbiram do *estribilho*, no espectáculo de gala que se realizou para commemorar este feliz acontecimento, debaixo de muitas palmas e aclamações, o Hymno Nacional, que tambem se chamou Hymno 7 de Abril.»

Parece irrespondivel esta argumentação, que se basêa na verdade historica, resaltando, além disso, a circumstancia de corresponder a letra inteiramente á cadencia musical.

Ha ainda o que diz o consciencioso e erudito historio-grapho portuguez Alberto Pimentel, auctor de excellentes

trabalhos, como *A côrte de d. Pedro IV e a ultima côrte de absolutismo em Portugal*. No primeiro destes livros, a pag. 53, da 2.<sup>a</sup> edição, descrevendo a partida de d. Pedro para a Europa, a 13 de abril de 1831, afirma: —

Além disso, na Bibliotheca Nacional, ha um manuscripto original denominado — Hymno para o dia 6 de abril de 1834 —, arranjado para orchestra pelo dr. Francisco Antonio de Araujo, da Bahia, manuscripto esse que é o Hymno Nacional Brasileiro, escripto na clave de sol, para flauta (1.<sup>a</sup> e 2.<sup>a</sup>), violino (1.<sup>o</sup> e 2.<sup>o</sup>), clarineta e viola. Naturalmente foi assim preparado para alguma festividade, que solennizasse os acontecimentos de 6 e 7 de abril de 1831.

Mais tarde, entretanto, a letra do hymno foi substituida por esta outra, allusiva á coroação de d. Pedro II:

« Quando vens, faustoso dia,  
Entre nós raiar feliz,  
Vemos só na liberdade  
A figura do Brasil.

Da Patria o grito  
Eis se desata  
Do Amazonas  
Até ao Prata.

Negar de Pedro as virtudes,  
Seu talento escurecer,  
E' negar como é sublime  
Da bella aurora o romper.

Da Patria o grito, etc.

Exultae, brasilio povo,  
Cheio de santa alegria,  
Vêde de Pedro o exemplo  
Festejado neste dia.

Da Patria o grito, etc. »

Em dias mais proximos de nós, ainda lhe foi dada outra letra, mas a belleza da musica ultrapassou sempre a dos versos.

O certo é que o Hymno Nacional, além de coroar todos os grandes acontecimentos civicos, teve depois a sagração das batalhas.

Desde que saiu da alma inspirada de Francisco Manuel para a alma das multidões, nunca mais foi exquecido, e jamais o será, porque nenhum outro mais intensamente traduz o sentimento nacional. E não só define musicalmente o character do nosso povo, como tambem — na phrase lapidar de Affonso Celso — é um dos mais bellos e suggestivos do mundo.

Logo depois de proclamada a Republica e ainda durante a phase do Governo Provisorio, abriu-se concurso para a feitura de um novo hymno patrio, consoante com a transfiguração politica de 15 de novembro de 1889. Acudiram ao certame os melhores musicos brasileiros. Solennissima a audição realizada a 20 de janeiro de 1890, na qual coube a palma ao trabalho de Leopoldo Miguez. Após o hymno deste, porém, foi executado o hymno de Francisco Manuel, e o proprio marechal Deodoro da Fonseca applaudiu-o e exclamou: — Prefiro o velho.

Foi assim que, não obstante haver sido adoptada a composição de Leopoldo Miguez para Hymno da Republica, continuou a producção de Francisco Manuel a ser o Hymno Nacional. Obedecendo por esse modo ao consenso unanime do povo brasileiro, andaram com plausibilissimo acêrto os supremos dirigentes da nova ordem de cousas, guiados pelo bravo soldado alagoano, que naquelle momento synthetizou o pensar da collectividade.

E assim devia ser. Os Hymnos da Independencia, bem como o da Republica, exprimem um successo e um estado politico. O de Francisco Manuel sobreleva-os a todos, pois exprime o Brasil.

Seria, contudo, impossivel, além de sobremaneira injusto, negar as bellezas da pagina musical de Miguez, e devemos ouvil-a com o duplo respeito que merece uma obra de arte e que merece o regime governamental adoptado pela nossa Patria (A Banda executa o Hymno da Republica, de Leopoldo Miguez.

(Neste momento o sr. Conde de Affonso Celso (presidente) diz que sabendo acharem-se presentes dous netos e um bisneto de Francisco Manuel os convida a occupar o logar ao lado do sr. ministro interino das Relações Exteriores, o que se realiza debaixo de grandes applausos.

Falleceu Francisco Manuel da Silva a 18 de dezembro de 1865, aos 70 annos de idade.

Eis como, dois dias depois, noticiava o *Correio Mercantil* o triste evento :

« Falleceu ante-hontem á tarde e sepultou-se hontem no cemeterio de S. Francisco de Paula o Sr. Francisco Manuel da Silva.

Geralmente estimado como homem, por seu tracto delicado e por sua honradez, era altamente respeitado como artista.

Varias composições e de vulto contam a sua historia como professor de musica: o Hymno Nacional, diversas missas e *Te-Deum*, o hymno de guerra ultimamente executado na Eschola Central, cantatas e muitas outras composições, revelam o seu profundo talento e os grandes conhecimentos que possuia da arte a que se dedicara durante toda a vida.

O Methodo de Musica, por elle escripto para o ensino de seus discipulos, e adoptado por grande numero de professores estrangeiros, é de incontestavel excellencia.

Francisco Manuel deixa numerosos discipulos, que attestam sua proficiencia.

Até poucas horas antes de morrer, o illustre professor trabalhou, com a pertinacia, com a dedicação, com o desinteresse propios do artista que o é sómente pela arte.

A sua morte foi placida e serena, que outra não pudera ser a do homem justo, a do pae de familia honrado, a do cidadão prestante, a do artista nobre e modesto que elle foi.

Francisco Manuel morreu aos 70 annos de idade e era natural do Rio de Janeiro. Exercia os cargos de mestre da Capella Imperial, director do Conservatorio de Musica e musico da imperial camara. Era condecorado com o officialato da Ordem da Rosa.

O seu cadaver, que foi levado á mão, da casa da sua residencia até á igreja matriz de Santo Antonio dos Pobres, ahi recebeu a encommendação, executando a parte musical a Sociedade de Musica, da qual foi elle um dos fundadores ha 34 annos. Algumas alumnas do Conservatorio, que do fallecido mestre haviam recebido lições, acompanharam tambem o saimento do cadaver.

No cemiterio, antes de ser dado o corpo á sepultura, o sr. Mafra, secretario da Academia das Bellas-Artes e relator da commissão que em nome do corpo academico assistiu ao enterramento, proferiu um bello discurso mostrando a perda que soffriam a Arte e o paiz, com a morte do distincto mestre.

A Sociedade de Musica entoou, em seguida, a simples vozes, um sentido e plangente psalmo de David, intitulado *O ultimo adeus*.

Grande numero de pessoas, em que eram representadas todas as classes da sociedade, acompanharam os restos do illustre morto ao seu jazigo.

Os alumnos do Conservatorio, bem como a corporação musical, deliberaram tomar luto por oito dias, em demonstração de pesar.

O edificio do Conservatorio, cuja terminação parecia alimentar a vida do seu director, ahi fica para testemunhar o zelo e interesse com que velava pelo progresso da bella arte de Haydn, Donizetti e Verdi. »

Moreira de Azevedo, fazendo-lhe a mais absoluta justiça, assim se exprimiu :

« Esculpturando o vulto deste artista, não devemos occultar por entre louvores e gabos seus defeitos: não tinha Francisco Manuel a inspiração, o genio fecundo de José Mauricio; penoso estudo e aturado trabalho entreteceram-lhe a corôa que lhe cingia a fronte: mas ha uma composição sua de verdadeira inspiração artistica, — é o Hymno Nacional. Ainda bem. Os raios de intelligencia divina illuminaram a fronte do artista, quando cantou o Hymno da Patria. »

Francisco Manuel merece a consagração que ora se lhe projecta, de erigir-se uma herma na terra do berço. E' um acto da mais pura gratidão.

O Instituto Historico e Geographico Brasileiro traz seus applausos á benemerita idéa e presta-lhe inteiro apoio. E para tornal-o mais efficaz, lembrámo-nos de dirigir ao glorioso artista brasileiro Rodolfo Bernardelli a seguinte carta :

« Rio de Janeiro, 3 de outubro de 1916 — Meu caro Rodolfo Bernardelli — Cordiaes saudações. Venho, confiando absolutamente no teu cavalheirismo e na estima patriotica de que tens dado sobejas provas, pedir o teu inestimavel concurso para uma obra de benemerencia e de gratidão nacional. Tenciono realizar, no dia 12 deste, no Instituto Historico, uma conferencia sobre Francisco Manuel da Silva, o auctor do Hymno Nacional. Peço os teus bons officios, como competentissimo profissional, para a feitura do busto do insigne musico. Possue o Instituto Historico a mascara em gesso de Francisco Manuel, trabalho de Chaves Pinheiro. Servindo-te de tal modelo, poderás, com outros subsidios, fazer o busto daquelle artista tão distincto quanto modesto. Estou certo de que, se annuires a este pedido, facil será conseguir a fundição e assim, dentro em breve, ha de erguer-se a herma, que

commemore uma das nossas mais legítimas glórias. Aguardando a tua benevola resposta, com urgência, subscrevo-me, com apreço e estima. — *Fleius.*»

A estas linhas respondeu promptamente o grande mestre, auctor de tantos trabalhos notáveis, da seguinte fórma, que o honra sobremaneira.

Antes, porém, de ler a carta de Bernardelli, devemos informar que o illustre 2º secretario do Instituto, sr. dr. Roquette-Pinto, de todos nós prezadissimo, acaba de offercer-nos cópia de uma velha photographia de Francisco Manuel, pertencente ao sr. Pedro Cunha, tendo sido a ampliação executada pelo sr. Santos Lahera y Castillo.

Agora a carta de Bernardelli:

« Copacabana, 7 de outubro de 1916 — Meu caro Fleius — Cumprimentando-o, venho agradecer-lhe a honra que me fez, lembrando-se de mim para cooperar desinteressadamente na tão louvavel e justa manifestação ao bom e adoravel artista brasileiro, mestre Francisco Manuel. Mande-me a mascara, mande-me o que tiver para me ajudar, venha me expôr o que se pensa em fazer, pois o trabalho é de responsabilidade, e o Instituto deve se impôr. Farei tudo para secundar o seu esforço. *For ever!* — *Rodolfo Bernardelli.* »

Com essa cooperação valiosissima, que terá por certo imitadores, é licito esperar que se alteie dentro em pouco em uma das nossa praças publicas, a herma que perpetuará no bronze o auctor do Hymno Nacional.

Na base desse monumento, além do nome do inolvidavel patricio, com as datas de seu nascimento e de sua morte, deverão ser gravados os seguintes versos de José Bonifacio, o Moço, os quaes resumem admiravelmente a

existencia do inspirado musico brasileiro, para sempre vinculada ao mais nacional dos symbolos da Patria :

« Hoje podem os homens justiceiros  
Pesar-te a vida, que a virtude peja ;  
Laurear-te o busto ;  
E a saudade sem fim gravar teu nome  
Integro e puro. »

Agora, meus senhores, acclamemos o Hymno Nacional, o hymno que nasceu de uma revolução nacionalista, que celebrou a ascensão do monarcha brasileiro, que durante meio seculo acompanhou a patriotica actividade desse soberano, a quem os mais integros republicanos, como o sr. Laudelino Freire, em recente e brilhante conferencia na Eschola de Bellas-Artes, e, em nosso Instituto, os srs. Basilio de Magalhães, Erico Coelho e Alfredo Valladão, não cessam de prestar as mais justas homenagens de respeito e de veneração, o hymno consagrado pelo novo regime e que para o povo corresponde ao estribilho da sua letra :

« Da Patria o grito  
Eis se desata  
Desde o Amazonas  
Athé ao Prata. »

Com a mesma unção ha de ser executado e ouvido esse hymno incomparavel, no dia em que o Govêrno da Republica mandar vir da terra extranha para a terra da Patria os restos sacrosantos de d. Pedro, o Magnanimo, e de d. Teresa-Christina, Mãe dos Brasileiros — satisfazendo assim, não a uma idéa partidaria, mas á unanime aspiração nacional.

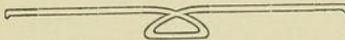
Meus senhores, acclamemos o Hymno Nacional!

(A banda executa o — Hymno Nacional — de Francisco Manuel, ouvido de pé por toda a assistencia e calorosamente applaudido, applausos tambem dirigidos ao conferencista, que por todos é felicitado).



FRANCISCO OCTAVIANO

(INEDITO)







## FRANCISCO OCTAVIANO INEDITO

«Formosa e original individualidade, fina e primorosa intelligencia, que, nas letras, nas artes, na politica, no fôro, na diplomacia, na tribuna, na imprensa, deixa luminosos e indeleveis vestigios. Não sei porque, ao pensar nella, envolto nas nossas luctas partidarias, acode-me a idéa de uma graciosa columna de marmore hellenico, emergindo do meio de chatas e pesadas construcções.»

**F**OI com essas expressões que Affonso Celso, nosso actual presidente perpetuo, pela *Tribuna Liberal*, de 29 de maio de 1889, rendeu a sua homenagem, a Francisco Octaviano, por occasião da morte deste egregio Brasileiro. Sirvo-me dellas como epigraphe para este singello estudo sobre um dos aspectos do grande vulto patricio, collocado por Ferreira de Menezes em nivel mais elevado que o do cantor do *Evangelho das Selvas*. Ellas teem, com effeito, a belleza da precisão, a nitidez raras vezes alcançada, dos julgamentos perfectos, lembrando as admiraveis syntheses com que Banville perpetuou em sua *Lanterne Magique* as figuras que lhe foram contemporaneas.

Ninguem dirá, sem duvida, que não falam á nossa alma, numa evocação daquella personalidade tão preeminente. «O sentimento de uma phrase penetra-nos, mesmo quando enunciado em desconhecido idioma», exclamava o inolvidavel autor do *Atheneu*. Esse sentimento mais nos impressiona quando, emittido em nossa formosa e opulenta

lingua, traduz uma verdade de todos reconhecida. Não ha nesta casa quem não possua vivida a lembrança (aqui não ha por certo ninguem que as desconheça) das variadas e bellas producções de Francisco Octaviano, cuja biographia, quando tiver de ser traçada, pede o mesmo cuidado que dictou a Joaquim Nabuco a obra magistral — *Um Estadista do Imperio*.

Nascido em 1825, fallecido em 1889, formado pela Faculdade de Direito de S. Paulo em 1845, tendo exercido multiplos cargos, desde o de secretario da provincia do Rio de Janeiro até ao de ministro de Estado (que, todavia, não acceitou, por justos escrupulos de consciencia), deputado, senador, diplomata, havendo insculpido o seu nome no tractado da Triplice Alliança, assignado em Buenos Aires a 1º de maio de 1865 com Rufino de Elizalde e Carlos de Castro, — por mais de trinta annos esteve Octaviano em accentuada evidencia na Politica nacional, e nesse largo trecho patenteou sempre uma série de peregrinas qualidades, intellectuaes e moraes, que o tornaram inesquecivel.

Falando delle a meu pedido, para a revista que dirigi em 1906 — *O Seculo XX* — Souza Ferreira, outro brasileiro notavel, seu companheiro e amigo, concluiu dizendo :

«Só pretendi falar da alma poetica e boa, que conheci e amei. O coração dictou, mas a mão vacillante não soube exprimir o sentimento. Cultos engenhos dirão delle merecidamente, porque foi real e proveitosa a influencia que exerceu no meio social. Litterato, — deixou em composições originaes ou imitadas, em verso e prosa, exemplos que recommendam pela elevação da idéa, atticismo, pureza e correcção de linguagem, na apreciação de obras alheias, sem entonos de mestres nem demasias de com-

placencia. Soube graduar o merito, exaltando as bellezas e apontando os defeitos; celebrou os talentos verdadeiros, animou os timidos, auxiliou os inexperientes. Estudando a indole e tendencia da nossa Litteratura, indicou o rumo que convinha seguir e os perigos que convinha evitar; não abriu escola, não estabeleceu regras, lembrando sómente que a naturalidade no pensamento e na linguagem era condição essencial para commover e persuadir. Homem politico, contribuiu com a penna e com a palavra para a victoria dos principios de liberdade, de justiça, de moderação. Sem ruido sem ostentação, porque não tinha vaidade, sem odio nem rancor, porque era bom, — dirigiu o movimento dos partidos politicos, despertando energias desfallecidas, contendo impacien-  
cias perigosas. »

Não se póde, em conjuncto, dizer mais nem melhor. E cada uma das faces apontadas importa em outros tantos capitulos da nossa Historia, que esclarecidos, porão em evidencia a acção do protagonista e a collaboração geral dos que nella tiveram parte.

Difficilmente se deparará ao investigador dos nossos annaes um contemporaneo que, alvo de conceitos tão elevados, se haja aos mesmos imposto, não como tributo despreciavel da lisonja, do interesse ou da condescendencia, porém como um direito que todos se compraziam de render-lhe.

Veja-se, por exemplo, o que no Senado do Imperio proferiu Paulino de Sousa, que o presidia, ao receber a nova do fallecimento de Octaviano, seu collega daquella Camara Alta :

« Tive a honra de enconral-o como principal adversario politico, durante longos annos e em porfiadas lutas: coube-me, porém, tambem a fortuna de ser, desde os mais verdes annos, seu sincero e particular amigo.

Pude, assim, melhor do que outrem, conhecer de perto e estimar devidamente as suas raras qualidades, porque na vida publica me via com elle frente a frente em repetidos ensejos de admirar a superioridade do seu espirito, a elevação do seu character, a nobreza dos seus sentimentos, e na vida privada, encantava-me na contemplação das suas virtudes de chefe de familia e de homem social, na expansão das nobilissimas disposições do seu affectuoso coração.

Litterato, que modelava as suas concepções pelos primores da pureza classica; jornalista sem rival em nossa imprensa politica, — Francisco Octaviano não achou horizontes que não pudessem ser abrangidos por sua vasta e formosa intelligencia. Diplomata, prestou relevantes serviços no Rio da Prata, em uma quadra memoravel; publicista, allumiou e firmou muitos pontos do nosso Direito publico e administrativo; orador, caracterizava-se pela incisão e sobriedade, que são o apuro da eloquencia parlamentar, dizendo o mais possivel no menor numero de palavras; estadista, teve sempre a intuição das circumstancias e das necessidades politicas de cada epoca; chefe de partido, era idolatrado por seus correligionarios, que aconselhava e guiava sempre com moderação e firmeza, com decisão e prudencia.

Na phase da reconstituição de seu partido depois de 1860, Francisco Octaviano não era sómente o arbitro da nossa Politica: pôde-se dizer que elle foi então o partido liberal. Seu adversario de tantos annos e em tamanhas lutas, praz-me, senhores, ainda antes de se confundirem com a terra da patria os seus ultimos despojos desta vida, honrar deste logar a sua memoria, e, no momento de recolher-se o seu elevado espirito á esphera serena de luz e harmonia, onde mais resplandesce a omnipotencia divina, render-lhe a homenagem do meu reconhecimento e tambem em nome da provincia que represento. »

Lafayette Rodrigues Pereira traçou de Octaviano o seguinte perfil, que tambem não posso furtar-me á necessidade de transcrever, não obstante o accumulo de ci-

tações, pois que todas estas servem para engrinaldar o vulto do benemerito compatricio :

« Octaviano foi porventura o Brasileiro que no ultimo seculo escreveu o portuguez com mais pureza, propriedade, graça e elegancia, reunindo o dom da clareza á excellencia da concisão. Tudo que caiu da sua penna, versos, folhetins, critica, artigos politicos e até as *cartas particulares*, são primores de pensamento e de phrase. Comprehendeu e realizou, melhor do que ninguem entre nós, o typo do que é e do que deve ser o jornalista politico, esse agitador de idéas e discutidor de factos. Interpretava, com maravilhosa sagacidade, o pensar, o sentir, as preocupações e ancias do dia, e as traduzia em artigos curtos, vivos, incisivos, scintillantes de espirito e de finissima ironia, sempre á luz e sob a logica dos seus principios. E' ahí que está o segredo da magica influencia que exercia na opinião publica. Cada leitor sentia-se encantado, porque se lhe deparava expresso numa lingua clara, e formulado cheio de nitidez e precisão, o que na mente lhe fluctuava vago e indeciso. Na critica litteraria, culminava por um juizo firme, seguro, infallivel, que desenvolvera, educara e fortificara na cultura intelligente dos mais bellos monumentos das letras antigas e das modernas. Deram-lhe os contemporaneos, e com plena justiça, o sceptro da Critica.

« As Semanas », que, por muitos annos, escrevera para o *Jornal do Commercio*, são verdadeiros modelos do genero, que ainda hoje entre nós não foram equalados. Nas poucas composições poeticas que deixou, — que delicadeza de sentimento, que formosura de ideaes, que harmonia de lingua, que atticismo! Octaviano possuia ainda, em grau eminente, os talentos do homem de Estado. Intelligencia de rara penetração, via com admiravel segurança o dia de amanhã. Sabia o passado e tinha intuição do futuro. Não cultivou com assiduidade a tribuna politica mas os discursos que proferiu em uma e outra Camara, de que foi ornamento, — pela solidez e elevação do pensamento, pela correcção da fórmula, pela perfeita intelligencia das circumstancias do debate, pelo espirito, pela agudeza e velado do sarcasmo, — lhe asse-

guraram, fóra de toda duvida, as palmas de orador parlamentar.»

Não desejo, porém, com um exordio demasiadamente longo, desnaturar o fim desta palestra: — vou, por conseguinte, resumir, para não perder o alvo collimado.

Ha um aspecto da vida de Octaviano, que a muito poucos foi dado conhecer e que hoje se offerece completamente inedito. E' a sua expansão intima, em cartas pertencentes ao archivo do nosso Instituto, — umas dirigidas a José Carlos de Almeida Arêas, visconde de Ourém, e outras a José Antonio Saraiva.

Nessas paginas de intimidade flagrante, escriptas sem receio da publicidade ou mesmo da simples divulgação, — e, no entanto, escriptas com o mesmo estylo encantador das demais lucubrações do illustre Brasileiro, — é que se revelam, a toda luz, os altos predicados do seu espirito e a grandeza de sua alma, cujos estados se denunciam, segundo as vibrações do momento, sem resvalar nunca na banalidade e reflectindo toda a extensão do seu valor pessoal.

A primeira série de cartas, catalogadas na collecção «Ourém», abrange o decennio de 1844 a 1854. Constitue, portanto, a expansão de um amigo a outro da mesma idade, ambos na primavera da vida, ambos cultos, — *ambo florentes ætate, arcades ambo*, — ora confidenciando dissabores que parecem trazer em seu bojo o mais tetrico porvir, ora entretecendo illusões, ora vibrando gritos de alegria pela victoria facil desses tempos primeiros da existencia de um grande espirito.

Octaviano e Arêas eram, nessa epocha, como irmãos. Viviam na comparticipação immediata de todas as sen-

sações. Si a distancia os separava aproximava-os espiritualmente a mais assidua e affectuosa correspondencia.

E quem era José Carlos de Almeida Arêas?

O visconde de Ourém, na expressão feliz e justiceira de eminente publicista que o conheceu muito de perto, foi— «o jurisconsulto que, no estrangeiro, mais honrou o Brasil e mais serviços prestou ás lettras juridicas».

Nascera tambem no Rio de Janeiro em 1825; formou-se em S. Paulo em 1849, e exerceu diversos cargos publicos, chegando a director geral do Contencioso e depois a ministro do Brasil na Inglaterra. Pertenceu ao nosso Instituto. Fez parte de diversas commissões importantes, quaes a do inquerito sobre o estado da circulação, a do exame do projecto de Codigo Civil de Teixeira de Freitas e a do exame do Acto Addicional, em que teve como companheiros a Pimenta Bueno e Francisco Octaviano.

Nos ultimos tempos, não podendo, por falta de saude, continuar na carreira diplomatica, foi nomeado superintendente geral da immigração na Europa, cargo que resignou, quando foi proclamada a Republica, mas ao qual voltou, em virtude de instantes solicitações do Governo provisorio.

Deixou diversos trabalhos dados a lume, entre os quaes salientarei os seguintes: *Quelques notes sur les institutions de pervoyance du Brésil* (Paris, 1878, e Pau, 1878, 50 pags. in 8°); *Le Brésil, Notice générale sur la session parlementaire, 1817* (Paris 1878, in 4°. Separata do «*Annuaire de législation étrangère*», publié par la Société de Législation Comparée, t. VII); *Le Baron de Cotegipe. Esquisse biographique* (*Extrait du journal «Le Brésil»*. Paris 1877, in-4°); *Brésil* (Artigo em collaboraçaõ na *Grande Encyclopédie*); *Le Brésil par E. Levasseur, avec la collaboration*

de MM. de Rio-Branco, Eduardo Prado, d'Ourém, etc. (Paris, 1889).

O barão do Rio-Branco,— glorioso nome que nesta casa se ha de sempre repetir com o mais augusto respeito, — tributava os maiores louvores á collaboração de Arêas no *Le Brésil*, de Levasseur, pela competencia com que tractou elle da legislação brasileira naquella esplendida collectanea sobre a nossa patria.

E' de facto, um estudo summario, mas exactissimo, de todas as nossas leis, desde a promulgada pela Constituinte, a 20 de outubro de 1823, adoptando como nacional a legislação da antiga metropole, até aos ultimos actos e disposições promulgadas no Brasil, ao tempo da publicação da obra de Levasseur.

Cumprê consagrar algumas palavras á passagem de Arêas pelo nosso gremio.

Proposto para socio, em 16 de outubro de 1885 a Comissão de Historia, pelo parecer de Joaquim Norberto de Sousa Silva e Manuel Duarte Moreira de Azevedo, disse serem as obras do então barão de Ourém dignas do mais alto apreço, e em 1886 a Comissão de Admissão de Socios, em juizo firmado por Olegario Herculano de Aquino e Castro e barão de Teffé, applaudia a sua entrada em nosso sodalicio. Tendo Arêas fallecido na Europa a 29 de junho de 1892, o orador do Instituto teceu-lhe sentido necrologio na sessão magna de 15 de dezembro do mesmo anno.

Passo agora a ler algumas das cartas de Octaviano ao seu grande amigo, não sem o cuidado de omittir alguns nomes, que fôra grave indiscreção publicar.

A primeira — note-se que obedeço á ordem chronologica, refere-se aos amores dos vinte annos e ás theorias

singulares, mas evidentemente sinceras, que o talentoso Brasileiro, saturado do romantismo naquelle tempo, bordava então a respeito da mulher.

Ei-la :

« 20 de janeiro de 1845, 11 horas da manhã. Arêas — Hoje estou completamente calmo, até estou alegre. Acabei de escrever ao Costa um bilhete todo mundano, todo de futilidade. — Por conseguinte, o que te eu disser não é resultado de alguma sensação dolorosa. Repito-te, estou calmo —. A X., typo especial de organização excentrica, genio de poeta em corpo delicado, de que só podem dar idéa as fôrmas vaporosas dos cantos de Ossian ou as vozes phantasticas dos contos de Hoffmann, não sei por que contrariedade fatalista, não é em cousa alguma a mulher de meus sonhos, e bello ideal de minha imaginação. Será por que sou materialista? Será porque sou espiritualista? Nem eu mesmo sei o que sou, como saberei a causal de minhas tendencias? A mulher deve (a meu pensar) reunir ao angelicismo, que resolve nossas aspirações celestes, — fôrmas terrestres que falem aos nossos frenesis. . .

A mulher deve ter o coração e o intimo sentir da virgem, e o appetite da cortezã. Si eu fôra poeta da palavra, como o sou do pensamento, havia de fazer uma epopéa satanicamente divina da mulher de meus sonhos.

Sei que é um monstro, que se não realiza segundo o pensar quasi universal. Porém, será completamente exacta essa opinião?

Portanto, já vês que a X. não póde entrar em scena, quando se trata de paixões: respeito-a, idolatro-a, porém como idolatro uma irmã, ou antes, a X. não é para mim uma mulher, é só a primeira parte do meu poema, é um anjo.

Mas — dirás tu — porque então deliravas (deliras, talvez) pela XX? E' incontestavel que ahi só ha a materia, as fôrmas de demonio, a argilla bem preparada, o vicio em germe; — nada existe de poetico. Concordo que pelo lado psychico — só achamos na XX. inaptidão ou nullidade. Porém (aqui vem o materialismo)

as fôrmas! . . . as fôrmas! . . . Logo, pôdes concluir, não ha duvida de que o teu romance-mulher se resolve em uma massa de carne amoldada para o prazer. Eis ahi o *difficile* do systema.

Em verdade, eu sou um amalgama de incoherencias. Eu quero a mulher, mais pelos resultados physicos do que pela belleza moral. E, por isso, sou mais inclinado ao culto da Venus pagã do que ás lendas do Christianismo, que divinizam as Onze Mil Virgens. Porém, como ao mesmo tempo tenho concepções tão es-piritualistas acêrca do Bello? Talvez possa explicar o meu desvio pela XX. Lembras-te daquella expressão de Hugo Foscolo — «mulher de circumstancias criticas»? Pois bem; — em um dia de muito pensamento, de muita tristeza, de muito humor, de muito byronismo, — eu pensei, zanguei-me, e julguei que devia ser infeliz, tivesse ou não motivo para isso. — Era o terceiro dia da minha estada em S. Paulo. Por experiencia propria, deverás saber o que é um terceiro dia em S, Paulo, quando se ha deixado familia, amigos de infancia e de collegio e illusões tão gratas! Ora, desde pequeno, notavam em mim os velhos e os experimentados uma tendencia ao desregramento, — que no estylo parlamentar se chama scepticismo. Pois sim, eu duvidava, — mas então duvidava só do mal: hoje duvido do bem.

Assim, portanto, sceptico e misanthropo antes de tempo, fui á casa do Gavião entregar uma carta *of apresentation*, como diz o caustico Fielding.

Antes de tudo, note-se que eu havia deixado os bancos das escolas e que, percorrendo a historia, só achara tres periodos poe-ticos: — republicas romana e grega, feudalismo e revolução fran-ceza —. Ora, quem ha que, lendo essas paginas da idade média esses torreões, esses castellos feudaes, e no meio delles as for-mosas castellãs, com a sua aristocracia de fôrmas e maneiras, com suas pretensões de hierarchia, dominando as vontades de seus rusticos senhores, excitando as proezas nos torneios e ba-talhas, — quem ha, digo, que não lhe sinta bater o coração, não deseje trocar os dias de hoje, dias tão mercantilmente nojentos, pela existencia dessas éras? — Oh! o poeta! o poeta! exclamas.

Porém, eis-me com a minha carta de apresentação: entro no salão do castello, e após longo aguardar, como diria um jornal de nossas cousas, — apparecem as senhoras.

Terás observado que a XX., no primeiro relancear de olhos, quando se assenta negligentemente, é uma bella mulher. Não sei por que descuido da Providencia (a Providencia! . . .) eu a vi, e é verdade que estava tão triste e tão silenciosa, que evoquei ás reminiscencias dos seus estudos historicos. — Pensei no destino dessas bellezas desgraçadas, de que tanto nos rezam as chronicas da Cavallaria —. Dahi a fascinação.

Portanto, a XX. é para mim uma impressão, — talvez inextinguivel. Amo-a — hoje póde ser que por systema, ou, como dizes por organização.

No decurso da minha vida tenho visto mulheres mais bellas, mais romanticas, mais typicas. Porém, nenhuma dellas é a mulher das circumstancias criticas.

E agora, dirás tu, o que esperas? Espero. . . espero não sei mesmo o quê. Mas o que sei é que a amo. E vê como são as cousas tão fatalmente arranjadas, pelo que te vou contar. Tendo sondado a razão que me ligava á XX., resolvi curar-me homœopathicamente. Ha dias, acordei tendo nauseas da vida, tendo nauseas de tudo — bom, estou byroniano. Recebi uma carta de um credor pedindo dinheiro, quando eu não tinha real: — bom, estou poeta. Contaram-me que um amigo fôra maledico a meu respeito: — bom estou sceptico.

Byroniando, e poeta, e sceptico, sahi de casa e fui á chacara do Luiz ver a X. Não estava em casa. Ora, si estivesse, si eu a visse tão pallida, como está sempre, com os seus olhos celestes, com sua testa de grande genio, com seus cabellos castanhos, pensativa, deslizando as mãos de uma pallidez morbida por sôbre o teclado e traduzindo por sons as suas dores e visões de artista, o que se seguiria? . . .

Tres horas, agora acabo de jantar e de beber á tua saude. A Anninha entregou tua carta. A resposta foi que te não escreveria. Deixo os commentarios ao teu Haroldismo.

Sê mais feliz do que teu amigo — *Octaviano.*»

Esta outra, escripta cêrca de tres mezes depois da anterior, contém referencias a varios politicos eminentes do Imperio, entre os quaes o depois visconde de Sepetiba, e a occurrencia da vida social e mundana do tempo. Della reçuma tambem a vívida saudade, nimbada de triste desesperança e delicados augurios, do amor que lhe redourara a alma em S. Paulo.

Rio, 13 de abril — Arêas, amigo — Recebi a tua de 30 do passado, estando em casa do Moreira, onde empreguei logo tuas recommendações, que retribuidas foram. Em primeiro lugar, diz ao João Motta, si o vires, que dê cópia de sua figura.

O Aureliano deu baile sabbado passado, e hontem partida. Convidado para ambos, a nenhum assisti. Hontem estive até 12 horas da noite em casa de Manuel Felizardo. Hoje estou só, na cidade, em nossa casa, porquanto minha familia está na chacara de minha irmã: só e saudoso. Sinto bem a reprovação do Brusque e mais sentirei si Machado levar algum *r*; tudo ha a receiar dessa gente! E eu que me ia sujeitar aos Vandalos! Li no *Jornal do Commercio* os versos do gentilhomen Vergueiro: serão do mesmo Vergueiro de 1842?

Apreciei o que me disseste das serenatas do Robio. Bravo! muito bem!

A semana santa esteve, como de costume, esplendida; pouco folguei, por não ter com quem. Hontem tocou-se a polka no Convento de S. Bento, no orgão da egreja, na occasião de apparecer a a Alleluia! Bravos!

De quando em quando — sumido sim, porém ainda amargo — um sentimento que outr'ora tanto me deixou, apparece meio saudoso, meio ironico, quasi um *ricordar dei tempi felici nella platitude*. Bem sabes por quem. Deus a fade e os homens a venerem, S. M. lhe dê um bom esposo, com farda bordada e botões de metal. Quanto a mim...

Mais pedra de escandalo: — tocaram-se em S. Francisco de Paula quadrilhas francezas; em S. Bento, além da polka na

ocasião do «Gloria» tocaram aquella arieta da «Rosalina», no *Barbeiro*.

Para mais civilisação — *bal masqué aujour d'hui, sous la direction de son excellence Abreu e Menezes*.

São tres horas da tarde: — vamos ao infallivel, monotono e estúpido jantar. O Cabral da Candiani convidou-me para ir ouvi-la! Bem a *contra-cœur* lá não fui.

Adeus, meu amigo. Nosso Senhor Jesus Christo te conserve piedoso, bom, estudioso e amigo do — *Octaviano*.

Eis agora uma das cartas mais interessantes da expansão intima de Octaviano a Arêas. E' o reflexo perfeito da instabilidade de temperamento de um moço de 23 annos, confessado nella. Ao lado de um desanino absoluto, que lhe dava a antevisão de um lobrego futuro, aquella alma romantica, influenciada de mais pelas operas tragicas cuja audição não perdia, — não sei si attraído pela boa musica ou pelas fórmulas esculpturaes da Candiani e da Adeodata Lasagna, á formosura da qual se referia em outros documentos, que deixo de citar, por excessivamente licenciosos, — comprazia-se ao mesmo tempo em alardear descrenças profundas e menospreço pela mulher, quando da penna lhe cahiam confidencias sinceras que oppunham a isso o mais formal desmentido. E' o que se verifica pelas linhas seguintes:

— « 6 de junho (de 1848) — Meu Arêas — Eram 11 horas da manhã: o dia estava chuvoso e feio. Vesti-me, mandei vir um tylbury, fui ao Pharoux, pedi almoço, e assentei-me em frente do mar.

Em frente do mar pensei em tí. Cheguei a Santos, subi a serra, passei o Ipiranga, apeei-me em tua casa, abracei-te, deitei-me em tua cama, accendi um charuto, e conversámos. Oh! que deliciosa conversa! nossos tédios, nossos amores, nossas saudades; musica,

mulheres, estudo, litteratura, teus versos, os meus; o Rio, o theatro, o baile, as mulheres de cá, o Cosme, as minhas tardes, a rêde, os arrebóes do sol no oceano; os velhos tempos; a X, a XX, a S., a outra, a N., os passeios á Luz, ao O', os braços redondos, a Varzea, o Charles; emfim tudo nos lembrou e sobre tudo conversámos...

Veio o *garçon* tirar-me de lá para o hotel e para o almoço. Almocei, paguei, saí, e eis-me de volta, morno, tibio, estúpido e não sei que mais.

O tempo vae serenando: hoje temos *Favorita* nos Francezes e *Prisão de Edimburgo* nos Italianos. Na primeira estréa-se Mme. Harliow, voz stentorea, lasagnesca, mas afinada; na segunda canta a Candiani a parte de «Joanna», louca por desespero de amor, como sabes.

E' a melhor cousa que a Candiani tem cantado, depois de seu reaparecimento; a redacção não foi bôa; é a parte que a Candiani tem cantado melhor, depois de seu reaparecimento, porque acima de tudo está a *Somnambula*.

Quanto de ti me lembrei, sempre que ouvia a *Somnambula*! Que musica suave, doce, melancolica, simples e bella! Que idéa feliz a de uma pastoral (a phrase cheira a igreja), a de um idyllio, em que a moça mais fiel têm de soffrer as desfeitas do seu amante, que a suppõe traidora, e que por fim se desengana e se congrraça com ella! Que motivos musicaes tão novos, tão tocantes!

E que musica oportuna! Ha tempos a esta parte tenho soffrido tanto, tenho sentido tanto, que as emoções tristes me fazem bem, me commovem e me deixam o coração mais desafogado.

A pobre da Leopoldina, temo-la visto varias noites em agonia, a lutar com uma molestia cruel, que ora parece extincta, ora reaparece com furor. Temos pouca esperanza de que os nossos cuidados e votos tenham fructos.

Ella ainda não pode ir para o Rio-Comprido, cujos ares, ao dizer dos medicos, poderão ser proficuos.

E é assim, meu Arêas, que vai a minha vida se escoando neste Rio de Janeiro, sem vislumbres de melhor futuro, ou, antes, com certeza de empeioramento.

Não penses que é ainda isto um discorrer da penna nos dias de *spleen*: é uma triste convicção que de ha muito me calou na alma, ainda no Cosme, e da qual já te dei parte. Estou com 23 annos e já estragado, prematuramente velho, descrente, desapontado, não tenho acção, não tenho intelligencia; não posso trabalhar com consciencia, nem pensar com calma: julguei-me muito elevado, assim me fizeram crêr que o era as lisonjas dos que me cercavam, e hoje conheço que as azas, que sobracei, eram azas de Icaro, com as quaes, si ainda pretender voar, nem ao menos terei a honra de ir dar um nome ao caudaloso Erydano, mas sim a vergonha de me sumir em algum fosso enlameado.— O mesmo me succedeu com as mulheres e com tudo; tanto pensei nellas e tanto as poetizei, que hoje soffro dellas e por ellas tudo o que o reverso do quadro devia de me trazer.

A mulher está em mim, dentro de meu pensamento, dentro de meu coração, com todas as nevoas da poesia e com todos os raios do amor; mas, quando abro os olhos, quando applico o ouvido, quando falo, quando a toco, encontro as nevoas e os raios, porém, sem poesia e sem amor; a mulher então é prosaica, desenhada, insulsa, garrida, ridicula e sobretudo estúpida. . . termo fatal e idéa mais fatal ainda! Não comprehende, nem sonha, que ha uma fibra de mais no coração do homem-poeta, um sentir mais particular, que corresponde, no som, ás vibrações; na perspectiva, ao crepusculo; nos aromas, ao perfume da violeta; sentir que não acha echo nas sensações ordinarias e comezinhas, mas sim nas sensações vagas e indefinidas, como quando nos engolfamos na vista do oceano, nas nuanças do céu, no murmurinho do campo; sentir, enfim tão delicado, que uma palavra mais aspera, e um gesto mais rude nos causa uma dôr, um quebrantamento interior, que não se explica. . .

Póde a mulher de nossos dias, de nossa sociedade, comprehender isto? Na edade média e (meu Deus! que tempo!), a mulher, com a mão na face e com o cotovello na pedra lisa da janella do castello de seus paes, podia ter sentimentos mais generosos. As guerras, os torneios, as justas, não eram da natureza dos traficos e mercadejamentos de hoje: o merito do homem e o

seu valor não se escreviam com cifras, porém, sim, com sangue e com feitos de bravura.

A moça, piedosa e de altos pensamentos, commovia-se com a narração dos perigos que o pobre cavalleiro affrontara, com os seus rasgos de valentia e de nobreza de alma, e, á maneira de Desdemona, suspirava, e este suspiro era já de affeição singela, sem calculo.

Hoje, estraga-se a menina, vicia-se a natureza, e aos 15 annos compram-lhe um marido ou vendem-n'a a um marido.

11 1/2 da noite — Fui aos Italianos e aos Francezes. Vi tua mãe e fallei-lhe. Até amanhã. Cantou-se a *Prisão de Edimburgo*. A Candiani cantou bem. — Sempre louca e sempre pelo mesmo motivo, quer na scena quer em casa! — Lá encontrei o Justiniano e falámos em ti. Adeus.

6 de julho, á 1 hora da noite — Fôra crime não te consagrar duas linhas hoje: estou com somno, porém quero dizer-te que saio da Philarmonica, onde houve ensaio geral, e a Henriqueta cantou maravilhosamente. Como era ensaio, e havia pouca gente, estive da parte de dentro entre as duas irmãs, e que noite! A H. deu-me um cravo, ou, melhor, consentiu que eu a despojasse de um cravo; estou agora mesmo aspirando-o. Não o sentes, meu amigo? Aqui te deposito uma folha, que toquei. Disse-me de passagem que amanhã (hoje) iam á *soirée* Castilho e que eu deveria ir; exprobrou-me não ter ido á partida para que me haviam convidado, etc. A Mariquinhas conversou commigo sobre a nossa infancia, sobre os dias em que brincavamos innocentemente

Que composto de contradições que eu sou! — Veja-se o que te escrevi hontem, e este phrenesi com que falo daquellas duas irmãs Adeus.

9 horas da noite — Acabo de escrever ao Paula Sousa uma longa, enjoativa e prosaica exposição acerca de tres methodos de constituição das Secretarias de Estado, que nos chegaram, dous da Inglaterra e um dos Estados-Unidos. Tomei algumas medidas para o meu estabelecimento typographico, que pretendo montar. Fiz as contas da *Gazeta* do mez passado, e mandei-as ao Cesar, para leva-las ao Thesouro. Parece que não é pouco o que tenho

feito; mas convém declarar que, depois que me despedi de ti, tive uma dôr de dentes que me tirou o somno; em consequencia do que, vim para o escriptorio ás tres horas da noite ou da manhã, e já são nove passadas. Chega-me agora o rapaz da casa de minha mãe, e diz-me que a Leopoldina está melhor.

7 de julho — 8 da manhã — Fui hontem á *soirée* Castilho. As *mulheres* não foram: *desappointment!* Havia algumas moças interessantes, v. g. a Guido; porém eu preferi jogar. A ausencia *dellas* fez-me ganhar 37\$ ao voltarete a tostão. O que são cousas desta vida! Si estivessem presentes, eu teria perdido, naturalmente.

8 de julho — Vou fechar esta. Hoje estou de *blue devils*. Adeus, meu amigo. Até á proxima.

« Teu do coração — *Octaviano.* »

Esta outra ainda fere a mesma tecla, isto é, constitue uma curiosa gamma de sentimentos, não direi insinceros, mas inadequados á venturosa e florea existencia do moço patricio, que não podia e não devia ter o desalento cruel, que apregôa nella. Longa e elaborada com interrupções, exprime varios estados de alma do seu signatario, encerrando, como as já precedentemente citadas, interessante apreciação da mulher, que era a these muito do agrado de Octaviano, e lindos trechos descriptivos, que a penna scintillante do joven poeta lançou despretenciosamente no papel.

Eil-a:

« Rio — Meu querido amigo — E' a primeira vez, desde que partiste, que tenho vontade de conversar largamente. Não sei que lethargia me tomou durante todo este espaço decorrido desde a tua partida até hoje, que tinha tédio até de vêr papel e pennas: não sei o que se passa em mim actualmente; o que é facto é que tenho necessidade de silencio, de repouso, de fechar os olhos e de su-

mir-me por ali afóra nas minhas recordações, os meus desejos, nos meus sonhos, e tanto e tanto, que ás vezes se vão horas e até mesmo dias inteiros, sem que outra cousa eu haja feito mais do que sonhar acordado.

Poesia! — dirás tu —. Não, meu amigo: é um tédio de livros e de letras; é um enjôo da vida, que se traduz nesta lethargia: talvez mesmo eu já esteja gosando dos gosos precusores da morte. Não ha aqui a menor sombra de phantasia, nem de *spleen* de poeta: ha simplesmente verdade! O teu amigo está perdido para tudo o que ha de emoção, vai-se atonizando a pouco e pouco, e, quando chegar o seu *consummatum est*, nada terá que o prenda a este mundo, como uma lembrança, uma saudade, nem mesmo uma aspiração.

Tambem dou parabens ao meu destino, por vê-lo assim! E por que não? — Moço, tendo tido tantos sonhos mallogrados, tantos desejos loucos, e que por loucos ficaram sem realização, consumido interiormente por uma desorganização que cedo ou lentamente me levará á sepultura, — si não fosse este enjôo em que vivo e esta paralytia moral, por certo teria de soffrer horrivel desespero, pensando no miseravel quinhão que a sorte me partilhou, sem dar-me o direito de renunciar o legado; digo-o assim, e é verdade, porque nem ao menos tive uma natureza forte, uma constituição energica, que me permitisse soffrer a sangue frio o mal physico.

Emfim, meu querido, estou preparado, e até acceitarei hoje o desenlace como uma peripecia ajustada da eschola classica, que já se adivinha desde o primeiro acto do drama. Assim, nem o theatro, nem a musica, nem o passeio, nem a conversa, nem a leitura, nem *ellas* e *ellas* me causam prazer que dure, nem emoção que excite. Toda a semana sancta, passei-a no Cosme trancado, deitado e fumando. Apenas jantei hontem, domingo, em casa de Don'Anna, porque a muita chuva impediu que a minha mãe viesse jantar commigo. As noticias da revolução franceza, improvisada e inesperada, nem me causaram espanto. A conversa, a politica, as traquinarias, nada me attrahe. A semana passada jantaram commigo aqui no Cosme o Wanderley e o Ferraz: enjoaram-se de mim,

apenas pude jogar para entretel-os. Quando terá fim esta estrophe de enjôos? O que presagia ella?

Que falta me fazes, Arêas! No meio de todas as minhas desgraçadas aberrações, no meio dos meus desregramentos e phantasias, quando tudo se conspira, fortuna, pensamento e molestia para me fazerem miseravel, tu, meu querido e paciente amigo, com tua dedicação, com tua delicadeza de sentir e de amar, com tua engenhosa amizade, me poderias galvanizar e restituir a serenidade. Até nisto o meu destino é calculista: põe-te longe de mim, quando preciso tanto de ti! Seja! Resta-me o direito de cantar elegias e de dizer como o rebelde e carrancudo Milton: «A lucta vai travada; nossas magestades se encontram. Que me importa o teu raio, si eu tenho orgulho de desprezal-o? Elle passa por diante dos meus olhos, mas não os offusca; olha para as minhas sobranceiras, conservam-se immoveis; nem um só pestanejar meu, nem uma pulsação mais apressada, nem um passo para traz. Qual de nós dous é o mais forte?».

Depois, meu Arêas, tudo isto não é mais do que um transitorio muito podre, muito sem valor. Para que, pois, transigir com cousa que não vale as honras de uma transacção? Eu podia, por exemplo, interpôr a auctoridade da minha razão no meio dos desvios da minha imaginação, e dirigir á vida, de olhos fechados, um *ultimatum* concebido nos termos de guerra. Podia, depois, atirar-me ahi pelo mundo, comer, beber, passeiar, flandar, fumar, dansar, ganhar dinheiro calumniando e enganando (imprensa), enganando e calumniando (advocacia), e tomar o meu quinhão de venturas e gosos da terra. Podia flautear uma mulher, pol-a na minha casa, chamal-a *minha mulher*, ter meus filhos, creal-os santa e honestamente, atural-os, corrigil-os, dar-lhes comida, pol-os na escola, leval-os á missa, vel-os crescidos, fazel-os doutores, para que me substituíssem no esteiro aberto de ha milhões de seculos. Podia depois retirar-me a um convento, comer á farta, dormir fofamente, jogar o gamão, rezar no côro e morrer em cheiro de santidade. Tudo isto fôra possivel e esta epopéa só não seria rematada si alguma defluxão, ou febre, ou indigestão, me espetassem numa cama e dahi me remetterssem com porte seguro para a cova. Porém...

«E é este — *porém* — que paralyza precisamente as endechas burguezas deste tão bem rimado archi-poema. Este *porém* encerra tanta seccatura, tanta vilania, tanto aborrecimento, tanto tropeço a vencer, tanta frialdade de coração, tanto não sei quê, tanto suor, que causa nojo e repugna. Volta, portanto, o estribilho: — «Porque transigir com cousa que não vale as honras de uma transacção?» — Em abono meu, convém dizer que ensaiei alguma transacção. E, pelo que toca ao arranjo da vida, bem sabes que, quando é preciso, trabalho e cumpro os meus deveres.

Rio, 26 de abril — Houve uma interrupção na minha carta e esperava eu que, ao tomar da penna, tivesse na alma mais calor e no coração mais vida. Acabo de ler uma carta feerica tua, que muito bem me fez e que, porém, mais me azedou. Pobre amigo, como te illudes com as cousas e com *ellas*! Todas, sem a menor excepção, estão definidas naquelles versos de Shakespeare, inspirados, talvez, por um dos momentos de reflexão:

Disdain and scorn ride sparkling in her eyes,  
Misprising what they look on, — and her wit  
Values itself so highly, that to her  
All matter else seems weak. She cannot love,  
Nor take no shape, nor project of affection,  
She is so self-endear'd ! . . .

(O desdem e o desprezo faiscam de seus olhos, desprezando o que olham, e seu espirito se estima a si tão alto, que para ella tudo parece de pouca monta. Ella não póde amar, nem conceber nenhum sentimento, nenhuma idéa de affeição, tal é o amor que a si propria tem, e tal é a conta em que se considera. . .)

Arêas, nem é occasião de te dizer mais; eu estou fatigado; tenho hoje bilis; basta dizer-te que fui á cidade e que estive com o Limpo e com o José Carlos, meus assassinos, que tomam a peito, de ha tempos a esta parte, enjoarem-me, e aos quaes, talvez, para livrar-me de obsessões, me renderei decididamente, e o Diabo que me tenha em seu poder, e tudo isso que se acabe.

Tudo o que ha de nobre e de honesto nos moços deve desaparecer, e, si o limo faz surgir alguma borbulha escura de lama podre, tanto melhor: seja assim.

Até ao depois.

27, ás seis horas da tarde — Hoje vivi um pouco a vida de poeta: foi bello o pôr do sol, e eu o contemplei deitado em um marachão de relva. O céu estava nuançado de côres prismaticas, que não ha como descrevel-o: tudo em tôrno era magia, enlevo e suavidade. Fez-me bem esta tarde, porque eu não nasci para inglez; tenho muito de meridional no sangue e na imaginação, e os meus gostos devem sentir-se disto. Eu gosto do céu formoso, das arvores viçosas, do pôr do sol, do canto das aves, da fragrancia das flores; gosto da poesia como a sabem fazer em acção os turcos e os arabes; gosto das tradições mourescas de Granada, dos descantes hispanhóes, da vida folgada e sensual; gosto, enfim, do paraíso dos agarenos. E gosto, sobretudo, meu caro amigo, de pensar em ti, no bem que me queres e que se revela em tudo o que fazes, em tudo o que cogitas. Hoje, portanto, estou de veia: e ponho de parte o *spleen* para atirar-me aos sonhos. Sonhar, sonhar. . . E sonha tu tambem porque de nós se pôde o dizer que li hoje em uns versos de Cowper e que copio:

There is in souls a sympathy with sounds,  
Some chord in unison with what we hear  
Is touch'd within us and the heart replies —

e por isso, — *a noi prescrisse il fato illacrimata sepoltura.*

Hoje estou em veia. Deixa que pedantize contigo. Vá que a noite seja de poesia. A poesia não é mais que o desenvolvimento daquelles versos de Cowper. E' um sentir mais exquisito, mais delicado, mais extravisual (que barbarismo!), mais intimo. . .

Querido, bem te dizia eu que não posso ser alegre; agora que ia aproveitando este ensejo, pede-me Leopoldina para levá-la á casa de Don'Anna. Até á volta.

28, ás 11 horas da noite — Venho da casa de Don'Anna. O dia de hoje não me trouxe o enquizilamento: passei-o bem: apenas tive o desgosto de escarrar sangue (o que é nada, á vista do peor que poderia ter acontecido).

Levei a trabalhar em casa até á tarde. A's 5 horas, fui para o quarto do Braz e lá estive até ás 8. Deves saber que no quarto

do Braz ha uma rêde, e que desta rêde se avista uma montanha fronteira orlada de mangueiras, e por detraz da qual se vê o sol a sumir-se, a noite a surgir, as estrellas scintillar, e o mais, e o mais. . . Charuto á bocca, olhos na montanha, corpo na rêde e o pensamento em ti, assobiei as nossas musicas favoritas: *Nabuco, Torquato, Othelo, Beatriz e Parisina*. Desfieei uma porção de versos sentimentaes, verti de mente muito verso byroniano, e fiz os nossos castellos de Hispanha. O que estarias fazendo a essas horas? Disse-me o coração que pensavas em mim. Amanhã creio que irei ao *Pirata*. A *Somnambula*, meu querido, tem duas arias da Candiani de matar. Quando ouvires, si por lá ouvires, o — *Come per me sereno* — lembra-te de mim. E', cousa delicada, de sentimento e de pureza: é musica de anjo.

Até amanhã. Teu amigo — *Octaviano*.»

Vou encerrar a leitura de hoje com a carta seguinte, dirigida ao conselheiro João Carlos de Sousa Ferreira e tambem pertencente ao archivo do visconde de Ourém:

«Montevidéo, 9 de junho de 1865 — Meu caro João — Reina o pampeiro com todo o seu fervor despotico. Ha tres dias que estou encerrado aqui, nesta camara de estalagem, ou hotel, como hoje se chama. Tenho duas janellas, com as suas cortinas de cassa ordinaria, porém lavadinhas; e, levantando-as, alcanço, por sobre as assotéas das casas em frente, lá bem no fundo, a armação de um navio que rompe o nevoeiro para me dizer adeus. Talvez seja o *Apa*, que me espera, para levar-me a Buenos Aires, como portador das ratificações do meu tractado. Irei hoje? não irei? Ainda está em questão; creio, porém, que a negativa tem mais probabilidades de exito. . . Caramba! que escrevi uma grande asneira: exito em negativa! *Esse et non esse*, diziam os meus sabios mestres de Logica, os quaes encaneceram meditando nesse aphorismo do Genuense. O que eu pretendia dizer, manes de Januario e fr. José Polycarpo, é que, estando ainda muito enfermo de um resfriado (constipação, em portuguez), naturalmente

não ousarei embarcar hoje. Agora, sim, está salva a Logica, e mesmo a língua portugueza. Adeante.

Não sei por que, desde que acordei, tenho tido ganas (desejos) de reler o Cervantes ou pelo menos o *Gil Blas*. Tomei o chocolate na cama, fumei um cigarrito, só me faltou mandar buscar uma bandurra e improvisar algum garganteio. Mas a côr local! Em torno de mim ha botins envernizados, sobre-casacas, colletes, chapéus redondos. . . Onde estão os gorros de plumas, os saiotes, os punhos e collarinhos de rendas, a espada, e, sobretudo, o manto e o capote a conquistador?

Agora atinei no motivo que me dava saudades de *D. Quixote*: foi a noticia, que me deste, de que o Arêas esteve para ser ministro commigo!. . . Ainda não me posso conter! O Arêas ministro e eu ministro!. . . Fariamos um bom par de desfructaveis, com os nossos fardões, pastas, carruagens e ordenanças. . . Mas, João, no meio de tudo isto, ainda não te disse o principal do meu pensamento. — Que decadencia das instituições! que profanação nas idéas! que balburdia na vida! — Com que, meu amigo, hoje qualquer poeta pôde ser ministro! E quando? Quando os grandes homens declaram muito pesado o cargo e pedem companheiros que os ajudem no Senado (!), — quando o paiz está com a maior guerra que tem tido, — quando é preciso crear exercitos, generaes, marinha, dinheiro e patriotismo. . . — Nessa occasião recorre-se aos poetas? Santo Deus!

Parece que estamos livres dessa desgraça: o poeta que lá estava e o poeta que para aqui veiu tiveram o bom senso de dizer: — *Hos ego versiculos NON feci ferat alter honores.*

Dá um abraço apertado no meu muito querido Arêas. Dize-lhe que esta missão teria sido para mim celeste, si m'a houvessem confiado naquelles tempos! Mas hoje, cansado, enfermo, sem illusões, sem outro amor possivel além do paternal, e tendo o séstro de amar muito a minha mulher e até de (é vergonha, não digo), não posso encarar isto sinão como um degedo.

E ainda nada te escrevi a respeito do teu incidente com o grande homem. E que te hei de escrever? Adeante.

Tem paciencia. Consola-te, abraçando a Orminda e beijando teus filhos. Como é bom, como consola um beijo de criança, que veiu ao mundo porque a fizemos vir; que viverá, si a alimentarmos, si a aquecermos, si a bafejarmos; que nos deve tudo, e tudo nos ha de dever por muito tempo! Adeante, que já estou chorando.

Teu amigo — *Octaviano.* »

Creio que não poderia ter achado melhor fecho do que o das linhas que acabaes de ouvir; — são ellas um retrato fiel do character e da mentalidade de Octaviano. Escriptas depois do tratado da Triplice Alliança e dous dias antes da gloriosa jornada de Riachuelo, — ellas denunciam ao mesmo tempo o diplomata o politico, o jornalista, o critico, o poeta, o patriota, e, o que mais é de notar, em contraste com as cartas de vinte annos atraz, o pae de familia, que tinha uma concepção tão bella e tão altanada do beijo de uma criança.

Traçadas embora para a reserva carinhosa dos corações de amigos fraternaes, estas expansões intimas de Octaviano mostram, todavia, quanto elle é digno da nossa admiração e de nossa saudade.

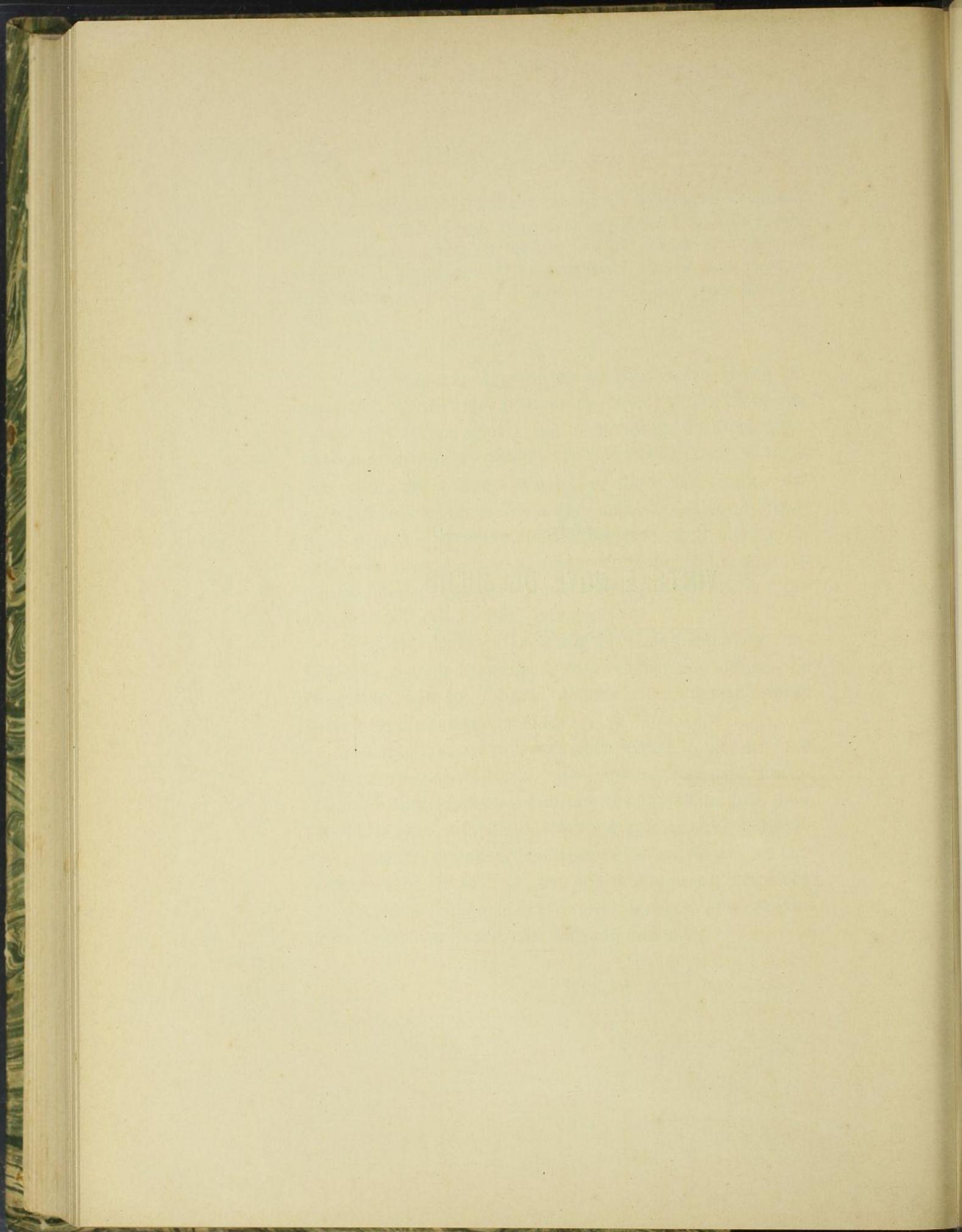
Revelando-o agora a esta nova feição, — não é menor do que o rendido ás outras suas producções, pelo menos quanto á sinceridade, o preito que ora lhe rende, pelo meu humilde orgam, o Instituto Historico e Geographico Brasileiro, guarda zeloso do thesouro inestimavel de sua correspondencia, de que apenas vos dei algumas amostras.

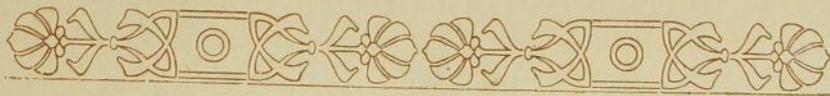
Oxalá tenha eu ainda forças e lazeres, afim de continuar opportunamente esta delicada tarefa!



VINTE E NOVE DE JULHO







## VINTE E NOVE DE JULHO

**S**i a data de 29 de julho não pertence hoje á serie das que usualmente se commemoram, é porque a nossa educação civica ainda não se acha inteiramente libertada de certos prejuizos e restricções lamentaveis.

Quando desaparecerem de todo os preconceitos injustificaveis do partidarismo, com a victoria definitiva da justiça historica, o 29 de julho, como o 2 de dezembro terá a sua consagração, pois que assignalam ambos o nascimento de duas grandes figuras de nossa patria, das que maiores beneficios souberam proporcionar em sua suprema direcção. Extinctas as paixões, naturaes com o advento do novo regime, a figura de d. Pedro II, sem par em nossos fastos de grandeza moral, mereceu desde logo as melhores provas de acatamento.

Si os seus restos mortaes ainda não repousam na terra em que viu a luz e a que como nenhum outro soube amar, já algumas cidades se orgulham de o possuir em estatuas, que servirão de ensinamento ao culto popular, e o seu nome volveu ao estabelecimento de instrucção que tanto lhe merecera.

O mesmo succederá, sem duvida, á insigne patricia, cujo anniversario hoje ocorre.

Nada ha, com effeito, que impeça taes homenagens a uma senhora, que por tres vezes teve em suas mãos a chefia do governo e a exerceu com dignidade absoluta e absoluto acerto, tornando-se auctora de medidas benemeritas, de inapagavel brilho em nossa historia.

Lancemos, porém, ligeira vista sobre o passado.

Em grande alvoroço correu o dia 29 de julho de 1846.

Quem lê os jornaes de 30 tem a impressão do aspecto festivo da cidade. Aguardava-se com anciedade um acontecimento.

Na propria Camara dos Deputados, presidida nesse dia 29, pelo vice-presidente Theophilo Benedicto Ottoni, ao finalizar a sessão disse o celebre politico e revolucionario de 42:

«No caso de ter logar hoje o bom successo de sua magestade a imperatriz, fica esta ordem do dia para sexta-feira, porque o sr. 1º secretario me informa que então não é possivel haver casa.»

Esperava-se a cada instante o nascimento de mais um principe. Seria o segundo, pois que o primogenito de d. Pedro II e de d. Thereza Christina, d. Affonso, nascera a 23 de fevereiro de 1845, vindo a fallecer em 11 de junho de 1847.

— «Não era possivel então haver casa», informara ao presidente da Camara o 1º secretario, José Pedro Dias Vieira, representante de Minas e depois por mais de uma vez, ministro de Estado.

E nessa Camara que se deixara tão intensamente influir por um facto dessa natureza, tinham assento homens do valor politico de Bernardo de Souza Franco, Moura Magalhães, Souza Ramos, Carlos Augusto Peixoto de

Alencar, Thomaz Pompeu, França Leite, Nunes Machado, Muniz Tavares, Cavalcanti de Albuquerque, Lopes Neto, José Tavares Bastos, Antonio Rebouças, Gonçalves Martins, Angelo Muniz da Silva Ferraz, João Mauricio Wanderley, Ferreira França, João Paulo dos Santos Barreto, Manuel do Monte Rodrigues de Araujo, Dias de Carvalho, Limpo de Abreu, José Antonio Marinho, Ferreira Penna, Paulo Barbosa, Salles Torres Homem, Manuel Odorico Mendes, Antonio Carlos, José Joaquim Machado de Oliveira, Pimenta Bueno, Jeronymo Francisco Coelho, Domingos José Gonçalves de Magalhães, além de outros também notaveis.

Não se pôde dizer que era uma Camara de nullos ou de servis, cujo aulicismo os subalternizasse. Longe disso, o que vibrava naquella verdadeiramente augusta assembléa era o civismo. Corria nas veias daquelles homens o sangue revolucionario de 17 a 42, das crises regenciaes, dos levantes, da insubmissão a tudo que não fosse inspirado pelo bem da patria.

E uma corporação possuidora de caracteres desse jaez patenteava sem reбуços o interesse que lhe despertava a familia imperial.

E' que o soberano, embora jovem de vinte annos, pelos seus exemplos dignificadores, se tornara alvo de unanime acatamento, conseguindo congraçar os diversos matizes politicos, a tal ponto, que todos viam na dynastia a segurança da ordem, do respeito, o elemento mais efficaç do engrandecimento nacional.

No dia 30 de julho o *Jornal do Commercio* inseria duas noticias; uma sob a epigraphe « Parte official », outra sob a de « Jornal do Commercio ».

Dizia a primeira :

« Havendo a Divina Providencia felicitado a este Imperio com o nascimento, que hontem teve lugar, de uma princeza : por ordem de sua magestade o imperador se faz publico que o mesmo augusto senhor se digna receber hoje, pela uma hora da tarde, em grande gala, no Paço de S. Christovão, por tão faustoso motivo, o cortejo das pessoas que a este acto costumam ser admittidas na conformidade dos avisos sobre este objecto já expedidos em 6 do corrente. Secretaria de Estado dos Negocios do Imperio, em 30 de julho de 1846.— *Antonio José de Paiva Guedes de Andrade.* »

A parte editorial, interessantissima, assim resava :

« Com indizível prazer annunciamos aos nossos leitores que sua magestade a imperatriz deu hontem á luz uma princeza.

Pelas sete horas da manhã, fazendo signal o Castello de que sua magestade sentia os primeiros incommodos, concorreram ao Paço da Bôa Vista os ministros da Côroa, os conselheiros de Estado, os grandes e mais pessoas da Côrte, os presidentes das Camaras Legislativas, etc., etc. Os habitantes desta populosa Capital esperavam com anciedade a noticia de que sua magestade se achava livre de cuidado, e á maneira que decorriam as horas, redobravam os votos que faziam ao Altissimo pelo feliz successo de sua virtuosa e adorada imperatriz. Finalmente ás sete horas menos treze minutos da tarde, annunciou o Castello que a Divina Providencia tinha felicitado o Brasil com o nascimento de uma princeza, e concedido a sua magestade o imperador um novo penhor da sua felicidade dynastica.

Bandas de musica percorreram as ruas da cidade, acompanhadas por muito povo, e em todos os semblantes se divisava o jubilo de que se achavam possuidos os fluminenses pelo feliz successo de sua magestade a imperatriz. »

Essa noticia exprimia o sentimento geral. A felicidade dos imperantes reflectia-se em todas as camadas sociaes ; isso se infere da linguagem despreoccupadamente sincera das noticias publicadas.

O auto do nascimento da princeza foi assim redigido :

« Aos vinte e nove dias do mez de julho do anno do nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil oitocentos e quarenta e seis, nesta muito leal e heroica cidade do Rio de Janeiro, achando-se reunidos no Paço Imperial, Quinta da Bôa Vista, por ordem de sua magestade o senhor d. Pedro II, imperador constitucional e defensor perpetuo do Brasil, os ministros e secretarios de Estado, os conselheiros de Estado, os grandes do Imperio e os presidentes das duas Camaras da Assembléa Geral Legislativa, commigo abaixo assignados, para servirem de testemunhas do nascimento do serenissimo principe ou princeza que sua magestade a imperatriz a senhora d. Thereza Christina Maria, augusta esposa da dita sua magestade i. o senhor d. Pedro II, se achava proxima a dar á luz, fomos conduzidos pelo exmo. marquez de Itanhaem, fazendo as vezes de mordomo-mór da casa imperial, ao interior do referido Paço, e ahí, pelas seis horas e vinte e cinco minutos da tarde do mencionado dia, fomos introduzidos pelo mesmo mordomo-mór na proxima camara em que sua magestade a imperatriz estava, e onde nos foi apresentada por sua magestade o imperador a augusta pessoa recém-nascida, a qual vimos, ouvimos e reconhecemos ser do sexo feminino, e achar-se sã e perfeita. E para que o referido conste a todo tempo, eu, Joaquim Marcellino de Brito, ministro e secretario de Estado dos negocios do Imperio, lavrei tres autos, todos do mesmo theor, por mim assignados, pelas testemunhas acima declaradas, e pelo medico da imperial camara, o doutor Candido Borges Monteiro, um dos quaes ficará depositado nas augustas mãos de sua magestade o imperador, outro será remetido para o Reino das Duas Sicilias, e o terceiro ficará archivado no Archivo Publico do Imperio.— *Joaquim Marcellino de Brito.*— *José Joaquim Fernandes Torres.*— *Antonio Francisco de Paula Hollanda Cavalcanti de Albuquerque.*— *Barão de Cayrú.*— *João Paulo dos Santos Barreto.*— *Visconde de Monte Alegre.*— *Visconde de Olinda.*— *Conde de Valença.*— *Manoel Alves Branco.*— *José Antonio da Silva Maia.*— *José Joaquim de Lima e Silva.*— *José*

*Carlos Pereira de Almeida Torres.*— *Honorio Hermeto Carneiro Leão.*— *Francisco de Paula Souza e Mello.*— *Bispo de Anemuria.*— *Caetano Maria Lopes Gama.*— *José Cesario de Miranda Ribeiro.*— *Francisco Cordeiro da Silva Torres.*— *Marquez de Baependy.*— *Luiz José de Oliveira.*— *Francisco Muniz Tavares.*— *Marquez de Itanhahem.*— *Marquez de Cantagallo.*— *Conde do Rio Pardo.*— *Conde de Caxias.*— *Visconde de Villa Real da Praia Grande.*— *Bispo de Chrisopolis, esmoler-mór.*— *Barão de Villa Bella.*— *Visconde de Goiana.*— *Manoel, bispo capellão-mór.*— *Gregorio de Castro Moraes e Souza, veador de semana.*— *Visconde de Congonha do Campo.*— *Barão de Lages.*— *Doutor Candido Borges Monteiro.*— *José Moreira Lirio, guarda-roupa de semana.*— *Doutor Luiz Carlos da Fonseca, medico de semana.*— *Está conforme.*— *Antonio José de Paiva Guedes de Andrade.*»

Numerosas foram as felicitações por esse facto apresentadas ao imperador. Cumpre transcrever algumas.

Pelo Conselho de Estado falou o então vinconde de Olinda, que se exprimiu nestes termos:

«Senhor! Esta é a segunda vez que o Conselho de Estado tem a honra de apresentar-se ante o throno excelso de v. m. i., para dar parabens a v. m. i.

O fausto motivo que hoje traz o Conselho de Estado á presença augusta de v. m. i. é o feliz nascimento de mais uma princeza brasileira. Mais uma princeza é dizer que se acha augmentada a imperial familia de v. m., que se vai extendendo a inclyta dynastia do immortal fundador do Imperio.

Mais uma princeza brasileira, é dizer que o povo brasileiro tem mais um penhor de sua futura grandeza e prosperidade. Movidado por estas razões e profundamente reconhecido ao muito assignalado testemunho de benevolencia com que v. m. i. se dignou honrar o seu Conselho de Estado, em outra similhante occasião, vem o mesmo Conselho de Estado depositar aos pés do throno imperial suas sinceras e respeitosas congratulações pelo feliz acontecimento que enche de prazer a todos os Brasileiros, rogando

ao Todo Poderoso continue a derramar torrentes de benções sobre a imperial familia de v. m. i.»

O imperador respondeu :

« Muito agradaveis me são as expressões do Conselho de Estado e nem outra cousa podia esperar de sua constante lealdade. »

O Senado, pelo orgão de Francisco de Paula de Almeida e Albuquerque, assim se manifestou :

« Senhor! Que doce emoção não repercute em nossos peitos ao apresentar-nos ante a augusta presença de v. m. i. para o fim de felicitar a v. m. i. pelo feliz successo da excelsa imperatriz e esposa idolatrada de v. m. i. e bemdicta de todos os seus subditos! Não é sómente o interesse publico que recresce agora com essa nova vergonteia da dynastia illustre que se arraiga no Imperio de Santa Cruz; são tambem os sentimentos generosos do Brasil inteiro que se reanimam de alegria no puro amor que elles tributam á sagrada pessoa de v. m. i. e á inclyta e virtuosa mãe do mimoso fructo que acaba de nascer incolume.

Qual nova estrella que tem de abrilhantar a familia de v. m. i., luzente como seus progenitores, vem esse recém-nascido pimpolho da mais antiga estirpe dourar a aurora do reinado de v. m. i., e espargir um dia os effluvios da doçura e gentilezas maternas, para exemplo de seu sexo e idolo das virgens brasileiras; fazendo no entanto as delicias do Paço imperial e o ornamento de amizade paternal.

Queira o Supremo Arbitro do Universo fortalecer seus dias e não contrariar os cuidados paternaes!

Assim vem, Senhor, a Providencia dilatando o tronco de magestade (implantado ha pouco pelo famoso fundador da monarchia constitucional nesta abençoada plaga), como querendo attrahir toda a attenção e o gosto dos povos conterraneos para o mais bello prototypo da ordem social, e aperfeiçoar aqui a civilização transatlantica como o filho sóe muitas vezes avantajarse ao pai.

O Senado, Senhor, sente toda a effusão de prazer que lhe inspira qualquer successo glorioso ou grato a v. m. i. Possa elle, toda vez que tiver de dirigir-se ao throno, abranger no seu jubilo immediato tão caros e sublimes objectos. Taes são, Senhor, os desejos mais ardentes que nós mal podemos exprimir em seu nome, e que, compenetrados do mesmo jubilo, respeitosa-mente depositamos sob o solio imperial. »

A Camara dos Deputados teve como seu interprete o deputado maranhense Moura Magalhães, que proferiu a seguinte allocução :

« Senhor — Orgãos fieis da Camara dos Deputados, temos a inapreciavel honra de saudar respeitosa-mente a vossa magestade imperial, pelo prospero nascimento da princeza que a Providencia se dignou conceder-nos como mais um symbolo de ordem, elemento de paz e penhor de segurança dos principios monarchicos.

O nascimento dos principes foi sempre considerado como um successo de alta importancia politica. Sendo a herança dos thronos estabelecida por interesse dos povos, é na ordem regular de successão dos legitimos descendentes das dynastias reinantes que se firma a estabilidade das monarchias e se mantem inalteraveis as instituições nacionaes.

A Camara dos Deputados, na effusão do mais puro prazer, no meio do publico regozijo dirige a vossa magestade imperial suas respeitosas homenagens e felicitações pela ineffavel dita de ser vossa magestade imperial segunda vez pai, nesta solenne occasião em que o coração de vossa magestade imperial se acha penetrado das profundas e doces emoções de ternura e amor paternal. Apreciando devidamente a Camara dos Deputados tão fausto successo, órgão do pensamento nacional, nutre lisonjeiras e bem fundadas esperanças de que a nova vergon- tea, crescendo por entre os perfumes da mais pura moral, á sombra das magnanimas virtudes de seus augustos progenitores, como hoje fórma as delicias da patria que a viu nascer, um dia contribuirá para sua prosperidade ; — sim, que o amor do povo, o bem publico, o interesse geral da

sociedade, é a lei immutavel e universal dos soberanos, é a sagrada e gloriosa missão dos principes sobre a terra.

Digne-se, pois, vossa magestade de acolher benevolo a sincera expressão dos sentimentos da Camara dos Deputados, que, mais uma vez, com todo o acatamento, vem depositar perante o excelso throno de vossa magestade imperial, a par dos supplices votos que dirige aos céos pela felicidade de vossa magestade imperial e da augusta dynastia, para que no reinado de vossa magestade imperial se realizem os decretos da Divina Providencia, que destina o Brasil a figurar como um dos primeiros imperios do mundo.»

Agora a manifestação do Corpo Diplomatico. Compareceu solennemente ao Paço de S. Christovão, no dia 30 de julho, á uma hora da tarde, o internuncio apostolico, monsenhor Bodini, que disse as seguintes palavras :

« Senhor! A augusta filha que a Providencia acaba de conceder a v. m. i., para augmentar as consolações do seu coração paternal e firmar a felicidade do seu povo, offereceu occasião propicia ao Corpo Diplomatico para dirigir a v. m. i. a homenagem de suas congratulações e de seus votos. Elle faz pressurosamente, impellido pelo mais sincero e vivo desejo de que a familia imperial, modelo de virtude, continue a ser tambem objecto de benção do Omnipotente. Nós lamentamos, Senhor, que não possa a augusta mãe com a sua presença, sempre apeteçada, completar o regozijo deste venturoso dia, e receber a homenagem das respeitadas sympathias que o seu jubilo maternal produz em nossos corações: expressando-as, porém, a v. m. i., pretendemos felicital-o pela dupla ventura de ser pae e esposo muito caro e idolatrado.

Dignai-vos, senhor, receber esta expressão de nossos sentimentos como testemunho do profundo respeito que tributamos a v. m. i. e á sua imperial familia.»

Não podiam ser mais expressivas as manifestações de jubilo pelo nascimento da Brasileira, que o futuro sagraria com o cognome de — Redemptora.

Não se veja nesses cumprimentos do Conselho de Estado, do Senado, da Camara, do Corpo Diplomatico, unicamente um fructo menos apreciavel da formalistica.

Si ás altas corporações cabia prestar homenagens ao chefe de Estado, não teriam ellas tido a excepcional relevancia das allocuções proferidas. Repare-se ainda no valor dos oradores e da apreciação em conjuncto chegar-se-ha á conclusão de que o nascimento da sra. d. Izabel impressionou fundamente a alma nacional, tocada de amor pelo monarcha e, talvez, da presciencia dos dotes que se reuniriam na recém-nata.

Diariamente os jornaes davam noticia do que, neste particular, occorria na familia imperial até ser annuciado o baptizado, que se devia realizar a 15 de novembro, na Capella Imperial. Ceremonia imponentissima, o *Jornal do Commercio* a descreveu em seu numero de 16 de novembro de 1846.

Dahi a quarenta e tres annos, dia por dia, um movimento militar, sem base no animo nacional, tomando de surpresa o povo habituado á tranquillidade, derrubaria o regime. . .

Mas, leia-se a descripção do baptizado feita pelo *Jornal*:

« Hontem teve logar o baptizado de s. a. a princeza recém-nascida, que recebeu os nomes de d. Izabel Christina Leopoldina Augusta Michaela Gabriela Raphaela Gonzaga. Foi madrinha s. m. a rainha viuva de Napoles e padrinho s. m. o rei de Portugal.

Pelas cinco horas da tarde, o mordomo-mór de s. m. a imperatriz, o sr. Ernesto Frederico de Werna Magalhães, vestido de rica opa de velludo carmezim e sendal, dirigiu-se, por ordem de s. m. á respectiva camara e recebendo ahi das mãos da aia a augusta princeza, a conduziu em seus braços, e entre os padrinhos,

para a sala do docel, sendo, seguido pela camareira-mór, a exma. condessa de Belmonte e pela aia, a dama d. Rita Rosa. S. m. a rainha viuva de Napoles era representada como madrinha, pela sra. marquez de Maceió e s. m. o rei de Portugal, como padrinho, pelo sr. marquez de Itanhaem, estribeiro-mór. Pouco depois de chegar s. a. á sala do docel começou a desfilar o prestito pela têa que se construiu no largo do Paço, em tudo igual á que serviu para o baptizado de s. a. i., o principe d. Affonso.

O prestito desfilou na ordem seguinte: dois archeiros; a musica dos chameleiros; seis porteiros da maça, armados; os da canna; o rei d'armas; arauto e passavante; os juizes territoriaes da Côrte e da capital e da provincia do Rio de Janeiro; os directores dos estabelecimentos publicos litterarios da côrte e muitas outras pessoas de graduação; os membros da illma. Camara Municipal; os membros dos tribunaes da Junta do Commercio, da Relação, do Thesouro, do Conselho Supremo Militar, do Supremo Tribunal de Justiça; os mestres da imperial familia; os moços da camara, e entre elles o sr. Antonio Henrique de Miranda Rego, conduzindo o sal e o sr. João José de Almeida Mascarenhas Ramos a concha aurea. O auto de baptismo era levado por um moço fidalgo e a toalha rica para enxugar a cabeça de s. a. pelo guarda-roupa João Carlos Cunha Gusmão e Vasconcellos; os officiaes e officiaes-maiores das secretarias de Estado e das secretarias das Camaras Legislativas, e os officiaes da casa imperial; os medicos da imperial camara, guarda-roupas e titulares sem grandeza, comprehendidos os do conselho; o moço da toalha, os moços fidalgos e os fidalgos cavalheiros; o sr. Jeronymo Martins de Almeida, servindo de porteiro da imperial camara e o tenente da guarda imperial dos archeiros; os officiaes-móres da casa imperial; os veadores e gentis-homens; os bispos, os grandes, e os officiaes-móres da Côrte; o sr. Joaquim José de Siqueira, o sr. José Maria Corrêa de Sá e o sr. Aureliano de Souza e Oliveira Coutinho, conduzindo em salvas de ouro, o primeiro, a corôa de massapão; o segundo, a veste candida; e o terceiro, o cirio lavrado e ornado de ouro com quatro peças de 10\$ cravadas em fórmula de cruz. Estes tres gentis-homens traziam mais uma rica

toalha ao hombro e vinham acompanhados por dois moços fidalgos; os conselheiros de Estado e os ministros de Estado o mordomo-mór de s. m. a imperatriz, trazendo nos braços s. a., e acompanhado por dois moços fidalgos, pela camareira-mór e pela aia.

O sr. José Maria Velho da Silva, servindo de mestre-sala, dois passos adiante de s. m. o imperador, á direita, ss. mm. ii. seguidas do gentil-homem d. José de Assis Mascarenhas, servindo de mordomo-mór, do gentil-homem conde do Rio Pardo, do veador Joaquim José de Siqueira filho, do reposteiro-mór visconde de S. Salvador de Campos, do capitão da guarda imperial dos archeiros marquez de Cantagallo, do ajudante de campo conde de Caxias, das damas e mais pessoas de serviço. Na porta da têa s. m. a imperatriz seguiu por dentro do paço com o veador e as damas para a tribuna imperial na capella-mór da igreja, e o prestito continuou sua marcha pela têa.

Ao chegar s. a. á porta da têa, os moços da camara entregaram as varas do pallio, que para alli fôra levado por oito reposteiros, ás pessoas nomeadas para conduzil-o, a saber: os srs. vice-presidente do Senado Luiz José de Oliveira, vice-presidente da Camara dos Srs. Deputados Theophilo Benedicto Ottoni, presidente do Supremo Tribunal de Justiça José Bernardo de Figueiredo e conselheiros de Estado Francisco Cordeiro da Silva Torres, viscondes de Monte Alegre e de Olinda, Honorio Hermeto Carneiro Leão e Caetano Maria Lopes Gama. Estes receberam, debaixo do pallio, o mordomo-mór de s. m. a imperatriz com s. a. nos braços e os dois moços fidalgos; atrás iam a camareira-mór e a aia. Ao chegar ao primeiro degráo da escadaria, approximou-se s. m. o imperador de sua augusta filha, e levantando-a nos braços deu um passo para a frente, e apresentou s. a. ao povo.

Continuou o prestito na ordem que acabamos de indicar, ao som do hymno nacional, tocado pelas bandas de musica que se achavam no passadiço e no coreto junto ao alpendre da torre da capella imperial, e chegou á capella.

Dentro da igreja, no vão destinado para o baptisterio, ao lado direito da entrada, estava preparado o primeiro leito para s. a., e

junto a esse leito duas almofadas de velludo, sem guarnição de ouro, para a ama.

Ao lado direito estava uma mesa, e, sobre ella, um sacco de velludo para recolher a pensadura de s. a. A' entrada do baptisterio novo, junto á parede fronteira ao corpo da igreja, achava-se uma mesa convenientemente ornada, para se depositarem as insignias. No logar do costume estava outro leito com os objectos necessarios. Na casa anterior da tribuna havia um terceiro leito, sendo a serventia por detraz da capella-mór. Ao lado direito dos dois thronos do rev. bispo, no corpo da igreja e na capella-mór, se haviam preparado no mesmo pavimento os de s. m. i., tendo cada um delles docel e espaldar. Na capella do Santissimo Sacramento estavam duas almofadas de velludo com guarnição de ouro. As esposas dos ministros de Estado, dos conselheiros de Estado, dos grandes, dos camaristas, dos veadores, dos officiaes-móres, dos senadores, dos deputados, etc., assim como as titulares viúvas e o Corpo Diplomatico, occupavam as tribunas.

As pessoas que no prestito precediam ao porteiro da imperial camara, quando chegaram á porta da igreja pararam no atrio até que tivessem entrado os que se lhes seguiam; os moços da camara, porém, que levavam o sal, a concha e a toalha rica, entraram logo, e foram depositar esses objectos na credencia competente. Os grandes que conduziam as insignias as depositaram na credencia preparada ao lado direito, junto ao primeiro leito, e tomaram logar ao pé della.

Chegando os grandes que conduziam o pallio, junto ao primeiro leito, pararam e os moços da camara retiraram o pallio para junto da pia baptismal.

O mordomo-mór de s. m. a imperatriz depositou a s. a. no leito, ficando alli com a camareira-mór e a aia. A este tempo havia o rev. bispo, conde de Irajá feito a aspensão a s. m. o imperador. S. ex. revm. fez depois oração ao Santissimo Sacramento, e s. m. o imperador o seguiu, acompanhado das pessoas do seu serviço. Dahi dirigiu-se s. m. o imperador para o throno, e o Rev. bispo para o solio do corpo da igreja. Depois que o rev. bispo purificou as mãos, o mordomo-mór de s. m. a imperatriz foi buscar no pri-

meiro leito a s. a., que foi conduzida, debaixo de pallio, sustentado pelos grandes, para o segundo leito, indo adiante o rei d'armas, arauto e passavante; os grandes com as insignias por sua ordem, e atrás de s. a. a camareira-mór e a aia.

O rei d'armas, arauto e passavante pararam na quadra-tura.

Os grandes, com as insignias, entraram, fazendo as devidas reverencias ao Santissimo Sacramento, a s. m. o imperador, que estava na capella-mór, e a s. m. a imperatriz. Depositaram as insignias na credencia principal, o cirio no meio, a veste candida á direita e o massapão á esquerda, e depondo as toalhas foram incorporar-se á Côrte. S. a. foi então levada ao solio de rev. bispo, estando a curia paramentada de violeta, e, unindo-se-lhe os padrinhos, subiram ao presbyterio.

Permanecendo todos em pé, á excepção do rev. bispo, este fez as interrogações, expressando todos os nomes de s. a. que são d. Isabel-Christina-Leopoldina-Augusta-Michaela-Gabriela-Raphaella-Gonzaga.

Os padrinhos responderam ás perguntas e descobriram o peito de s. a. quando se fizeram as cruces. Acabadas as ceremonias, s. a. foi conduzida ao segundo leito; os padrinhos ficaram dentro da capella-mór, assentaram-se ao pé da credencia, emquanto os conegos se foram paramentar de branco. Desceu então o rev. bispo do solio; e, indo encontrar-se ao meio da igreja com s. a., foi acompanhado dos padrinhos, pronunciou as palavras *Ingrederet in templum* e então entraram todos até dentro dos cancellos da capella-mór, para terem logar as ceremonias do estylo.

Concluidas estas, s. a. foi levada ao terceiro leito, emquanto se procedeu á lavanda.

Logo que o rev. bispo se paramentou de branco e mitra, passou ao altar e, chegando a s. a. subiram os padrinhos ao presbyterio. A este tempo o physico-mór, o sr. dr. Candido Borges Monteiro, acompanhado de um reposteiro, foi com agua quente para a credencia, e temperou a agua benta. Seguiu-se o exame da fé, a que responderam os padrinhos, e logo depois do baptismo a

uncção e mais ceremonias, findas as quaes s. a. foi para o segundo leito, onde ficou até o fim da funcção. Leu-se, então, o auto do baptismo, feito pelo exm. ministro do Imperio; e, acabada a leitura, principiou o *Te-Deum*, que foi annunciado por girandolas de foguetes, repiques de sinos e salvas das fortalezas, embarcações de guerra e tropa em parada. Findo o *Te-Deum*, voltou s. m. o imperador a fazer oração ao Santissimo Sacramento, e o mordomo-mór de s. m. a imperatriz ajoelhou com s. a. nos braços, ao lado esquerdo de s. m. o imperador, durante o tempo da oração. Acabada esta, sahiu s. m. o imperador da capella do Sacramento, e os grandes do Imperio o receberam debaixo do pallio, bem como ao mordomo-mór de s. m. a imperatriz com s. a. nos braços; e seguiu o prestito na mesma ordem em que fôra para a igreja, ao som das musicas e repiques de sinos; chegando ao paço, dignou-se s. m. o imperador receber as felicitações do Corpo Diplomatico e as deputações da parte de presidentes de provincias e camaras municipaes, e grande numero de cidadãos de todas as classes que ahi se achavam reunidos. A guarda nacional e uma brigada composta do 1º corpo de cavallaria e do 1º batalhão de fuzileiros formaram em linha desde a rua Direita até o largo do Moura. O largo do Paço estava apinhado de gente, e as janellas de todas as casas e do palacio cheias de senhoras elegantemente vestidas.

A' noite illuminou-se a cidade. »

Desse modo deu o *Jornal do Commercio*, de 16 de novembro de 1846, a noticia completa da solennidade, permittindo o exame retrospectivo de factos tão curiosos das primeiras décadas da nossa autonomia.

Dias depois, a 19, inseria na parte official o auto de baptismo, assignado pelo ministro do Imperio, pelos representantes dos padrinhos e pelo bispo conde de Irajá, que foi o celebrante.

Documento de valia para futuros estudos dessa época, não deve deixar de ser transcripto nestas ligeiras notas:

*« Parte official ». « Auto de baptismo de s. a. a princeza d. Izabel*

Anno do nascimento de Nosso Senhor Jesus-Christo de mil oitocentos quarenta e seis, aos quinze dias do mez de novembro, nesta cathedral e imperial capella da muito leal e heroica cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro, occupando o throno o muito alto e muito poderoso senhor d. Pedro II, imperador constitucional e defensor perpetuo do Brasil, e o solio o exmo. e revdmo. bispo-capellão-mór e diocesano, d. Manoel do Monte Rodrigues de Araujo, conde de Irajá; e achando-se na mesma cathedral e imperial capella reunidos os ministros e secretarios de Estado, conselheiros de Estado, grandes do Imperio, officiaes-móres, officiaes e mais pessoas da Côrte e Casa Imperial, muitos senadores e deputados, corpo diplomatico estrangeiro, membros dos tribunaes da Côrte, e muitas outras pessoas de distincção expressamente convidadas, o dito exmo. e rev. bispo-capellão-mór baptisou e poz os santos oleos á serenissima princeza, a senhora d. Izabel-Christina-Leopoldina-Augusta-Michaela-Gabriela-Gonzaga, nascida no dia 29 do mez de julho do corrente anno, pelas seis horas e vinte e cinco minutos da tarde, filha legitima do dito muito alto e muito poderoso senhor d. Pedro II, imperador constitucional e defensor perpetuo do Brasil, e da muito alta e muito poderosa senhora d. Thezeza-Christina-Maria, imperatriz do Brasil, neta pela parte paterna do fallecido senhor d. Pedro de Alcantara de Bragança de Bourbon, primeiro imperador constitucional e defensor perpetuo do Brasil, e de sua augusta esposa, tambem fallecida, a sra. d. Maria-Leopoldina-Josepha-Carolina, e neta pela parte materna do fallecido sr. d. Francisco primeiro, rei do Reino das Duas Sicilias, e de s. m. a rainha, sua augusta esposa, a sra. d. Maria Izabel. Foi padrinho s. m. o sr. d. Fernando, rei de Portugal, representado pelo illmo. e exmo. sr. marquez de Itanhaem, estribeiro-mór de s. m. o imperador, e madrinha s. m. a sra. d. Maria Izabel, rainha viuva das Duas Sicilias, representada pela illma. e exma. marquezia de Maceió. E para a todo o tempo constar, se lavraram dois autos, em tudo identicos, subscriptos pelo illmo. e exmo. sr. ministro e secretario de Estado dos Negocios do Imperio, e assi-

gnados tanto por elle como pelo exmo. e revdmo. bispo-capellão-mór, conde de Irajá, e pelos representantes dos augustos padrinho e madrinha, devendo um dos ditos autos ficar no Archivo da imperial capella, e outro ser recolhido ao Archivo Publico do Imperio. E eu, Joaquim Marcellino de Brito, ministro e secretario de Estado dos Negocios o Imperio, o subscrevi e assignei. — *Joaquim Marcelino de Brito*. — Como representante do augusto padrinho, *Marquez de Itanhaem*. — Como representante da augusta madrinha, *Marqueza de Maceió*. — † *Manoel*, bispo-conde, capellão-mór. »

Passou-se a infancia da princeza sob os desvellos paternos. Sabe-se quanto era austero o character do imperador e avalia-se, por isso, do cuidado que teria dispensado á filha destinada a succedel-o na suprema chefia do paiz.

Aos dez annos fazia a princeza os seus estudos sob a direcção do dr. Francisco Crispiniano Valdetaro e mais tarde teve outros professores. Assim, a musica foi-lhe ensinada por Isidoro Bevilacqua e depois por Pinzarrone, o inglez pelo padre Marcos Neville, o allemão pelo dr. Guilherme Schulze, a philosophia por frei José de Santa Maria Amaral, a calligraphia por Boulanger, desenho por Marciano José de Almeida, a dansa por Julio Toussaint.

A educação moral era exercida pela nobre senhora d. Luiza Margarida Borges de Barros, depois condessa de Barral, a quem a princeza em extremo queria. Duas amigas intimas a acompanhavam de perto, auxiliando a condessa, mlle. Templier e d. Rosa de Sant'Anna Lopes, depois baroneza de Sant'Anna.

Pouco se sabe da vida intima da familia imperial, mas ainda assim é facto conhecido que no paço de S. Christovão havia um pequeno theatro, em que se representavam peças de Racine e outros auctores, interpretadas pela princeza,

por sua irmã a princeza d. Leopoldina e por mais algumas pessoas, que tinham a honra de privar no paço.

Notadamente a comedia em tres actos *Les Plaideurs*, de Racine, imitada de Aristophanes, teve magistral desempenho, e respeitavel testemunha presencial refere-se ainda hoje á maneira correctissima por que a princeza dizia os versos do auctor de *Athalia* e de *Phedra*.

Um dos divertimentos que mais encantavam a jovem princeza eram os jogos floraes, o carnaval e as festas de S. João e S. Pedro. Dizem que por essa occasião o imperador tomava parte nos folguedos animando as filhas e permittindo que a criançada do bairro aproveitasse dos fogos e saltasse as fogueiras preparadas nos terrenos internos do paço.

Desenvolveu-se, pois, a princeza sob principios da maior austeridade, numa preparação esmeradissima para os fins a que a chamariam os deveres dynasticos.

Em 15 de outubro de 1864 casou-se com o principe Luiz Philippe Maria Fernando Gastão de Orléans, conde d'Eu, nascido em Neuilly, França, a 28 de abril de 1842, filho do duque de Nemours, neto do rei Luis Philippe.

No dia do casamento o *Jornal do Commercio* inseriu o seguinte bellissimo editorial, em logar de honra:

« A benção de Deus vai hoje santificar brilhantes e solennes laços nupciaes, que são applaudidos pela nação, pelos augustos pais dos conjuges, e pelos nobres corações que hão de amorosamente prender-se.

Todos os grandes interesses do Estado, todas as considerações politicas de futuro, todas as idéas, todas as esperanças dos Brasileiros se ajuntam hoje ao justissimo jubilo da augusta familia imperial para saudar o bello dia 15 de outubro de 1864, em que se

celebrará o ditoso casamento de s. a. a senhora princeza imperial d. Isabel, com o sr. principe conde d'Eu.

Antes de haver chegado ás placidas terras do Rio de Janeiro, s. a. o sr. conde d'Eu já tinha no mundo um nome illustre e recommendado pela gloria do passado de seus nobilissimos avós, pelas lições de sabedoria de um grande rei, seu avô paterno, pela escola de uma honrosa adversidade de seu pae, e pela fama da sua educação esmerada, de suas virtudes, e de sua bravura provada no campo de batalha. Liberal por herança de idéas, liberal por suas luzes, liberal pelo proprio coração e pelo seculo, liberal pelo passado e pelo presente, nenhum outro principe fôra mais digno do que elle, de ser o esposo da inclita herdeira presumptiva do throno de uma nação, que ama igualmente o seu monarcha e as suas liberdades.

E da nossa muito querida princeza imperial não podemos, quasi que não devemos, escrever a mais simples, a mais breve consideração. Suspeitos somos, como todos os brasileiros pelo amor que tributamos ás duas mimosas filhas de ss. mm. imperiaes : mas não nos céga esse amor, e fundamento temos para ostentar com orgulho aos olhos do mundo civilizado essas augustas princezas, que brilham tanto pela educação, pela instrucção, pelas virtudes, que breve conquistariam a dedicação de todo e qualquer povo que pudesse como o nosso apreciá-las. São herdeiras das virtudes tradicionaes de todas as imperatrizes e de todas as princezas brasileiras, e, ainda mais do que isso, são as filhas do sr. d. Pedro II, que tem sabido ser pae como nunca o houve melhor.

O casamento da princeza ou de um principe que presumptivamente deve herdar um throno é mais do que um acto passado em familia, é um grande acontecimento nacional; e motivo se torna de alegria e entusiasmo geral quando a escolha dos noivos sae da consciencia e do coração do imperador, e é recebida com applausos e com benções da nação inteira.

Podemos dizer sem receio de contrariar uma só e apenas indecisa opinião: todos os brasileiros saúdam com amor, com suavissimas esperanças e com jubiloso ardor os laços sagrados

que vão unir a muito amada princeza imperial a sra. d. Izabel, com o illustre principe o sr. conde d'Eu.

A pyra deste hymeneu não está só no templo de Deus, está tambem no coração do povo.

A nação inteira, transportada de alegria, esquece por dias seus ultimos soffrimentos, e, toda em festa de amor, de dedicação, de esperança, saúda ss. aa. imperiaes. »

Relatando a cerimonia do casamento, publicou o *Jornal do Commercio*, de 16 de outubro de 1864, extensa noticia de que destacaremos os seguintes trechos :

« Entre o jubilo de um povo inteiro que adora a augusta familia imperante, celebrou-se hontem o auspicioso e faustissimo consorcio de s. a. imperial a sra. princeza d. Izabel com s. a. o sr. principe conde d'Eu.

O prestito sahio em ricos coches da imperial quinta da Boa Vista, pouco depois das nove horas da manhã. Na sua passagem subiram ao ar numerosas girandolas de foguetes e as bandas de musica postadas nos diversos coretos entoavam o Hymno Nacional. Do Campo da Acclamação elevou-se galhardamente aos ares o Sr. Wells no seu monstruoso e vistoso balão, e impellido pela brisa de terra foi cahir são e salvo no morro da Viuva, tendo-se elevado a consideravel altura e gasto cerca de meia hora na sua arrojada viagem aerea.

No largo do Paço a Guarda Nacional, o 1º batalhão de fuzileiros e o Corpo Policial formaram em parada, trajando este ultimo o seu novo uniforme, com que se tornava mui luzido e garboso. As descargas foram dadas com muita precisão, sendo correspondidas pelos vasos de guerra nacionaes e estrangeiros e pelas fortalezas do porto, que tambem salvaram ao nascer e pôr do sol, estando as embarcações embandeiradas em arco.

Sobre o coreto da cavallaria da Guarda Nacional, no mesmo largo, fluctuava o estandarte da antiga guarda de honra do sr. d. Pedro I.

As salas do Paço estavam litteralmente cheias de um brilhante concurso de damas e cavalheiros.

S. a. i. a princeza d. Izabel trajava um vestido de filó branco com dois folhos de rendas de Bruxellas, véo da mesma renda, grinalda de flores de laranja, fita de pennas e ramo das mesmas flores, apanhando o vestido do lado esquerdo.

Sua alteza trazia apenas a pulseira de perolas e brilhantes que lhe foi offerecida pelas senhoras sergipenses.

S. a. r. o sr. conde d'Eu vestia a farda de marechal do Exercito. Trazia a grã-cruz do Cruzeiro, a commenda e o habito da ordem da Casa de Saxe e a medalha da campanha de Marrocos.

Na capella imperial seguiu-se rigorosamente o ceremonial annuciado.

Foram padrinhos:

Por parte de s. a. imperial, os srs. senador Francisco José Furtado, presidente do conselho de ministros, e o sr. marquez de Itanhaem.

Por parte de s. a. real, o sr. duque de Saxe e o sr. marquez de Olinda.

Na occasião opportuna o sr. arcebispo da Bahia, que officiaua, fez as perguntas do estylo aos augustos noivos.

S. a. imperial disse:

*«Eu, Izabel Christina Leopoldina Augusta Michaela Gabriela Raphaela Gonzaga, princeza imperial do Brasil,*

*Recebo a vós Luiz Felipe Maria Fernando Gastão d'Orleans, conde d'Eu, por meu legitimo esposo, assim como manda a Santa Madre Igreja Romana.»*

S. a. real disse:

*«Eu, Luiz Felipe Maria Fernando Gastão d'Orleans, conde d'Eu, recebo a vós d. Izabel Christina Leopoldina Augusta Michaela Gabriela Raphaela Gonzaga, princeza do Brasil, por minha legitima esposa, assim como manda a Santa Madre Igreja Romana.»*

Terminada a cerimonia, e antes do sr. arcebispo entoar o *Te-Deum*, lançou s. m. o imperador o collar da Ordem da Rosa ao pescoço de s. a. real, e declarou-o condecorado com a grã-cruz de todas as ordens brasileiras.

Finda a acção de graças, voltaram os augustos noivos e o prestito para os salões do Paço.

Das janellas da sala do throno assistiram suas magestades e altezas imperiaes e reaes ás continencias das tropas.

A's duas horas recolheu-se a familia imperial para jantar.

Tiveram a honra de jantar á mesa de estado, além dos srs. visconde de Suassuna, barão de Piratinim, José Carlos Mayrink, e dr. Meirelles, que estavam de semana, as sras. condessa de Barral, baroneza de Lages, d. Rosa Lopes, d. Josephina da Fonseca Costa, d. Maria Amelia de Azambuja Carvalho de Moraes, e d. Domitília de Abreu Brandão, e os srs. general conde Dumas, conselheiro De Lamare, guarda-roupa ao serviço de s. a. real o sr. duque de Saxe, barão de Lages, guarda roupa ao serviço de s. a. o sr. conde d'Eu, o secretario de s. a. o duque de Saxe, e os officiaes da casa Pinto de Mello, Pamplona e Cunha.

SS. aa. rr. jantaram com ss. mm. e aa. ii.

S. a. r. o sr. conde d'Eu, antes de seu casamento, dirigiu uma carta ao sr. mordomo, agradecendo-lhe a hospedagem que recebera e atencções com que se houvera com elle o sr. conselheiro Paulo Barbosa da Silva.

Fez tambem varios brindes ao mesmo sr. mordomo e aos srs. Pinto de Mello e Cunha.

S. m. o imperador brindou ao sr. arcebispo da Bahia com uma rica boceta de ouro para rapé, cravejada de brilhantes, tendo em pedras menores a firma e a corôa imperial.

Para commemorar mais completamente o dia de hontem na sua casa, sua magestade libertou os escravos que estavam ao serviço de sua alteza imperial, e alguns outros que, por seu comportamento, se tornaram dignos desta graça.

A's tres horas da tarde partiram os augustos noivos do paço da cidade e foram embarcar no Arsenal de Marinha na galeota imperial, a bordo da qual seguiram para Petropolis, onde fixaram a sua residencia. Por despacho telegraphico sabemos que os augustos noivos chegaram sem novidade a Petropolis ás seis e meia horas da tarde. Dahi regressarão no dia 24 do corrente, afim de

assistir aos outros festejos que devem effectuar-se nesse dia e no seguinte. »

O conde d'Eu, que abraçou a nossa nacionalidade, foi nomeado marechal do nosso exercito e conselheiro de Estado. Espirito dotado de aprimorada cultura, prestou o conde ao nosso exercito relevantissimos serviços, captando a estima de homens como Caxias, Osorio, Pelotas, Polydoro, Taunay, patenteando verdadeiro interesse pelos assumptos da patria de sua esposa. Alvo de injustas apreciações, a sua conducta, julgada á luz de irrefragaveis documentos, só provoca unanimes applausos. Jámais esqueceu o nosso paiz, cujo idioma estudou e cultivava perfeitamente. De seu valor como soldado basta, para aquilata-lo, a ultima phase de guerra do Paraguai e o seu commando na arma de artilharia. Do seu espirito sobejam as provas : entre ellas o interessantissimo livro — *Journal d'une promenade autour du Monde en 118 jours*, de que teve a bondade de nos offerecer um exemplar, no qual descreve as suas impressões dos Estados-Unidos, Japão, China, Ceylão, India, Egypto e Terra-Santa, com uma justeza de critica francamente admiravel e não raro se referindo em termos encomiasticos á nossa terra, toda vez que as comparações a isso o levavam.

A justiça a seu respeito tem tido, todavia, varias demonstrações. O general J. S. Torres Homem, nos seus *Annaes da Guerra do Brasil com os Estados do Prata e Paraguay*. (Rio de Janeiro, 1911) diz, tratando da campanha das Cordilheiras, pag. 302 :

« Essa campanha, é justo dizer, constituiu o melhor titulo da nobreza do principe Gastão de Orléans, que revelou por sua in-

telligencia, energia e actividade, possuir as verdadeiras qualidades de um chefe de exercito ».

Surge, emfim, a necessidade da viagem do imperador á Europa. Tinha então a princeza 25 annos.

Diz Joaquim Nabuco :

« Em abril (1871) trata-se no Conselho de Estado da viagem do imperador á Europa. Era a primeira vez que d. Pedro II sahia do Imperio, a primeira em que condescendia em satisfazer a curiosidade, que devia ser grande em um espirito como o seu, de visitar a Europa, que tão perfeitamente conhecia, que tanto falava á sua imaginação. A partida do imperador era uma prova de confiança dada a Rio Branco, mais ainda, porém, da confiança na estabilidade, no funcionamento sem attritos, do nosso systema politico, sobretudo devendo discutir-se durante a sua ausencia a lei da emancipação.

Para o imperador ausentar-se do Imperio era preciso a licença das camaras. Tambem ainda não se tinha dado caso de regencia hereditaria. Como regulal-a? Competia á assembléa geral marcar os limites da autoridade de regencia, que não fosse electiva? Nabuco, ouvido pelo visconde do Rio Branco, responde que não. Esse parecer em que se revelam as qualidades habituaes de Nabuco, não satisfez ao imperador, nem a Rio Branco; receiavam que se pudesse arguir de illegitima a autoridade da princeza, si não fosse definida pela assembléa geral; desde que se não podiam ampliar os poderes da Constituição, mas só restringil-os, era principio mais liberal fazer dessa autoridade uma especie de delegação do Parlamento. »

Afinal por lei de 17 de maio de 1871, n. 1.913, referendada pelo ministro do Imperio, conselheiro João Alfredo, foi outorgado o consentimento de que tratava o art. 104 da Constituição Imperial, para que s. m. o imperador pudesse sahir do Imperio, declarando que, durante a sua ausencia, governaria como regente a princeza imperial sra. d. Isabel.

O imperador partiu para a Europa pelo paquete *Douro* a 25 de maio de 1871, regressando a 31 de março de 1872, pelo paquete *Boyne*.

Nesse periodo de dez mezes governou a princeza com o ministerio presidido pelo visconde do Rio Branco, ministerio que, constituido a 7 de março de 1871, permaneceu no poder até 24 de junho de 1875.

Do que foi essa regencia falam a benemerencia dos actos e o testemunho dos eminentes estadistas que serviram com a princeza, unanimes em proclamar-lhe o elevado criterio, o fino tacto, a circunspecção. Entre os actos brilhará sempre a lei n. 2.040, de 28 de setembro, declarando de condição livre os filhos de mulher escrava que nascessem desde a data dessa lei.

Desde então estava fadada á princeza a gloriosa tarefa de extinguir a escravidão em nossa patria.

A segunda regencia, quando o imperador foi aos Estados-Unidos, durou de 26 de março de 1876 a 25 de setembro de 1877. Tambem dessa vez a princeza manteve o ministerio deixado por seu pae e presidido pelo duque de Caxias, o derradeiro ministerio da penultima situação conservadora.

Medidas de grande utilidade para a diffusão da instrucção publica e para os serviços sanitarios, além de outras de character diplomatico, assignalaram a proficua interinidade.

A terceira e ultima regencia foi de 30 de junho de 1887 a 22 de agosto de 1888.

Seguindo para a Europa por motivo de grave enfermidade, o imperador deixou no poder o ministerio Cote-gipe, organizado a 20 de agosto de 1885, que a princeza

manteve. A questão da abolição, porém, dominava decisivamente, e o ministerio procurava oppôr certos embaraços aos desejos da nação, que queria a resolução immediata e integral do caso.

A 28 de fevereiro de 1888 começaram os disturbios nesta Capital, servindo de pretexto a prisão do capitão-tenente reformado José Leite Lobo.

A demissão do chefe de policia, Coelho Bastos, arrastou a do governo. Cotegipe pediu exoneração, a princeza concedeu-lh'a e incumbiu ao conselheiro João Alfredo de organizar o novo gabinete, isto a 7 de março de 1888.

A 10 publicaram os jornaes os nomes dos ministros.

A feição do governo era caracteristicamente abolicionista. O chefe do ministerio comprehendera nitidamente o momento social e politico, collocando-se ao lado da regente.

Na sessão de 7 de maio, o presidente do conselho, explicando á Camara o que determinara a sua ascensão, concluiu da seguinte fórma :

« Julgo-me dispensado de expôr o nosso programma, porque se acha expresso na Fala do Throno. Direi sómente que o ministerio, si tiver o apoio do Parlamento, ha de esforçar-se quanto fôr possivel para que esse programma se converta em realidade, e sobretudo para que se effectue quanto antes a reforma do elemento servil, que é a aspiração nacional, e que o gabinete tem empenho em fazer tão perfeita quanto a opinião publica a indica e quer. Amanhã será apresentada a proposta do Poder Executivo para que se converta em lei a extincção immediata e incondicional da escravidão no Brasil. »

Estava definida a situação. Vencera a opinião nacional, vencera tambem o intimo desejo da princeza como regente. O gabinete João Alfredo ha de passar á historia como o mi-

nisterio da Princeza. Fôra talvez preferivel que, decretada a lei de 13 de maio, se retirasse. Ficaria em nossa Historia sob esse aspecto singular, alvo de todos os applausos.

Regressando o imperador a 22 de agosto de 1888, a princeza só nos transes amarissimos de 15 de novembro de 89 se manifestou, e ainda assim incidentemente, em seu character de herdeira presumptiva da corôa. Suas palavras, neste momento, tiveram, porém, o cunho da mais serena altivez.

Fôra do governo, o seu papel foi o de filha amantissima, mãe extremosa, esposa modelar. Além das preoccupações de familia só tinha então as da caridade.

Exilada, a sua attitude jámais se afastou dessa nobreza de resignação, que lhe outorga verdadeira majestade.

O Brasil está sempre em seu coração, e em seu espirito. Jámais o esquecerá, como jámais o esqueceu o seu excelso progenitor.

O martyrio do banimento não lhe diminuiu o animo, nem lhe suffocou o coração: radicou-lhe, sim, ainda mais, o amor patrio.

Salve!

Rio, 29 de julho de 1915.





UMA PHRASE... QUE NÃO FOI DICTA







### UMA PHRASE... QUE NÃO FOI DICTA

**E**M sessão do Instituto Historico, a 3 de setembro de 1906, presidida pelo saudosissimo marquez de Paranaguá, então 1º vice-presidente, tive ensejo de ler algumas das notas lançadas pelo imperador d. Pedro II ás margens do livro do conselheiro Tito Franco de Almeida, denominado *Biographia e estudo do Conselheiro Francisco José Furtado*.

A leitura teve a fortuna de provocar observações do inolvidavel visconde de Ouro-Preto e a de produzir alguns depoimentos que deixaram plenamente provado não haver o conselheiro Euzebio de Queiroz Coutinho Mattoso Camara, ministro da Justiça no Gabinete de 29 de setembro de 1848, presidido pelo visconde de Olinda, pronunciado a phrase que, por muitos, lhe foi attribuida: — «*Com vossa majestade sómente se póde ser ministro uma vez*».

Para melhor elucidação do que se passou no Instituto, transcrevo os periodos das actas de 1906:

«O SR. FLEIUSS procede á leitura de alguns trechos da *Biographia e estudo do Conselheiro Francisco José Furtado*, escripta pelo conselheiro Tito Franco de Almeida e das copiosas notas que, á margem, escreveu a lapis o imperador, d. Pedro II.

« O SR. VISCONDE DE OURO-PRETO declara que fará algumas revelações, que não serão sem interesse para o Instituto, pois se refere ao livro, cujos excerptos e notas leu o sr. 1º secretario. Esse livro appareceu quando mais accessa se feria a luta entre os denominados *liberaes historicos* e *liberaes progressistas*, causando certa impressão.

Entendeu contrapor-lhe refutação o gabinete de 3 de agosto de 1866, presidido pelo eminente Zacharias de Góes, e do qual faziam parte os nobres actuaes marquez de Paranaguá, primeiro na pasta da Justiça e depois na da Guerra, conselheiros Martim Francisco, que da de Extranjeros passou para a da Justiça, Souza Dantas, na da Agricultura, e quem o está recordando mal geria a da Marinha.

Ao organizar-se esse ministerio ficara com a pasta da Guerra o barão de Uruguayana, que mezes depois se retirou, sendo substituido na pasta pelo sr. marquez de Paranaguá. Para preenchimento da vaga aberta foi nomeado o senador Sá e Albuquerque. Fallecendo este, a vaga foi preenchida pelo illustrado sr. conselheiro Silveira de Souza, felizmente ainda vivo. Sobrevivem, pois, tres testemunhas do que vai dizer.

Por designação dos collegas foram incumbidos de promover a resposta ao livro do sr. Tito Franco de Almeida os ministros da Agricultura e da Marinha, que por sua vez a confiaram ao deputado por Pernambuco, dr. Souza Carvalho, correligionario prestimosissimo e desinteressado. Affirma-o, porque em vida e depois de morto foi muito injustamente accusado. Nunca o viu propugnar pretenção propria, mas proteger as de outrem, amigos ou adversarios.

Souza Carvalho encarregou do trabalho ao intelligentissimo dr. Luiz de Carvalho Mello Mattos, que se finou precocemente. O dr. Mello Mattos, foi, portanto, quem escreveu as *Paginas da Historia Constitucional*, explicando e combatendo os factos e apreciações expostos na *Biographia do Conselheiro Furtado*. Era um character nobilissimo; trabalhou gratuitamente; e releva accrescentar — tambem a publicação não custou um real aos cofres publicos.

Alguns dos factos alludidos eram antigos, delles não tinha noticia o escriptor, que exigiu informações. Não podiam dar-lh'a os ministros, que igualmente mal os conheciam. Resolveram sollicitar-as respeitosaente ao imperador, que as prestou com a maior benevolencia.

Occorre de momento a lembrança de duas. A primeira dizia respeito ás palavras attribuidas ao sr. senador Euzebio de Queiroz, quando ministro da Justiça. Assegurava-se que, de uma feita, em despacho e fechando a pasta, dissera: « Com vossa majestade sómente se póde ser ministro uma vez ».

O imperador, consultado, respondeu simplesmente: « Os senhores conhecem o Euzebio e sabem que a uma alta capacidade junta maneiras tão delicadas que o inhibiriam de offender a quem não póde reagir ».

Era uma balela. E' verdade que Euzebio não tornou a ser ministro; mas foi conselheiro de Estado, cargo de igual categoria. Si não acceitou a nomeação depois offerecida, foi por motivos de saude, não por desgosto com o chefe do Estado. Mais de uma vez o disse a pessoas de sua intimidade, como póde attestal-o o distincto sr. senador da Republica, dr. Oliveira Figueiredo, que lh'o ouviu. Alludira o sr. Tito Franco de Almeida á demissão do ministro Honorio, depois marquez de Paraná, porque exigiu a demissão do inspector da Alfandega e não a obtivera por *favoritismo*.

Declarou o imperador: Nunca tive favoritos. Recusei, é certo, a demissão do inspector da Alfandega desta cidade e concedi a do ministerio, que disso fizera questão, por dois motivos. Em primeiro logar, *não me provará* o ministro nenhuma irregularidade no procedimento daquelle funcionario honestissimo. Depois, eu era então muito moço; começava a exercer as minhas funcções e entendi dever mostrar que tinha vontade e resolução ».

O SR. MARQUEZ DE PARANAGUÁ dá o seguinte aparte: E o imperador accrescentou: — « Hoje não procederia assim ».

O SR. VISCONDE DE OURO-PRETO (continua): Exactamente; e mais que — « Tanto Honorio não se magoou commigo que depois serviu nos mais altos cargos de immediata confiança ».

Rematara estas reminiscencias, que revelam o sentir intimo do finado imperador, citando caso occorrido com o orador. Um dia conversando com sua majestade sobre coisas politicas, teve a ousadia de dizer-lhe que não pouco contribuíram para desenvolver-se a propaganda republicana a impassividade com que eram combatidas e calumniadas as instituições vigentes e seus representantes, e mais a convicção arraigada de ser caminho seguro para chegar promptamente aos cargos mais elevados a aggressão á dynastia.

Retorquiu-lhe serena e nobremente o sr. d. Pedro II: « Sou sensível ás injustiças e me doem os apôdos; mas o meu dever não permite que, por injurias pessoaes, prive o paiz dos serviços de brasileiros distinctos. As coisas unicas de que posso dispôr livremente, conferindo-as aos que sei não me serem infensos, são os cargos da minha casa, que não dão proventos, nem privilegios ».

Basta o que tem dito para que a geração nova vá conhecendo quem era o grande morto. »

( *Acta de 3 de setembro de 1906* ).

« O SR. FLEIUSS (*1º secretario*), diz que, encontrando-se com o illustrado sr. senador Oliveira Figueiredo, e entretendo conversação com elle a respeito do incidente havido entre o senador Euzebio de Queiroz e sua majestade o imperador, incidente de que tão brillantemente se occupou na sessão passada o sr. visconde de Ouro-Preto, muito digno 3º vice-presidente, obteve do mesmo senador Oliveira Figueiredo a promessa de uma exposição escripta sobre o assumpto. Insistindo o orador no seu pedido, por carta, recebeu a resposta que vai lêr:

« Respondendo á carta de v., datada de hoje, em que mostra desejo que eu explique o motivo pelo qual o eminente sr. visconde de Ouro-Preto, na sessão do Instituto Historico, de 3 do corrente mez, invocou o meu testemunho contra a asserção de que o grande estadista conselheiro Euzebio de Queiroz declarava que, com o imperador, um homem de brio não podia ser ministro duas vezes, venho expor o unico facto que em meu espirito deixou a convicção de não ser esse o modo de pensar daquelle illustre conselheiro.

Em uma tarde de meados do anno de 1859, achava-me eu na residencia do digno desembargador Francisco de Queiroz Coutinho Mattoso Camara, casa situada em uma rua esquina da do Nuncio, em uma festa de familia delle — baptisado de uma filha, quando o conselheiro Euzebio de Queiroz, irmão do referido desembargador, que tambem alli se achava, foi chamado por carta ao Paço de S. Christovão.

Voltando dalli, cerca das 10 horas da noite, referiu-nos no gabinete de seu irmão, em presença deste, do meu inolvidavel amigo e collega o dr. Euzebio de Queiroz, filho do conselheiro, e na minha, que o imperador ao começar sua conferencia com elle lhe expuzera que o gabinete Abaeté pedira demissão, e como elle imperador estava de accôrdo com as opiniões politicas emittidas pelo conselheiro no recente discurso no Senado, o encarregava de organizar novo gabinete; respondeu o conselheiro, manifestando-se muito reconhecido á prova de confiança, mas pedindo dispensa da alta commissão, porque seu estado de saude, mormente seu incommodo de olhos, não lhe permittia o trabalho indispensavel do importante cargo de presidente do Conselho. A isso ponderou o imperador, com algum pezar, si era proposito do conselheiro não servir mais á Nação, como Ministro de Estado.

Disse-nos, então, o conselheiro que essa observação do imperador o commoveu muito, e contra ella protestou, assegurando ao imperador que o unico motivo de sua recusa era o mau estado de sua saude.

O tom com que o conselheiro Euzebio de Queiroz, na intimidade, referiu-nos o sentimento que experimentara, com a observação de sua majestade, levou-me a crer que elle jamais tivesse dito que com o imperador não podia ser ministro duas vezes.

Conservo tão alta veneração pela memoria do conselheiro Euzebio de Queiroz, que me sinto feliz em dar o meu testemunho sobre a completa integridade de seu elevado character. Releve-me as lacunas desta exposição, que deve necessariamente se resentir da fraqueza de minha memoria de velho a respeito de um episodio

passado ha 47 annos. Sou com toda a consideração, etc. — *Carlos Augusto de Oliveira Figueiredo.*

Rio, 14 de setembro de 1906.»

(*Acta de 17 de setembro de 1906*).

O SR. VISCONDE DE OURO-PRETO communica ao Instituto que, com data de 22 do passado, recebeu do sr. dr. Manuel de Queiroz, digno filho do finado conselheiro Euzebio de Queiroz, uma carta em que s. ex. confirma a contestação opposta pelo communicante, em uma das sessões passadas, á falsa intelligencia attribuida a uma phrase daquelle illustre estadista, que nenhuma magoa teve jamais do imperador, nem em caso algum a elle se referiria em termos ou em sentido discordante da extrema cortezia com que tratava grandes e pequenos.

Nessa carta o dr. Manoel de Queiroz recorda que, já no anno de 1882, impugnara semelhante balela, e como prova transcreveu os seguintes topicos de um artigo que, com a sua assignatura, fez publicar no *Globo*, 25 de outubro daquelle anno, e que convém fiquem registados nos annaes do Instituto :

«O dito attribuido a meu pae nos termos em que o apresenta o articulista, não seria uma prova de virilidade da alma senão de impertinente grosseria, quando é sabido que entre os melhores amigos de meu pae, e que elle aos filhos apontava como homens de todo o respeito, contavam-se José Clemente Pereira, Itaborahy, Uruguay, Paraná, que mais de uma vez, sabem, foram ministros. Os que conheceram Euzebio de Queiroz sabem quanto elle era delicado, polido, e attencioso, incapaz por certo de lançar sobre seus melhores amigos o labéo de faltos de pundonor.

— *Não se pode ser ministro duas vezes* — disse e repetiu Euzebio de Queiroz, considerando as difficuldades da posição, os desgostos e amarguras, que soffrem os ministros neste paiz, onde nada se respeita, onde os mais puros sentimentos são desconhecidos e offendidos pela malicia dos homens, onde a ingratição assentou seu throno, sem por isso attribuir a aceitação de um segundo ministerio á falta de pudor. . . Não é tambem um protesto contra o *poder pessoal*, cuja existencia nunca foi denun-

ciada pelo conselheiro Euzebio, e o proprio articulista reconhece que — seria preciso considerar aviltados todos os homens que têm servido muitas vezes o cargo de ministro, para admittir o poder corruptor da corôa —.

Se Euzebio de Queiroz estivesse convencido da influencia indebita da corôa não a denunciaria por insinuações cobardes, mas teria dado ao articulista outra prova da — virilidade de sua alma e da independencia de seu character — combatendo-a da tribuna, á luz do dia, a peito descoberto, e não — atirando —, em uma phrase que feria os mais respeitaveis caracteres do seu tempo, — o odioso e a responsabilidade da perversão do governo do Estado sobre um só—.

A molestia allegada para excusar-se da incumbencia de organizar um novo gabinete, não foi infelizmente méro pretexto, e bem cedo tivemos a dolorosa prova. »

(Acta de 1º de outubro de 1906).

Ficou assim desfeita mais uma balela.

Quão curiosa seria uma pesquisa sobre outras phrases que correm mundo e que não passam de pura invenção!

O interessante livrinho de Eduardo Fournier: *L'esprit dans l'Histoire, recherches et curiosités sur les mots historiques*, publicado em Paris pelo editor E. Dentu, em 1883, e no qual destroe esmagadoramente muitos dictos attribuidos a personagens celebres, devia ter, entre nós, um imitador.

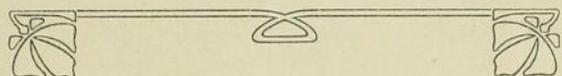
Eduardo Prado, como me disse uma vez, propunha-se a esta tarefa e dizia já possuir farto manancial de provas.

Quem agora a poderia levar a cabo, e com brilhantismo, é o erudito sr. Constancio Alves, a quem, destas linhas, dirijo o appello.

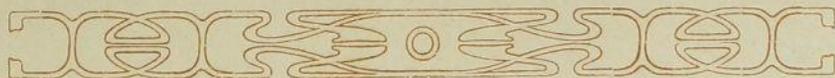




AS PRINCIPAES ASSOCIAÇÕES  
LITERARIAS E SCIENTIFICAS DO BRASIL  
1724-1838







## AS PRINCIPAES ASSOCIAÇÕES LITERARIAS E SCIENTIFICAS DO BRASIL

1724-1838

MEMORIA APRESENTADA AO 2º CONGRESSO SCIENTIFICO PAN-AMERICANO RE-  
UNIDO EM WASHINGTON, DE 27 DE DEZEMBRO DE 1915 A 8 DE JANEIRO  
DE 1916

### PRIMEIRA PARTE

A ACADEMIA BRASILICA DOS ESQUECIDOS — A ACADEMIA DOS  
FELIZES — A ACADEMIA DOS SELECTOS — A ACADEMIA BRA-  
SILICA DOS RENASCIDOS — A ACADEMIA SCIENTIFICA DO  
RIO DE JANEIRO — A SOCIEDADE LITERARIA DO RIO DE JA-  
NEIRO

**A**s duas tentativas mais antigas de aggreiação in-  
tellectual, realizadas pela civilização Européa,  
distant mais de mil annos uma da outra : — a Escola de  
Platão, no jardim de Academus, é do anno 388 antes da éra  
actual : e a Academia *Palatina*, assim chamada por se reunir  
no proprio palacio de Carlos-Magno, creou-a este soberano  
em 785.

Só o Renascimento, porém, é que havia de determinar  
o apparecimento de sociedades especulativas, a principio  
exclusivamente estheticas e depois scientificas e philoso-

plicas, destinadas a influir na fundação de cenáculos similares por todo o mundo culto.

Assim, da « Academia degli Umili », fundada em Florença em 1540, originou-se a « Academia della Crusca » (isto é, — do farello —), a que se deve o celebre dicionario, cuja *editio princeps* é de 1612, — seguida pela « Academia del Cimento », alli estabelecida em 1657 pelo cardeal Leopoldo de Medicis. A Arcadia de Roma data de 1690. São também do seculo XVII as associações analogas creadas na França: — a Academia Franceza, fundada pelo cardeal Richelieu em 1635; a Academia das Inscripções e Bellas-Letras e a Academia das Sciencias, ambas devidas a Colbert em 1663 e 1666; e as de Pintura e Esculptura, de Musica e de Architectura foram installadas, respectivamente, em 1648, 1666 e 1671. Ao neto do *roi-soleil*, Philippe V, que succedeu em 1700 a Carlos II, é que cabe a gloria da criação da Academia Espanhola, moldada pela Franceza e, anteriormente, á semelhança dos agrupamentos, coetaneos de nomes exquisitos, « Immoveis », « Gélicos », « Solitarios », « Insensatos », « Surdos », « Ociosos », de origem italiana, vira a patria do Cid apparecer os « Nocturnos » (de que foi *alma-mater* Guillém de Castro, comedigrapho famoso, 1569-1631), os « Desconfiados » (de Barcelona), e a Academia do Bom-Gosto, esta fundada pela condessa de Lemos, na primeira metade do seculo XVII.

Em Portugal, o movimento correspondente ao que acabamos de esboçar desabrocha depois da restauração de 1640: — os « Generosos » congregaram-se no palacio do trinchante-mór do reino, d. Luiz da Cunha, e secretariava-os o conde de Villa-Maior; attribue-se ao conde de Ericeira a paternidade das conferencias « Discretas », das

quaes provavelmente resultou uma obra estimabilissima, o *Vocabulario* de d. Raphael Bluteau; e, a exemplo do que se passava então na Italia e Espanha, viu a terra de Affonso Henriques proliferar no seu seio, todas de curta duração e de menor proveito, as sociedades dos «Instantaneos», «Solitarios», «Illustrados», «Occultos», «Humildes», «Ignorantes», «Insignes» e «Obsequiosos», «Anonymos»... Dentre esses gremios ephemeros, salientou-se a Academia dos Singulares, fundada pelo inquisidor-mór Pedro Duarte Ferrão.

Como o chamado Renascimento não fôra um phenomeno regular na evolução do occidente, onde estava em pleno apogeu o catholicismo, implantou-se nos melhores espiritos a desordem que os levou a intrometer em suas producções o polytheismo greco-romano, ás vezes em manifesta confusão com a theologia e theogonia então dominantes. Essa anomalia, de par com outras causas, é o que explica o porque, desde fins do seculo XVI, até grande parte do XVII, se alastrou pela Europa a preocupação dos trocadilhos, dos *concetti* insulsos das metaphoras arrojadas e o tratar das questões mais ociosas e futeis, quaes as debatidas, não raro, pelos «Escolasticos» medievaes. Essa perversão literaria, que se chamou na Italia «marinismo», (do poeta Marini, autor do *Adonis*, 1569-1625) e na Espanha «gongorismo» (de d. Luiz de Góngora y Argote, 1561-1627, poeta que fundou o «estilo culto», — tendo attingido á Inglaterra, onde tomou de Euphues, — personagem creada por John Lyly em seu romance *Euphues ou Anatomia do Espirito*, — o nome de «euphuismo», e havendo-se ostentado na *Pleiade*, que surgiu em França sob Luiz XIII, — não podia deixar de reflectir-se

em Portugal, onde floresceu por muito tempo com a denominação de «cultismo» ou «culteranismo».

Não podia a colonia luso-americana, — onde o progresso se accentuara rapido no seculo XVIII, graças ao descobrimento das grandes riquezas metallicas, ouro e diamantes —, deixar de contrahir a mania das aggremações literarias, com os mesmos defeitos com que a metropole as havia imitado da Espanha e da Italia.

Vamos, em ligeira synthese, tratar, na ordem seguinte, das associações especulativas que teve o Brasil no seculo XVIII: — *a*) a «Academia Brasilica dos Esquecidos»; *b*) a «Academia dos Felizes»; *c*) a «Academia dos Selectos»; *d*) a «Academia Brasilica dos Renascidos»; *e*) a «Academia Scientifica do Rio de Janeiro»; *f*) a «Sociedade Literaria do Rio de Janeiro».

A) «ACADEMIA BRASILICA DOS ESQUECIDOS»

A 23 de novembro de 1720, tomou posse do cargo de vice-rei do Estado do Brasil Vasco Fernandes Cesar de Menezes, depois o conde de Sabugosa.

Além do muito que fez, quer na administração geral, quer, mais particularmente, afim de desenvolver a conquista do interior, do que dá conta o código intitulado *Index de varias noticias pertencentes ao estado do Brasil, e do que nelle obrou o conde de Sabugoza no tempo de seu governo*, manuscripto pertencente ao Instituto Historico e Geographico Brasileiro, — deve-se-lhe a fundação do primeiro gremio, que, copiando as instituições congeneres de Portugal e talvez influenciado pela Academia da Historia Portugueza, creada por d. João V em 1721, surgiu em plagas brasileiras.

A acta seguinte, fielmente copiada do original, fornece ampla noticia de tal companhia, isto é, da sua organização e dos seus fins :

« O Exm. Snr. Vasco Fernandes Cesar de Menezes, incomparavel vice-rei do Estado do Brasil, que no seu inclyto nome traz vinculada com a profissão d'illustrar as armas a propensão d'honrar as letras, para dar a conhecer os talentos que n'esta provincia florescem, e por falta d'exercicio litterario estavam como desconhecidos, determinou instituir uma academia, a cujo fim fez chamar por cartas circulares as pessoas seguintes: o reverendo padre Gonçalo Soares da França, o desembargador Caetano de Brito e Figueiredo, chanceller d'este Estado; o desembargador Luiz de Siqueira da Gama, ouvidor geral do cível; o doutor Ignacio Barbosa Machado, juiz de fóra d'esta cidade; o coronel Sebastião da Rocha Pitta, o capitão João de Brito Lima; e José da Cunha Cardoso; aos quaes, na tarde de sete de março de mil setecentos e vinte e quatro, communicou a vontade com que se achava d'erigir e estabelecer a academia, cuja resolução abraçaram uniformes os sete convocados, como filha de tão excellente e generoso espirito; e com o seu beneplacito escolheram por empreza o sol com esta letra: — *sol oriens in occiduo* — assentando entre si com louvavel modestia intitularém-se — « Os Esquecidos ».

Tomaram por materia geral de seus estudos a historia brasílica dividida em quatro partes: a natural, que corre por conta do já mencionado chanceller; a militar, que se encarregou ao dito juiz de fóra; a ecclesiastica, cujo emprego se deu ao reverendo Gonçalo Soares da França; e a politica, cuja incumbencia cahiu em sorte ao ouvidor geral do cível.

Dos sete academicos principaes, o primeiro se denominou com o titulo d'Obsequioso, o chanceller tomou o nome de Nubiloso, o ouvidor do cível d'Occupado, o juiz de fóra de Laborioso, o coronel de Vago, o capitão d'Infeliz e o ultimo de Venturoso. A este nomeou o Exm. Snr. vice-rei e protector d'academia por secretario, para orar na primeira conferencia, que se determinou

fosse na tarde de vinte e tres d'abril dia oitavo depois da pascoa do anno já referido.

Assentou-se que as expedições academicas se fizessem em palacio, reiterando-se de quinze em quinze dias, e alternando-se os quatro mestres de dois em dois em reciproca successão, dando-se principio a cada um d'aquelles actos com uma oração ou discurso, que lerá o presidente nomeado por seu antecessor, com beneplacito do excellentissimo fundador d'academia, ficando a cada um dos presidentes a eleição livre da materia, acção, questão ou problema sobre que quizessem discorrer.

Ficou por estatuto que, em objecto dos engenhos poeticos, se dariam para todas as conferencias dois argumentos ou assumptos, um heroico, outro lyrico; e as poesias a elles feitas lerá o secretario o dito José da Cunha Cardoso (depois de recitadas as prosas do presidente e mestre), admittindo-se tambem poemas anonymos.

Não pareceu bem se dessem especiaes assumptos poeticos para a conferencia do primeiro dia; porque toda ella se reputou por breve para os merecidos encomios do nosso augustissimo protector, e da sempre heroica e felicissima criação da nova academia, em cujo nome se ordenou ao secretario chamasse e convidasse a muitos, particularmente a pessoas de distincção, o que elle observou por cartas; escrevendo tambem um papel que os curiosos podiam tomar como um cartel de desafio para certames litterarios.»

Conforme os tres volumes relativos a essa aggre-miação, copiados do códice 366 da Bibliotheca de Alcobaça e existentes no Instituto Historico e Geographico Brasileiro (e que, em 1839, o visconde de S. Leopoldo julgava «irremediavelmente perdidos», como se vê da *Revista do Instituto Historico e Geographico Brasileiro*, t. 1, 3ª ed., pag. 64), o que felizmente não é exacto, realizou a «Academia Brasilica dos Esquecidos» 18 sessões, durando até 4 de fevereiro de 1725.

De taes conferencias, todas levadas a effeito no palacio vice-real, poucas foram as importantes, não tardando os academicos a declinar, tanto no estimulo ao comparecimento como no apuro das suas prodigas allegorias. Na primeira, a 23 de abril de 1724, teceram-se apenas abundantes lôas ao alto representante do soberano no Brasil; e, além do panegyrico entoado pelo secretario, recitou Antonio Cardoso da Fonseca um soneto adequado á festa, no que o acompanhou, com versos em latim, certo religioso franciscano, que se escondeu no anonymato. Encheu a segunda, realizada a 7 de maio, bello discurso gongorico de Rocha Pitta sobre a «religião», tendo sobre o thema «Quem mostrou amar mais fielmente, Clycie ao sol ou Endymião á lua?», discorrido varios poetas, entre os quaes se distinguuiu José de Oliveira Serpa. «A fortuna» foi o assumpto com que abrilhantou a terceira o capitão João de Brito Lima (a quem Varnhagen se refere quer no *Florilegio da Poesia Brasileira*, I, quer na *Historia geral do Brasil*, II)<sup>(\*)</sup>, cujo cognome foi então epigrammatizado, no idioma do Lacio, por Luís Canello de Noronha, tendo Rocha Pitta e Antonio de Oliveira terçado rimas sobre o thema «Uma dama que sendo formosa não falava, por não mostrar a falta que tinha de dentes». Couberam as honras da setima ao padre-mestre Raphael Machado, reitor do collegio jesuitico da Bahia, o qual desenvolveu com habilidade o pensamento de Salomão «*Nihil sub sole novum*», e varios trovadores da associação exploraram a these «Uma moça que, mettendo na bocca umas perolas, e revolvendo-as,

---

(\*) Já antes, no t. X da *Revista*, a pag. 116, o futuro visconde de Porto-Seguro se havia occupado da personalidade de João Brito de Lima.

quebrou alguns dentes », tendo ganhado as palmas do torneio o padre Barreto, vigario da freguezia de S. Pedro.

Depois da decima oitava conferencia, celebrada a 4 de fevereiro de 1725, não se realizou nenhuma outra. Era evidente, desde muito a decadencia do cenaculo, não podendo attribuir-se-lhe o definitivo encerramento á retirada de Vasco de Menezes, porque este ainda se conservou no governo até 11 de maio de 1735.

E' natural presumir-se que o illustre vice-rei favoreasse a publicação da *Historia da America Portugueza* que Sebastião da Rocha Pitta, alistado tambem entre os bons poetas da primeira metade do seculo XVIII, traçara até 1724 e que foi dada á estampa em Lisboa em 1730. Nella, em suas ultimas linhas, ns. 112 e 113 do livro X, é que o notavel escriptor bahiano trata do governo de que foi *magna pars*.

Entre as obras, que não chegaram a vir a lume, devidas a membros da « Academia Brasilica dos Esquecidos » contam-se, além das producções de menor folego, atrás referidas, as seguintes: — uma *Memoria acerca dos passaros da colonia luso-americana*, feita pelo chanceller da Relação da Bahia, Caetano de Brito de Figueiredo; uma *Dissertação sobre a historia ecclesiastica do Brasil* traçada por Gonçalo Soares da Franca, tambem arrolado entre os versejadores de merito; e, finalmente, o escripto de Ignacio Barbosa Machado (irmão do famoso biographo portuguez de igual appellido), datada da Bahia a 1º de junho de 1723 e dedicado a Vasco Fernandes Cesar de Menezes, com o titulo — *Exercicios de Marte, Nova escola de Bellona, Guerra Brasilica ou Dissertações criticas historicas do descobrimento e origens dos povos e regiões d'America*,

*povoações, conquistas, guerras, e victorias com que a nação portugueza conseguiu o dominio das quatorze Capitánias que formam a Nova Luzitania, ou Brasil.*

Apreciando essa primeira aggremação litteraria de nossa terra, assim se exprimiu o conego dr. J. C. Fernandes Pinheiro (*Revista do Instituto*, t. XXXI, 1868, p. 2<sup>a</sup>, pags. 32):

«Descendente em linha recta das academias italianas, espanholas e portuguezas, foi a «Academia Brasilica dos Esquecidos» a legitima representante do espirito futil e da incontiencia tropologica que tanto prejudicaram as suas avoengas. Os homens, porém, que consagraram seus lazeres ao cultivo da intelligencia, posto que mal encaminhada, numa epocha em que tão poucas aspirações eram deixadas ás letras, devem ser considerados benemeritos da patria, e sua saudosa memoria religiosamente guardada na urna do respeito e veneração dos posteros.»

B) «ACADEMIA DOS FELIZES»

Graças á carta que o dr. Matheus Saraiva, em 20 de outubro de 1742, dirigiu ao abbade Diogo Barbosa Machado (*Revista do Inst. Hist. e Geogr.*, t. VI, 2<sup>a</sup> ed., 1866, pags. 365-369) e á noticia que vem no t. III, pags. 451, da *Bibliotheca Lusitana*, sabe-se que nesta cidade do Rio de Janeiro, a 6 de maio de 1736, no palacio do governador, que era então o brigadeiro José da Silva Paes, na ausencia de Gomes Freire de Andrada, foi installado o segundo gremio literario brasileiro, em tudo semelhante aos que andavam ainda no galarim em Portugal.

O seu fim, diz o fundador, era «discorrer em assumptos varios, assim heroicos como lyricos», e compunha-se de 30 socios, «de um e outro estado». Destes.

ficaram apenas conhecidos os nomes de tres ; o dr. Matheus Saraiva, portuguez, fundador do gremio e seu presidente ; o bacharel Simão Pereira de Sá, que era fluminense ; e o dr. Ignacio José da Motta, que desempenhou as funcções de secretario.

O creador da « Academia dos Felizes » nascera em Lisboa a 21 de setembro de 1687, casando na côrte, logo depois de formado em medicina, com uma senhora do Rio de Janeiro, para onde veiu em 1713. Aqui, por provisões regias, exercia os cargos de medico do presidio e da saude e cirurgião-mór da capitania, professando depois na ordem de Christo, como cavalleiro. Relacionando os escriptos do operoso lusitano, que depois pertenceu á Real Sociedade de Londres, o visconde de S. Leopoldo, que conhecia os referidos por Barbosa Machado, recenseia os seguintes, que affirma (*Revista do Instituto Historico*, 1, pags. 64) existirem na Bibliotheca Publica do Rio de Janeiro, no gab. de ms., ns. 46 e 47, caixa 4: — 1) « America Portuguesa mais illustrada que outro algum Dominio deste Continente Americano » ; 2) « Polianthéa Brasilica, medico-historica, dirigida ao conhecimento das doenças endemicas e epidemicas do paiz, clima Americano, com remedios proprios, do mesmo, descobertos e adquiridos á força de experiencia e observação judiciousa, e de particular estudo e reflexão » ; 3) « Discurso ascetico-medico critico — Qual das virtudes moraes politicas seja mais preciosa, a Prudencia ou Temperança ? » (\*) ; 4) « Oração Academica Panegyrica á chegada do governador e capitão general Gomes Freire de Andrada em cinco dias desde a provincia de Minas Geraes

(\*) Affirma o visconde de S. Leopoldo que o autor se decidiu pela — Temperança.

ao Rio de Janeiro; na ocasião em que os Academicos « Felizes » dissertaram no seu palacio sobre as virtudes de um heroe portuguez <sup>(\*)</sup> ».

De Simão Pereira de Sá o visconde de Porto-Seguro (*Historia geral do Brasil*, II, pags. 865) possuia, em manuscrito, uns « Conceitos joco-serios », em vinte e cinco epistolas em verso. Adeante encontraremos ainda este nosso patricio na « Academia dos Selectos » á qual tambem pertenceu o dr. Matheus Saraiva.

Não teve fado igual ao nome a « Academia dos Felizes », cuja insignia era Hercules com uma clava afugentando o ocio, e a inscrição correspondente — *Ignavia fuganda et fugienda*. Depois de uma interrupção, reabriu-se a 12 de abril em casa do secretario, mas, esclarece o fundador, « feneceu a 28 de fevereiro de 1740 ».

#### C) A « ACADEMIA DOS SELECTOS »

Com este presumpçoso titulo, estabeleceu-se nesta cidade, em fins de 1751, ou nos primeiros dias de 1752, uma associação literaria, — fructo do já decahido cultismo lusitano, — e cuja unica memoravel manifestação de vida se limitou á homenagem prestada a Gomes Freire de Andrada, o qual, governando desde 26 de junho a capitania do Rio de Janeiro, fôra então promovido ao posto de mestre de

(\*) Matheus Saraiva assim informa, immodestamente, na carta atrás mencionada: — « Em a « Academia dos Felizes » nos distinguimos entre todos no ferir dos termos, e estudos destes, de sorte que o general Gomes Freire, reconhecendo esta e aquella singularidade, nos pediu publicamente em a sala dos tenentes-generaes que haviamos de presidir em uma Academia no dia de annos da Senhora Rainha, para que então fosse mais plausivel, que é a oração que envio, e as mais que recitei na Academia referida ».

campo general e nomeado commissario da demarcação dos limites meridionaes do Brasil, oriundo do tratado de 13 de janeiro de 1750, celebrado entre Portugal e Espanha.

Não nos é possível tratar desta ephemera tentativa sem os magnificos subsidios que sobre a mesma colligiu, com a proficiencia que o distinguia, o erudito Joaquim Norberto de Sousa Silva, e que se encontram de paginas 363 a 376 do tomo xv da *Revista Popular*, Rio de Janeiro, 1862.

Foi um brasileiro, Feliciano Joaquim de Sousa Nunes, muito estimado pelo governador e homem instruido (\*), quem teve a ideia do *Acto academico panegyrico* consagrado ao futuro conde de Bobadella, e foi ainda elle quem obteve accitasse a presidencia o padre-mestre Francisco de Faria, jesuita, ficando como secretario o dr. Manuel Tavares de Sequeira e Sá(\*\*), ex-ouvidor geral da comarca de Paranaguá, escolhas afinal approvadas por Gomes Freire.

Marcada a solennidade para 30 de janeiro de 1752, a todos os academicos de numero foi dirigida pelo secretario uma carta-circular, dando-lhes instrucções sobre os trabalhos, que deviam ser entregues até ao dia 25. Já ahi se esclarecia que os epigrammas seriam em latim e que os sonetos, oitavas e romances endecasyllabos seriam em portuguez e espanhol.

(\*) Escreveu, segundo J. Norberto, as obras seguintes : — *Relação panegyrica dedicada a Gomes Freire de Andrada, sobre a procissão do triumpho feita pelas freiras do novo convento de Nossa Senhora da Ajuda e Discurso critico, politico e historico contra a loquacidade vaidosa, a favor do silencio prudente, dedicado ao mestre de campo André Ribeiro Coitinho.*

(\*\*) O ignaciano e o magistrado eram ambos brasileiros, sendo aquelle natural da Bahia.

Os assumptos, formulados pelo presidente da Academia, parece que de collaboração com Feliciano Joaquim de Sousa Nunes, dividiram-se em tres categorias, sob o nome de «maximas», e visando todos a pessoa do homenageado. As maximas christãs eram: 1) «A primeira parte do tempo para Deus»; 2) «Fundar casa em Deus»; 3) «Attribuir tudo a Deus»; 4) «O que se dá a Deus, dal-o totalmente»; 5) «A virtude de quem governa deve ser publica». As maximas politicas eram: 1) «A verdade é a alma das acções»; 2) «Do povo só o respeito»; 3) «Fazer-se temido pela justiça e amado pelos beneficios»; 4) «Vagaroso em resolver, constante em executar»; 5) «Merecer o premio, mas não pedil-o». As maximas militares eram: 1) «A verdadeira gloria é pelas armas»; 2) «Amar igualmente a honra e o perigo»; 3) «Na paz e na guerra a mesma vigilancia»; 4) «Valor e diligencia seguram a victoria»; 5) «Do inimigo recear sempre».

No dia designado, realizou-se a pomposa festa a que assistiu a melhor sociedade. Abriu a sessão o presidente com uma «oração panegyrica» ao general Gomes Freire de Andrada, seguindo-se-lhe o secretario, que recitou umas oitavas, com pretensão a camoneanas. E quando se esperava que cada um dos academicos lesse a respectiva producção, foi o proprio dr. Sequeira e Sá quem se encarregou de tal mysterio; mas, sendo grande o numero dellas, sentiu-se elle fatigado, ficando a maior parte sobre a mesa, com grande desapontamento dos auctores.

Todas essas locubrações foram logo depois (1754) reunidas em volume, hoje bastante raro (de que o Instituto Historico possui um exemplar), impresso em Lisboa,

*in-4º* com o titulo seguinte: — *Jubilos da America na gloriosa exaltação e promoção do Illmo. e Exmo. Sr. Gomes Freire de Andrada. Collecção das obras da Academia dos Selectos, que na cidade do Rio de Janeiro se celebrou em obsequio e applauso do dito Exmo. heroe. Dedicada e offerta ao sr. José Antonio Freire de Andrada pelo Dr. Manoel Tavares de Sequeira e Sá.*

Como interessante catalogo da nossa literatura de meados do seculo XVIII, cumpre recensear o conteúdo da preciosa collectanea, o que vamos fazer, servindo-nos das pacientes notas de J. Norberto: — O presidente, além da citada «oração panegyrica», escreveu tambem um soneto; o secretario, fôra as referidas oitavas, que eram ao todo dezoito, ainda forneceu um epigramma latino e trinta e dois sonetos tendo igualmente traçado a dedicatória e o prologo; o rev. dr. Miguel da Costa Ribeiro concorreu com um soneto em castelhano, um romance em versos endecasyllabos e um romance heroico; o capitão Thomaz José Homem de Brito, portuguez, entrou com cinco sonetos; o rev. padre Antonio Nunes de Siqueira, grande erudito, foi quem lembrou o titulo da obra e quem corrigiu a maior parte das poesias, tendo por sua vez, contribuido com um romance em verso endecasyllabo, tres sonetos em vernaculo, um epigramma em latim e um romance em louvor do secretario; o dr. Francisco de Almeida Jordão, tambem reinol, e citado por Barbosa Machado, na *Bibliotheca Lusitana* II, como traductor de varias obras juridicas, remetteu dois romances endecasyllabos, dois sonetos em vernaculo, um em espanhol e uma decima dedicada ao secretario; o dr. Matheus Saraiva, já nosso conhecido da «Academia dos Felizes», forneceu sete sonetos; o dr. Simão Pereira de

Sá (\*), também do cenaculo de 1736, um romance heroico ; o dr. Antonio Antunes de Menezes, tres epigrammas latinos, uma oitava, cinco sonetos e um romance heroico ; o dr. Fernando José da Cunha Pereira, um romance endecasyllabo em louvor do secretario ; o dr. Francisco Correia Leal, dois epigrammas latinos ; o dr. João de Castilho de Souza Botafogo, um romance endecasyllabo ; o dr. Pedro da Silva Rosa, cinco sonetos (dos quaes quatro em portuguez e um em espanhol), decimas dedicadas ao presidente e o canto « Isla de las Cuebras » ; o dr. Thomaz Rubi de Barros Barreto, varias poesias ; o padre-mestre Antonio José Gomes da Costa, fluminense, o « Applauso metrico » e um soneto dedicado ao secretario ; o padre-mestre Domingos Lourenço de Castro, sete sonetos ; o padre-mestre Rodrigo de Seixas Brandão, um soneto ; o capitão Antonio da Silva Cordeiro, um soneto, um romance endecasyllabo, oito oitavas e o canto « Sitio da Colonia » ; fr. Manuel de Nossa Senhora do Monte do Carmo, dois sonetos ; fr. Manuel da Encarnação, chamado o — Clerigo —, um epigramma latino e um soneto : José Pereira Leão, um soneto : e a musa religiosa occultou-se quasi toda no anonymato, tendo os jesuitas figurado com poesias nas tres linguas marcadas, os beneditinos com versos em latim e portuguez, os

(\*) Diz J. Norberto que o dr. Simão Pereira de Sá, que era então procurador da corôa e fazenda e promotor do juizo da provedoria das capellas e residuos do Rio de Janeiro, era erudito « e gosava dos fóros de historiador ». E acrescenta : — « Tinha já escripto muitas obras que esperava dar ao prélo, taes como *Historia topographica e bellica da nova colonia do Sacramento do Rio da Prata e Sabedoria perfeita e tardes conversadas*. Também trabalhava na *Historia chronologica do bispado do Rio de Janeiro* e outras muitas obras ». A *Historia topographica e bellica* foi publicada, em 1900, pelo Lyceu Litterario Portuguez, desta cidade, em commemoração do 4º Centenario de Descobrimento do Brasil.

franciscanos e carmelitas com producções sómente em lingua latina.

A' solennidade tambem compareceu a poetisa d. Angela do Amaral Rangel, natural do Rio de Janeiro, e céga de nascença, que figura nos *Jubilos da America* com dois sonetos em vernaculo e dois romances lyricos em castelhano. Deixaram, por varios motivos, de assistir á sessão literaria, mas enviaram escriptos que se enfeixaram no livro famoso: — o dr. Gaspar Gonçalves de Araujo, deão da sé, que mandou uma carta ao secretario; o dr. Roberto Car Ribeiro, desembargador dos aggravos da casa da supplicação e juiz do fisco, que remetteu cinco sonetos, tres em espanhol e dois em portuguez; o dr. Ignacio Gomes de Lyra Varella, quatro sonetos; o rev. capellão Antonio Esteves Ribeiro, um soneto; o rev. dr. Ignacio Manuel da Costa Mascarenhas, vigario da Candelaria, carta ao secretario; o dr. Manuel da Cunha de Andrada e Sousa, cujo nome figura na *Bibliotheca Lusitana* e que era então juiz-de-fóra da villa de Santos, interessante carta ao secretario, na qual dizia preferir ao titulo *Jubilos da America* o de *Côro das musas fluvianas*; e João da Affonseca da Cruz, provedor da real fazenda e intendente das minas de Cuyabá, portuguez, e familiar do santo-officio, tambem longa carta encomiastica ao secretario.

Como se acaba de ver, quasi toda a anthologia de rimas visava a honrar o illustre Andrada, que governava ao tempo a colonia luso-americana. Mas,— como bem assignala J. Norberto —, mal imaginavam os reputados versejadores da festa de 30 de janeiro de 1752 que um simples menino de doze annos, que alli os escutava, havia em breve de attingir ao fim de conquistar a gloria que não

logrou toda a vaidosa «Academia dos Selectos». Era José Basilio da Gama. O seu *Uruguay* immortalizou a Gomes Freire e immortalizou-se, ao passo que só os amantes de velharias é que se abalançam a ler os *Jubilos da America*.

D) A «ACADEMIA BRASILICA DOS RENASCIDOS»

Graças aos documentos que o então conselheiro Duarte da Ponte Ribeiro, depois barão do mesmo appellido, offereceu ao nosso Instituto Historico, assim como mercê de escriptos especiaes do visconde de S. Leopoldo, do conego dr. J. C. Fernandes Pinheiro, do dr. Luiz Antonio Ferreira Gualberto, — todos insertos na *Revista* —, e, mais recentemente, do Dr. Alberto Lamago *Autobiographia e ineditos de Claudio Manuel da Costa*, ed. de Bruxellas-Paris), acham-se hoje sufficientemente esclarecidos a vida e feitos da mais notavel de todas as associações literarias apparecidas em nossa patria no seculo XVIII.

José Mascarenhas Pacheco Pereira Coelho de Mello (nascera em Faro a 22 de junho de 1730, formara-se em leis pela Universidade de Coimbra em 1755, abraçara tambem a carreira das armas e pertencera a varias academias de Espanha e Portugal) fôra encarregado, pelo marquez de Pombal, de installar na Bahia dois tribunaes: o do Conselho de Estado e Guerra, sob a presidencia do vice-rei; e o da Mesa de Consciencia e Ordens, sob a presidencia do arcebispo.

Chegado em agosto de 1758 á capital da colonia luso-americana, onde logo se desempenhou de sua commissão, alli ainda encontrou varios sobreviventes da «Academia Brasilica dos Esquecidos», como o rev. dr. Antonio Gon-

çalves Pereira, o rev. dr. Antonio de Oliveira, d. José de Miralles, Ignacio Barbosa Machado e capitão-mór João Teixeira de Mendonça.

Contando com a cooperação desses e de outros letrados, resolveu fundar a « Academia Brasilica dos Renascidos », cuja denominação parece indicar uma revivescencia da anterior.

A primeira reunião deu-se em casa de Mascarenhas, a 19 de maio de 1759, tendo falado sobre o assumpto, além de outros oradores, o eloquente padre José Antonio Sarce. A maioria dos trinta e sete presentes resolveu que a aggre-miação ficasse logo fundada; trinta e dois delles foram declarados academicos — de numero — (devendo este ser depois elevado a quarenta), e cinco supranumerarios (\*). Foram eleitos; — director, José Mascarenhas Pacheco Pereira Coelho de Mello; secretario e chancellor, Antonio Gomes Ferrão Castelbranco; pro-secretario e pro-chancellor, Bernardino Marques Almeida Arnizau (\*\*); censores João Borges de Barros (primeiro), frei Ignacio de Sá Nazareth (segundo), José Pires de Carvalho e Albuquerque (terceiro) e João Ferreira de Bittencourt Sá (quarto). Ao director incumbiu-se a redacção dos estatutos.

(\*) O visconde de S. Leopoldo, o conego dr. J. C. Fernandes Pinheiro e o dr. Alberto Lamego affirmam que o total dos supranumerarios era de setenta e seis; o visconde de Porto-Seguro dá oitenta e tres; e o dr. Moreira de Azevedo diz que o numero era indeterminado. O catalogo, que adiante reproduzimos, menciona oitenta e tres. Mas o ultimo dos citados escriptores é quem tem razão, pois o art. 43 dos estatutos, decide toda a duvida, tratando dos academicos supranumerarios, declara que estes não terão numero certo,

(\*\*) Parece que este, cujo nome se grapha no catalogo — Bernardo Marques d'Almeida e Arnizau foi substituido logo depois pelo rev. dr. Antonio de Oliveira.

A 6 de junho, ainda na mesma casa, realizou-se a segunda sessão, na qual foram aprovados os estatutos («estatutos bem pensados», conforme a expressão do visconde de Porto-Seguro) e postos em execução interinamente, até que viesse o *placet regio* (\*). A Academia tomou por padroeira a Virgem da Conceição, por protector o rei d. José e por Mecenas o marquez de Pombal. A divisa era uma phenix fitando os olhos no céu com o distico «*Multiplicabo dies*», em seguimento da qual figuravam varias aves americanas e europeas com as palavras de Claudiano: «*Conveniunt aquilae, cunctaeque ex orbe volucres. Ut solis connitentur avem.*»

O sello destinado aos despachos, cartas e diplomas, representava a mesma phenix abrasando-se em chammas, com a letra «*Ut vivam*» e, na circumferencia, o titulo abreviado «Acad. Braz. dos Renascidos».

Apesar de haver adoecido o director, José Mascarenhas, que teve de sujeitar-se á panacéa do tempo, isto é, a uma sangria, não deixou por isso de realizar-se a terceira reunião, que, a 21 de julho, foi presidida pelo 1º censor, João Borges de Barros, cujo cargo academico assim se equiparou ao de vice-director. Ahi se deliberou pedir ao soberano a confirmação dos estatutos (o que parece não ter conseguido a associação, que, com o beneplacito do monarcha, alcançaria o titulo de — Real —) e eleger director perpetuo a José Mascarenhas, por ter sido o seu fundador, alargando-se mais o papel do gremio, que se dispoz

(\*) Os referidos estatutos, copiados de um manuscripto da Bibliotheca Publica do Rio de Janeiro, foram offerecidos ao Instituto Historico pelo visconde de S. Leopoldo e integralmente publicados na *Revista*, t. XLV, 1882, pags. 49 e 67.

a responder a quaesquer consultas que lhe fossem dirigidas, e determinando-se prazo para os trabalhos dos socios residentes fóra da séde, de modo que chegassem annualmente á Academia os escriptos dos seus membros domiciliados na Europa e, trimestralmente, os dos moradores em terras americanas.

Só a 31 de julho é que ficou completa a lista dos effectivos e supranumerarios, que é a seguinte, extractada por nós da *Revista do Inst. Hist. e Geogr.* t. XXXII, 1869, p. 2<sup>a</sup>, pags. 61-70, onde vem annexa á pequena, mas curiosa monographia que sobre a «Academia Brasilica dos Renascidos» alli estampou o conego dr. J. C. Fernandes Pinheiro.

*Catalogo alphabetico dos academicos de numero da «Academia Brasilica dos Renascidos», que ha de escrever a Historia da America Portugueza — 31 de julho de 1759.*

1) O rev. dr. Amaro Pereira de Paiva, presbytero do habito de S. Pedro, prégador, commissario do santo officio, juiz conservador dos religiosos beneditinos de Nossa Senhora da Graça da Bahia, e advogado nos audictorios da relação da mesma cidade.

2) Antonio Gomes Ferreira (aliás, *Ferrão*) Castelbranco, fidalgo da casa real, sargento-mór do terço de auxiliares do reconcavo e cidadão da ordem dos vereadores da Bahia.

3) O rev. Antonio Gonçalves Pereira, doutor theologo, desembargador da relação ecclesiastica da metropole, mestre-escola da sua sé primaz, commissario apostolico da bulla da santa cruzada em todo este arcebispado, examinador de confessores, prégadores e ordinarios, e seis vezes visitador geral da cidade da Bahia e seu reconcavo, juiz-commissario das dispensações, juiz conservador dos monges de S. Bento, academico que foi da «Academia dos Esquecidos», e examinador de philosophos nos estudos geraes da companhia de Jesus.

4) Antonio José de Souza Portugal, sargento-mór de um dos regimentos de infantaria da guarnição da Bahia, e cidadão da ordem dos vereadores da mesma cidade.

5) O rev. dr. Antonio de Oliveira, mestre em artes e theologo pelos estudos geraes do Brasil, e nelles muitas vezes examinador de philosophia, missionario apostolico de Sua Santidade, e duas vezes visitador geral neste arcebispado com poderes de chrismar por indulto do summo pontifice Benedicto XIV. Academico que foi da « Academia dos Esquecidos ».

6) O rev. padre fr. Antonio de Santa Eufrasia Barbosa, duas vezes prior do convento de Sergipe d'El-Rei, ex-reitor do collegio do Pilar na Bahia, ex-provincial e visitador geral da ordem dos religiosos carmelitas descalços.

7) O rev. padre fr. Antonio de Santa Maria Jaboatão, pregador e chronista-mór da sua seraphica provincia de Santo Antonio do Brasil e ex-definidor da mesma.

8) Bernardo Marques d'Almeida e Arnizau <sup>(10)</sup>, cavalleiro fidalgo, professo na ordem de Christo, familiar do santo officio do numero da inquisição de Lisboa, capitão de auxiliares da guarnição desta cidade, cidadão da ordem dos vereadores.

9) O rev. dr. Bernardo Germano d'Almeida, commissario do santo officio, desembargador da relação ecclesiastica desta metropole, conego da sua sé primaz, juiz dos casamentos e procurador geral dos indios.

10) Bernardo José Jordão, capitão engenheiro.

11) O rev. padre mestre fr. Calixto de S. Caetano, ex-provincial dos religiosos beneditinos deste Estado.

12) Francisco Xavier de Araujo Lasso, mestre em artes e theologo, bacharel em *utroque jure*, formado pela universidade de Coimbra, examinador que foi muitas vezes de philosophia nos es-

(10) O dr. Alberto Lamego escreve — Bernardino Marques Almeida Arnizau — ver *Autobiographia e ineditos de Claudio Manuel da Costa*, ed. de Bruxellas-Paris, pags. 12).

tudos geraes da companhia de Jesus, e quatro vezes vereador da camara desta cidade, em uma das quaes serviu de juiz pela ordenação, e de juiz de orphãos, e provedor das capellas e residuos, e dos defuntos e ausentes, e provedor da casa da santa misericordia.

13) O rev. padre fr. Francisco Xavier Feijó, monge de São Bento.

14) O rev. padre fr. Ignacio de Sá e Nazareth, examinador das ordens militares pelo supremo tribunal da mesa da consciencia e ordens, mestre jubilado na sagrada theologia, ex-primeiro definidor na sua religião de Nossa Senhora do Carmo, reitor no seu collegio de Nossa Senhora do Pilar na cidade da Bahia, examinador neste arcebispado.

15) O rev. dr. João Borges de Barros, primeiro desembargador numerario da relação ecclesiastica desta metropole, thesoureiro-mór da sua cathedral, e repetidas vezes visitador desta cidade e arcebispado do Brasil, e ex-governador do mesmo arcebispado.

16) João de Couros Carneiro, escrivão proprietario da camara desta cidade.

17) o dr. João Ferreira Bittencourt e Sá, juiz de fóra do cível e crime desta cidade.

18) O dr. João Pedro Henriques da Silva, desembargador dos aggravos da relação da Bahia.

19) O rev. padre mestre fr. João de S. Bento, duas vezes ex-provincial, visitador geral dos carmelitas calçados, e actual prior do convento capitular de Nossa Senhora do Carmo da Bahia, do qual já tinha sido outra vez prior.

20) José Alvares da Silva Lisboa, homem de negocio da praça desta cidade.

21) José Antonio Caldas, capitão engenheiro e academico da Academia Militar da Bahia.

22) O rev. José Antonio Sarre (aliás — Sarce —), mestre em artes, bacharel em sagrados canones, examinador dos bachareis e

licenciados em philosophia nos estudos geraes da companhia nesta capital, e na do Rio de Janeiro, presbytero secular lateranense natural do reino do Algarve.

23) O rev. dr. José Corrêa da Costa, presbytero secular e advogado nos auditorios desta cidade.

O dr. José Felix de Moraes, medico do partido de sua majestade (Foi riscado por indigno deste emprego).

24) José Lopes Ferreira, inspector da mesa da inspecção desta cidade pela corporação dos homens de negocio.

25) José Mascarenhas Pacheco Pereira Coelho de Mello, moço fidalgo da casa real, cavalleiro professo na ordem de Christo, do conselho de sua majestade, e do ultramar, deputado da mesa da consciencia e ordens, juiz executor da real fazenda da bulla da santa cruzada, academico de numero da academia real da historia de Espanha em Madrid, e de geographia e mathematica de cavalleiros de Valladolid e Salamanca, e doutor em leis pela universidade de Coimbra.

26) D. José de Miralles, tenente-coronel de um dos regimentos de infantaria da guarnição desta cidade, academico que foi dos « Esquecidos » da Bahia.

27) O rev. padre fr. José da Natividade e Figueiredo, monge de S. Bento e pregador geral da sua religião.

28) O rev. dr. José de Oliveira Bessa, conego, na sé primaz desta metropole, ex-visitador do reconcavo e examinador de philosophia dos estudos geraes da companhia.

29) José Pires de Carvalho e Albuquerque, fidalgo da casa de sua majestade, doutor em sagrados canones pela universidade de Coimbra, ouvidor e provedor que foi da comarca de Alemquer, cavalleiro professo na ordem de Christo, alcaide-mór da villa de Maragoype, e secretario do Estado e guerra do Brasil.

30) O rev. padre fr. José dos Santos Cosme e Damião, examinador das ordens militares pelo supremo tribunal da mesa de

consciencia e ordens, mestre de sagrada theologia, ex-definidor da sua provincia de Santo Antonio do Brasil da ordem seraphica, examinador do arcebispado da Bahia e bispado de Pernambuco e qualificador do santo officio pelo supremo tribunal da santa inquisição de Lisboa.

31) O rev. dr. José Telles de Menezes, conego na primaz desta metropole.

32) O dr. Luiz José de Chaves, que foi physico-mór do Estado da India.

33) O rev. Manuel Ferreira Neves, presbytero secular e mestre em artes.

34) O rev. padre fr. Manoel de Jesus Maria de Sousa, religioso dos carmelitas calçados do Brasil, pregador e chronista-mór de sua religião.

35) O rev. padre fr. Manoel de Jesus Maria Pinto, mestre presentado, e actual lente de theologia na sua religião de Nossa Senhora do Carmo.

36) O rev. padre fr. Pascoal da Resurreição, monge de S. Bento, e doutor jubilado em sagrada theologia.

37) Rodrigo de Argollo Vargas Cirne e Menezes, coronel de um dos regimentos de cavallaria do reconcavo.

38) Rodrigo da Costa de Almeida, cavalleiro professo na ordem de Christo, cidadão da ordem dos vereadores, lugar que occupou duas vezes na camara da Bahia, provedor proprietario da alfandega da mesma cidade.

39) Silvestre de Oliveira Serpa.

40) O rev. dr. Wencesláo Pinto de Magalhães Fontoura, desembargador da relação ecclesiastica, e vigario da igreja de Nossa Senhora da Conceição da Praia, ex-visitador do sertão de baixo e da cidade de Sergipe d'El-Rei, e examinador de philosophos nos estudos geraes da companhia.

*Catalogo dos academicos supranumerarios da «Academia Brasilica dos Renascidos» — 31 de julho de 1759*

1) D. Agostinho de Montiano y Loyondo, do conselho de sua majestade catholica e seu secretario de graça e justiça, director perpetuo da Academia Real da Historia de Espanha, numerario da Academia da Lingua Espanhola, e da de Bellas Artes de Sevilha, senielario (*sic*) na das Bellas Artes da côrte de Madrid, supranumerario da de Barcellona, e entre os academicos arcades de Roma socio com o titulo Leghinto Dulichio.

2) O rev. padre mestre fr. Alexandre da Purificação, lente de theologia no seu mosteiro beneditino de Pernambuco.

3) O muito reverendo dr. Antonio Bernardo de Almeida, natural da cidade da Bahia, lente de vesperas de canones na Universidade de Coimbra; deputado do santo officio, conego doutoral na sé de Braga, collegial e muitas vezes reitor do collegio pontificio de S. Pedro, socio da Academia Liturgica Pontificia.

4) O rev. padre Antonio Cordeiro, mestre da sagrada theologia na congregação do oratorio de S. Philippe Nery.

5) O rev. padre Antonio da Costa, mestre da sagrada theologia na congregação do oratorio de S. Phillippe Nery, e proposito actual do seu convento no Recife.

6) Antonio Felix Mendes.

7) O dr. Antonio Ferreira Gil, que foi desembargador de agravos e ouvidor geral do civil na relação da Bahia, e juiz commissario das execuções da fazenda real.

8) O rev. Antonio Ferreira Mendes, vigario da freguezia de Nossa Senhora da Madre de Deus do Boqueirão.

9) Antonio José Victoriano Borges da Fonseca, fidalgo da casa de sua majestade, cavalleiro da ordem de Christo, alcaide-mór da villa de Igurassú e Goyana, e tenente-coronel do regimento da praça de Olinda.

10) Antonio Joaquim de Araujo Vellasco Leite.

11) Antonio José Xavier Pacheco de Sousa, fidalgo da casa real, commendador da commenda de Santa Maria Moreira, na ordem de Christo.

12) Antonio Luiz Lisboa, intendente da real casa da fundição das minas de S. Felix dos Goyazes, e bacharel formado pela Universidade de Coimbra.

13) Antonio Pereira Corrêa, vigario da vara, e da parochial igreja de S. Joseph nas minas dos Tocantins dos Goyazes.

14) Antonio Pereira de Viveiros, fidalgo da casa real e procurador da cidade de Lisboa.

15) O rev. padre Antonio Rodrigues Nogueira, visitador actual do sertão de baixo deste arcebispado, que foi vigario collado da freguezia de Santo Estevão de Jacuipe, e hoje da igreja do Espirito-Santo da villa Nova Abrantes.

16) Antonio de Saldanha de Albuquerque, gentil-homem da camara de sua alteza real o sr. infante d. Manuel, deputado do tribunal da junta dos tres Estados, academico da « Academia dos occultos », da Academia Real da Historia Portugueza, e da Liturgica Pontificia dos sagrados ritos, e Historia Ecclesiastica de Coimbra.

17) O rev. padre mestre fr. Antonio de S. Bernardo, monge de S. Bento, mestre jubilado na sagrada theologia, ex-abbade do seu mosteiro de S. Bento do Rio de Janeiro.

18) O rev. padre mestre fr. Antonio de Sampaio, religioso da provincia de Santo Antonio, e lente actual na religião.

19) Antonio Vieira de Mello.

20) O rev. padre fr. Bento de Apresentação, ex-guardião do convento de S. Francisco do Paraassú.

21) O rev. Bento Luiz Pereira de Lenções, vigario collado e vara da freguezia de Jaguaripe.

22) O dr. Claudio Manoel da Costa, morador na cidade de Marianna.

23) D. Domingos de Loureto Couto.

24) O rev. Domingos da Silva Telles, presbytero secular e prégador.

25) Eleonor Cicile Gujón Dissiers, que foi guarda-marinha de França, e é capitão de uma das companhias da mesma marinha e tenente de navio (ou capitão-tenente de mar e guerra das armadas de sua majestade christianissima), major da esquadra francesa que se acha actualmente neste porto da Bahia comandada pelo cavalleiro Marnière, e academico numerario da academia estabelecida na cidade de Brest do reino de França.

26) Dr. Fernando de Velasco, desembargador do supremo tribunal da relação de Valladolid, academico de numero das Academias Reaes de Historia de Espanha e de Geographia e Mathematica de Cavalheiros de Valladolid.

27) O rev. padre Phillippe Benicio, presbytero secular.

28) Phillippe José da Gama, academico da Real Academia de Historia Portugueza, e official da secretaria de Estado dos negocios do reino.

29) o dr. Francisco Alvares de Pina Bandeira e Mendonça.

30) Francisco Calmon, fidalgo da casa real.

31) Francisco Gomes de Abreu e Lima, fidalgo da casa real, cavalleiro professo na ordem de Christo, vereador eleito do senado da camara da Bahia, e provedor da saude.

32) O rev. dr. Francisco Guedes Cardoso de Menezes chantre da cathedral de Pernambuco, e juiz dos conventos, secretario adjunto do exm. revm. sr. bispo daquella diocese na reformação dos religiosos da companhia de Jesus.

33) Francisco de Pina e Mello, moço fidalgo da casa real, academico da Academia Real de Historia Portugueza, e do Congresso dos Occultos de Lisboa.

34) Francisco de Sousa da Silva Alcanphorado Rebello, fidalgo da casa real e senhor da Illma. casa de Silva e da Torre de Frasão na provincia do Minho.

35) Francisco Velho da Costa, moço fidalgo da casa real, cavalleiro professo na ordem de Christo, alcaide-mór de Torres Novas, desembargador do Porto.

36) O padre Francisco Xavier Feijó, monge de S. Bento.

37) Francisco Xavier Leite, capitão-mór da ordenança da Villa Boa, capitania de Goyazes, e cavalleiro professo na ordem de Christo.

38) Francisco Xavier de Miranda Henriques, moço fidalgo da casa real e capitão-mór da Parahyba, que tambem foi capitão-mór do Ceará e Rio Grande do Norte.

39) O rev. padre fr. Fructuoso Pereira do Rosario, pregador na religião carmelitana.

40) O rev. padre fr. Gaspar da Madre de Deus, monge de S. Bento, mestre jubilado na sagrada theologia.

41) O sargento-mór Jeronymo Mendes da Paz, intendente das minas novas Kiriris.

42) Ignacio Barbosa Machado, desembargador da casa da supplicação, academico de numero da Academia Real da Historia Portugueza e da Academia Liturgica Pontificia de Coimbra, que foi academico e lente de historia militar na « Academia dos Esquecidos » da Bahia.

43) O dr. Ignacio da Fonseca Leal.

44) O rev. padre Ignacio da Silva, mestre de theologia na congregação do oratorio de S. Philippe Nery.

45) João Pereira Velho do Amaral, ajudante de um regimento da guarnição do Recife.

46) João Manoel de Mello, moço fidalgo da casa real, academico da Academia dos Occultos de Lisboa, governador e capitão-general da capitania de Goyazes, do conselho de El-Rey Nosso Senhor.

47) D. João Manoel de Santander y Zorrilla, collegial do collegio maior de Santo Ildefonso na Universidade de Alcalá, conego doutoral da santa igreja de Segovia, e bibliothecario-mór da real

bibliotheca publica de sua majestade catholica na côrte de Madrid, academico da Academia Real Espanhola, e academico honorario da Academia das Tres Nobres Artes, na referida côrte.

48) O desembargador João Pereira Ramos de Azeredo Coutinho Alarcão e Mello <sup>(11)</sup>, doutor nos sagrados canones pela Universidade de Coimbra, oppositor ás cadeiras da mesma faculdade e ouvidor da comarca de S. Paulo.

49) João do Rego Castelbranco, capitão de infantaria na Parahyba.

50) O rev. João Rodrigues de Almeida, presbytero secular e prégador.

51) O arcediago João Rodrigues Pereira, bacharel formado nos sagrados canones pela Universidade de Coimbra, primaz e dignidade da sé do Gram-Pará.

52) João de Souza Tavares, bacharel formado pela Universidade de Coimbra, advogado nos auditorios das minas de Paracatú.

53) O desembargador João Tavares de Abreu, cavalleiro professo na ordem de Christo, intendente do ouro e presidente da mesa da inspecção da cidade do Rio de Janeiro.

54) O capitão-mór João Teixeira de Mendonça, que foi do numero dos academicos « Esquecidos » da Bahia, cidadão que foi muitas vezes da ordem dos vereadores na camara da Bahia e proprietario de um dos officios de escrivão do civil da mesma cidade.

55) Joaquim Ignacio da Cruz, homem de negocio desta cidade.

56) José Alvaro Pereira Sodré, moço fidalgo da casa real e inspector da mesa da inspecção nomeado pela camara da Bahia.

---

(11) Sobre este illustre brasileiro (nascido no Rio de Janeiro em 1722 e fallecido em Lisboa em 1799) e seus irmãos, acham-se interessantissimos documentos no t. XXII da *Revista do Inst. Hist. e Geogr. do Brasil*, 1859, de pags. 451 a 485.

57) José Caetano da Silva de Loureiro, bacharel formado pela Universidade de Coimbra.

58) O rev. José Pacheco Pereira de Almeida e Vasconcellos, natural da cidade da Bahia, fidalgo capellão da casa real, mestre em artes, e vigario da igreja de Nossa Senhora da Conceição de Mato Dentro.

59) José de Seabra e Silva, moço fidalgo da casa real, professo na ordem de Christo, desembargador da casa da supplicação, juiz dos confiscados e ausentes, ouvidor das capellas d'El-Rey D. Affonso, fiscal da Junta do commercio e da companhia do Gram-Pará e Maranhão, que serve de juiz executivo da bulla da santa cruzada.

60) O rev. padre fr. José dos Santos, carmelita.

61) O rev. fr. Leandro do Sacramento <sup>(12)</sup>, mestre em theologia na sua provincia de Santo Antonio do Brasil, examinador das ordens, e tambem examinador do arcebispado.

62) O rev. Lopo Gomes de Abreu e Lima, fidalgo da casa de sua majestade, presbytero secular.

63) O rev. padre Manoel Alves Pereira, vigario da freguezia de Nossa Senhora do Rosario da Barra do Rio de S. Francisco.

64) O rev. padre fr. Manoel do Cenaculo <sup>(13)</sup>, doutor na sagrada theologia pela Universidade de Coimbra, secretario na provincia da ordem terceira de S. Francisco, e academico do numero da Academia Marianna de Lisboa.

65) O rev. Manoel de Cerqueira Torres, mestre em artes, theologo e presbytero secular.

66) Manoel Coelho de Carvalho, philosopho e theologo.

---

(12) Nasceu em Recife em 1738 e falleceu no Rio de Janeiro a 1º de julho de 1829. Distinguiu-se como naturalista, tendo sido director do Jardim Botânico desta cidade.

(13) Era parente do conselheiro José Mascarenhas, conforme assevera o dr. L. A. Ferreira Gualberto *Rev. do Inst. Hist. e Geogr. Bras.*, t. LXX, p. 191). Nasceu em Lisboa em 1724 e falleceu em 1814. Foi escriptor fecundo.

67) O rev. Manoel Ferreira do Couto e Saboya, doutor pela Universidade de Coimbra; desembargador da relação ecclesiastica do bispado do Porto e nelle juiz dos casamentos e do tombo da mitra.

68) Manoel Gomes de Lima, que foi secretario e é da Academia Real Portopolitana.

69) O rev. padre mestre Manoel de Macedo, natural do Brasil, religioso da congregação de S. Philipe Nery, e academico do numero da Academia Real da Historia Portugueza.

70) O padre fr. Manoel Nunes, ex-provincial dos religiosos mercenarios do Maranhão.

71) Manoel Xavier Ala, cavalleiro professo na ordem de Christo, tenente-coronel de um dos regimentos de infantaria da guarnição da Bahia, cidadão que foi provedor na saude e da camara da mesma cidade.

72) O rev. padre fr. Matheus da Encarnação e Pina <sup>(14)</sup>, ex-provincial dos monges de S. Bento no Brasil, doutor e mestre jubilado na sagrada theologia.

73) O dr. Matheus de Saraiva, physico-mór do Rio de Janeiro.

74) O dr. Miguel Luiz Teixeira da Cunha, natural do arcebispado da Bahia, vigario geral e provisor do bispado de Miranda.

75) D. Miguel de Medina, do conselho de sua majestade catholica com honras de seu secretario, e actual contador-mór do novo tribunal de meyas annatas, espolios e vacantes ecclesiasticos de toda a monarchia de Espanha, e academico de numero da Academia Real da Historia em Madrid.

76) Pedro Dias Paes Leme <sup>(15)</sup>, fidalgo da casa real, seu guarda-mór geral das minas, commendador das commendas de

(14) Nascera no Rio de Janeiro a 23 de agosto de 1687. Foi assiduo cultor das letras, além de eloquente orador sacro.

(15) Baptizou-se em 1705 e falleceu em 1783. Era filho de Garcia Rodrigues Paes, o franqueador do — caminho novo entre o Rio de Janeiro e as Minas — e neto do — caçador das esmeraldas.

Alverca e de S. Euricio e Sonfim de Nespereira da ordem de Christo, e alcaide-mór da cidade da Bahia.

77) Pedro José da Silva Botelho, fidalgo da casa real, do conselho de sua majestade no ultramar, academico da « Academia dos Occultos », de Lisboa, da Academia Real da Historia Portugueza e da Liturgica Pontificia de Coimbra.

78) Pedro Leonino Mariz, natural do Brasil, intendente do ouro das Minas-Novas do Arassuahi.

79) Romão Gromacho Falcão, cavalleiro professo na ordem de Christo.

80) O rev. padre fr. Salvador Corrêa de Sá<sup>(16)</sup>, doutor em theologia pela Universidade de Coimbra, ex-geral dos monges de S. Jeronymo, consultor da bulla da santa cruzada, academico da Academia da Historia Portugueza, e da Liturgica Pontificia de Coimbra.

81) Sebastião Borges de Barros, cavalleiro professo na ordem de Christo e capitão-mór da villa de Santo Amaro.

82) O rev. padre mestre d. Thomaz da Encarnação, natural da cidade da Bahia, conego regular lateranense, doutor na sagrada theologia pela Universidade de Coimbra, lente de historia ecclesiastica no real collegio da sapiencia na mesma universidade, e censor nato da Academia Liturgica Pontificia.

83) O rev. Vicente da Costa Teixeira Bittencourt, mestre em artes, bacharel formado nos sagrados canones e presbytero secular, ex-visitador do reconcavo desta cidade da Bahia.

Como se vê, a associação fundada por José Mascarenhas buscou para o seu seio os melhores espiritos, não só da colonia luso-americana, como tambem da peninsula iberica.

---

(16) Era filho do 2.º visconde de Asseca e nasceu provavelmente em começo do seculo XVIII. Além de distincto prégador, era tambem apreciado poeta.

As reuniões passaram a effectuar-se ás tres horas da tarde, quinzenalmente, no convento dos carmelitas.

Os fins do importante gremio, si fossem conseguidos, teriam dado ensejo ao mais completo esclarecimento da evolução de nossa patria, até ao começo da segunda metade do seculo XVIII.

Para que se faça idéa nitida da grandiosa empresa a que se propunha a « Academia Brasilica dos Renascidos » é indispensavel trasladarmos para aqui, tal qual a extrahiu da secção de manuscriptos da hoje Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro o visconde de S. Leopoldo a seguinte cópia, que este annexou a um seu trabalho, inserto no t. I da *Revista do Instituto* (1839), e que vem de pags. 68 a 76 da 3ª edição :

DISTRIBUIÇÃO DOS EMPREGOS PARA OS QUAES A « ACADEMIA DOS RENASCIDOS » ELEGEU POR VOTOS CONFORMES, DEPOIS DE REPETIDAS CONFERENCIAS A ALGUNS DE SEUS SOCIOS

*Memórias para a Historia Universal da nossa America, que se hão de escrever na lingua portugueza*

1) Para compor as do Pará e Maranhão, nas quaes capitánias generaes se incluem as capatánias do Caheté, Cameté, Cusnã ou Tapuitapera, Ilha Grande de Joannes, etc. Destinaram cinco, só nominalmente dois, e os tres commetteram-se á escolha do sr. bispo do Grão Pará, ao sr. capitão general, e ao sr. governador da Parahiba.

2) Do governo do Piaguhi (*sic*). F.....

3) Da capitania geral de Pernambuco, na qual se comprehendem as capitánias do Ceará, Rio Grande do Norte, Itamaracá, Parahyba, Pernambuco, Sirinhaem, Porto Calvo, Alagoas. Nominalmente cinco foram designados.

4) Da cidade de S. Christovão e de toda a capitania e comarca de Sergipe d'El-Rei. Nominalmente dois.

5) Da cidade de S. Salvador, Bahia de Todos os Santos, capital de toda a America Portugueza, e de todo o districto desta capitania geral. Nominalmente dois, o Sr. Secretario Antonio Gomes Ferrão Castelbranco, e o Sr. censor José Pires de Carvalho e Albuquerque.

6) Da Jacobina e de todo o districto da sua ouvidoria, comprehendendo o Rio das Contas. Nominalmente dois.

7) Das tres capitancias dos Ilheus, Porto-Seguro e Espirito Santo. Nominalmente dois.

8) Da capitania general do Rio de Janeiro, comprehendendo as capitancias de Cabo Frio, Itacazes (*sic*, por — Goytacazes —) S. Vicente, Santos, S. Paulo, Santa Catharina, etc. Nominalmente tres socios.

9) Do bispado de Marianna, comprehendendo o districto do Rio das Mortes, S. José de Villa Rica do Ouro Preto, cidade de Marianna, Sabará ou Rio das Velhas. Nomeadamente quatro socios, entre elles Claudio Manoel da Costa e João Pereira Ramos do Azeredo Coutinho.

10) Da villa do Principe e comarca do Serro-Frio, comprehendendo o Tejuco e as Minas Novas de Arasuhe (*sic*, por *Arassuahy*), etc., com as noticias dos diamantes e mais pedras preciosas. Destinados tres, e nomeadamente dois.

11) Dos Goyazes, Parnaguá, etc. Distribuidas a tres sem os nomes.

12) Da colonia do Sacramento, Rio Grande do Sul, Matto Grosso, Cuyabá, Uruguay. Distribuida a tres, mas só um nomeadamente, e nota á margem: — (Elegerá academicos supranumerarios para este emprego o exm. sr. conde de Bobadella).

Sem embargo de que cada um dos academicos deve tratar da historia universal respectiva ao districto de que está encarregado, pareceu á Academia eleger outros, que escrevessem compendios

de algumas noticias, communicando mutuamente os estudos uns com outros, o que ordenou pela maneira seguinte :

13) Para compôr na lingua portugueza as Memorias para a historia de todos os Indios da nossa America. Nomeadamente tres socios.

14) Da agricultura propria do paiz, especialmente do assucar, tabaco, e suas fabricas, etc. Tres dos socios nomeadamente.

15) Para a historia natural: comprehendendo os tres reinos animal, vegetal e mineral. Quatro socios nomeadamente.

16) As memorias genealogicas de toda a America portugueza. Quatro dos socios nomeadamente.

17) Das fortificações com planos, que fôr (*sic*) possivel. Um mappa geral da America Portugueza; outro das provincias que pertencem a Portugal, divididos depois em mappas particulares, um dos bispados, e outros de todas as capitancias, etc., de sorte que no dito mappa se conheça tambem a divisão das comarcas. Nomeadamente tres socios.

18) As memorias do estabelecimento, augmento e estado presente de todos os corpos militares que ha e tem havido na America Portugueza, com os mappas geraes e particulares do estado presente das tropas, dos soldos que vencem (porque tambem comprehendem os auxiliares e ordenanças), da graduação dos postos, e dos privilegios especiaes que tenham sido concedidos aos militares. Destinados cinco socios, mas quatro nomeadamente.

19) As Memorias para a historia de todos os tribunaes, e mais ministros da justiça e fazenda, que ha e tem havido no Brasil, com a noticia do seu estabelecimento e da divisão das suas respectivas jurisdicções. Designados nomeadamente cinco socios.

20) As Memorias para a historia do commercio assim activo como passivo, etc., com uma noticia individual de todas as rendas reaes, declarando as que andam por contracto, quem as cobra, os diversos modos por que tem sido administradas, o augmento ou diminuição que tiveram desde sua origem, e o numero de escravos

que tem entrado e entram em cada anno na nossa America. Nomeadamente cinco membros.

21) As Memorias para a historia do nosso augusto soberano e protector da « Academia dos Renascidos », o muito alto e muito poderoso rei d. José I, pai da patria. Nomeadamente dois membros.

22) As noticias chronologicas, com as memorias do estado presente ecclesiastico, assim secular como regular em toda a America Portugueza, incluindo a noticia de todas as igrejas e ermidas, dos conventos de religiosos e religiosas, com o numero actual destes e dos clerigos seculares em cada um dos conventos ou parochias, e a noticia que fôr possivel das suas congruas rendimentos ou ordinarias. As aldeas de Indios que houver em cada um dos bispados, ou que administrar cada uma das religiões, o numero de vizinhos de cada uma das parochias, declarando tambem o numero de habitantes, individuando quantos são de um e outro sexo, catalogo dos bispos provinciaes e mais prelados superiores que teem havido em cada diocese, e em cada provincia das religiões. Os varões notaveis em virtudes ou letras, os quaes escreveram algumas obras, que andem impressas, ou se conservem manuscriptas, etc.

*N. B.* Não se designam nomes e numero para collaboradores.

23) Da religião benedictina. Nomeadamente quatro socios.

24) Da religião carmelitana. Nomeadamente tres socios.

25) Da reforma de Santa Thereza. Nomeadamente dois socios.

26) Da reforma da observancia dos Torões. Nomeadamente dois socios.

27) Da religião seraphica. Nomeadamente tres socios.

28) Da reforma dos barbadinhos francezes e italianos. Nomeadamente dois socios.

29) De todos os hospicios de vice-commissarios da Terra Santa. Nomeadamente dois socios.

30) Da companhia de Jesus. Nomeadamente tres socios.

31) Da congregação do oratorio de S. Phillippe Nery. Nomeadamente quatro socios.

32) Dos religiosos mercenarios. Nomeadamente um, e outros dois á escolha do bispo do Grão-Pará.

33) Da religião de S. João de Deus. Nomeadamente um socio.

34) Do bispado do Grão-Pará. Nomeadamente um, e dois outros á escolha do bispo do Pará.

35) Do bispado do Maranhão. Nomeadamente um, e os outros dois á escolha do bispo do Pará.

36) Do bispado de Pernambuco. Nomeadamente tres socios.

37) Do arcebispado da Bahia. Nomeadamente dois membros.

38) Do bispado do Rio de Janeiro. Nomeadamente dois socios.

39) Do bispado de S. Paulo. Nomeadamente um socio.

40) Do bispado de Marianna. Nomeadamente dois, e outro *ad libitum*.

41) Do bispado de Angola, suffraganeo da Bahia. Nomeadamente dois membros, e o terceiro á eleição do capitão general daquelle reino.

42) Do bispado de S. Thomé, suffraganeo da Bahia. Nomeadamente um, e o outro commettida á eleição do capitão general daquellas ilhas.

43) De todos os conventos de religiosas e recolhidas d'America Portugueza. Nomeadamente dois membros.

44) Noticias de todas as guerras, que tenham havido (*sic*) na nossa America. Nomeadamente dois membros.

45) Uma collecção de todas as leis, ordens regias, expedidas para America, e outros tratados de paz e de commercio respectivos a este continente, desde o seu descobrimento até o presente, com as noticias que parecerem convenientes para sua melhor intelligencia. Nomeadamente dois membros.

46) Para examinar os livros da camara desta cidade (da Bahia) e tirar do seu archivo as noticias chronologicas, que se puderem descobrir, concernentes ás nossas memorias historicas. Nomeadamente tres membros.

47) Para compor na lingua portugueza as memorias historicas para a Bibliotheca Brasilica, incluindo todos os autores naturaes do Brasil e todos os que escrevessem na nossa America, ainda que não fossem naturaes da mesma, e os que *ex-professo* escrevessem da America em qualquer parte do mundo, ou as suas obras se achem impressas ou manuscriptas. Foram escolhidos nomeadamente quatro membros.

48) Para compor a Bibliotheca Brasilica na lingua latina. Elegeu-se um membro.

49) Para declarar na primeira conferencia publica, em um breve discurso, os motivos por que o nosso congresso elegeu o nome de « Academia dos Renascidos » e o emprego do sello de que usa. Elegeu-se um membro.

50) Para compor os estatutos da Academia, e apresental-os em congresso para se approvarem ou emendarem. Escolheu um de seus membros para isso.

51) Para repartir entre os academicos o trabalho das nossas composições, e eleger os assumptos sobre que cada um deve discorrer, o sr. director José Mascarenhas Pacheco Pereira Coelho de Mello. Para o que fará uma junta particular com os srs. censores e secretarios, propondo depois tudo á Academia, para que approve o que lhe parecer.

52) Para compor as memorias historicas da Academia, juntando as noticias das conferencias respectivas ás obras que nella se recitarem, o sr. secretario Antonio Gomes Ferrão Castelbranco. O sr. Antonio de Oliveira e o sr. Antonio Rodrigues Nogueira, que ambos são visitadores actuaes deste arcebispado, escreverão as noticias mais exactas que lhes fôr possivel, de todas as terras por onde fizeram jornada no tempo das suas visitas, e irão remetendo á Academia.

*Dissertações distribuidas pelos socios da «Academia dos Renascidos» :*

53) Para recitar o discurso panegyrico na primeira conferencia publica da Academia em observancia dos §§ 12, 15 e 18 dos estatutos, o sr. director José Mascarenhas Pacheco Pereira Coelho de Mello. Os assumptos para esta conferencia, em que se hão de celebrar os annos de el-rei nosso senhor, se darão em papel á parte.

54) Em 23 de junho do corrente anno de 1759 se ha de dissertar na Academia: «Quaes foram as motivos de se ausentar desta cidade da Bahia o seu primeiro bispo? E como acabou a vida?». Dissertarão este ponto: são designados tres socios.

55) No mesmo dia se dissertará: «Si a esta capital se deu o nome de — Cidade de S. Salvador — ou sómente de — Cidade do Salvador? E de qual destes se deve usar na historia da nossa America?». Dissertarão este ponto. Nomeados para isso tres socios.

56) Em 7 de julho se ha de dissertar na Academia: «Quantas vezes, e em que partes da America Portugueza, se tem descoberto minas de salitre? e em que tempo, e quem as descobriu? si eram abundantes? quanto distavam de algum porto de mar? e quaes foram os motivos por que se não continuou a tirar d'elle este precioso mineral?». Para dissertarem este ponto: tres socios nomeados.

57) Em 21 de julho se ha de dissertar na Academia: «Si ha na America a planta sensitiva? E si é certo produzir-se nella herva que abrañde o ferro, como affirma certo auctor que se experimentára nos annos passados em a villa de Nova Soure?». Para dissertarem sobre este ponto foram nomeados quatro socios.

58) No mesmo dia se dissertará: «Si é certo que ha nestes mares uma especie de peixe-agulha, que fura os costados do navio, como affirmam alguns auctores? Para o que examinará tambem um successo com maior exacção respectivo a esta duvida, que se diz

aconteceu a um dos navios da frota que se acha surto nesta bahia». Para dissertarem este ponto foram nomeados tres socios.

59) Em 4 de agosto se ha de dissertar na Academia: « Si a cochonilha pertence ao reino vegetal ou animal? e si se encontra este precioso genero na America Portugueza? ». « Si o coral pertence ao reino mineral ou vegetal? e si o ha no nosso continente? » « Si tambem nestes estados ha bicho de seda? si nascem sem dilligencia da arte, e de que se sustentam? ». Nomeados quatro membros para dissertarem sobre estes pontos.

60) Em 18 de agosto se ha de dissertar na Academia: — « Quantos governadores interinos tem havido da Bahia? Quem eram e o modo por que foram nomeados? E quanto tempo governaram? ». Nomeados tres membros para dissertarem.

61) No mesmo dia se dissertará: « Quando se estabeleceu a primeira vez a Relação neste estado da Bahia? Quem foi o chanceler que a veiu crear? Quanto tempo durou o seu despacho? E porque se extinguiu? O motivo da segunda vez se erigir este tribunal? Como? Por quem? E em que tempo? ». Nomeados quatro membros para dissertarem.

62) Em 1º de setembro se ha de dissertar na Academia: « Si o primeiro Europeu, que descobriu este novo mundo, era Portuguez, Castelhana, Italiano ou Allemão? Quem foi o primeiro que aportou ao Brasil? Em que dia e anno se fizeram estes prodigiosos descobrimentos? ». Nomeados cinco membros para dissertar.

63) No mesmo dia se dissertará: « Em que se differença, a significação destes nomes, Maranhão, Grão-Pará, Orelhana e Amazonas? A sua etymologia, e a do nome do Rio da Prata, e qual é a origem destes rios? ». Nomeados tres membros para dissertar.

64) Em 15 de setembro se ha de dissertar na Academia — « Quem era a illustre heroína Catharina Alves (*sic*), seus pais, e seu marido? E por que se lhe pôz aquelle nome? » Nomeados quatro dos seus socios para este ponto.

65) No mesmo dia se dissertará: « Qual é a variedade das correntezas das aguas na costa do Brasil, desde o Rio Prata até o

das Amazonas, e tambem a dos ventos geraes, que reinam em diversos tempos? Dando de tudo as noticias verdadeiras, bem examinadas, e as causas phisicas». Nomeados seis dos seus membros para dissertarem. Neste dia se ha de resolver como se ha de celebrar a conferencia de 10 de novembro.

66) Em 29 de setembro se ha de dissertar na Academia: «Quem foi o primeiro que pregou o evangelho no novo mundo? Quem foi o segundo? E quem o primeiro que pregou no Brasil?». Nomeados cinco dos seus socios para este ponto.

67) Na conferencia no mesmo dia se dissertará: «Si o descobrimento desta America, e a conversão dos seus habitantes, foram prophetisados por alguns santos padres, e prophecias do testamento velho e novo?». Nomeados tres dentre os seus membros para discorrerem.

68) Em 13 de outubro se ha de dissertar na Academia: «Si é util ou prejudicial ás monarchias ou diminuir-se os juros de dinheiro; por exemplo, de oito a quatro por cento ou pelo contrario augmentar-se quatro a oito por cento? E si é mais util fazer-se o commercio com inteira liberdade, ou por companhias bem estabelecidas?». Nomeados para estes pontos seis dos seus socios.

69) Na conferencia do mesmo dia se dissertará: «Si nos monos do Brasil se dá instincto, ou especie de racionalidade, com alguma differença dos outros animaes? Para o que se dissertará em que consiste a alma dos brutos, ou serão machinas automatadas?». Nomeados para dissertar cinco dos seus membros. Nesta conferencia se hão de distribuir os assumptos para a sessão publica de 17 de dezembro.

70) Em 22 de outubro se ha de dissertar na Academia: «Qual é a origem do Rio S. Francisco, e do Paraguay? Si este é o mesmo que o da Prata? E si aquelle forma naturalmente uma ponte de algumas leguas, mettendo-se por baixo da terra, a imitação do Guadiana?». Nomeados tres dentre os socios para dissertar.

71) Na conferencia do mesmo dia se dissertará: « Si as linguas innumeraveis, que falam os indios da America, parecem dialetos de alguma que se supponha a primeira? Ou si cada uma dellas se julga original? ». Nomeados para dissertar quatro dentre os seus socios.

72) Na conferencia de 10 de novembro, ha de orar na Academia, em execução dos §§ 13 e 17 dos estatutos, o sr. censor João Borges de Barros. E tendo-se composto alguns versos se lerão primeiro que as dissertações.

73) No mesmo dia se ha de dissertar: « Até onde se estenderão os limites da dignidade primacial, que compete a esta metropole? ». Nomeados para este ponto cinco dos seus socios.

74) Na conferencia do mesmo dia se dissertará: « Si este mundo novo é maior que as outras partes, Europa, Asia e Africa? »: Nomeados para dissertar quatro dos socios.

75) Em 24 de novembro se ha de dissertar na Academia: « Qual é a mais antiga no Brasil, si a agricultura dos tabacos, ou das cannas? E qual foi o inventor dos engenhos de assucar e de se reduzir a tabaco de pó aquella herva? E si poderá a machina dos ditos engenhos fazer-se por modo mais facil? ». Para estes pontos foram nomeados quatro dos socios.

76) Na conferencia do mesmo dia se dissertará: « Por que causa no Brasil não são tão grandes e frequentes os terremotos, como nas mais partes do mundo? ». Nomeados para dissertar quatro socios.

77) Em 8 de dezembro se ha de dissertar na Academia: « Si o diluvio universal comprehendeu esta parte do Mundo Novo chamada America? Ou si nella escaparam os seus habitantes? ». Nomeados para dissertar cinco dos seus socios.

78) Na conferencia do mesmo dia dissertarão: « Si os engenhos e percepções dos habitantes da America Portugueza são mais prespicazes que os da Europa e outras partes do mundo? E por que causa? ». Nomeados para dissertar cinco dos seus socios.

79) Em 17 de dezembro, que ha de ser a ultima conferencia antes das ferias, ha de recitar um discurso panegyrico em execução dos §§ 12 e 13 dos estatutos o sr. censor João (aliás, *José*) Pires de Carvalho e Albuquerque. Os assumptos da poesia, etc., para esta conferencia se darão em papel á parte.

80) No mesmo dia se ha de dissertar: « Quaes são as causas por que os antigos e alguns dos santos padres julgaram que este clima era inhabitavel, e impossivel por elle a navegação? ». No meados para isso tres dos seus socios.

81) No mesmo dia se dissertará: « Si os indios do Brasil são mais ferozes e rudes que os das Indias Occidentaes de Espanha? E si os do Maranhão se differencam dos outros Americanos? ». Nomeados para dissertar cinco dos seus socios. Nesta conferencia se hão de repartir os assumptos para a conferencia publica de 31 de março.

82) Na conferencia de 31 de março de 1760, que deve ser a primeira depois das ferias. Em execução dos §§ 12 e 13 dos estatutos, recitará um discurso panegyrico o sr. fr. Ignacio de Sá Nazareth. Os assumptos de poesia para esta conferencia se darão em papel á parte.

83) Na conferencia de 12 de abril se dissertá: « Si a America é ilha ou terra firme? E de que parte do mundo, e como vieram para este novo mundo os seus primeiros povoadores? ». Nomeados para dissertar cinco dos socios.

84) No mesmo dia se dissertará: « De que causas procede a côr vermelha que teem os Indios do Brasil? E a preta da Ethiopia? ». Nomeados para dissertar cinco dos seus socios.

85) Na mesma conferencia se dissertará: « Si os Indios do Brasil todos são imberbes, e a razão physica desta raridade? ». Nomeados para este ponto tres dos socios. Nesta sessão se hão de repartir os assumptos para a conferencia publica de 6 de julho, em que se celebra o anniversario de s. m. f., e para a conferencia particular de 13 de maio, em que se ha de ler o panegyrico do nosso Mecenas.

86) Em 26 de abril se ha de dissertar na Academia: « Si as terras da America Portugueza são mais fertes e abundantes que as da Europa e mais partes do mundo? E que variedades de climas ha neste Novo Mundo? ». Nomeados para este ponto quatro dos seus socios.

87) No mesmo dia se dissertará: « Si tem alguma probabilidade a opinião de alguns auctores, que discorreram estava o Paraiso terreal neste Novo Mundo? ». Nomeados para dissertar cinco dos seus socios.

88) Em 13 de maio, dia em que finda o anno academico, ha de recitar um discurso panegyrico, em execução dos §§ 3, 13 e 19 dos estatutos, o sr. censor João Ferreira Bittencourt e Sá. Havendo alguns versos se lerão primeiro que as dissertações. Neste dia se ha de fazer eleição de censores.

89) No mesmo dia se ha de dissertar na Academia: « Si na America existe o animal, de que dizem se tira a pedra carbunculo, ou si é fabula essa existencia? Si a ema ou avestruz digere no ventriculo o ferro? Si se acha no Brazil ambar? E que cousa é? E tambem o é o espermacete? E si ha esmeraldas em alguma parte do Brasil? ». Nomeados para estes pontos cinco dos socios.

90) Todos os academicos, ou do numero ou supranumerarios, podem compor dissertação a cada um dos assumptos que se derem na Academia, ainda que lhes não seja distribuida, e se admittirá qualquer dissertação, ou outra obra, que offereça alguma pessoa estranha á Academia, e julgando esta que é digna, se imprimirá por appendice no fim de suas obras.

91) Ainda que os academicos ausentes não possam mandar suas obras para o dia destinado, as remetterão á Academia o mais breve que lhes fôr possivel, e na imprensa se collocarão nos seus proprios logares.

92) Cada um dos academicos mandará ao secretario da Academia as noticias que se poderem descobrir, e parecerem uteis ao nosso Instituto, para se distribuirem pelos socios a que estiverem encarregados os assumptos respectivos.

93) Depois de concluidas as memorias historicas se ha de compor a Historia Latina, que se dividirá entre os academicos seguintes, e os mais que então parecer conveniente.

Seguia-se a relação nominal de vinte e tres socios.

N. B. — Extractei de um manuscripto, que já principia a ser tocado do bicho (*tinea*) na Bibliotheca Publica do Rio de Janeiro, Gabinete de MS. — N. 66 — Caixa 4ª.

Assevera o dr. Alberto Lamago possuir — « interessantes documentos, que fazem inteira luz sobre os dias gloriosos da Academia. Grande cópia de trabalhos a ella apresentados, e que se consideravam inteiramente perdidos, breve gosarão do beneficio da impressão ». Oxalá preste o nosso illustre patricio, quanto antes, mais esse serviço ás nossas letras e á nossa historia !

O que se sabe, até agora, quanto á faina dos « Renascidos », é que realizaram sessões, em 1759, a 4 e 18 de agosto, 1, 15 e 23 de setembro, 18 e 27 de outubro, 10 e 24 de novembro, 8 e 17 de dezembro ; e, em 1760, a 31 de março, 12 e 26 de abril.

Matou o florescente cenaculo o seu proprio Mecenas, o marquez de Pombal, com a prisão de José Mascarenhas (que o visconde de Porto-Seguro considera « mysteriosa », seguido nesse parecer pelo muito erudito dr. Affonso Taunay em seu francamente admiravel discurso sobre o centenario de frei Gaspar da Madre-de-Deus).

Com effeito, decretada em 3 de setembro de 1759 a expulsão dos jesuitas de Portugal e seus dominios, assim como o confisco dos respectivos bens, aquelle magistrado que já havia recebido a graça especial de membro ordinario do Conselho Ultramarino, foi incumbido, pelo grande e poderoso ministro de syndicar das delapidações da fa-

zenda publica, tanto na Bahia como no Rio de Janeiro, oriundas do sequestro das propriedades dos loyolistas. Ora, conhecidas as sympathias de Mascarenhas para com os ignacianos, dos quaes havia 18 na « Academia dos Renascidos » e para com o arcebispo da Bahia, facil foi aos seus inimigos, que eram sobretudo os fraudadores do erario regio, tramarem contra elle, junto a Sebastião José de Carvalho e Mello, terrivel intriga, que logo produziu resultado. Não obstante achar-se enfermo e sob a acção de uma sangria, foi José Mascarenhas intimado, por Gomes Freire, da ordem de prisão e em seguida encarcerado na fortaleza de Santa-Cruz, em Santa-Catharina, onde permaneceu durante 17 annos, sendo então transferido para a ilha das Cobras, desta cidade. Recuperando, afinal, a liberdade a 25 de abril de 1777, seguiu para o reino, onde consta haver fallecido por 1788 <sup>(17)</sup>.

Devem-se varias obras á « Academia Brasilica dos Renascidos ». Muitas, por certo, jazem sepultas na poeira dos archivos. Algumas, porém, foram impressas. Si entre estas não póde ser arrolada a do socio supranumerario d. Domingos de Loreto Couto, *Desagravo do Brasil e Glorias de Pernambuco (separata)*, em 1904 dos vols. XXIV e XXV dos *Annaes da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro*, por ter sido acabada em 1757, como consta da carta do autor a Pombal, nem a de fr. Antonio de Santa Maria Jaboatão, o *Novo orbe serafico brasilico ou chronica dos frades menores da provincia do Brasil* (cuja editio

(17) E' decisiva sobre esta matéria a documentada monographia do dr. Luiz Antonio Ferreira Gualberto, *Prisões clandestinas (seculo xviii) — O conselheiro José Mascarenhas*, inserta na *Rev. do Inst. Hist. e Geogr. Bras.*, LXX, 1908, p., 1.<sup>a</sup> pags. 169-191.

*princeps* é de 1761, mas pela licença da sua Ordem se vê que já estava concluída em meados de 1758), — assim não acontece com outras, hoje felizmente vindas a lume, e uma das quaes permaneceu longos annos no olvido.

Esta foi a *Historia Militar do Brasil. Desde o anno de mil e quinhentos quarenta e nove, em que teve principio a fund.<sup>am</sup> da Cid.<sup>e</sup> de S. Salv.<sup>or</sup> Bahia de todos os Santos até o de 1762. Offerecida a El Rey Fidel.<sup>mo</sup> D. Iosé o 1.<sup>o</sup> N. S. composta por D. Iozé de Mirales Ten.<sup>te</sup> Cor.<sup>et</sup> de um dos Regimentos da Goarnição da mesma Cidade do Salv.<sup>or</sup> e Academico numer.<sup>o</sup> da Academia Brasilica dos Renascidos*, — a qual fielmente se reproduziu no vol. XXII dos *Annaes da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro*, em 1900, fazendo-se tambem logó uma *separata*.

Mas a primeira que se publicou, depois de ter passado, como prescreviam os estatutos, pelo rigor da censura, saiu em 1760 da officina lisbonense de Francisco Luiz Ameno e trazia o titulo seguinte: — *Culto Metrico, Tributo Obsequioso, que ás aras da Sacratissima Pureza de Maria Santissima, Senhora Nossa e Mãe de Deus, dedica, offerece e consagra pelas sagradas Mãos do Exm. e Revm. Sr. D. José Bothelho de Mattos, Arcebispo da Bahia, Primaz dos Estados do Brasil, do conselho de Sua Magestade Fidelissima, e presidente do Supremo Tribunal da Meza da Consciencia e Ordens, dos seus escravos o mais rendido Joseph Pires de Carvalho e Albuquerque, fidalgo da casa de Sua Magestade, doutor nos sagrados canones pela Universidade de Coimbra, ouvidor e provedor que foi da Comarca d'Alemquer, cavalleiro professo na Ordem de Christo alcaide-mór da villa de Maragogipe, e secretario de Estado*

e *Guerra do Brasil, Censor da Academia Brasilica dos Renascidos* » <sup>(18)</sup>.

Embora nos falleça subsidio por parte dos muitos autores que consultámos, — parece-nos justa a presumpção de haver o prospero cenaculo de 1759-1760 estimulado o seu socio supranumerario fr. Gaspar da Madre-de-Deus a traçar os seus trabalhos sobre a historia da capitania de S. Vicente, julgando nós indiscutivel que na designação nominal constante do n. 9 da *Distribuição de empregos*, atrás reestampada, hauriu Claudio Manuel da Costa, tambem supranumerario dos « Renascidos » incentivo bastante para escrever o seu poema *Villa-Rica*, que (vide ed. de Ouro-Preto, 1839), com o interessante — « Fundamento historico » — foi ultimado em 1773.

E) « ACADEMIA SCIENTIFICA DO RIO DE JANEIRO »

Sob os auspicios do marquez de Lavradio, que desde 1769 exercia o cargo de vice-rei do Brasil, fundou-se nesta cidade uma « Academia Scientifica » que teve os seus estatutos approvados em 1771 pelo alto representante da metropole, realizando a sua primeira sessão publica a 18 de fevereiro de 1772.

Tinha por fim não só tratar assumptos de physica, chimica, historia natural, medicina, cirurgia e pharmacia, como tambem de agricultura e de quanto se referisse ao interesse geral da colonia luso-americana.

(18) Este poema, consagrado á padroeira da Academia, mereceu do conego dr. J. C. Fernandes Pinheiro o seguinte insuspeito juizo: « . . . não passa d'uma insulsa narrativa da vida da Virgem Santissima desde a conceição até a assumção, recheado d'allegorias, de pessimo gosto e entretecido d'antitheses e trocadilhos ».

Foi seu fundador e presidente o dr. José Henriques Ferreira, medico do vice-rei; e teve por secretario o cirurgião Luiz Borges Salgado. Comprehendia tres classes: a de cirurgia, de que era director o cirurgião Mauricio da Costa; a de historia natural, de que era director o pharmaceutico Antonio Ribeiro de Paiva; e a de physica, chimica, pharmacia e agricultura, de que era director o pharmaceutico Manuel Joaquim Henriques de Paiva, irmão do antecedente. Devia reunir-se todas as semanas, e possuía um horto denominado — Botanico — sito dentro da cerca do extincto collegio dos jesuitas.

Na reunião inicial acima referida, realizada no palacio do vice-rei, com a presença deste e de outras pessoas graduadas, discorreram sobre o escopo e materias da aggre-miação todos os que compunham a sua directoria.

\* Consoante com as informações do visconde de S. Leopoldo (*Revista do Instituto*, t. I, 3ª ed., pags. 65-67), de quem colhemos estes dados, foram dos fundadores da « Academia Scientifica » mais os medicos José Gonçalves Muzzi e Antonio Freire Ribeiro, os cirurgiões Ildefonso José da Costa Abreu e Antonio Mestre e o agricultor pratico Antonio José Castrioto, aos quaes se aggregaram depois outros sabios nacionaes e estrangeiros, tendo a associação encetado correspondencia com a Academia Real de Sciencias da Suecia <sup>(19)</sup>.

(19) Segundo monsenhor Pizarro (*Memorias Historicas do Rio de Janeiro*, t. V, pags. 196), não só á « Academia Scientifica » se deve a cultura do anil, cochonilha, cacau, etc., no Brasil, como tambem a remessa de « um selecto hortario brasiliense » á Academia de Stockolmo pelos irmãos Paiva.

Sabe-se tambem (vide *Esquisse de l'Histoire du Brésil* do barão do Rio-Branco) que foi nos ultimos annos do governo de Gomes Freire de Andrada que o caféiro, trazido da Guyana Francesa ao Pará em 1727 e introduzido

Entre os assumptos praticos, de interesse peculiar do paiz, ventilados em suas sessões, distinguem-se os concernentes á cultura da cochonilha e do bicho de seda.

Durou infelizmente poucos annos a util associação, a cuja influencia attribue o visconde de S. Leopoldo a *Flora Fluminense* de fr. José Mariano da Conceição Velloso.

F) « SOCIEDADE LITERARIA DO RIO DE JANEIRO »

Surgiu no vice-reinado de Luiz de Vasconcellos e Sousa, que delle aqui se empossara em 1779.

Discutidos os estatutos por diversos socios, sob a direcção do cirurgião Ildefonso José da Costa Abreu, foram afinal redigidos pelo poeta Manuel Ignacio da Silva Alvarenga e verbalmente approvados pelo vice-rei, de modo que a associação se installou regularmente a 6 de junho de 1786.

No primeiro anniversario da sua fundação, estava ella sob a presidencia de Joaquim José de Athayde. O discurso deste, fazendo o relatorio dos dois mezes anteriores (discurso impresso na *Rev. do Inst. Hist. e Geogr. Bras.*, t. XLV, 1882, pags. 69-76), menciona, além de outros trabalhos, os seguintes então devidos á « Sociedade Literaria », que antes parecia uma revivescencia da « Academia Scientifica » : — duas memorias sobre o eclipse total da lua, observado no Rio de Janeiro a 3 de fevereiro de 1787, ficando determinada, por meio delle, a longitude da dita cidade ;

---

no Rio de Janeiro em 1762, começou a ser regularmente cultivado aqui. Explica completamente os factos relativos á vinda da utilissima rubiacea para o extremo norte do Brasil o interessantissimo trabalho que, com um bello prefacio do dr. Vieira Fazenda, publicou o erudito dr. Manuel Barata, sob o titulo *A antiga producção e exportação do Pará — Estudo historico economico.*

outras duas sobre o calor da terra, considerado physicamente, e sobre o fogo central; uma relativa ás fricções, como processo hygienico e meio curativo; duas outras sobre analyse da agua; duas mais sobre os damnos e proveitos resultantes do uso de aguardente e licores espirituosos, e outra, finalmente, sobre o methodo de extrahir a tinta de urucú.

Consta que a prestante aggremação trabalhou até meados de 1790, data em que regressou para Portugal Luiz de Vasconcellos e Sousa.

Substituido este, nessa occasião, pelo conde de Rezende só em junho de 1794 foi que o novo representante da metropole permittiu se reencetassem as sessões da meritoria associação. Passou ella a funcionar no predio n. 78 da rua do Cano (hoje Sete de Setembro), em cujo segundo andar residia Manuel Ignacio da Silva Alvarenga, professor regio de rhetorica e a cargo de quem estavam a bibliotheca e os objectos de historia natural, pertencentes á Sociedade. Sabe-se que faziam parte della, além de outros, e professor de grego João Marques Pinto, o medico Jacintho José da Silva, o cirurgião Vicente Gomes, o dr. Marianno José Pereira da Fonseca (mais tarde, no Imperio, marquez de Maricá), por alcunha o « Biscoitinho », e o mestre de latim João Manso.

Poucos meses durou essa nova phase da « Literaria » porque o vice-rei, informado de que nella se tratava principalmente de assumptos politicos e religiosos, que a transformavam numa especie de perigoso club reaccionario, mandou dissolver-a, « sob pretexto de desavenças que se deram nas conferencias », conforme diz J. Norberto, em seu trabalho *Noticia sobre a vida e obras de M. I. da Silva*

*Alvarenga*, lido no Instituto Historico a 24 de outubro de 1862.

Apesar da experiencia, então recentissima, da mallograda conjuração mineira, — Silva Alvarenga e seus companheiros, que já chamavam o conde de Resende — conde de Resinga, — imbuidos das idéas das escolas philosophicas do seculo da revolução que proclamara os direitos do homem, resolveram constituir-se em sociedade secreta, cujos estatutos foram logo organizados.

Mas, denunciada a existencia dos conciliabulos clandestinos, bem como os seus fins, por um certo José Bernardo da Silveira Frade, em dezembro de 1794, foram presos M. I. da Silva Alvarenga, Jacintho José da Silva, M. J. Pereira da Fonseca, João Marques Pinto, Antonio Gonçalves dos Santos, Francisco Coelho Solano, João da Silva Antunes, José Antonio de Almeida e João Manso, tendo sido este o unico que escapou ao carcere, porque foi logo aceita a demonstração de sua innocencia. Sequestrados immediatamente os livros e papeis dos suppostos réos de inconfidencia, foram mettidos em ferros e distribuidos pelas masmorras da fortaleza da Conceição e da ilha das Cobras.

Sem tardança, mandou o vice-rei (vide a *Correspondencia official* deste, *Revista do Instituto*, t. XXXII, p. 1<sup>ª</sup>, pags. 291-294) instaurar-lhes devassa, que foi presidida pelo chanceller da Relação Antonio Diniz da Cruz e Silva, celebrado autor do *Hyssope* e que já fizera parte da alçada que condemnara os conjurados de Minas.

Como a justiça, durante dois longos annos, lhes não decidisse a sorte, — um dos que gemiam nas duras prisões, o dr. Marianno José Pereira da Fonseca, fez chegar seus justos lamentos ao throno de d. Maria I, provavelmente em

fins de 1796. Como se vê dos clarísimos documentos copiados do Archivo Publico e insertos na *Revista do Instituto*, t. XXVIII, 1865, p. 1<sup>a</sup>, pags. 157-161, — determinou a rainha, por officio de 1<sup>o</sup> de fevereiro de 1797, dirigido por d. Rodrigo de Souza Coutinho ao conde de Rezende, mandasse este os presos para Lisboa, caso os não devesse soltar, ou os puzesse em liberdade, si os julgasse já sufficientemente castigados.

Ouvido o desembargador Antonio Diniz da Cruz e Silva, este, no seu longo parecer de 18 de junho de 1797, que resume as principaes culpas dos réos lançadas na paralyzada devassa, opinou que fossem soltos todos os presos, com o que concordou o vice-rei; isto se infere de sua resposta a d. Rodrigo de Souza Coutinho, datada de 21 de julho do mesmo anno.

## SEGUNDA PARTE

A REAL SOCIEDADE BAHIENSE DOS HOMENS DE LETRAS — O INSTITUTO ACADEMICO DAS SCIENCIAS E BELLAS-ARTES — A ACADEMIA FLUMINENSE DAS SCIENCIAS E ARTES — A SOCIEDADE AUXILIADORA DA INDUSTRIA NACIONAL — A ACADEMIA IMPERIAL DE MEDICINA

Neste capitulo, trataremos, muito succintamente, das principaes associações literarias e scientificas do seculo XIX, que, ou simplesmente idéadas ou convertidas em realidade até 1838, precederam o apparecimento do Instituto Historico, o qual constituirá, por si só, o objecto da 3ª parte deste nosso modesto e despretencioso trabalho.

Foram as seguintes : *a)* a « Real Sociedade Bahiense dos Homens de Letras » ; *b)* o « Instituto Academico das Sciencias e Bellas-Artes » ; *c)* a « Academia Fluminense das Sciencias e Artes » ; *d)* a « Sociedade Auxiliadora da Industria Nacional » ; *e)* a « Academia Imperial de Medicina », — as tres primeiras mortas no nascedouro.

Embora dignas de menção e de estudo, por seus elevados designios ou pelos beneficios que prestaram á nossa patria, — deixamos, entretanto, de referir-nos, aqui, a outras associações, creadas no Brasil ao findar o primeiro imperio ou na agitada e fecunda phase regencial, apenas por não se enquadrarem bem na denominação especial que tomámos por mira.

Distinguiram-se algumas pelos serviços que prodigalizaram á educação popular, como : a Sociedade Jovial Instructiva (com este nome installada, a 5 de setembro de 1829, no becco do Proposito, hoje rua Barão de S. Gonçalo), mais tarde a Amante da Instrucção, e honorificada com

o titulo de Imperial; a Sociedade Elementar, estabelecida aqui em 1831, e a Sociedade Literaria, tambem desta capital e que durou de 1833 a 1844.

Entre as que surgiram nas provincias, notabilizaram-se: a Sociedade de Agricultura, Commercio e Industria, devida á iniciativa de Miguel Calmon du Pin e Almeida (depois marquez de Abrantes), e a Sociedade Philomatica de Chimica, ambas na Bahia, e a Sociedade Promotora da Instrucção Publica, em Minas Geraes, todas do anno de 1832.

A) A « REAL SOCIEDADE BAHIENSE DOS HOMENS DE LETRAS »

Conforme o visconde de Porto-Seguro (*Historia Geral do Brasil*, II, pags. 1.092), foi o principal promotor desta aggremação o bahiano Luiz Antonio de Oliveira Mendes, que era socio da Real Academia de Sciencias de Lisboa.

Organizou-se em 1810, e os seus estatutos, sob a denominação de — preliminares — acham-se no t. XLVII, 1884, p. 1<sup>a</sup> de pags. 87 a 103 da *Revista do Instituto*, assim como a representação que acompanhou os mesmos e que foi lida á Real Academia das Sciencias de Lisboa em sessão de 30 de junho de 1810 (*Rev. cit.*, pags. 104-105).

Dos mencionados documentos se colligem os intuitos e a disposição do gremio. Seriam seus protectores os reis de Portugal, presidente o filho segundo da familia reinante, e vice-presidente o arcebispo ou o governador da Bahia. Teria além disso, um secretario, um vice-secretario, dois directores de artes e sciencias e quatro chefes de diferentes classes. Os seus socios formariam cinco ordens: — a primeira, dos honorarios, seria tirada do corpo da

nobreza, vinte de dentro da cidade, comarca e capitania, dez das mais partes do Brasil, seis do reino de Portugal e seis estrangeiros dos mais dignos; — a segunda, comprehenderia os effectivos, cujo numero não foi determinado; — a terceira, os livres, cujo total se fixou em sessenta; — a quarta, os supranumerarios, até ao maximo de dez; e — a quinta, os aspirantes ou correspondentes em numero illimitado. A legenda — *Sic itur ad astra* — tambem seria gravada em medalhas de ouro e prata, em cujo anverso figurariam um monte, indicando a Bahia, e uma aguia alando-se ao céu, vendo-se no reverso Minerva coroando um indio, com a inscripção — *In novo orbe a Minerva coronatur industriae*. Serviriam de premios ás obras nos concursos que se haviam de realizar, mediante programmas previamente annunciados. Crearia a aggre-miação um horto botanico, bibliotheca, laboratorio chimico, observatorio astronomico, museu, jornal scientifico, aulas de historia universal e do Brasil, de sciencias naturaes e de linguas.

Como se infere da representação mencionada, obtivera Luiz Antonio de Oliveira Mendes a adhesão de varios dos seus consocios da Real Academia das Sciencias de Lisboa, pois, sob a epigraphe « Socios encorporados, dos quaes alguns têm offerecido suas obras », figuram alli os seguintes nomes: padre Custodio José de Oliveira, Domingos Vandelli, desembargador José Bonifacio de Andrada, padre Joaquim de Fojos, desembargador José Antonio de Sá, fr. Patricio da Silva, fr. Joaquim de Santa-Clara, João Diogo de Barros Leitão Carvalhosa, João Guilherme Christiano Müller, Vicente Antonio Esteves de Carvalho, José Martins Pessoa e padre João Silverio.

Apesar de taes aquisições e da grandiosidade do seu programma, a « Real Sociedade Bahiense dos Homens de Letras » não chegou a funcionar.

B) « INSTITUTO ACADEMICO DAS SCIENCIAS E BELLAS-ARTES »

Tendo sido decretada pelo principe regente, depois d. João VI, a 16 de dezembro de 1815, a elevação do Brasil á categoria de reino, unido a Portugal e Algarves,— entenderam os principaes negociantes do Rio de Janeiro que o melhor meio de manifestarem o seu justo regosijo por aquelle acto era organizarem, mediante subscrição publica, um certo capital, cujo rendimento fosse annualmente applicado em beneficio da educação popular.

Havendo assim deliberado, e posto em pratica o intento, dirigiram-se ao paço, em 26 de janeiro de 1816, os mais notaveis dentre elles, Carneiro Leão, Amaro Velho, Joaquim de Siqueira, José da Motta e outros, os quaes confiaram ao arbitrio de d. João o emprego da somma obtida.

Acceitando e agradecendo a offerta, fez o principe regente expedir o decreto de 5 de março de 1816, creando aqui um « Instituto Academico das Sciencias e Bellas-Artes » e ordenando se conservasse aberta no Banco do Brasil a referida subscrição, afim de se receberem as quantias com que outras quaesquer pessoas quizessem acaso concorrer para fim tão util.

Não chegou, entretanto, a fundar-se o projectado estabelecimento <sup>(20)</sup>.

(20) Em 1861 foram offerecidos ao Instituto Historico varios e curiosos documentos sobre o tentamen do dr. Aureliano de Sousa e Oliveira Coutinho, que em 1827 era juiz-de-fóra na então villa de S. João del Rey, de

## C) A « ACADEMIA FLUMINENSE DAS SCIENCIAS E ARTES »

O conego Januario da Cunha Barbosa, o dr. Joaquim Gonçalves Ledo, o padre Damaso, o dr. Amaro Baptista, o tenente-coronel João da Silva Feijó, Diogo Soares da Silva de Bivar e José Silvestre Rebello dirigiram uma representação a d. Pedro, então regente do reino do Brasil, pedindo-lhe o apoio moral e varios favores materiaes para que se fundasse aqui uma associação analoga á Real Academia das Sciencias de Lisbôa.

A 31 de outubro de 1821, reunidos todos elles na bibliotheca do paço da cidade, declarou-lhes o conde da Palma, em nome do principe, haver este approvado a idéa de installar-se aqui a projectada sociedade, para cujo patrimonio concedia a pensão annual de 6.000 cruzados, tirada da loteria da Santa Casa de Misericordia, transferindo-se para o novo gremio os documentos historicos existentes nas secretarias de Estado e em quaesquer outras repartições publicas, permittindo-lhe cunhar na Casa da Moeda as medalhas de que precisasse e dar a prélo na Imprensa Régia as obras que por ventura viesse a produzir.

Contando, assim, com o favor do principe regente, elegeu-se logo a directoria da associação: — presidente, o conde da Palma; secretario, Joaquim Gonçalves Ledo;

---

installar na dita localidade mineira uma Sociedade Philopolytechnica, cujo projecto de estatutos e mais peças relativas a tal materia veem na *Revista do Archivo Publico Mineiro*, t. IV, de pags. 815 a 842. Dando parecer, por ordem de d. Pedro I, sobre essa associação, a 8 de março de 1828, « achou-a excentrica e sem base » o visconde de Cayrú, que tambem se referiu ao malogro da Sociedade Economica de S. Paulo, idéada em 1821, e do « Instituto Academico das Sciencias e Bellas-Artes », projectado em 1816 no Rio de Janeiro.

vice-secretario, o conego Januario da Cunha Barbosa; thesoureiro, o padre Damaso; censores, o dr. Amaro Baptista, José Silvestre Rebello, o tenente-coronel João da Silva Feijó e Diogo Soares da Silva de Bivar.

A 3 de novembro, approvaram-se os estatutos do novo gremio, que, acclamando seu protector ao principe regente, tomou a denominação de «Academia Fluminense das Sciencias e Artes» e cujo objecto, de accôrdo com o expresso em seu regimento, seria o estudo das sciencias, bellas-letras, artes, historia do Brasil e sua estatistica; teria 25 socios effectivos, sendo os mais, em numero illimitado, honorarios e correspondentes; e os seus trabalhos, que se iniciariam a 26 de fevereiro, seriam encerrados solennemente a 16 de dezembro, em memoria do dia da elevação do Brasil a reino.

Realizaram-se em novembro mais quatro sessões, a 7, 14, 19 e 27.

Escolhidos os socios effectivos e organizado, afinal, todo o programma da incipiente instituição, resolveu-se que a sua estréa se daria festivamente a 16 de dezembro com a presença de d. Pedro, que prometteu comparecer.

Mas os prodromos da independencia agitavam então os melhores espiritos do tempo, entre os quaes se contavam alguns dos academicos nossos compatricios, de modo que nem sequer se chegou a celebrar a inauguração anunciada.

D) A «SOCIEDADE AUXILIADORA DA INDUSTRIA NACIONAL»

Não foi um gremio simplesmente pratico, como parece indicar a sua denominação. E, mesmo que o fosse, não podiamos deixar de consagrar-lhe algumas linhas,

pois que foi o berço onde o nosso queridissimo « Instituto Historico » soltou o primeiro vagido.

A idéa daquella associação surgiu em 1816, mas não vingou. Então, o seu promotor, que foi Ignacio Alvares Pinto de Almeida, a renovou, sob feição mais exequível, em 20 de maio de 1820. Interrompida a esse tempo pelos acontecimentos que immediatamente precederam e seguiram á independencia, só a 31 de outubro de 1825, já obtida a protecção de d. Pedro I, é que foram approvados os seus estatutos.

A 18 de julho de 1827, era a seguinte a sua directoria: presidente, o visconde de Alcantara; vice-presidente, Francisco Cordeiro da Silva Torres, depois visconde de Jerumirim; secretario, Ignacio Alvares Pinto de Almeida; thesoureiro, João Fernandes Lopes.

Installou-se solennemente a 19 de outubro, dia de S. Pedro de Alcantara, onomastico do imperador, recitando o secretario, e seu inolvidavel fundador, um discurso concernente ao acto e á alta protecção imperial — realizando-se, porém, a primeira sessão ordinaria a 28 de fevereiro de 1828.

Como prova dos intuitos scientificos da prestante agremiação, basta ver-se o decreto de 10 de abril de 1830; — approvou este o estabelecimento de escolas normaes, que seriam dirigidas gratuitamente pelos socios effectivos da « Sociedade Auxiliadora da Industria Nacional » e a relação dos lentes propostos para a regencia das cadeiras de geometria e mechanica, astronomia e physica, mathematica applicada ao commercio e botanica applicada á agricultura, tendo um aviso da mesma data permittido funcionassem taes aulas no pavimento terreo do antigo edificio do Museu Nacional.

A instituição devida a Pinto de Almeida prosperou. Foram reformados os seus estatutos e approvados a 5 de agosto de 1831. Em 1833 appareceu o organ da associação, o *Auxiliador da Industria Nacional*. A 20 de maio de 1871, inaugurou tambem, para adultos, uma escola nocturna, primaria e professional, iniciada por Joaquim Antonio de Azevedo e dirigida algum tempo pelo illustre e benemerito dr. José Manuel Garcia. Nos ultimos annos do segundo imperio, estava o utilissimo gremio sob a proficiente direcção do conselheiro Nicolau Joaquim Moreira.

Em seu carinhoso e illuminado seio tambem se hospedou o Instituto Fluminense de Agricultura, e, — não falando em seus mallogrados projectos de installação de uma fazenda normal em terras da lagôa Rodrigo de Freitas, da fundação de uma escola agricola e da organização de uma sociedade para cuidar exclusivamente da estatistica do Brasil, — deve-se á «Sociedade Auxiliadora da Industria Nacional» a importação de muitas especies vegetaes de exploração mercantil, assim como a iniciativa da primeira exposição nacional.

Isto bastaria para que ella, longe de ser esquecida por nós, merecesse este nosso pallido tributo de gratidão e de justiça.

E) A «ACADEMIA IMPERIAL DE MEDICINA»

Nasceu em casa do dr. Sigaud, a 28 de maio de 1829, a idéa de uma associação em que se investigassem, mais amplamente do que nos institutos officiaes, os conhecimentos de medicina e cirurgia. Além daquelle sabio, estiveram presentes, á rua do Rosario, desta cidade, os drs. Meirelles, Jobim, De Simoni, Faivre, Jacintho e José

Mariano, estes dois ultimos já nossos conhecidos das aggremações do fim do seculo XVIII.

Formulados, lidos e approvados os estatutos nessa primeira reunião preparatoria, foi a sociedade fundada a 30 de junho do mesmo anno, com 17 medicos, todos declarados seus membros natos.

Approvada, com seus estatutos, por decreto de 15 de janeiro de 1830, foi solennemente installada, a 24 de abril do mesmo anno, numa das salas do hospital da Ordem Terceira de S. Francisco de Paula. Tinha então por presidente o dr. Meirelles e por secretario o dr. De Simoni.

Em 1831, appareceu o seu organ de imprensa, com o titulo *Semanario da Saude Publica*, que em 1835 passou a chamar-se *Revista Medica Fluminense*, em 1841 *Revista Medica Brasileira*, em 1845 *Annaes de Medicina Brasiliense* e mais tarde *Annaes Brasilienses de Medicina*.

Por decreto de 8 de maio de 1835, teve o titulo de — Imperial—. A 28 de fevereiro de 1885 foram reformados os seus estatutos, pelos quaes a «Academia Imperial de Medicina», dividida em tres secções, medica, cirurgica e pharmaceutica, passou a compor-se de socios honorarios, titulares e correspondentes.

Tem prestado relevantes serviços á nossa terra esta associação, que hoje, com a denominação de Academia Nacional de Medicina, funciona no Syllogeu, sendo seu actual presidente o egregio professor Miguel Couto, gloria da medicina brasileira.

## TERCEIRA PARTE

## O « INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO BRASILEIRO »

Como vimos no capitulo anterior, foi no seio da « Sociedade Auxiliadora da Industria Nacional » que nasceu o benemerito gremio de que nos vamos occupar nesta terceira parte da nossa modesta monographia.

Na associação fundada por Ignacio Alvares Pinto de Almeida e de que era então primeiro secretario o marechal Raymundo José da Cunha Mattos, leu este, em sessão do conselho administrativo, sob a presidencia do notavel scientista frei Custodio Alves Serrão, a 18 de agosto de 1838, uma proposta em que elle e o secretario adjunto conego Januario da Cunha Barbosa suggeriam a criação de um « Instituto Historico e Geographico Brasileiro ».

Em assembléa geral daquella referida aggremação, effectuada no dia seguinte, foi unanimemente approvada a importante indicação.

A 21 de outubro do mesmo anno, no salão das sessões da « Sociedade Auxiliadora », o presidente desta, marechal Francisco Cordeiro da Silva Torres, declarou installado o novo cenaculo, para o qual foram eleitos o visconde de S. Leopoldo, o conego Januario da Cunha Barbosa e o dr. Emilio Joaquim da Silva Maia para os cargos provisorios de presidente, primeiro e segundo secretarios, respectivamente, ficando encarregados os dois primeiros da organização dos estatutos, para o que se convidou tambem o marechal Raymundo José da Cunha Mattos.

A 25 de novembro, discutidos e approvados os estatutos, e contando o novo gremio, desde a reunião anterior,

com 27 socios fundadores, procedeu-se á eleição da mesa directora e das commissões, as quaes se constituiram com os nomes seguintes: presidente, o visconde de S. Leopoldo; vice-presidente e director da secção de geographia, o marechal Raymundo José da Cunha Mattos; vice-presidente e director da secção de historia, Candido José de Araujo Viana; primeiro secretario perpetuo e director da commissão de estatutos, redacção da *Revista*, bibliotheca e archivo, o conego Januario da Cunha Barbosa; segundo secretario, Emilio Joaquim da Silva Maia; orador, o major Pedro de Alcantara Bellegarde; thesoureiro e director da commissão de fundos, José Lino de Moura; membros da commissão de historia, os drs. Antonio Alves da Silva Pinto e Emilio Joaquim da Silva Maia; membros da commissão de geographia José Silvestre Rebello e o coronel Conrado Jacob de Niemeyer; membros da commissão de fundos, Thomé Maria da Fonseca e Alexandre Maria de Mariz Sarmiento; e membros da commissão de redacção da *Revista*, o dr. José Marcellino da Rocha Cabral e Antonio José de Paiva Guedes.

Na primeira sessão ordinaria, realizada a 1º de dezembro, propoz o conego Januario da Cunha Barbosa se pedisse ao imperador a graça de acceitar o titulo de protector do «Instituto», ao que annuiu o monarcha, conforme sua resposta, datada de 19 de março do anno seguinte.

Approvou o governo imperial, em 26 de fevereiro de 1839, os estatutos da nova associação, que passou a funcionar no paço da cidade.

Eis ahi como surgiu o nosso amado e benemerito «Instituto», a cuja summaria apreciação vamos proceder

sob as duas epigraphes seguintes : — a) Serviços geraes ;  
b) *Revista*.

a) SERVIÇOS GERAES

Quando, cerca de tres lustros após a nossa definitiva separação politica da metropole portugueza, lançaram os patriotas do periodo regencial os modestos alicerces desta aggremação talvez não calculassem, por mais previdentes que fossem, toda a extensão dos beneficios com que a sua utilissima criação ia contribuir para o progresso intellectual da nossa patria.

Entretanto, se outros serviços não devessemos ao vigoroso interregno da Regencia — a mais accentuada phase de experimentação democratica e de proveitosa actividade constructora do passado monarchico, — a fundação do « Instituto Historico » por si só, bastaria a aureolar aquella época .

Desde logo se fez sentir o influxo salutar do novo cenaculo nos destinos da patria, então de continuo agitada pelos pronunciamentos militares e convulsionada pelas rivalidades dos unitaristas e federalistas.

Nelle se abrigaram, como que se afastando por momentos ás procellas das facções, que se degladiavam no parlamento, na imprensa e nos comícios, os politicos de mais evidencia daquella quadra e os expoentes da intellectualidade patricia nos varios ramos das sciencias e das letras.

Dahi, o papel proeminente que o « Instituto Historico » bem depressa representou no congraçamento geral dos grupos e na mais conveniente directriz das tendencias sociaes, das legitimas aspirações politicas dos partidos, —

de modo que o energico appello ás tradições, por elle feito sem cessar, foi ouvido, foi attendido, e, assim, cumprindo sempre esse dever, veio elle acompanhando passo a passo, com a mira, jámais afastada do futuro grandioso da patria, o restante meio seculo de existencia do imperio.

Nem poderia deixar de ser assim, desde que a direcção do meritorio gremio fôra confiada aos homens publicos mais prestantes e influentes do regimen, e o proprio chefe do Estado, como vimos, apenas recebeu o convite para honrar o novo cenaculo com a sua protecção, liberalizou-lh'a até ao seu derradeiro dia de governo.

Se é obrigação comezinha tributar encomios aos fundadores do « Instituto » e aos devotados directores que tem elle tido em sua hoje quasi secular existencia, — manda a justiça mais elementar que se não ponha em olvido o muito que deve elle a d. Pedro II, — o Magnanimo.

Durante 40 annos, isto é, durante quasi todo o seu extenso reinado, timbrou o sabio monarcha não só em abrihantar-lhe as sessões com a sua augusta presença, tomando parte activa nos debates, como tambem em enriquecel-o com doações magnificas. As actas do « Instituto » patenteiam que o Marco-Aurelio do mundo contemporaneo nunca, desde 15 de dezembro de 1849 até que a revolução de 15 de novembro de 1889 o despojou do throno, deixou de comparecer, excepto quando ausente da então côrte, ás reuniões da benemerita aggremação, — e tal era o prisma por que encarava os serviços della ao paiz que em seu proprio nome e no de sua virtuosa consorte d. Theresa Christina, a galardoou com livros raros e preciosos; o melhor, póde-se affirmal-o sem receio de erro, da valiosissima bibliotheca da nossa associação.

Soube esta, porém, corresponder dignamente ás vistas e á munificencia com que a distinguiu o excelso soberano, filho da nossa terra. Não se limitou a gratidão do gremio ás honras que tributou a d. Pedro II e ás apotheoses que rendeu, — mas sempre efficazmente auxiliou a ardua missão do dynasta brasileiro, envidando todos os esforços, que lhe cabiam na alçada, em favor da solução de questões vitaes do paiz, em beneficio, finalmente, do sagrado apañagio intellectual e moral da nossa nacionalidade.

Ainda no mesmo anno em que iam ser decretados a deposição e o banimento da familia imperial pela revolução triumphante, realizava o « Instituto » a exposição das obras de historia chilena, pessoalmente dirigida pelo inclito monarcha, em homenagem aos nossos prezados visitantes daquella amiga Republica trans-andina.

A quéda da monarchia não alterou, nem podia alterar, as condições visceraes da nossa prestimosa aggremação, nem os supremos intuitos que ella collimava.

O advento da nova ordem de coisas achou-a disposta a prestar os mesmos serviços que não regateara nunca ao regimen extincto: — seu alvo era a patria.

Assim, embora o « Instituto » continuasse a ser dirigido pelas mais salientes e dignas figuras do imperio, servidores fieis do Brasil, foi á nossa antiga e operosa companhia que pediram os promptamente concedidos subsidios de alta valia para que se dermissem os nossos vetustos litigios territoriaes com as nações limitrophes, os advogados dos subidos interesses de nossa patria nessas graves pendencias.

Com effeito, a bibliotheca e o archivo do « Instituto » não têm servido tão sómente á fidedigna documentação dos

estudiosos de qualquer matiz, mas não proporcionado provas seguras e concludentes, quer para a salvaguarda dos nossos direitos reaes, quer para a defesa da nossa nacionalidade, nas questões que temos tido com povos estrangeiros.

Não é fácil recensar em rapida synthese, todos os actos de benemerencia civica que constituem o fulgido acervo do nosso « Instituto ».

Diremos, todavia, que delle partiu, mais que de qualquer outra origem, a iniciativa de honrar os vultos maximos da nossa patria, expondo-os no bronze imperecivel ao preito das gerações.

Quando se realizou a grande Exposição Nacional de 1908, coube á nossa douta companhia a tarefa de fazer a estatística da imprensa brasileira. A maneira por que se desempenhou o « Instituto » da opportuna idéa, que fôra o primeiro a lembrar, levando-a a cabo com aturados e pacientes esforços, imprescindiveis á collecta e catalogação de cerca de 30.000 jornaes e periodicos dados á estampa em todo o paiz, desde o primeiro que aqui se publicara, — constituiu uma das notas de mais relevo daquelle certamen.

A nossa prestimosa associação serviu de modelo e de estimulo a todas as suas congeneres da nossa terra. O movimento que se tem operado em muitas das circumscripções do paiz para a fundação de gremios regionaes, onde tambem se cultuem as tradições venerandas da patria, ou partiu do exemplo efficiente dos legionarios da criação de 1838, ou contou com o seu apoio efficaz. E essas filiaes, que estão a expandir ensinamentos por toda a extensão do Brasil têm-se revelado dignas da sua gloriosa matriz.

Não é nosso proposito descrever todo o copioso patrimonio de glorias do « Instituto » nem evocar, nome a nome, episodio a episodio, o inventario do seu desenvolvimento em quasi um centennio de valioso trabalho.

A' trajectoria do nosso gremio por mais de tres quartos de seculo, faltava, entretanto, um florão. Acaba elle de adquiril-o.

Essa rutila coroa — foi o Primeiro Congresso de Historia Nacional, promovido e brilhantemente realizado pela nossa incansavel associação.

As idéas que a egregia reunião levantou e os materiaes inestimaveis que reuniu, mediante o concurso do escol dos especialistas do paiz, — formam um manancial de incalculaveis beneficios para a nossa cultura.

E'-nos licito esperar, graças aos elementos valiosos com cuja adhesão se conta por seguro, que tenha exito igualmente feliz e brilhante o Congresso, que se deverá reunir em 1922, com um character mais amplo, interessando a toda a America.

A administração suprema do colendo cenaculo esteve sempre confiada, como ainda agora, a emeritos patriotas, graças a cuja dedicação, competencia e tino pratico gran-geou elle a sua fama e a sua prosperidade.

Até hoje, não passou de oito o numero dos seus presidentes effectivos quatro dos quaes serviram durante o Imperio e outros quatro têm servido durante a Republica.

O visconde de S. Leopoldo (José Feliciano Fernandes Pinheiro) pertence á veneranda e gloriosa phalange dos fundadores; e a sua operosa gestão estendeu-se de 1838 a 1847.

Mais dilatada foi a direcção do marquez de Sapucahy, (Candido José de Araujo Viana) a qual alcançou até 1875; devem-se-lhe serviços inesqueciveis, como, entre muitos outros, o de ter attrahido para o incipiente gremio a efficaz sympathia e o forte amparo de d. Pedro II, cuja amizade por aquelle seu velho e illustre mestre não ha quem ignore.

Coube a investidura, em seguida, ao visconde do Bom-Retiro (Luiz Pedreira do Coutto Ferraz) que, até fallecer em 1886, confirmou, naquelle posto, a nomeada que lograra nos departamentos da governação nacional.

A esses tres titulares e estadistas succedeu um escriptor sem laureas academicas e que jámais tivera entrada no galarim da politica: foi Joaquim Norberto de Souza Silva, para quem a elevada cural do « Instituto » nada mais representou que o reconhecimento, por parte dos seus companheiros, da sua incontestavel habilitação theorica e o justo premio da sua infatigavel actividade na pesquisa dos annaes patrios. Expirou elle em 1891, deixando aqui perpetuamente vinculada a uma longa e brilhante fé-de-officio a sua honrada memoria.

Substituiu-o o conselheiro Olegario Herculano de Aquino e Castro, presidente do Supremo Tribunal Federal, cuja integridade de character, auxiliada por peregrinos dotes intellectuaes, nos dois cargos simultaneos se revelou com equal valor. Deixou sulco profundo a sua passagem por esta casa, cujos destinos regeu até ao anno do seu fallecimento, 1906.

Foi preenchida a sua vaga, mas apenas pelo espaço de doze mezes, pelo venerando marquez de Paranaguá (João Lustoza da Cunha Paranaguá). Estava este beneme-

rito compatricio já quasi nonagenario. A sua escolha representou sómente mais uma consagração á aureola que lhe circumdava as cãs. A outro titulo, não era curial se impuzesse tão arduo onus ao velho brasileiro, que chegara á extrema ancianidade, contando tão farta somma de serviços á terra natal. Assim, a sua palavra oracular só se fez ouvir na chefia desta associação até 1907.

Coube ao barão do Rio-Branco (José Maria da Silva Paranhos Filho) a sua successão. O patrono do Brasil nas seculares contendas das Missões e do Amapá, como que predestinado a ser o integrador dos definitivos limites patrios, o — Chancellor da Paz — cujo largo descortino abrangia, a toda a luz, a necessidade da confraternização sul-americana e da grandeza politica da terra de Santa-Cruz nesta parte do continente de Colombo, — conhecia, melhor que ninguem, a coefferencia do « Instituto Historico » para tão nobres empresas. Assim, a sua superior administração deste gremio não passou de um prolongamento da sua alta função de ministro das Relações Exteriores. Da cathedra de presidente da nossa companhia o seu verbo poderoso patenteou os esforços que nutria pela almejada *entente cordiale* entre o Brasil e as nações vizinhas, oriundas do antigo vice-reino do Prata. Ao entrar, liberto das contingencias da materia, no pantheon da immortalidade, a sua gloria já fazia parte integrante do apanagio do « Instituto Historico ».

A lacuna aberta aqui pela morte do barão do Rio-Branco demandou muito acerto na escolha do seu successor, com crescidas responsabilidades para este. Mas a felicidade da eleição do conde de Affonso Celso (Affonso Celso de Assis Figueiredo) está comprovada. Parla-

mentar experimentado, homem de letras a valer, — estes dotes bastariam a justificar a sua chamada para o elevado posto nesta casa, onde ás suas producções historicas já se havia tributado a devida justiça. O devotamento que o illustre e estimado brasileiro tem posto em todas as irradiações da vida da nossa prestante associação, augura a esta uma éra nova de invejavel prosperidade e de intenso fulgor.

E' justo recordar tambem que, como presidentes interinos, prestaram reaes serviços ao nosso benemerito gremio os srs. conselheiro Manuel Francisco Correia, e visconde de Ouro-Preto, dois brasileiros eminentes, de quem jámais nos esqueceremos.

Não nos é possivel, em summarição tão exigua como a presente, lembrar os nomes de todos os venerandos concidadãos que trouxeram a este cenaculo, em tão longa existencia, o concurso das suas luzes, a efficiencia da sua cooperação. Na vice-presidencia, na secretaria, na bibliotheca, no archivo, ha mourejado todo um pugillo de homens, para quem o amor da patria e da sua historia não foi e não é um simples vaniloquio.

Conta ainda afortunadamente o « Instituto » com a dedicação de um mestre, que só iniquidade clamorosa pudera fazer hoje olvidar — o dr. Vieira Fazenda (\*). E' nome tão conhecido, que dispensa maiores encomios. Identificou-se com a meritoria aggremação e constitue, com a sua illustre directoria, fóco de possante atracção para os talentos que se votam aos estudos historicos.

---

(\*) Falleceu o dr. José Vieira Fazenda nesta Capital a 19 de fevereiro de 1917, tendo nascido em 28 de abril de 1847. Exerceu ininterruptamente o cargo de bibliothecario do « Instituto » desde 1898.

Revivendo uma pratica de dias mais propicios á vida nacional e visando a despertar do marasmo, em que anda infelizmente immersa, a geração de agora para as effusões de um civismo consciencioso, — o conde de Affonso Celso tem promovido varias séries de conferencias adequadas ao programma fundamental do « Instituto » e que iniciaram uma como phase nova na existencia deste estabelecimento.

Homens illustres, com verdadeiro pendor para as investigações do passado, e escriptores de nome feito em certamens do pensamento, têm realizado nesta casa verdadeiros cursos scientificos, cuja necessidade e oportunidade se não podem pôr em duvida.

A partir de fins de 1913, effectuaram-se os seguintes : — o do dr. Alberto Rangel, sobre « Aspectos geraes do Brasil » ; o do professor Basilio de Magalhães, sobre o « Bandeirismo no Brasil » ; o do dr. Aurelino Leal, sobre a « Evolução constitucional do Brasil » ; o do dr. Pinto da Rocha sobre « Historia diplomatica » ; o do dr. Viveiros de Castro, sobre « Historia tributaria » ; o do dr. Ramalho Ortigão, sobre « Historia financeira » ; e o dr. Araujo Viana sobre « As artes plasticas no Brasil, em geral, e no Rio de Janeiro, em particular » .

Ora, a existencia dessas e de tantas outras capacidades, todas dispostas a trabalhar assidua e indefesamente em prol do porvir grandioso da patria, e a inexistencia, em nosso paiz, de uma especie de universidade livre, não visando a fins puramente academicos, mas a sérias investigações de tudo quanto diga respeito ao Brasil, intellectualmente, moralmente e economicamente, compelliram o auctor da presente memoria a idéar a criação de uma Es-

cola de Altos Estudos como filial do proprio « Instituto Historico », cuja feição se vinha francamente inclinando para isso nos ultimos tempos. Para levar por deante a sua aspiração, pediu elle ao egregio espirito de Oliveira Lima, cuja competencia é por todos reconhecida, um programma, que satisfizesse áquelle justo intento. E, obtida a collaboração do eminente brasileiro, cuja nomeada ha muito que transpoz as fronteiras da patria, — foi enfim formulado o projecto que mereceu a unanime approvação desta casa, em sua sessão de 12 de outubro do corrente anno de 1915.

Um gremio que assim toma a serio a sua missão cultural, o seu destino patriotico, faz honra á terra amada que o viu surgir e florescer.

O « Instituto Historico » acha-se dividido nas seguintes secções :

a) — sala de leitura publica —, franqueada diariamente a quaesquer consultantes, sob a immediata chefia do bibliothecario ; com uma frequencia mensal de mais de cem pessôas ;

b) — bibliotheca —, que contem cerca de 70.000 volumes, especialmente sobre historia, geographia e ethnographia, possuindo dezenas de cimélios ;

c) — archivo —, onde, em latas, se acham perfeitamente acondicionados e catalogados mais de 40.000 documentos ;

d) — mappotheca — com alguns milhares de cartas geographicas, atlas, mappas muraes, alguns de excepcional raridade ;

e) — museu historico — creado em 1851, encerrando curiosissimos objectos historicos, estampas, mascaras de brasileiros notaveis, moedas, medalhas, condecorações, artefactos indigenas, etc.

## b) « REVISTA »

Tendo começado a publicar-se em 1839, saiu sempre a lume com a mais rigorosa pontualidade.

Não ha successo algum capital da evolução brasileira que não tenha sido investigado ou documentado pelo organo do Instituto Historico, que é, portanto, a fonte mais crystallina e mais rica das tradições patrias, para cuja sanção e pleno esclarecimento continúa ella a concorrer, num esforço incessante e infatigavel, graças principalmente á escrupulosa direcção que se lhe tem dado, desde o seu apparecimento, e ha quatro annos attribuida ao dr. Benjamin Franklin Ramiz Galvão, tão proecto hellenista quanto erudito historiographo. Já a dirigiu tambem o auctor da presente memoria, de quem foi então inestimavel e operoso auxiliar o saudoso Luiz Leitão.

Não falando nas commemorações que determinaram volumes especiaes (convém assignalar que só ao recente Primeiro Congresso de Historia Nacional se consagraram cinco grandes tomos) — têm sido insertos na *Revista* muitos trabalhos de notorio valor, o que de prompto se verifica ao folhear qualquer dos seus tomos (\*).

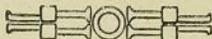
Terminamos aqui o nosso modesto estudo. Lacunoso, feito em exiguo tempo, obedecendo apenas á honrosissima determinação da *Carnegie Endowment for International Peace*, buscou tão sómente patentear o interesse que, no

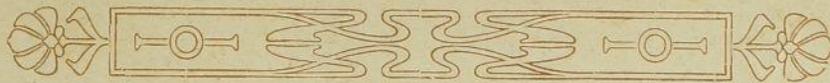
---

(\*) A *Revista do Instituto Historico* consta actualmente (1919) de 83 tomos da seriação commum; um especial, em dois volumes, consagrado ao Centenario da Imprensa no Brasil (1908) e o relativo ao Primeiro Congresso da Historia Nacional (1914), em cinco volumes, formando um total de 136 volumes. Delles em breve apparecerá o *Indice Analytico*.

Brasil, sempre tiveram os seus mais illustres filhos pelas cousas da intelligencia. E, á mingua de outro valor, terá, ao menos, o de servir de ponto de partida para outros mais proficientes.

Novembro de 1915.



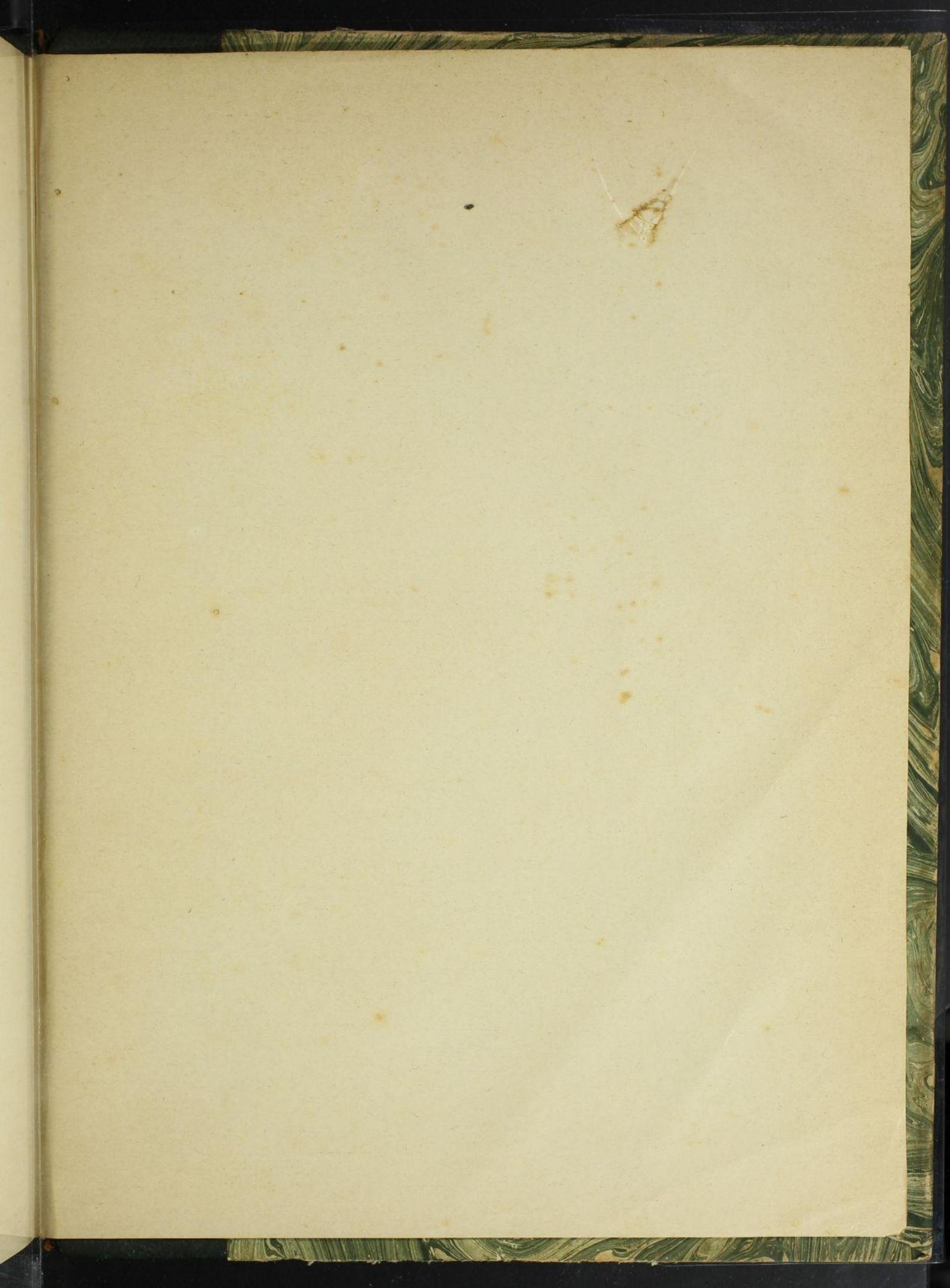


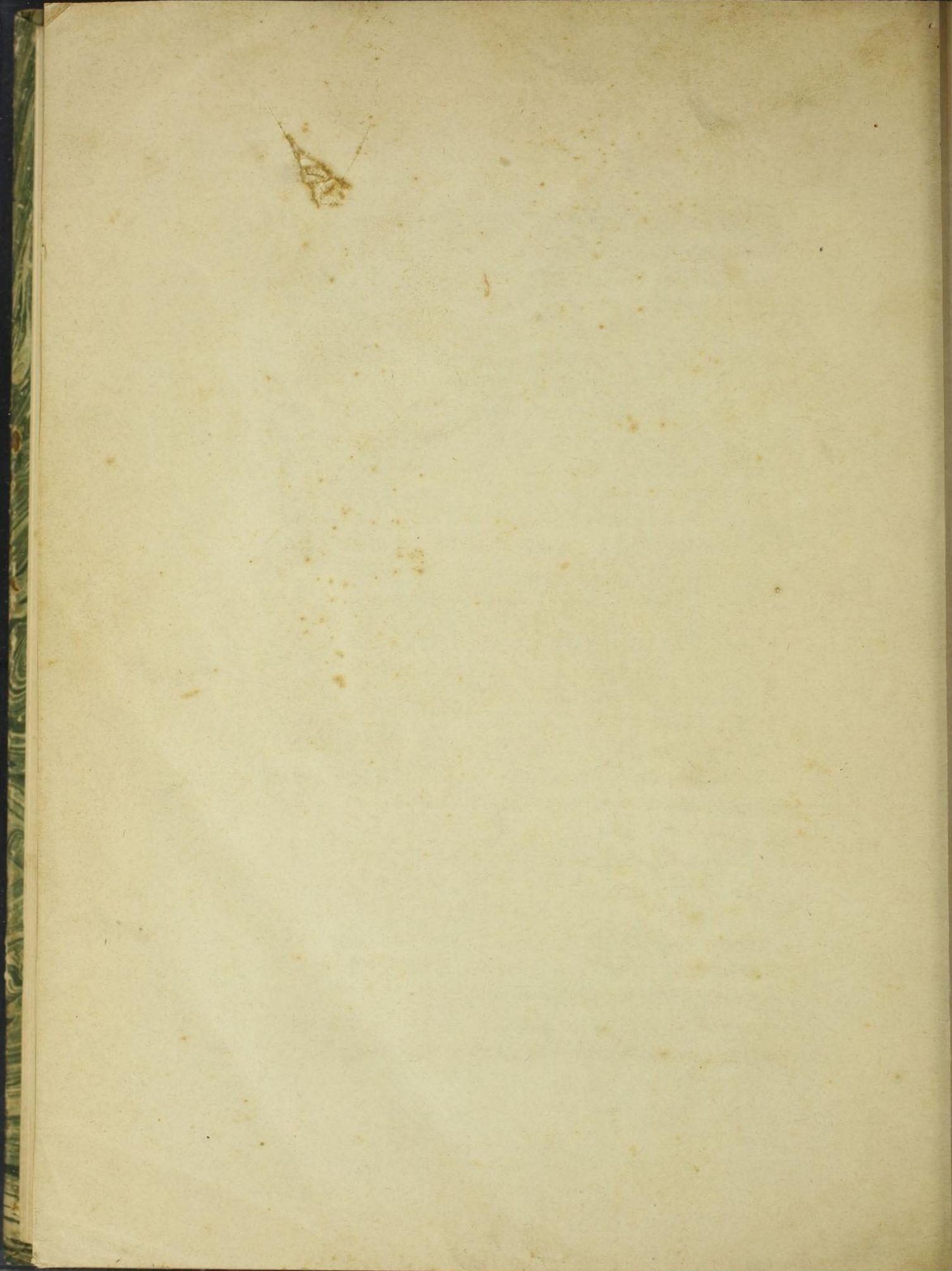
## INDICE

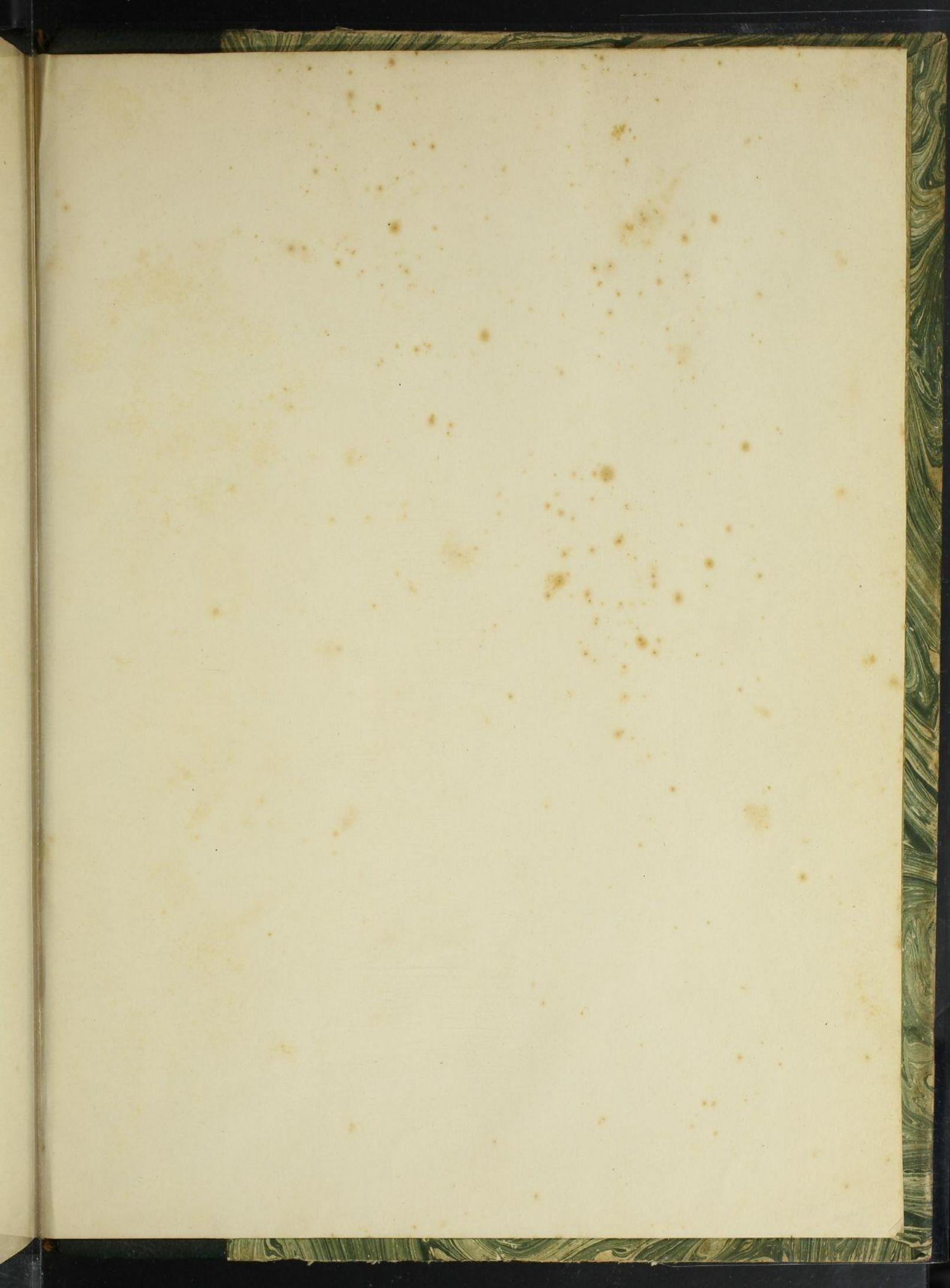
	PAGS.
Nota preliminar. . . . .	3
<i>A Semana</i> — 1893-95 (chronica de saudades). . . . .	5
Apreciações sobre <i>A Semana</i> — 1893-95. . . . .	165
A caricatura no Brasil (conferencia realizada na Escola Nacional de Bellas Artes). . . . .	185
Pesquizas Brasileiras. . . . .	215
O imperador d. Pedro II no archivo do conselheiro José Antonio Saraiva. . . . .	237
Francisco Manuel e o Hymno Nacional (conferencia realizada no In- stituto Historico e Geographico Brasileiro) . . . . .	287
Francisco Octaviano (inédito) . . . . .	313
Vinte e nove de Julho . . . . .	339
Uma phrase. . . que não foi dicta. . . . .	369
As principaes associações literarias e scientificas do Brasil . . . . .	379



\* \* \* RIO DE JANEIRO  
IMPRESA NACIONAL \* 1920







022, —

146110

